

# TERRY PRATCHETT



A DISCWORLD® NOVEL

# GUARDS! GUARDS!

## DADOS DE COPYRIGHT

### Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

### Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."*



**Terry Pratchett**

**Guardas! Guardas!**

**1989**

**Título original inglés**  
**GUARDS! GUARDS!**

**1989**

**Grupo**  
***THE CITY WATCH***





## **DEDICATÓRIA**

Eles podem ser chamados de Guarda Palaciana, Guarda Municipal ou Patrulha. Qualquer que seja o nome, seu propósito em todas as obras de fantasia épica é um só: por volta do Capítulo Três (ou depois dos primeiros dez minutos de filme) entrar correndo numa sala, atacar o herói, um de cada vez, e ser massacrados. Ninguém jamais pergunta se era isso o que eles queriam. Este livro é dedicado a esses grandes homens.

E também a Mike Harrison, Mary Gentle, Neil Gaiman e todos os outros que me auxiliaram e riram da ideia do espaço-L. É uma pena que não tenhamos usado o Livro de Bolso de Schrödinger...

## **AQUI É O LUGAR**

*onde os dragões foram parar.*

*Eles repousam...*

*Nem mortos, nem adormecidos. Nem à espera, porque esperar implica ter alguma expectativa. É possível que a palavra que procuramos aqui seja...*

*... entorpecidos.*

*E, embora o espaço que ocupem não seja como o espaço normal, ainda assim estão amontoados e apertados uns contra os outros. Não há um centímetro cúbico que não contenha uma pata, garra, escama, ou a ponta de uma calda. O efeito disso é comparável àqueles desenhos de ilusão de ótica, e nossos olhos acabam percebendo que o espaço entre cada dragão é, na verdade, outro dragão.*

*É possível imaginar uma lata de sardinhas, isso se você achar que as sardinhas são enormes, cheias de escamas, orgulhosas e arrogantes.*

*E que, supostamente, em algum lugar, há um dispositivo de abertura.*

Num outro tipo de espaço completamente diferente, era manhã em Ankh-Morpork, a maior, mais antiga e mais imunda das cidades. Uma garoa fina caía do céu cinzento e pontuava a névoa do rio, que serpenteava entre as ruas. Ratos de várias espécies cuidavam de seus assuntos noturnos. Sob o manto úmido da noite, assassinos assassinavam, assaltantes assaltavam, vadias vadiavam. E assim por diante.

O bêbado capitão Vimes, da Vigilância Noturna, cambaleou lentamente pela rua, recolheu-se com cuidado à sarjeta em frente à Casa de Vigília e ficou ali por algum tempo. Acima dele, estranhas letras luminosas chiavam em contato com o ar úmido e mudavam de cor...

A cidade era uma... uma... uma... como se diz? Coisa. Mulher. Era isso o que ela era. Uma mulher. Barulhenta, velha, com séculos de idade. Andava com você, deixava você sentir uma coisa – paixão – por ela, depois jogava um balde de... de... negócio. Negócio que molha. Álcool. Aguardente. Água fria. Isso é o que ela fazia. Ela era uma... coisa, sabe, boi fêmea. Bezorro. Cabrita. Vaca. E aí você a odiava e... e... quando você achava que estava bem com ela, isso, saía do seu... saía do seu... tanto faz, depois ela abria o coração enorme, ruidoso e mau para você, pegava você despre... despri... despre... coisa. Vertido. Isso. É isso. Você não sabia mais onde estava. Deitava. A única coisa de que você tinha certeza é que não conseguia largar dela. Por quê? Porque ela era sua, era tudo o que você tinha, mesmo quando estava na sarjeta dela...

A escuridão úmida encobria os veneráveis prédios da Universidade Invisível, a principal faculdade de feitiçaria. A única luz era uma fraca chama octarina nas janelinhas do novo prédio de Magia de Alta Potência, onde mentes extremamente aguçadas investigavam o tecido do universo, quer ele gostasse ou não.

E havia luz, é claro, na Biblioteca.

A Biblioteca tinha o maior acervo de textos mágicos do multiverso. Milhares de volumes de saber oculto carregavam suas prateleiras. Dizia-se que, uma vez que grandes volumes de magia podem distorcer seriamente o mundo terreno, a Biblioteca não obedecia às regras normais de espaço e tempo. Dizia-se até que ela era infinita. Dizia-se que você poderia andar durante dias entre as prateleiras distantes, que havia grupos de alunos perdidos fazendo pesquisas em algum lugar ali dentro, que coisas estranhas espreitavam em câmaras esquecidas e eram perseguidas por outras coisas ainda mais estranhas. Estudantes inteligentes em busca de volumes mais distantes tomavam a precaução de deixar marcas de giz nas prateleiras à medida que se embrenhavam na escuridão bolorenta e dizer aos amigos que fossem procurar por eles caso não voltassem para o jantar.

E, como a magia não pode ser totalmente limitada, os próprios livros da Biblioteca eram mais do que mera madeira transformada em celulose e papel. A magia em estado bruto saía estalando pelas lombadas, escondendo-se de modo inofensivo nas barras de cobre que tinham sido pregadas às prateleiras para esse exato fim. Pálidas esculturas de fogo azul corriam pelas estantes, e havia um som, um sussurro de papéis, como o que saíria de um grupo de estorninhos empoleirados. No silêncio da noite, os livros conversavam.

Também havia o som de alguém roncando.

A luz das prateleiras não chegava a iluminar – apenas realçava a escuridão, mas, com a sua oscilação violeta, um observador poderia ter identificado uma mesa antiga e mal conservada logo abaixo da cúpula central.

O ronco vinha da parte de baixo dela, onde um pedaço de cobertor esfarrapado cobria uma parte do que parecia uma pilha de sacos de areia, mas na verdade era um orangotango adulto macho.

Era o bibliotecário.

Poucas pessoas faziam comentários sobre o fato de ele ser um macaco. A mudança havia sido provocada por um acidente mágico, uma possibilidade considerável num lugar onde tantos livros poderosos são mantidos juntos, e chegou-se à conclusão de que ele havia dado sorte. Afinal, estava basicamente com a mesma forma. E obteve permissão para permanecer no emprego, no qual era muito bom, embora “permissão” não seja realmente a palavra certa. O modo como ele conseguia erguer o lábio superior e revelar os dentes mais incrivelmente amarelos jamais vistos pelo Conselho da Universidade foi o que garantiu que a questão nunca chegasse a ser considerada.

Mas agora havia outro som, o som discrepante de uma porta rangendo. Passos abafados atravessaram a entrada e desapareceram entre as prateleiras lotadas. Os livros murmuraram indignados, e alguns dos mais volumosos agitaram suas correntes.

O bibliotecário continuou dormindo, embalado pelo sussurro da chuva. No



aconchego de sua sarjeta, a quilômetros dali, o capitão Vimes, da Vigilância Noturna, abriu a boca e começou a cantar.

Agora, uma figura com manto preto passava apressada pelas ruas, à meia-noite, escondendo-se a cada porta que alcançava, até chegar a um portal sinistro e repulsivo. Dava para sentir que uma porta normal precisaria se esforçar muito para parecer tão sinistra. Parecia que o arquiteto havia recebido instruções específicas. “Nós queremos algo sinistro em carvalho escuro. Coloque uma coisa com uma carranca acima da arcada, bata nela com a força de uma pisada de gigante e deixe bem claro para qualquer pessoa que esse não é o tipo de porta que faz ‘ding-dong’ quando você aperta a campainha”, teria sido a encomenda. A figura bateu um código complexo na madeira escura. Uma pequena parte da porta, que se destacava do resto, se abriu, e um olho desconfiado apareceu.

– A coruja expressiva pia à noite – disse o visitante, tentando torcer o manto para se livrar da água da chuva.

– No entanto, muitos senhores cinzentos se dirigem com tristeza aos homens sem mestres – entoou uma voz do outro lado da grade.

– Salve, salve a filha da irmã da fiandeira – retrucou a figura encharcada.

– Para o lenhador, todos os suplicantes têm a mesma altura.

– Porém, em verdade, a rosa está no espinho.

– A boa mãe faz sopa de feijão para o menino desgarrado -disse a voz atrás da porta.

Houve uma pausa, interrompida apenas pelo barulho da chuva. O visitante disse: – O quê? – A boa mãe faz sopa de feijão para o menino desgarrado. Houve outra pausa, mais longa. Então a figura molhada disse: – Tem certeza de que a torre mal construída não treme violentamente com a passagem da borboleta? – Não. É sopa de feijão. Sinto muito.

A chuva caía implacável, com seu chiado cortando o silêncio embaraçoso.

– E a baleia enjaulada? – disse o visitante ensopado, tentando se espremer sob o pequeno abrigo que o terrível portal proporcionava.

– O que tem ela? – Ela não deve saber nada sobre as imensas profundezas, se você quer saber.

– Ah, a baleia enjaulada. Você está procurando os Irmãos Esclarecidos da Noite de Ébano. É a terceira porta.

– Quem são vocês, então? – Nós somos os Irmãos Iluminados e Antigos de Ee.

– Eu achei que vocês se reunissem na rua do Melaço – disse o homem molhado depois de um certo tempo.

– Pois é. Sabe como é. O clube do debrum usa a sala às terças. Deu um pouco de confusão.

– Ah, é? Bom, obrigado de qualquer jeito.

– Não há de quê.

A pequena porta fechou-se com força.

O vulto com o manto olhou fixamente para ela por um momento e depois seguiu chapinhando por um pequeno trecho da rua. Realmente havia outro portal ali. O construtor não havia se preocupado em mudar muito o projeto. Ele bateu. Uma pequena parte da porta se abriu de repente.

– Sim? – Olha, a coruja expressiva pia à noite, certo? – No entanto, muitos senhores cinzentos se dirigem com tristeza aos homens sem mestres.

– Salve, salve a filha da irmã da fiandeira, ok? – Para o lenhador, todos os suplicantes têm a mesma altura.

– Porém, em verdade, a rosa está no espinho. Está caindo um pé d'água aqui. Você sabe disso, não é? – Sim – disse a voz, com um tom de quem realmente sabe da chuva mas não está embaixo dela.

O visitante suspirou.

– A baleia enjaulada não sabe nada sobre as imensas profundezas – disse. – Se isso deixa você feliz.

– A torre mal construída treme violentamente com a passagem da borboleta.

O suplicante segurou as barras da janela, pendurou-se nelas e sussurrou: – Agora nos deixe entrar, eu estou encharcado. Houve mais uma pausa úmida.

– Essas profundezas... Você disse imensas ou intensas? – Imensas, eu disse. Imensas profundezas. Querendo dizer que elas são, sabe como é, profundas. Sou eu, o Irmão Dedos.

– Na minha opinião, você disse intensas – disse o porteiro invisível, cauteloso.

– Olha, vocês querem o maldito livro ou não? Eu tenho mais o que fazer. Eu poderia estar em casa, na cama.

– Você tem certeza de que eram imensas? – Ouça, eu sei como são profundas as malditas profundezas, está bem? – disse o Irmão Dedos, com pressa. – Eu já sabia como elas eram imensas quando você era um pobre noviço. Agora quer fazer o favor de abrir a porta? – Bom... tudo bem.

Escutou-se o som de pinos sendo puxados. Depois a voz disse: – Você poderia dar um empurrãozinho? A Porta do Saber Através da Qual o Não Instruído Não Pode Passar está enrascando em alguma coisa por causa da umidade.

O Irmão Dedos encostou o ombro nela, forçou a sua passagem, lançou um olhar fulminante para o Irmão Porteiro e entrou correndo. Os outros estavam esperando por ele no Santuário Interno, sem fazer nada, com o ar embaraçado de quem não está acostumado a usar mantos pretos sinistros com capuz. O Grande Mestre Supremo acenou para ele.

– Irmão Dedos, certo? – Sim, Grande Mestre Supremo.

– Você está com aquilo que foi enviado para pegar? O Irmão Dedos puxou um pacote que estava debaixo do manto.

– Exatamente onde eu disse que estaria. Sem problemas.

– Muito bem, Irmão Dedos.

– Obrigado, Grande Mestre Supremo.

O Grande Mestre Supremo bateu o martelo, pedindo atenção. As pessoas na sala formaram uma espécie de círculo.

– Ordem na Loja Suprema e Única dos Irmãos Esclarecidos – entoou. – A Porta do Saber está firmemente lacrada contra os heréticos e os de pouco saber? – Fechada e emperrada – disse o Irmão Porteiro. – Está úmido. Eu vou trazer a minha plaina na semana que vem para tentar dar um jeito...

– Está bem, está bem – disse o Grande Mestre Supremo, impaciente. – Só um sim já bastava. O círculo triplo foi bem traçado, na posição certa? Estão todos aqui os que Estão Aqui? E que fique claro ao homem de pouco saber que não é aconselhável que ele esteja aqui, pois ele seria retirado, sua fúlica seria cortada, seus tastos arremessados aos quatro ventos, seu veltre estraçalhado com muitos ganchos e sua tranha enfiada num espeto... sim, o que foi? *(A tranha é definida no Dicionário das Palavras que Fazem os Olhos Lacrimarem como "pequena torta de massa aerada que contém passas". O Dicionário teria sido de valor inestimável para o Grande Mestre Supremo quando ele criou os juramentos da Sociedade, uma vez que eles também contêm a definição de veltre ("espécie de coleto usado por certos relojoeiros"), fúlica ("ave marrom acinzentada, assustada, da família do galeirão") e tastos ("jogo de habilidade e destreza, que tem a ver com tartarugas".)*

– Desculpe, você disse Irmãos Esclarecidos? O Grande Mestre Supremo olhou com raiva para a figura solitária com a mão erguida.

“É, Irmãos Esclarecidos, guardiões do saber secreto desde um tempo que nenhum homem pode conhecer...” – Fevereiro passado – disse o Irmão Porteiro, querendo ajudar. O Grande Mestre Supremo sentiu que o Irmão Porteiro nunca havia entendido realmente o espírito da coisa.

– Desculpe. Desculpe. Desculpe – disse a figura, preocupada.

– Entrei na sociedade errada, acho. Devo ter pegado o desvio errado. Já estou saindo, com licença...

– E a sua tranha seria enfiada num espeto – repetiu o Grande Mestre Supremo, de modo intencional, por cima de um fundo de ruídos de madeira úmida, enquanto o Irmão Porteiro tentava abrir o terrível portal. – Pronto? Mais algum homem de pouco saber resolveu dar uma passadinha aqui a caminho de algum outro lugar? – ele acrescentou com um sarcasmo amargo. – Certo. Ótimo. Fico contente. Suponho que seja demais perguntar se as Quatro Torres de Vigia estão protegidas. Ah, bom. E o Compasso da Santidade, alguém se preocupou em absolvê-lo? Ah, você. Fez direito? Você sabe que eu vou checar... Está bem. E as janelas foram trancadas com os Laços Vermelhos do Intelecto, de acordo com a prescrição antiga? Bom. Agora talvez possamos continuar. Com o ar levemente aborrecido de quem acabou de passar o dedo na prateleira da nora e descobriu, apesar de toda expectativa contrária, que ela está perfeitamente limpa, o Grande Mestre Supremo prosseguiu.

“Que banho de água fria”, pensou consigo mesmo. “Um bando de incompetentes que nenhuma outra sociedade secreta ia querer tocar, nem com um Cetro da Autoridade de três metros. Do tipo que deslocariam os dedos com o mais simples aperto de mão secreto.” Mas incompetentes com potencial. Deixe que as outras sociedades fiquem com os habilidosos, esperançosos, ambiciosos e confiantes. Ele pegaria os queixosos e ressentidos, aqueles que estão cheios de rancor e mau humor, que sabem que conseguiriam se dar bem se tivessem uma chance. Que ele ficasse com aqueles cujo veneno e desejo de vingança estivessem represados atrás de finas paredes de incapacidade e paranoia de quinta categoria. E burrice também. “Todos fizeram o juramento”, pensou, “mas nenhum deles jamais perguntou o que é uma tranha”.

– Irmãos! – ele disse. – Nesta noite temos assuntos de grande importância a serem discutidos. Não somente o controle, mas também o próprio futuro de Ankh-Morpork está em nossas mãos.

Eles se aproximaram. O Grande Mestre Supremo sentiu retornar a antiga excitação do poder. Estava prendendo a atenção deles. Essa era uma sensação que fazia valer a pena se vestir com aqueles malditos mantos ridículos.

– Já não sabemos muito bem que a cidade é escrava de homens corruptos, que cultivam a gordura de seus lucros adquiridos por meios desonestos enquanto homens de mais valor são detidos e praticamente condenados à servidão? – Claro que sabemos! – concordou o Irmão Porteiro, com veemência, enquanto os outros ganhavam tempo para traduzir mentalmente o que havia sido dito. – Na semana passada mesmo, eu estava no Grêmio dos Padeiros, tentando mostrar para o Mestre Critchley que...

Não foi pelo olhar, já que o Grande Mestre Supremo fizera questão de que o capuz dos Irmãos escondesse o rosto deles numa escuridão mística, mas de alguma forma ele conseguiu silenciar o Irmão Porteiro por meio de uma indignação silenciosa.

– No entanto, não foi sempre assim – continuou o Grande Mestre Supremo. – Houve um tempo feliz, em que aqueles que mereciam o comando e o respeito eram recompensados de forma justa. Uma época em que Ankh-Morpork não era simplesmente uma cidade grande, mas uma grande cidade. Uma época de bravuras. Uma época em que... sim, Irmão Torre de Vigia? Um vulto corpulento de manto baixou a mão.

– Você está falando de quando tínhamos reis? – Muito bem, Irmão – disse o Grande Mestre Supremo, levemente perturbado com essa rara demonstração de inteligência. – E...

– Mas isso tudo foi resolvido há centenas de anos – emendou o Irmão Torre de Vigia. – Não houve aquela grande batalha ou algo do tipo? E desde então temos apenas os senhores governantes, como o patricio.

– Sim, muito bem, Irmão Torre de Vigia.

– Não existe mais nenhum rei, é o que estou tentando dizer -disse o Irmão Torre de Vigia, prestativo.

– Como diz o Irmão Torre de Vigia, a linhagem dos...

– Foi quando você falou sobre bravuras que eu percebi.

– Sim, claro, e...

– Isso é coisa de rei, bravura – continuou o Irmão Torre de Vigia, feliz – E cavaleiros. E eles tinham aqueles...

– Porém – interrompeu rispidamente o Grande Mestre Supremo -, pode ser que a linhagem dos reis de Ankh não esteja extinta, como se imaginava até agora, e que a progênie da linhagem exista até hoje. É o que indicam as minhas pesquisas, feitas entre os pergaminhos antigos.

Recuou, esperando uma reação. Mas aquela não parecia ser o efeito que esperava. “Eles provavelmente dão conta de ‘extinta’”, pensou, “mas eu deveria ter evitado ‘progênie’”.

O Irmão Torre de Vigia estava com a mão erguida de novo.

– Pois não? – Você está querendo dizer que existe uma espécie de herdeiro do trono por aí, em algum lugar? – Talvez seja o caso, sim.

– É, eles fazem isso, sabe – disse o Irmão Torre de Vigia, bem informado. – Acontece o tempo todo. A gente lê sobre isso. São chamados de skions. Ficam espreitando em regiões afastadas por séculos, passando a espada secreta, uma marca de nascença e assim por diante, de geração em geração. Então, quando o antigo reino precisa da ajuda deles, aparecem e mandam embora qualquer usurpador que esteja por perto. E aí há um regozijo geral.

O Grande Mestre Supremo sentiu o próprio queixo cair. Não esperava que fosse assim tão fácil.

– Sim, está bem – disse um vulto que o Grande Mestre Supremo sabia ser o Irmão Emboçador. – Mas e daí? Digamos que um skion apareça, vá até o patricio e diga: “Ei, você, eu sou rei, aqui está à marca de nascença, conforme especificado, agora some daqui”. O que ele vai ganhar com isso? No máximo mais dois minutos de vida, isso sim.

– Você não escuta mesmo – disse o Irmão Torre de Vigia. – A questão é: o skion tem que chegar quando o reino estiver ameaçado, não é? Para que todo mundo veja, certo? Depois ele é carregado para o palácio, xinga algumas pessoas, anuncia um feriado facultativo, distribui uma parte do tesouro e está tudo resolvido.

– Ele tem que se casar com uma princesa também – lembrou o Irmão Porteiro. -, pelo fato de ser um guardador de porcos.

Todos olharam para ele.

– Quem foi que disse alguma coisa sobre ser guardador de porcos? – perguntou o Irmão Torre de Vigia. – Eu nunca disse que ele era guardador de porcos. O que isso tem a ver com a história? – Ele está certo, na verdade – disse o

Irmão Emboçador. – Geralmente o skion comum é guardador de porcos, guarda florestal, ou algo do gênero. Tem a ver com o fato de estar naquele negócio. No cõgnito. Sabe como é, eles têm que parecer de origem humilde.

– As origens humildes não têm nada de especial – disse um Irmão muito pequeno, que parecia consistir inteiramente de um pequeno manto preto perambulatorio com mau hálito. – Eu tenho origens muito humildes. Na minha família, guardador de porcos era considerado um ótimo emprego.

– Mas a sua família não tem o sangue dos reis, Irmão Dunnykin – disse o Irmão Emboçador.

– Ela poderia ter – respondeu o Irmão Dunnykin, carrancudo.

– Está bem, então – disse o Irmão Torre de Vigia, relutante. – É justo. Mas, olha, no momento essencial, os reis genuínos afastam o manto e dizem “Vejam!”, e a sua realeza essencial vem à tona.

– Como, exatamente? – perguntou o Irmão Porteiro.

– ... poderia ter tido o sangue dos reis – murmurou o Irmão Dunnykin. – Não tinha o direito de dizer que eu não poderia ter tido o sangue dos...

– Olha, ela simplesmente surge, está bem? Você entende quando vê.

– Mas antes disso eles têm que salvar o reino – observou o Irmão Emboçador.

– Ah, sim – concordou seriamente o Irmão Torre de Vigia. – Isso é o mais importante.

– Salvar do quê? “... tenho tanto direito quanto qualquer um de poder ter o sangue dos reis...” – Do patricio? – perguntou o Irmão Porteiro.

O Irmão Torre de Vigia, na posição de súbita autoridade nas peculiaridades da realeza, balançou a cabeça.

– Eu não sabia que o patricio era uma exatamente ameaça. Ele não é o verdadeiro tirano, propriamente dito. Não é tão ruim quanto alguns que tivemos. Quer dizer, ele não chega a ser opressor de fato.

– Eu sou oprimido o tempo todo – disse o Irmão Porteiro. – O Mestre Critchley, para quem eu trabalho, me oprime de manhã, de tarde e à noite, gritando comigo e tudo o mais. E a mulher da quitanda me oprime o tempo todo.

– É isso mesmo – emendou o Irmão Emboçador. – O proprietário da casa em que eu moro me oprime tanto que chega a ser perverso. Batendo na porta e falando sem parar sobre todos os alugueis que eu supostamente estou devendo, o que é uma mentira completa. E meus vizinhos me oprimem a noite inteira. Digo a eles: “Eu trabalho o dia todo, preciso de um tempo para aprender a tocar tuba”. Isso sim é opressão. Se eu não estou nas mãos do opressor, não sei quem está.

– Pensando assim... – disse o Irmão Torre de Vigia lentamente... – eu diria que o meu cunhado me oprime o tempo todo com esse cavalo novo com carruagem que ele comprou. Eu não tenho nada disso. Quer dizer, onde está a justiça nisso? Aposto que um rei não deixaria esse tipo de opressão continuar, as esposas oprimindo os maridos porque eles não têm um coche igual ao do Rodney

e coisas assim.

O Grande Mestre Supremo ouvia tudo com uma leve sensação de tontura. Era como se soubesse que as avalanches existiam, mas nunca sonhara que deixar cair a pequena bola de neve no topo da montanha traria resultados tão espantosos. Ele quase não precisava instigá-los.

– Aposto que um rei teria algo a dizer sobre proprietários que oprimem os inquilinos – disse o Irmão Emboçador.

– E que ele consideraria criminosas as pessoas com coches vistosos demais – disse o Irmão Torre de Vigia. – Provavelmente comprado com dinheiro roubado, eu imagino.

– Eu acho – interrompeu o Grande Mestre Supremo, fazendo uma pequena correção – que um rei sábio apenas consideraria, por assim dizer, criminoso o carro vistoso para os não merecedores.

Houve uma pausa pensativa na conversa enquanto os Irmãos reunidos dividiam mentalmente o universo entre os merecedores e os não merecedores, e se colocavam no lado apropriado.

– Seria muito justo – disse vagarosamente o Irmão Torre de Vigia. – Mas, na verdade, o Irmão Emboçador estava certo. Não vejo um skion cumprindo o seu destino só porque o Irmão Porteiro acha que a mulher da quitanda olha para ele de um jeito esquisito. Sem querer ofender.

– E rouba na maldita balança – emendou o Irmão Porteiro. – E ela...

– Tá bom, tá bom – disse o Grande Mestre Supremo. – De fato, as pessoas decentes de Ankh-Morpork estão nas mãos dos opressores. No entanto, um rei geralmente se revela em situações muito mais dramáticas. Como uma guerra, por exemplo.

As coisas estavam indo bem. Será que, apesar de toda sua estupidez egocêntrica, um deles seria inteligente o suficiente para dar uma sugestão? – Havia uma antiga profecia ou algo assim – disse o Irmão Emboçador.

– Meu avô me contou. – Seus olhos ficaram vidrados com o esforço da lembrança dramática. – “É, o rei virá trazendo a Lei e a Justiça, e conhecerá apenas a Verdade, e Protegerá e Salvará o Povo com a sua Espada.” Não precisam me olhar desse jeito, eu não estou inventando.

– Ah, todos nós conhecemos essa. E não serve para nada – disse o Irmão Torre de Vigia. – É o que ele faz, chega a cavalo com a Lei e a Verdade, e por aí vai, como os Quatro Cavaleiros do Apocalipse? Alô, pessoal – ele esganiçou a voz -, eu sou o rei, aquela ali é a Verdade, dando água para o seu cavalo. Isso não é nada prático. Ah, não dá para confiar em lendas antigas.

– Por que não? – perguntou o Irmão Dunnykin num tom de voz irritado.

– Porque são lendárias. Só por aí já se tem uma ideia – respondeu o Irmão Torre de Vigia.

– Princesas adormecidas é uma boa – sugeriu o Irmão Emboçador. Apenas

um rei pode despertá-las.

– Não seja idiota – repreendeu o Irmão Torre de Vigia, sério. – Nós não temos rei, então não podemos ter uma princesa. Pense um pouco.

– É claro que antigamente era fácil – disse o Irmão Porteiro, com alegria.

– Por quê? – Era só matar um dragão.

O Grande Mestre Supremo juntou as mãos e ofereceu uma prece silenciosa a qualquer deus que por acaso estivesse ouvindo. Ele tinha razão em relação a essas pessoas. Mais cedo ou mais tarde, o raciocínio limitado e desconexo daqueles homens chegaria aonde ele queria.

– Que ideia interessante – disse com a voz vibrante.

– Não daria certo – discordou o Irmão Torre de Vigia, aborrecido. – Não existe mais nenhum grande dragão hoje em dia.

– Pode ser que exista.

O Grande Mestre Supremo estalou as juntas dos dedos.

– Como é que é? – perguntou o Irmão Torre de Vigia.

– Eu disse que pode ser que exista.

Ouviu-se uma risada nervosa vinda das profundezas do capuz do Irmão Torre de Vigia.

– O quê, sério? Com grandes escamas e asas enormes? – Sim.

– Com bafo de fornalha? – Sim.

– Com aquelas unhas grandes e afiadas nos pés? – Garras? Ah, sim. Quantas você quiser.

– Como assim, quantas eu quiser? – Eu esperava que não fosse preciso explicar isso, Irmão Torre de Vigia. Se você quiser dragões, é possível consegui-los. Você pode trazer um dragão aqui. Agora. Para a cidade.

– Eu? – Qualquer um de vocês. Quero dizer, nós. O Irmão Torre de Vigia hesitou.

– Bom, eu não sei se é uma boa...

– E ele obedeceria a todos os seus comandos.

Isso os deteve. Isso os fez parar. Isso caiu na mente tacanha e limitada daqueles homens como um pedaço de carne num canil.

– Você pode repetir? – pediu o Irmão Emboçador.

– Você pode controlá-lo. Você pode obrigá-lo a fazer tudo o que você quiser.

– O quê? Um dragão de verdade? O Grande Mestre Supremo revirou os olhos na privacidade do seu capuz.

– Sim, de verdade. Não um dragãozinho de estimação vindo de um brejo. Um artigo genuíno.

– Mas eu pensei que eles fossem, sabe... mitos.

O Grande Mestre Supremo inclinou-se para a frente.

– Eles eram mitos e eram reais – disse em voz alta. – Tanto onda como partícula.



– Já não estou entendendo mais nada – observou o Irmão Emboçador.

– Eu demonstrarei, então. O livro, por favor, Irmão Dedos. Obrigado. Irmãos, devo dizer que, quando eu estava recebendo os ensinamentos dos Mestres Secretos...

– De quem, Grande Mestre Supremo? – perguntou o Irmão Emboçador.

– Por que vocês não prestam atenção? Vocês nunca prestam atenção. Ele disse os Mestres Secretos! – indignou-se o Irmão Torre de Vigia. – Sabe, os veneráveis sábios que vivem numa montanha e comandam tudo em segredo, que ensinaram a ele todo o seu saber e tudo o mais, e que conseguem andar sobre o fogo e coisas do tipo. Ele nos contou na semana passada. Ele vai nos ensinar, não vai, Grande Mestre Supremo? – terminou, num tom subserviente.

– Ah, os Mestre Secretos – disse o Irmão Emboçador. – Desculpa. É esse capuz místico. Desculpa. Secretos. Lembrei.

“Mas quando eu dominar a cidade”, o Grande Mestre Supremo pensou consigo mesmo, “não haverá nada disso. Formarei uma nova sociedade secreta de homens sagazes e inteligentes, mas não inteligentes demais. Nós derrubaremos o tirano insensível e prenunciaremos uma nova era de esclarecimento, fraternidade e humanismo. Ankh-Morpork se transformará numa Utopia, e pessoas como o Irmão Emboçador serão assadas em fogo brando se depender de mim, e vai depender. Vão ele e a sua tranha”. – Quando eu estava, como dizia, recebendo os ensinamentos dos Mestres Secretos... – continuou.

– Isso foi quando lhe disseram que você tinha que andar sobre papel de arroz, não foi? – perguntou o Irmão Torre de Vigia, num tom sociável. – Eu sempre gostei dessa parte. Desde que você contou isso, tenho guardado um monte de papel de arroz. É impressionante. Eu consigo andar sobre eles sem problema. Isso mostra a vantagem de estar numa sociedade secreta adequada.

“Quando ele estiver sobre a grelha”, pensou o Grande Mestre Supremo, “o Irmão Emboçador não se sentirá sozinho”.

– Os seus passos na estrada do esclarecimento são um exemplo para todos nós, Irmão Torre de Vigia. Porém, se eu puder prosseguir... entre os muitos segredos...

– ... do Âmagô do Ser... – emendou o Irmão Torre de Vigia com tom de aprovação.

– ... do Âmagô, como disse o Irmão Torre de Vigia, do Ser, estava a atual localização dos dragões nobres. A crença de que desapareceram está bastante equivocada. Eles simplesmente encontraram um novo nicho evolutivo. E podem ser evocados de lá. Este livro – ele o agitou – fornece instruções específicas.

– Está tudo em apenas um livro? – perguntou o Irmão Emboçador.

– Não é livro qualquer. Este é o único exemplar. Eu levei anos para encontrá-lo. Escrito à mão por Tubal de Malachite, um grande estudioso da vida . dos

dragões. Com sua própria caligrafia. Ele evocou dragões de todos os tamanhos. E vocês também podem.

Houve mais um longo silêncio embaraçoso.

– Hum – disse o Irmão Porteiro.

– Isso parece um pouco, sabe como é... mágico, para mim – observou o Irmão Torre de Vigia, no tom nervoso do homem que localizou em que copo a ervilha está escondida, mas não quer dizer. – Quer dizer, sem querer questionar a sua suprema sabedoria ou algo assim, mas... sabe como é... mágica... Sua voz sumiu.

– É – disse o Irmão Emboçador, constrangido.

– São, er, os feiticeiros, sabe – disse o Irmão Dedos. – Você provavelmente não sabia disso quando ficou trancado com aqueles veneráveis na montanha deles, mas os feiticeiros por aqui caem em cima de você como uma tonelada de tijolos se pegam você fazendo uma coisa dessas.

– Demarcação, eles dizem – explicou o Irmão Emboçador. – Tipo, eu não saio por aí me intrometendo nos negócios da causalidade mística, e eles não emboçam nada.

– Não consigo ver qual é o problema – disse o Grande Mestre Supremo. Na verdade, ele via tudo muito com muita clareza. Aquele era o último obstáculo. Era só ajudar a mente limitada deles naquela questão e ele estaria com o mundo na palma das mãos. Seu egoísmo espantosamente ignorante não o havia decepcionado até o momento, e com certeza não seria agora que o abandonaria... Os Irmãos se remexiam inquietos. Então, o Irmão Dunnykin falou.

– Hã. Feiticeiros. O que eles sabem sobre um dia de trabalho? – Ah... – o Grande Mestre Supremo respirou fundo.

O ar de ressentimento mal-intencionado ficou visivelmente carregado.

– Nada, e isso é verdade – concordou o Irmão Dedos. – Andar por aí com o nariz empinado, como se fossem bons demais pra gente como nós. Eu via quando eu tava cuidando da Universidade. Traseiros gigantescos, tô falando. Já viu eles pegando no pesado pra fazer um trabalho honesto? – Como roubar, você quer dizer? – disse o Irmão Torre de Vigia, que nunca gostou muito do Irmão Dedos.

– É claro, eles dizem – continuou o Irmão Dedos, ignorando intencionalmente o comentário – que não é pra sair por aí fazendo mágica, como se só eles soubessem da perturbação da harmonia universal e não sei o que mais. Um monte de asneiras, na minha opinião.

– B-bem – gaguejou o Irmão Emboçador -, eu não sei mesmo. Quer dizer, se você erra na mistura, fica cheio de emboço molhado pelos tornozelos. Mas, se erra um pouquinho na mágica, dizem que coisas medonhas aparecem do nada e colocam a culpa em você.

– É, mas são os feiticeiros que dizem isso – observou o Irmão Torre de Vigia,

pensativo. – Eu também nunca os suporrei, pra dizer a verdade. Pode ser que saibam de alguma coisa boa e não queiram que a gente descubra. Afinal, é só balançar os braços e recitar umas palavras.

Os Irmãos pensaram sobre isso. Fazia sentido. Se eles estivessem sabendo de alguma coisa boa, certamente não iam querer ninguém se intrometendo. O Grande Mestre Supremo decidiu que o momento era oportuno.

– Então estamos de acordo, irmãos? Prontos para praticar magia? – Ah, praticar – disse o Irmão Emboçador, aliviado. – Eu não me importo de praticar. Desde que não tenha que fazer de verdade...

O Grande Mestre Supremo fechou o livro com força.

– Eu estou dizendo fazer feitiços de verdade! Fazer a cidade voltar a funcionar! Invocar um dragão! – gritou.

Eles deram um passo para trás. Então o Irmão Porteiro disse: – E depois, se conseguirmos esse dragão, o rei legítimo vai aparecer, assim do nada? – Sim! – disse o Grande Mestre Supremo.

– Eu entendo – disse o Irmão Torre de Vigia, querendo dar o seu apoio. – Faz sentido. Por causa do destino e dos processos gnômicos da sorte. Houve um momento de hesitação, e em seguida um movimento geral de capuzes concordando. Apenas o Irmão Emboçador parecia vagamente insatisfeito.

– B-bem – ele disse -, a coisa não vai sair do controle, vai? – Eu lhe garanto, Irmão Emboçador, que você pode desistir quando quiser – disse o Grande Mestre Supremo, tranquilamente.

– Bom... tudo bem – concordou o Irmão, relutante. – Só um pouquinho, então. A gente podia fazer ele ficar aqui pelo tempo suficiente para botar fogo, por exemplo, em qualquer quitanda opressora? “Ai...” Ele havia ganhado. Haveria dragões novamente. E reis novamente. Não como os reis antigos. Um rei que faria o que lhe mandassem fazer.

– Isso – disse o Grande Mestre Supremo – depende de quanto você poderá ajudar. Precisaremos, inicialmente, de quaisquer artigos de magia que puder conseguir...

Talvez não fosse uma boa ideia deixá-los ver que a outra metade do livro de Malachite era uma massa chamuscada. Ele claramente não estava disposto a isso.

Ele poderia se sair muito melhor. E absolutamente ninguém seria capaz de detê-lo.

Um trovão estrondou...

Dizem que os deuses jogam com a vida dos homens. Mas que jogos, por quê, qual a identidade de cada peça, qual é o jogo e quais são as regras – quem sabe isso? Melhor não especular.

Um trovão estrondou...

O jogo já havia começado.

Agora se afaste por algum tempo das ruas encharcadas de Ankh-Morpork, faça uma panorâmica por sobre a neblina matinal do Disco e se concentre na imagem de um rapaz seguindo para a cidade com toda a franqueza, desembaraço e inocência de um iceberg deslizando na direção de uma grande frota. O jovem se chama Cenoura. Não por causa do seu cabelo, que o pai sempre manteve curto por razões de Higiene, e sim por causa de sua forma. É o tipo de forma afilada que os meninos adquirem por meio de uma vida limpa, alimentação saudável e ar fresco da montanha nos pulmões. Quando flexiona os músculos dos ombros, outros músculos têm que sair da frente antes. Ele também carrega uma espada que conseguiu em circunstâncias misteriosas. Muito misteriosas. Surpreendentemente, porém, existem coisas bastante inesperadas em relação a essa espada. Ela não é mágica. Ela não tem nome. Seu manuseio não dá sensação de poder, apenas bolhas nas mãos. Seria possível acreditar que ela foi tão usada que deixou de ser qualquer coisa senão uma espada quintessencial, um pedaço de metal longo com extremidades muito afiadas. E não tem nada a ver com o conceito de destino.

Praticamente não existe outra igual a ela.

Um trovão estrondou.

As sarjetas da cidade murmuravam suavemente, enquanto os detritos da noite eram carregados, em alguns casos, protestando um pouco. Quando chegava perto da figura ociosa do capitão Vimes, a água se dividia em dois cursos e passava ao redor dele. Vimes abriu os olhos. Houve um momento de paz total antes que a memória batesse nele como uma pá. O dia tinha sido ruim para a Vigilância. Para começar, houve o funeral de Herbert Gaskin. Pobre velho Gaskin. Havia desobedecido a uma das regras fundamentais dos guardas. E não era o rito de regra que alguém como Gaskin pudesse desobedecer duas vezes. Assim, fora colocado debaixo da terra encharcada, com a chuva batendo no seu caixão e ninguém presente para lamentar sua partida, a não ser os três membros sobreviventes da Vigilância Noturna, o grupo de homens mais desprezado em toda a cidade. O sargento Colon estava aos prantos. Pobre velho Gaskin.

“Pobre velho Vimes”, pensou Vimes.

“Pobre velho Vimes”, aqui na sarjeta. Mas foi ali que tudo começou. Pobre velho Vimes, com a água escorrendo por dentro da armadura. Pobre velho Vimes, vendo as coisas que estavam nas calhas escorrerem lentamente.

“Provavelmente até o pobre velho Gaskin estaria tendo uma visão melhor neste momento”, pensou.

Vejamos... ele havia sumido depois do funeral para beber. Não, beber não, outra palavra, terminada em “is”. Beber mais, isso sim. Porque o mundo todo retorcido e errado, assim como vidro deformado, só voltava ao foco quando se olhava para ele através do fundo de uma garrafa.

Tinha outra coisa... O que era mesmo? Ah, sim. A noite. Hora do dever. Mas

não para Gaskin. “Tenho que arrumar outro colega. O novo colega já estava vindo mesmo, não estava? Um jeca do mato. Letras escritas. Um zeca do jato...” Vimes desistiu e caiu para trás. A água continuou a correr pela sarjeta. No alto, o letreiro luminoso fazia um chiado e tremia na chuva. Não havia sido apenas o ar puro da montanha o responsável pela imensa compleição física de Cenoura. O fato de ter sido criado numa mina de ouro controlada por anões e ter trabalhado doze horas por dia puxando carroças para a superfície deve ter ajudado.

Ele andava curvado. Isso se devia a ele ter crescido numa mina de ouro controlada por anões que achavam que um metro e meio era uma boa altura para o teto.

Sempre soube que era diferente. Para começar, tinha mais machucados. E então, um dia, seu pai chegou perto dele, ou melhor, perto da sua cintura, e lhe disse que na verdade não era, como sempre acreditara, um anão. É horrível ter quase 16 anos e estar em meio à espécie errada.

– Nós não quisemos contar antes, filho – dissera o seu pai. – Nós achamos que você iria parar com isso, sabe.

– Parar com o quê? – De crescer. Mas a sua mãe acha, quer dizer, nós dois achamos que é hora de você conviver com os da sua espécie. Quer dizer, não é justo manter você aqui, engaiolado, sem alguém da sua estatura para lhe fazer companhia. – O pai mexia um rebite solto do capacete, um claro sinal de que estava preocupado. – Er – ele acrescentou.

– Mas vocês são da minha espécie! – disse Cenoura, desesperado.

– Por um lado, sim – concordou o pai. – Mas por outro, que é muito mais preciso e correto, não. E essa coisa genética, sabe. Então poderia ser uma boa ideia se você sáisse para conhecer o mundo.

– O quê, para sempre? – Oh, não! Não. É claro que não. Volte para nos visitar sempre que quiser. Mas, bem, um rapaz da sua idade, preso aqui embaixo... Não é justo. Sabe como é. Quer dizer. Não é mais uma criança. Não é justo ter que se arrastar de joelhos na maior parte do tempo e tudo o mais.

– Qual é a minha espécie, então? – perguntou Cenoura, desnorteado. O velho anão respirou fundo.

– Você é humano.

– O quê, igual ao senhor Varneshi? O senhor Varneshi subia a montanha num carro de boi, uma vez por semana, para trocar coisas por ouro.

– Como a Gente Grande? – Você tem dois metros de altura, rapaz. Ele só tem um metro e meio. – O anão mexeu o rebite solto de novo. – Pra você ver como é a coisa.

– Sim, mas... mas talvez eu seja apenas muito alto para a minha espécie – disse Cenoura, desesperado. – Afinal, se existem humanos baixos, não podem existir anões altos? O pai deu um tapinha amigável nas costas dos joelhos do filho.

– Você tem que encarar a realidade, garoto. Você se sentiria muito mais à

vontade lá na superfície. Está no seu sangue. Os tetos aqui nem são tão baixos. – “Ninguém fica batendo a cabeça no céu”, pensou consigo mesmo.

– Espere aí – disse Cenoura, com a sobrancelha franzida pelo esforço do cálculo. – Você é um anão, certo? E a mamãe é anã. Então eu deveria ser um anão também. Isso é fato.

O anão suspirou. Pretendia poder fazer isso lentamente, talvez durante um período de meses, meio que fazendo a revelação de forma suave, mas não havia mais tempo.

– Sente-se, rapaz. Cenoura sentou-se.

– O negócio é o seguinte – começou o pai, arrasado, quando o grande rosto sincero do rapaz estava um pouco mais próximo do seu -, nós o encontramos na floresta. Você estava tentando andar perto de uma das trilhas... humm. O rebite solto rangeu. O rei prosseguiu.

– Acontece que, bem... tinha umas carroças. Pegando fogo, pode-se dizer. E gente morta. Humm, sim. Gente totalmente morta. Por causa dos bandidos. Foi um inverno ruim, aquele inverno. Havia todo tipo de gente vindo para as montanhas... Então nós levamos você pra casa, é claro, e depois, bom, o inverno foi longo, como eu disse, e a sua mãe se acostumou com você e, bom, nós nunca chegamos a pedir para Varneshi obter informações sobre o caso. Isso é tudo, em poucas palavras.

Cenoura reagiu com bastante calma, especialmente porque não entendeu quase nada da história. Além disso, pelo que ele sabia, ser encontrado engatinhando na floresta era o processo normal de nascimento. Somente quando o anão atinge a puberdade (*Ou seja, por volta dos 55 anos.*) é que os processos técnicos são explicados a ele. (*Esse pronome é usado pelos anões para indicar ambos os sexos. Todos os anões têm barba e usam até doze camadas de roupas. O gênero é algo mais ou menos opcional.*)

– Está bem, pai – disse, e se curvou para ficar à altura do ouvido do anão. – Mas, sabe como é, eu e... você sabe, a Minty Quebrapedra? Ela é tão bonita, pai, tem uma barba tão macia quanto uma, uma, uma coisa muito macia... nós temos um acordo, e...

– Sim – disse o anão com indiferença. – Eu sei. O pai dela teve uma conversa comigo. – “Assim como a mãe dela com a sua”, ele acrescentou em pensamento, “e depois ela conversou comigo. Foram muitas conversas”.

“Não é que eles não gostem de você, você é um rapaz tranquilo e competente no trabalho, daria um bom genro. Quatro bons genros. Esse é o problema. E ela só tem 60 anos mesmo. Não é apropriado. Não é certo.” Ele ouvira falar em crianças que foram criadas por lobos e se perguntou se o líder da matilha teria sido obrigado a resolver algo tão complicado. Talvez ele tivesse que levá-lo a uma clareira afastada e dizer: “Olha, filho, você pode ter se perguntado por que não é tão peludo quanto todo mundo...”.

Ele havia conversado sobre isso com Varneshi. Homem bom e íntegro, o Varneshi. É claro que ele havia conhecido o pai dele. E o avô também, pensando bem. Os humanos pareciam não durar muito, provavelmente por causa de todo o esforço para bombear o sangue para o alto.

– Você está enrolado, rei. (*Lit. dezka-knik, “supervisor da mina”*.) Sem sombra de dúvida – dissera o velho, enquanto dividiam um trago de bebida num banco em frente ao Poço 2.

– Veja bem, ele é um bom rapaz – disse o rei. – Íntegro, honesto. Não exatamente brilhante, mas, se você o mandar fazer algo, ele não descansa até terminar. Obediente.

– Você poderia cortar as pernas dele – sugeriu Varneshi. -As pernas não são o pior problema – observou o rei, abatido.

– Ah. Sim. Bom, nesse caso, você poderia... -Não.

– Não – concordou Varneshi, pensativo. – Humm. Bom, então você deveria fazer o seguinte: deveria mandá-lo para longe por uns tempos. Deixar que ele conviva com os humanos. – Ele se recostou no banco. – O que você tem, rei, é um pato – acrescentou, com um tom de quem está bem informado.

– Acho que eu não deveria dizer isso a ele. Já está se recusando a acreditar que é humano.

– Estou dizendo que é o caso de um pato criado entre as galinhas. É um fenômeno conhecido nas fazendas. Descobre que não sabe ciscar e não sabe o que é nadar. – O rei ouvia com educação. Os anões não se envolvem muito com agricultura. – Mas se você mandar ele ficar entre os patos, deixar ele molhar as patas, ele não vai mais ficar correndo atrás das galinhas. E aí tudo vira um mar de rosas.

Varneshi se recostou no banco, sentindo-se satisfeito consigo mesmo. Quando você passa boa parte da vida debaixo da terra, acaba ficando com uma maneira de pensar muito literal. Os anões não usam metáforas ou comparações. As pedras são duras, a escuridão é escura. Comece a brincar com esse tipo de descrição e você está encrencado, é o lema deles. Mas após duzentos anos conversando com humanos o rei havia desenvolvido, por assim dizer, um mecanismo mental apurado que estava próximo de ser adequado para a tarefa de entendê-los.

– Os humanos realmente têm muitas roseiras – comentou devagar.

– Sim, claro.

Houve uma pausa enquanto o rei realizava uma análise cuidadosa.

– Você está dizendo – disse, considerando cada palavra – que nós deveríamos mandar o Cenoura para outro lugar, para ser pato entre os humanos, porque os humanos têm muitas rosas? – Ele é um bom rapaz. Tem muitas vagas para rapazes grandes e fortes como ele – observou Varneshi.

– Ouvi dizer que os anões vão trabalhar na Cidade Grande -disse o rei,

incerto. – E mandam dinheiro para a família, o que é muito louvável e apropriado.

– E isso mesmo. Arrume um emprego para ele na, na... – Varneshi buscava inspiração – na Vigilância, ou algo assim. Meu bisavô era da Vigilância, sabe. Ótimo emprego para um rapaz grande, dizia.

– O que é uma Vigilância? – Ah – disse Varneshi, com a expressão vaga de alguém cujas últimas três gerações da família não viajaram mais de trinta quilômetros -, eles andam pelas ruas para garantir que as pessoas cumpram as leis e façam o que os outros mandam.

– Essa é uma preocupação muito respeitável – aprovou o rei, que, por ser geralmente a pessoa que dá as ordens, tinha opiniões muito firmes sobre fazer o que os outros mandam.

– É claro que não aceitam qualquer um – disse Varneshi, puxando lembranças das profundezas de sua memória.

– Eu diria que não, para um trabalho tão importante. Escreverei para o rei deles.

– Acho que eles não têm rei por lá – observou Varneshi. -Apenas um homem que manda neles.

O rei dos anões reagiu calmamente. Isso parecia ser cerca de 97% da definição de rei, pelo que ele sabia.

Cenoura recebeu a notícia sem se exaltar, exatamente da mesma forma como recebera as instruções para reabrir o Poço 4 ou para cortar madeira para fazer escoras. Todos os anões são indivíduos responsáveis, sérios, cultos, obedientes e atenciosos, cuja única pequena fraqueza é a tendência de, após uma bebida, correr para cima do inimigo gritando “Arrrrrrgh!” e cortar as pernas deles com machados na altura dos joelhos. Cenoura não via nenhum motivo para ser diferente. Ele iria para essa “cidade” o que quer que fosse isso – e se transformaria num homem.

“Eles aceitam apenas os melhores”, Varneshi havia dito. Um homem da Vigilância tinha que ser um lutador habilidoso e honesto nos pensamentos, nas palavras e nos atos. Das profundezas dos boatos contados por seus ancestrais, o velho desenterrou histórias de perseguições noturnas pelo telhado das casas e batalhas monstruosas contra seres perversos que, é claro, seu bisavô havia vencido, embora estivesse em número muito menor.

Cenoura teve que admitir que parecia melhor do que trabalhar na mina. Depois de pensar um pouco, o rei escreveu para o governante de AnkhMorpork, perguntando respeitosamente se Cenoura poderia se candidatar a um lugar entre os melhores homens da cidade.

Raramente escreviam cartas naquela mina. O trabalho foi interrompido e o clã inteiro se sentou ao seu redor num silêncio respeitoso enquanto sua caneta riscava o pergaminho. Sua tia foi enviada à casa de Varneshi para pedir licença e



perguntar se ele não se incomodaria em emprestar um pouco de graxa. Sua irmã foi enviada à aldeia para perguntar à Dona Garlick, a bruxa, como se soeitra recomendação.

Meses se passaram.

E então chegou a resposta. Ela estava bastante amassada, uma vez que as correspondências em Ramtops eram entregues a qualquer um que estivesse indo mais ou menos na direção certa. Também era bastante curta. Dizia, de forma grosseira, que o pedido havia sido aceito e perguntava se ele se apresentaria para o serviço imediatamente.

– Só isso? Achei que haveria testes e coisas assim. Para ver se eu tinha o perfil adequado.

– Você é meu filho – disse o rei.

– Eu disse isso a eles. É lógico que é adequado. Provavelmente com potencial para ser um oficial.

Ele pegou um saco que estava embaixo da sua cadeira, revirou as coisas que estavam dentro e deu de presente a Cenoura um pedaço de metal, que estava mais para espada do que para serra, mas por pouco.

– Isto certamente deve pertencer a você. Quando encontramos as... carroças, essa era a única coisa que restava. Os bandidos, sabe. Só entre mim e você... – ele fez um gesto para Cenoura chegar mais perto – ... nós pedimos a uma bruxa para examiná-la, para ver se era mágica. Mas não é. Na verdade, ela disse que era a espada menos mágica que ela já tinha visto. Elas normalmente são um pouquinho, sabe, devido ao seu tipo de magnetismo, acho. Mas tem uma boa estabilidade.

Ele a entregou.

E revirou um pouco mais o saco.

– E tem isto também. – Ele ergueu uma camisa. – Ela o protegerá. Cenoura a tocou com cuidado. Era feita com a lã das ovelhas de Ramtops, que tinha todo o calor e a maciez das cerdas de um porco. Era um dos lendários coletes de lã dos anões, o tipo de colete que precisa de dobradiças.

– Do quê? – Resfriados e coisas do tipo. Sua mãe disse que você tem que usar. E, er... isso me lembra outra coisa. O senhor Varneshi disse que gostaria que você passasse na casa dele quando descer a montanha. Ele lhe dará algo. Seu pai e sua mãe acenaram até ele desaparecer. Minty não. Engraçado isso. Ela parecia estar evitando Cenoura ultimamente.

Ele levava a espada pendurada nas costas, sanduíches e cuecas limpas na sacola e o mundo mais ou menos aos seus pés. No bolso estava a célebre carta do patricio, o homem que governava a grande e bela cidade de Ankh-Morpork. Pelo menos era assim que a sua mãe se referia a ela. Com certeza, tinha um timbre imponente na parte de cima, mas a assinatura era algo como “Traço Rabisco, Secr. p.”.

Ainda que não tenha sido assinada pelo patricio, ela certamente fora escrita por alguém que trabalhava para ele. Ou no mesmo prédio. O patricio provavelmente tinha ouvido falar da carta. Em termos gerais. Talvez não desta carta, mas provavelmente ele sabia da existência de cartas em geral. Cenoura andava com firmeza pelas trilhas da montanha, desfazendo nuvens de abelhas. Depois de algum tempo, desembainhou a espada e deu golpes experimentais em tocos de árvores malvados e grupos de urtigas fora-da-lei. Varneshi estava sentado do lado de fora da sua choupana, enfiando cogumelos secos num fio.

– Olá, Cenoura – disse, entrando na frente. – Animado para conhecer a cidade? Cenoura deu a pergunta a devida consideração.

– Não.

– Está mudando de opinião? – Não, eu estava apenas andando – disse Cenoura, com honestidade. – Não estava pensando em muita coisa.

– Seu pai deu essa espada pra você? – perguntou Varneshi, vasculhando uma prateleira fétida.

– Deu. E um colete de lã para me proteger da friagem.

– Ah. Sim, às vezes fica muito úmido lá, ouvi dizer. Proteção. Muito importante. – Ele se virou e acrescentou, num tom dramático: – Isto pertenceu ao meu bisavô.

Era um dispositivo estranho, vagamente hemisférico, com umas tiras em volta.

– É tipo um estilingue? – perguntou Cenoura, depois de examinar o aparelho num silêncio educado.

Varneshi lhe disse o que era.

– Porta-pênis, tipo um porta-lápis? – perguntou Cenoura, perplexo.

– Não. E para as lutas – resmungou Varneshi. – Você deve usar o tempo todo. Protege os seus órgãos vitais.

Cenoura experimentou.

– Ficou um pouco pequeno, senhor Varneshi.

– É porque não se usa na cabeça.

Varneshi explicou um pouco mais, para o espanto crescente e subsequente horror de Cenoura. – Meu bisavô costumava dizer -terminou Varneshi – que, se não fosse por isso, eu não estaria aqui hoje.

– O que ele quis dizer com isso? A boca de Varneshi abriu e fechou algumas vezes.

– Não faço ideia – respondeu, sem forças.

De qualquer forma, a coisa vergonhosa foi parar bem no fundo da sacola de Cenoura. Os anões não tinham muitas relações com coisas desse tipo. O desagradável preventivo representava um vislumbre de um mundo tão desconhecido quanto a parte de trás da lua.

O senhor Varneshi lhe havia dado outro presente. Era um livro pequeno, mas

muito grosso, encadernado com um couro que se transformou em madeira ao longo dos anos.

Chamava-se: As Leis e os Decretos de Ankh e Morpork.

– Também pertenceu ao meu bisavô. Isso é o que a Vigilância tem que saber. Você tem que conhecer todas as leis – disse, com orgulho – para ser um bom guarda.

Talvez Varneshi devesse ter lembrado que, ao longo de toda a vida de Cenoura, ninguém jamais havia mentido para ele ou dado uma instrução que não devesse ser entendida de forma literal. Cenoura pegou o livro com uma expressão solene. Nunca havia lhe ocorrido, se ele viesse a ser um oficial da Vigilância, ser menos do que bom.

Foi uma viagem de 800 km e, surpreendentemente, sem muitos sobressaltos. As pessoas que têm mais de 1,80 m de altura e quase a mesma medida nos ombros geralmente viajam sem muito sobressalto. As pessoas saem de trás das pedras para pular em cima delas e depois dizem coisas como: “Oh, desculpe. Achei que fosse outra pessoa”.

Ele passou a maior parte da viagem lendo.

E agora Ankh-Morpork estava diante dele.

Era um pouco decepcionante. Esperava torres brancas e altas erguendo-se acima do resto da paisagem e bandeiras. Ankh-Morpork não se erguia. Em vez disso, ela meio que se esquivava, apegando-se ao solo como se tivesse medo de que alguém a roubasse. Não havia nenhuma bandeira.

Havia um guarda ao lado do portão. Pelo menos estava usando uma armadura de malha de ferro e a coisa na qual estava se apoiando era uma lança. Tinha que ser um guarda.

Cenoura fez continência e apresentou a carta. O homem ficou olhando para ela.

– Humm? – ele disse, finalmente.

– Eu acho que preciso ver Traço Rabisco Secr. p. – disse Cenoura.

– O que seria p.? – perguntou o guarda, desconfiado.

– Poderia ser prontamente? – arriscou Cenoura, que já havia se perguntado isso.

– Bom, eu não conheço nenhum Secr – disse o guarda. – Você precisa falar com o capitão Vimes, da Vigilância Noturna.

– E onde ele se encontra? – perguntou Cenoura, educadamente.

– A esta hora do dia, eu tentaria O Cacho de Uvas, na rua Fácil. – Ele olhou Cenoura de cima a baixo. – Vai entrar para a Vigilância, você? – Espero vir a ser útil, sim.

O guarda lançou para ele o que poderia ser chamado, de modo aproximado, de um olhar antiquado. Era praticamente neolítico.

– O que você fez? – Perdão? – Você deve ter feito alguma coisa – insistiu o

guarda.

– Meu pai escreveu uma carta – explicou Cenoura, orgulhoso. – Eu me apresentei como voluntário.

– Maldito castigo dos infernos.

Agora era noite novamente e, além do portal terrível: – As Rodas do Tormento estão girando devidamente? – perguntou o Grande Mestre Supremo.

Os Irmãos Esclarecidos movimentavam-se em seu círculo.

– Irmão Torre de Vigia? – Não é minha função girar as Rodas do Tormento – resmungou o Irmão Torre de Vigia. – E trabalho do Irmão Emboça-dor girar as Rodas do Tormento...

– Não é, não. O meu trabalho é lubrificar o Eixo do Limão Universal – corrigiu o Irmão Emboçador, furioso. – Você sempre diz que é trabalho meu... O Grande Mestre Supremo suspirou nas profundezas de sua capa enquanto começava mais um alvoroço. Ele iria formar uma Idade da Racionalidade a partir dessa escória? – Vocês podem calar a boca? – disse, de repente. – Na verdade, nós não precisamos das Rodas do Tormento esta noite. Parem, vocês dois. Agora, Irmãos... todos trouxeram os itens, conforme as instruções recebidas? Houve um murmúrio geral.

– Coloquem-nos no Círculo da Conjuração.

Era uma coleção de itens lamentável. “Tragam coisas mágicas”, havia dito. Apenas o Irmão Dedos havia trazido alguma coisa que prestasse. Parecia uma espécie de ornamento de altar, melhor não perguntar de onde. O Grande Mestre Supremo deu um passo à frente e cutucou uma das outras coisas com o dedo do pé.

– O quê é isso? – Ê um amuleto – murmurou o Irmão Dunnykin. – E muito poderoso. Comprei de um homem. É garantido. Protege contra mordidas de crocodilo.

– Tem certeza de que não vai fazer falta? – perguntou o Grande Mestre Supremo. Houve um risinho obediente vindo do resto dos Irmãos.

– Isso já é demais, irmãos – disse o Grande Mestre, dando voltas. – Tragam objetos mágicos, eu disse. Não bijuterias baratas e quinquilharias! Pelo amor de Deus, esta cidade é péssima para magia! – Ele se abaixou. – Santo Deus, o que é isso? – Pedras – disse o Irmão Emboçador, na dúvida.

– Isso eu estou vendo. Por que elas são mágicas? O Irmão Emboçador começou a tremer.

– Elas têm buracos, Grande Mestre Supremo. Todo mundo sabe que as pedras que têm buracos são mágicas.

O Grande Mestre Supremo voltou ao seu lugar no círculo. Ele ergueu os braços.

– Certo, ótimo, tudo bem – disse, exausto. – Se é assim que vamos fazer, é assim que vamos fazer. Se só conseguirmos um dragão de quinze centímetros,

nós todos saberemos por quê. Não é, Irmão Emboçador? Irmão Emboçador? Desculpe-me, não ouvi bem? Irmão Emboçador? – Eu disse que sim, Grande Mestre Supremo – sussurrou o Irmão Emboçador.

– Muito bem. Desde que isso esteja bem entendido. – O Grande Mestre Supremo se virou e pegou o livro. – E agora, se estivermos todos prontos...

– Hum. – O Irmão Torre de Vigia ergueu a mão humildemente.

– Prontos para quê, Grande Mestre Supremo? – Para a evocação, é claro. Puxa vida, eu pensei que...

– Mas você não disse o que deveríamos fazer, Grande Mestre Supremo – choramingou o Irmão Torre de Vigia.

O Grande Mestre hesitou. Isso era verdade, mas ele não iria admitir.

– Bem, é claro. É óbvio. Vocês têm que se concentrar. Manter o pensamento firme em dragões – explicou. – Todos vocês.

– Só isso mesmo? – perguntou o Irmão Porteiro.

– Sim.

– Não temos que cantar uma rumba mística ou algo do tipo? O Grande Mestre Supremo olhou fixamente para ele. O Irmão Porteiro conseguiu parecer desafiador diante do opressor, considerando-se que era uma sombra anônima escondida num manto negro. Não havia entrado para uma sociedade secreta para não cantar uma runa mística. Esperava ansioso por isso.

– Você pode, se quiser – concordou o Grande Mestre Supremo. – Agora, eu quero que vocês... sim, o que é, Irmão Dunnykin? O pequeno Irmão baixou a mão.

– Não conheço nenhuma rumba mística, Grande Mestre. Não uma que dê para cantar..

– Humm! Ele abriu o livro.

Havia ficado bastante surpreso ao descobrir, após páginas e mais páginas de divagação incansável, que a Evocação em si correspondia a uma frase curta. Não um canto, nem uma pequena poesia, mas uma mera reunião de sílabas sem significado. De Malachite dizia que elas causavam padrões de interferência nas ondas da realidade, mas o velho louco e bobo estava provavelmente inventando tudo isso pelo que vinha em seguida. Esse era o problema dos magos, eles tinham que fazer tudo parecer difícil. Tudo de que realmente precisavam era força de vontade. E os Irmãos tinham muita. Força de vontade tacanha e ácida, é verdade, ruim de tanta perversidade, talvez, mas ainda assim poderosa o bastante a seu modo...

E desta vez não tentariam aprontar nada. Em algum lugar imperceptível... Ao seu redor, os Irmãos cantavam o que cada um deles considerava ser, de acordo com o seu entendimento, algo místico. O efeito geral era muito bom, caso não se prestasse atenção às palavras.

As palavras. Ah, sim...

Ele olhou para baixo, e as leu em voz alta.

Nada aconteceu.

Ele piscou.

Quando abriu os olhos novamente, estava num beco escuro, com a barriga cheia de fogo, e nervoso.

Aquela estava prestes a ser a pior noite da vida de Zebbo Mooty, Ladrão de Terceira Classe, e ele não teria ficado nem um pouco feliz se soubesse que também seria a última. A chuva mantinha as pessoas dentro de casa, e a sua cota já estava muito baixa. Estava, portanto, um pouco menos cauteloso do que o normal.

Nas ruas de Ankh-Morpork, à noite, a cautela deve ser absoluta. Não existe cautela moderada. Ou você é cauteloso ou morre. Você pode até estar andando e respirando, mas está morto do mesmo jeito.

Ele ouviu os sons abafados vindo de um beco próximo, tirou o cassetete encapado com couro de dentro da manga, esperou até a vítima chegar perto da esquina, deu um pulo, disse “Ai, mer...” e morreu.

Foi uma morte muito incomum. Ninguém morria daquele jeito havia centenas de anos.

O muro de pedra atrás dele brilhou num tom vermelho cereja com o calor, que foi se dissipando aos poucos na escuridão.

Ele foi o primeiro a ver o dragão de Ankh-Morpork. Mas isso não era muito reconfortante para ele, porque estava morto.

“... da” – disse, e, do alto, seu ser desencarnado olhou para um pequeno monte de cinzas que, ele tinha uma estranha certeza, era o corpo do qual havia saído. Causava uma sensação estranha ver os próprios restos mortais. Não achou tão aterrorizante quanto teria imaginado, se alguém tivesse perguntado, digamos, dez minutos atrás. A descoberta de que você está morto é amenizada pela descoberta de que realmente existe um outro você que pode descobrir que você está morto.

O beco em frente estava vazio mais uma vez.

– Isso foi muito estranho – disse Mooty.

– Extremamente incomum, com certeza.

– Você viu aquilo? O que era? – Mooty olhou para a figura misteriosa que surgia das sombras. – E você, quem é? – acrescentou, desconfiado.

– Adivinha.

Mooty examinou a figura encapuzada.

– Nossa! Eu achava que você não aparecia para gente como eu.

– EU APAREÇO PARA TODOS.

– Eu quero dizer... pessoalmente, assim.

– ÀS VEZES. EM OCASIÕES ESPECIAIS.

– É, bem, esta é uma delas, com certeza! Parecia um maldito dragão! O que

é que a gente vai fazer? Ninguém espera encontrar um dragão na próxima esquina! – E AGORA, SE VOCÊ PUDER FAZER O FAVOR DE VIR POR AQUI... – disse Morte, colocando a mão esquelética no ombro de Mooty.

– Você sabia que uma vidente uma vez me disse que eu morreria na minha cama, cercado por bisnetos em prantos? – disse Mooty, seguindo a figura imponente. – O que você acha disso, hein? – EU ACHO QUE ELA ESTAVA ERRADA.

– Um maldito dragão que cuspiu fogo. Eu sofri muito? – Não. Foi praticamente instantâneo.

– Isso é bom. Eu não gostaria de pensar que sofri muito. – Mooty olhou à sua volta. – O que acontece agora? Atrás dele, a chuva levava o pequeno monte de cinzas pretas para o meio da lama.

O Grande Mestre Supremo abriu os olhos. Estava deitado de costas. O Irmão Dunnykin se preparava para fazer nele a respiração boca a boca. O simples fato de imaginar essa situação era suficiente para trazer qualquer um de volta das fronteiras da consciência.

Ele se sentou, tentando esquecer a sensação de que pesava algumas toneladas e estava coberto de escamas.

– Conseguimos – sussurrou. – O dragão! Ele veio! Eu senti! Os Irmãos se entreolharam.

– Nós não vimos nada – disse o Irmão Emboçador.

– Talvez eu tenha visto algo – corrigiu o Irmão Torre de Vigia, querendo demonstrar lealdade.

– Não, aqui, não – soltou o Grande Mestre Supremo. – Vocês não querem que ele se materialize aqui, querem? Foi lá fora, na cidade. Apenas por alguns segundos...

Ele apontou.

– Vejam! Os Irmãos se viraram com um sentimento de culpa, esperando a qualquer momento a chama ardente da retribuição.

No centro do círculo, os objetos mágicos aos poucos se reduziam a pó. Enquanto eles olhavam, o amuleto do Irmão Dunnykin ruiu.

– Tragado a seco – sussurrou o Irmão Dedos. – É o meu fim! – Esse amuleto me custou 3 dólares – resmungou o Irmão Dunnykin.

– Mas isso prova que funciona – disse o Grande Mestre Supremo. – Não estão vendo, seus tolos? Funciona! Nós podemos evocar dragões! – É um pouco caro em termos de objetos mágicos – disse o Irmão Dedos, na dúvida.

– ... 3 dólares, me custou. Nenhuma porcaria...

– O poder – rosou o Grande Mestre Supremo – não vem de graça.

– É verdade – disse o Irmão Torre de Vigia, balançando a cabeça. – Não é de graça. É verdade. – Olhou novamente para o pequeno monte de mágica gasta.

– Nossa! Mas nós conseguimos, né? Nós fomos lá e fizemos a maldita

mágica, certo? – Viu? – disse o Irmão Dedos. – Eu disse que não era nada de mais.

– Vocês todos se saíram muito bem – aprovou o Grande Mestre Supremo, num tom encorajador.

–... era pra ter sido 6 dólares, mas ele disse que tomaria prejuízo e me venderia por 3 dólares...

– E – concordou o Irmão Torre de Vigia.

– Nós pegamos o jeito da coisa mesmo! Nem doeu. Fizemos mágica de verdade! E também não fomos comidos pelas bruxas que aparecem do nada, Irmão Emboçador, não pude deixar de notar.

Os outros Irmãos concordaram balançando a cabeça. Mágica de verdade. Nada de mais. Era melhor começarem a tomar cuidado.

– Mas espere aí – começou o Irmão Emboçador. – Para onde foi o dragão? Quer dizer, nós realmente o evocamos? – Engraçado você fazer uma pergunta tola como essa – disse o Irmão Torre de Vigia, sem muita certeza.

O Grande Mestre Supremo tirou a poeira do seu manto místico.

– Nós o evocamos, e ele veio. Mas apenas enquanto a mágica durou. Depois voltou. Se quisermos que ele permaneça por mais tempo, precisamos de mais mágica. Entenderam? E é isso o que precisamos arranjar.

– ... 3 dólares que eu não verei de novo tão cedo...

– Cala a boca! Queridíssimo Pai [escreveu Cenoura], bom, aqui estou em Ankh-Morpork. Não é como aí em casa. Acho que deve ter mudado um pouco desde o tempo em que o bisavô do senhor Varneshi esteve aqui. Acho que as pessoas aqui não sabem diferenciar o Certo do Errado.

Encontrei o capitão Vimes numa taverna comum. Lembrei que você disse que um bom anão não entra nesse tipo de lugar, mas, como ele não saía, eu entrei. Estava caído com a cabeça sobre a mesa. Quando falei com ele, ele disse: “Conta outra, garoto, essa é boa”. Acredito que ele estava muito embriagado. Disse para encontrar um lugar para ficar e informar ao sargento Colon, na Vigilância Noturna, naquela noite. Disse: “Qualquer um que queira entrar para a Vigilância tem que fazer um exame na cabeça”.

O senhor Varneshi não havia mencionado isso. Talvez seja feito por motivo de Higiene.

Eu fui andar um pouco. Tem tanta gente aqui. Encontrei um lugar chamado As Sombras. Então vi alguns homens tentando assaltar uma moça. Fui para cima deles. Não sabiam lutar direito, e um deles tentou chutar as minhas Partes Vitais, mas eu estava usando o Protetor, conforme as instruções, e ele se machucou. Depois a moça veio e me perguntou se eu estaria interessado em Cama. Eu disse que sim. Ela me levou aonde ela morava, uma pensão, acho que é esse o nome. A dona é uma mulher chamada senhora Palm. A moça da bolsa, o nome dela é Reet, disse: “Você devia ter visto, era ele contra três, foi impressionante”. A



senhora Palm disse: “É por conta da casa”. Ela disse: “Que Protetor enorme”. Então eu subi e caí no sono, embora o lugar fosse muito barulhento. Reet me acordou uma ou duas vezes para dizer: “Você quer alguma coisa?”, mas eles não tinham maçã. Então eu tirei a Sorte grande, como dizem por aqui, mas eu não entendo como isso é possível porque, para você tirar a Sorte grande, tem que participar de algum Sorteio, é uma questão de Lógica. Certamente há muito o que fazer. Quando fui falar com o sargento, vi um lugar chamado O Grêmio dos Ladrões! Eu perguntei à senhora Palm e ela disse: “É claro!”. Ela disse que os líderes dos Ladrões da Cidade se encontram ali. Eu fui à Vigilância Noturna e conheci o sargento Colon, um homem muito gordo e, quando contei a ele sobre o Grêmio dos Ladrões, ele disse: “Não seja Idiota!”. Acho que ele não está falando sério. Ele disse: “Não se preocupe com os Grêmios dos Ladrões, só o que você precisa fazer é andar pelas Ruas à Noite, gritando ‘É Meia-Noite e Está Tudo Bem’”. Eu disse: “E se não estiver tudo bem?”, e ele disse: “Você vai achar uma maldita rua em que esteja”. Isso não é Liderança.

Eu recebi uma armadura de malha de ferro. Ela é malfeita e está enferrujada.

Eles pagam a gente para ser guarda. São 20 dólares por mês. Quando eu receber, mando para você.

Espero que estejam todos bem e que o Poço número 5 já esteja aberto. Hoje à tarde eu vou ao Grêmio dos Ladrões. É vergonhoso. Se eu fizer algo a respeito, será um Troféu na minha Estante. Já estou pegando o Jeito de falar deles aqui. Seu afetuoso filho, Cenoura.

P.S.: Por favor, mande todo o meu amor a Minty. Estou com muita saudade dela.

Lord Vetinari, o patricio de Ankh-Morpork, cobriu os olhos com as mãos.

– Ele fez o quê? – Eu fui carregado pelas ruas – disse Urdo van Pew, atual presidente do Grêmio dos Ladrões, Assaltantes e Ofícios Associados – Em plena luz do dia! Com as mãos amarradas! – Ele se aproximava da austera cadeira presidencial, com o dedo em riste.

– Você sabe muito bem que nós nos mantivemos dentro do Orçamento. Para sermos humilhados desse jeito! Feito criminosos comuns! É melhor que haja um pedido de desculpas formal, ou você terá que lidar com mais uma greve. Seremos obrigados a isso, apesar da nossa responsabilidade cívica natural – acrescentou.

Foi o dedo. O dedo foi o seu erro. O patricio tinha mantido o olhar fixo no dedo. Van Pew seguiu o seu olhar, e rapidamente baixou o indicador. Ninguém enfiava o dedo na cara do patricio, a menos que você queira ser capaz de contar só até nove pelo resto da vida.

– E você está dizendo que quem fez isso foi uma pessoa só? – perguntou lord Vetinari.

– Sim! Ou melhor... – Van Pew hesitou.

Aquilo realmente soava estranho, agora que ele estava contando a alguém.

– Mas vocês são centenas lá dentro – observou o patricio, calmamente. – Vocês têm gente, desculpe-me a expressão, saindo pelo ladrão. Van Pew abriu e fechou a boca algumas vezes. A resposta mais honesta teria sido: “Sim, e se alguém tivesse se aproximado em silêncio ou espreitado pelos corredores, a coisa teria sido pior para eles. Foi o modo como ele entrou, com passos firmes, como se fosse o dono do lugar, que enganou todo mundo. Isso e o fato de que ele não parava de bater nas pessoas e dizer a elas para se Corrigirem”.

O patricio balançou a cabeça, como se estivesse entendendo.

– Cuidarei do assunto momentaneamente. – Essa palavra era ótima. Ela sempre fazia as pessoas hesitarem. Nunca entendiam se ele estava querendo dizer que cuidaria do assunto já, ou se apenas cuidaria por ora. E ninguém jamais ousava perguntar.

Van Pew começou a andar para trás.

– Um pedido de desculpas formal, não se esqueça. Eu mantenho a minha posição – acrescentou.

– Obrigado. Eu não gostaria de tomar mais o seu tempo – disse o patricio, mais uma vez dando à linguagem sua própria interpretação.

– Certo. Ótimo! Obrigado. Muito bem.

– Afinal, você tem tanto trabalho a fazer – continuou lorde Vetinari.

– Bom, é verdade, é claro. – O ladrão hesitou. O último comentário do patricio foi ardiloso, e deixava o outro preparado para o golpe.

– Er – ele disse, na esperança de receber alguma indicação.

– Com tanto trabalho sendo feito, quero dizer.

A expressão do ladrão foi tomada pelo pânico. Sua mente se encheu de culpas aleatórias. O caso não era o que ele havia feito, mas do que o patricio estava sabendo. O homem tinha olhos por toda a parte, nenhum deles tão terrível quanto os frios olhos azuis acima de seu nariz.

– Eu, er, não estou entendendo muito bem...

– Curiosa escolha de alvos. – O patricio pegou uma folha de papel. – Por exemplo, uma bola de cristal que pertencia a uma vidente da rua Inclinada. Um pequeno enfeite do templo de Offler, o Deus Crocodilo. E assim por diante. Bugigangas.

– Sinto muito, mas eu realmente não sei... – começou o ladrão. O patricio se inclinou para a frente.

– Nenhum roubo não autorizado, estou certo? *(Uma das inovações notáveis introduzidas pelo patricio foi tornar o Grêmio dos Ladrões responsável pelo roubo, com orçamentos anuais, planejamento prévio e, acima de tudo, rígida proteção ao emprego. Dessa forma, em troca de um acordo sobre o nível médio de crime por ano, os próprios ladrões cuidam para que o crime não autorizado seja atacado*

*com força total pela Injustiça, que em geral se resumia a um pedaço de pau com pregos.)*

– Eu verificarei pessoalmente! – gaguejou o chefe dos ladrões. – Conte com isso!

O patricio abriu um sorriso meigo.

– Tenho certeza que sim. Obrigado por vir falar comigo. Não hesite em ir embora.

O ladrão saiu o mais rápido que pôde. “Era sempre assim com o patricio”, pensou com tristeza. “Você ia até ele com uma reclamação perfeitamente aceitável e, quando percebia, estava andando para trás, fazendo reverências e saindo, aliviado pelo simples fato de estar indo embora. É preciso tirar o chapéu para o patricio”, admitiu com relutância. “Se você não tirar, ele manda os homens dele tirarem à força.” Depois que o ladrão saiu, lorde Vetinari tocou o pequeno sino de bronze para chamar o seu secretário. Lupino Wonse apareceu, com a caneta a postos. Uma coisa podia ser dita sobre Lupino: era asseado. Sempre dava a impressão de que tinha acabado de ser retocado. Até seu cabelo era tão arrumado e brilhante que parecia ter sido pintado sobre a cabeça.

– Parece que a Vigilância está tendo problemas com o Grêmio dos Ladrões – disse o patricio.<sup>6</sup> – Van Pew esteve aqui afirmando que um membro da Vigilância o prendeu.

– Por quê, senhor? – Ao que tudo indica, por ele ser um ladrão.

– Um membro da Vigilância?.

– É, eu sei. Mas apenas resolva isso, certo? O patricio sorriu para si mesmo.

Era sempre difícil penetrar o senso de humor idiossincrático de lorde Vetinari, mas a visão do ladrão enfurecido, com o rosto vermelho, não parava de voltar à sua mente.

Uma das maiores contribuições do patricio ao comando seguro de AnkhMorpork havia sido, logo no início da sua administração, a legalização do antigo Grêmio dos Ladrões. “O crime sempre existiu entre nós”, ele refletira, “e, portanto, se temos que conviver com ele, pelo menos que seja um crime organizado”.

E assim o Grêmio foi incentivado a sair das sombras e construir uma grande sede, assumir o seu lugar em banquetes cívicos e montar sua própria academia de treinamento com bolsas para cursos de aprimoramento e certificados do Município e do Grêmio. Em troca do relaxamento da Vigilância, concordaram, tentando manter aparência séria, em manter os números de crimes num nível a ser determinado anualmente. Dessa forma, todos poderiam planejar com antecedência, pensava lorde Vetinari, e parte da incerteza do caos que é a vida foi removida.

Pouco depois, o patricio convocou todos os ladrões mais importantes

novamente e disse: – Ah, aliás, tinha mais uma coisa. O que era mesmo? Ah, sim... Eu sei quem vocês são. Sei onde moram. Sei que tipo de cavalo vocês cavalgam. Sei onde a esposa de vocês arruma o cabelo. Onde os seus filhos adoráveis, quantos anos eles têm, agora, nossa, o tempo voa... eu sei onde eles vão brincar. Então vocês não se esquecerão do nosso acordo, certo? – E sorriu.

E eles não se esqueceram, de certo modo.

De fato, a situação ficou muito satisfatória do ponto de vista de todos. Demorou muito pouco para que os ladrões-chefes criassem barriga, comesçassem a mandar fazer brasões e se reunissem em prédios apropriados, e não em espeluncas enfumaçadas das quais ninguém realmente gostava. Um ajuste complicado de recibos e comprovantes garantia que, pelo fato de todos serem qualificados para receber as atenções do Grêmio, ninguém recebesse atenção demais, e isso era perfeitamente aceitável – ao menos para os cidadãos ricos o suficiente para pagar as taxas bastante razoáveis que o Grêmio cobrava para que sua vida não fosse interrompida. Havia um estranho termo estrangeiro para isso: formigas-em-tubo-de-esgoto. Ninguém sabia qual era o significado original, mas Ankh-Morpork atribuiu o seu próprio sentido a ele.

A Vigilância havia gostado, mas a verdade pura e simples era que os ladrões eram muito melhores em controlar o crime do que a Vigilância jamais conseguira ser. Afinal, ela tinha que trabalhar dobrado para diminuir um pouco a criminalidade, ao passo que o Grêmio precisava apenas trabalhar menos. E assim a cidade prosperava enquanto a Vigilância definhava, como um acessório desnecessário, um punhado de gente sem condições de trabalhar que ninguém em sã consciência poderia levar a sério.

A última coisa que qualquer um queria que eles fizessem era decidir-se a combater o crime. Mas, para ver o chefe dos ladrões incomodado, sempre valia a pena fazer qualquer coisa – foi isso o que o patrício sentiu. O capitão Vimes bateu na porta com muito cuidado, porque cada batida ecoava dentro do seu crânio.

– Entre.

Vimes tirou o capacete, enfiou-o debaixo do braço e empurrou a porta. O rangido era como uma serra sem corte na parte frontal do seu cérebro. Ele sempre se sentia desconfortável na presença de Lupino Wonse. Como se poderia imaginar, sentia-se desconfortável na presença de lorde Vetinari – mas era diferente, esse desconforto era uma questão de criação. E medo, é claro. Ele conhecia Wonse desde a infância nas Sombras. O garoto já era promissor. Nunca foi líder de gangue. Não tinha força ou perseverança para tal. E, afinal, qual era a graça de ser o líder de uma gangue? Por trás de todo líder de gangue havia sempre uns dois tenentes lutando por uma promoção. Ser um líder de gangue não é um trabalho com chances de sucesso a longo prazo. Mas em toda gangue existe um jovem fraco que os outros deixam ficar porque é ele quem sempre tem

ideias inteligentes, geralmente relacionadas a mulheres idosas e lojas que não ficam trancadas. Essa era a posição natural de Wonse na ordem das coisas. Vimes tinha sido um dos que ficam posicionados no meio, o equivalente em falso de um homem submisso. Ele se lembrava de Wonse como um garotinho magro, sempre seguindo os outros com uma calça que ganhara já usada correndo de um jeito estranho – uns pulinhos que ele tinha inventado para acompanhar os garotos maiores -, e sempre tendo ideias novas para fazê-los parar de bater nele, o que era a distração mais comum caso não acontecesse nada mais interessante. Foi um treino excelente para os rigores da vida adulta, e Wonse tornou-se bom nisso.

Sim, os dois tinham começado de baixo. Mas Wonse conseguiu subir, enquanto, como ele mesmo seria o primeiro a admitir, Vimes havia seguido em frente. Toda vez que parecia estar chegando a algum lugar, falava o que estava pensando ou dizia algo errado. Geralmente os dois ao mesmo tempo. Era isso o que o fazia se sentir inquieto perto de Wonse. Era o tique-taque do mecanismo vivo da ambição.

Vimes nunca soube lidar com a ambição. Isso era algo que as outras pessoas tinham.

– Ah, Vimes.

– Senhor – disse Vimes, acanhado. Ele nem tentou bater continência, para não cair. Queria ter tido tempo para beber seu jantar.

Wonse remexia nos papéis sobre a sua mesa.

– Coisas estranhas estão acontecendo, Vimes. Sérias reclamações sobre você, infelizmente.

Wonse não usava óculos. Se usasse, estaria olhando para Vimes por cima deles.

– Senhor? – Um dos seus homens da Vigilância Noturna. Parece que ele prendeu o chefe do Grêmio dos Ladrões.

Vimes oscilou um pouco e tentou se concentrar. Não estava preparado para esse tipo de coisa.

– Perdão, senhor. Pode repetir? Não entendi direito.

– Eu disse, Vimes, que um de seus homens prendeu o chefe do Grêmio dos Ladrões.

– Um dos meus homens? – Sim.

Os neurônios dispersos de Vimes tentaram bravamente se reagrupar.

– Um membro da Vigilância! Wonse deu um sorriso alegre.

– Amarrou o líder dos ladrões e deixou-o em frente ao palácio. Está havendo alguma reclamação a esse respeito, sinto dizer. Tinha um bilhete... Ah... Aqui está... “Este homem é acusado de Conspiração para cometer um Crime, de acordo com a Seção 14 (iii) da Lei Geral de Crimes Dolosos, 1678, por mim, Cenoura Mineráferro.” Vimes olhou para ele com os olhos semicerrados.

– Catorze i-i-i? – Aparentemente sim.

– O que significa isso? – Eu realmente não faço a mínima ideia – disse Wonse, num tom seco. – E o nome... Cenoura? – Mas nós não fazemos esse tipo de coisa! – observou Vimes. – Não se pode sair por aí prendendo o Grêmio dos Ladrões. Mesmo porque ficaríamos nisso o dia todo! – Parece que esse Cenoura não pensa assim. O capitão balançou a cabeça e estremeceu.

– Cenoura? Não me soa familiar. – O tom de convicção confusa foi suficiente até mesmo para Wonse, que ficou surpreso por alguns instantes.

– Ele foi muito... – O secretário hesitou. – Cenoura, Cenoura. Eu já ouvi esse nome antes. Vi escrito em algum lugar. – Ele ficou pálido. – O voluntário, foi isso! Lembra que eu mostrei a você? Vimes ficou olhando para ele.

– Não havia uma carta de, não sei, de um anão...? – Coisas sobre servir a comunidade e manter a segurança nas ruas, é verdade. Implorando para que o seu filho fosse aceito para uma posição modesta na Vigilância.

O secretário vasculhava seus arquivos.

– O que ele já fez? – perguntou Vimes.

– Nada. É isso. Absolutamente nada.

Vimes franziu a testa enquanto seus pensamentos se reformulavam em torno de um novo conceito.

– Voluntário? – Sim.

– Ele não foi obrigado a se juntar à corporação? – Ele queria fazer isso. E você disse que devia ser alguma brincadeira, e eu disse que deveríamos tentar trazer mais minorias étnicas para a Vigilância. Lembra? Vimes tentou. Não era fácil. Ele tinha uma vaga consciência de que havia bebido para se esquecer. O que tornava tudo bastante sem sentido era o fato de não conseguir mais se lembrar do que estava se esquecendo. No fim, ele apenas bebia para se esquecer de beber.

Uma busca pelo conjunto de lembranças que ele nem tentava mais dignificar chamando de memória não era capaz de fornecer nenhuma dica.

– Se eu lembro? – repetiu, sem ação.

Wonse entreteceu as mãos sobre a mesa e se inclinou para a frente.

– Veja bem, capitão. O lorde quer uma explicação. Eu não quero ter que dizer a ele que o capitão da Vigilância Noturna não tem a mínima ideia sobre o que acontece entre os homens que estão, se eu puder usar o termo de modo inapropriado, sob seu comando. Esse tipo de coisa só causa problemas, cria necessidade de fazer mais perguntas. Nós não queremos isso, queremos? Queremos? – Não, senhor – resmungou Vimes. Uma vaga recordação de alguém falando com ele com um ar de seriedade no Cacho de Uvas vinha à tona com um sentimento de culpa. Com certeza não era um anão. A menos que os requisitos para isso tenham sido drasticamente alterados.

– E claro que não queremos – disse Wonse. – Em nome dos velhos tempos. E

assim por diante. Então pensarei em algo para dizer a ele, e você, capitão, fará de tudo para descobrir o que está acontecendo e pôr um fim nisso tudo. Dê a esse anão uma pequena lição sobre o que significa ser um guarda, certo? – Ha ha – disse Vimes respeitosamente.

– Como? – Oh. Pensei que o senhor tivesse feito uma piada étnica.

– Olha, Vimes, eu estou sendo muito compreensivo. Pelas circunstâncias. Agora quero que você vá lá e resolva o assunto. Entendeu? Vimes bateu continência. A depressão sombria que sempre ficava espreitando, pronta para se aproveitar do seu estado sóbrio, manifestou-se na sua língua.

– O senhor está, senhor Secretário. Farei o que for possível para que ele aprenda que prender ladrões é contra a lei.

Ele desejou não ter dito aquilo. Se não dissesse coisas desse tipo, sua vida estaria muito melhor agora, capitão da Guarda Palaciana, um grande homem. Dar a ele a Vigilância Noturna havia sido uma piadinha do patricio. Mas Wonsse já estava lendo outro documento que estava sobre a sua mesa. Se ele notava o sarcasmo, não demonstrava.

– Muito bem.

Queridíssima Mãe [Cenoura escreveu], o dia hoje foi muito melhor. Eu entrei no Grêmio dos Ladrões, prendi o Canalha chefe e o arrastei até o Palácio do patricio. Esse não vai mais causar problemas, imagino. E a senhora Palm disse que eu posso ficar no sótão porque é sempre útil ter um homem por perto. Isso porque, à noite, havia homens que tinham Enchido a Cara fazendo Estardalhaço no quarto de uma das Meninas, e eu tive que falar com eles e eles Partiram Pra Cima. Um deles tentou me ferir com o joelho, mas eu estava com o Protetor e a senhora Palm disse que ele quebrou a Rótula, mas que eu não precisava pagar por uma nova.

Eu não entendo alguns deveres da Vigilância. Eu tenho um parceiro chamado Nobby. Ele diz que eu sou empolgado demais. E que eu tenho muito a aprender. Acho que isso é verdade, porque eu só fui até a Página 326 de As Leis e os Decretos de Ankh e Morpork Lembranças a todos, Seu Filho, Cenoura. P.S.: Lembranças a Minty.

“Não era apenas a solidão, era o modo de viver ao avesso. Era isso”, pensou Vimes.

A Vigilância Noturna acordava quando o resto do mundo ia dormir, e dormia quando o alvorecer pairava sobre a paisagem. Passava o tempo todo nas ruas úmidas e escuras, num mundo de sombras. A Vigilância Noturna atraía o tipo de pessoa que, por algum motivo, tinha uma inclinação para aquele tipo de vida.

Ele chegou à Sede da Vigilância. O prédio era antigo e surpreendentemente grande, apertado entre um curtume e uma alfaiataria que fazia mercadorias de couro suspeitas. Deve ter sido bastante imponente um dia, mas sua maior parte estava agora inabitável e era patrulhada apenas por ratos e corujas. Acima da

porta, os dizeres no idioma antigo da cidade estavam quase totalmente corroídos pelo tempo, a fuligem e o musgo, mas era possível decifrá-lo: FABRICATI DIEM, PVNC A tradução – de acordo com o sargento Colon, que havia servido em terras estrangeiras e se considerava um especialista em línguas – era “Proteger e Servir”. Sim. Ser um guarda deve ter significado alguma coisa algum dia.

“Sargento Colon”, ele pensou, enquanto entrava cambaleando na escuridão embolorada. Agora ele era um homem que gostava das trevas. O sargento Colon devia seus trinta anos de casamento feliz ao fato de a senhora Colon trabalhar o dia inteiro, e ele, a noite toda. Comunicavam-se por meio de bilhetes. Ele preparava o chá para ela antes de sair de casa, à noite. Ela deixava um belo café-da-manhã quentinho no forno. Tinham três filhos crescidos, todos nascidos, Vimes presumia, do resultado de uma escrita extremamente persuasiva. E o cabo Nobby... bom, qualquer pessoa como Nobby teria inúmeras razões para não querer ser vista por ninguém. Não era preciso pensar muito para concluir isso. A única razão pela qual não se podia dizer que Nobby estava perto do reino animal era que o reino animal se afastava cada vez mais dele. E também, é claro, havia ele mesmo. Nada além de um acúmulo de vícios magro e com a barba por fazer, marinado em álcool. E essa era a Vigilância Noturna. Apenas os três. Já houve um tempo em que eram dúzias, centenas. E agora... apenas três.

Vimes subiu as escadas Tateando os degraus, entrou em seu escritório apalpando a porta, jogou-se sobre a cadeira de couro ancestral com o estofamento caído, abriu a gaveta, pegou a garrafa, mordeu a rolha, puxou-a, cuspiu-a e bebeu. Começou o dia.

O mundo deslizou um pouco e entrou em foco.

A vida é apenas química. Uma gota aqui, um pingo ali e tudo muda. Um pequeno fio de um líquido fermentado e, de repente, você consegue viver mais algumas horas.

Um dia, nos tempos em que este era um bairro respeitável, o esperançoso dono de uma taverna ao lado pagou uma quantia considerável em dinheiro a um feiticeiro por um letreiro luminoso, com uma letra de cada cor. Agora ele não funcionava direito e às vezes tinha curtos-circuitos por causa da umidade. Naquele momento, o E estava rosa berrante e acendia e apagava aleatoriamente. Vimes havia se acostumado com aquilo. Parecia fazer parte da vida. Ele ficou olhando para o jogo trêmulo da luz sobre o gesso caindo aos pedaços durante algum tempo e depois ergueu o pé, calçado com uma sandália, e pisou com força nas tábuas do chão, duas vezes.

Depois de alguns minutos, uma respiração ofegante indicava, de longe, que o sargento Colon estava subindo as escadas.

Vimes contou em silêncio. Colon sempre parava por seis segundos no último patamar para recuperar um pouco do fôlego.

No sétimo segundo, a porta se abriu. O rosto do sargento surgiu como uma lua



cheia.

O sargento Colon poderia ser descrito da seguinte forma: era o tipo de homem que, se seguisse carreira militar, chegaria automaticamente ao posto de sargento. Não era possível imaginá-lo sendo cabo. Ou, pelo mesmo motivo, capitão. Se ele não seguisse carreira militar, seria apropriado para algo como, talvez, açougueiro. Ou algum outro emprego em que um rosto grande e vermelho e a tendência de suar até mesmo num dia frio fossem praticamente parte do perfil do cargo.

Bateu continência e, com certo cuidado, depositou um papel amarrado sobre a mesa de Vimes, alisando-o.

– Noite, capitão. Relatórios sobre o incidente de ontem e essas coisas. E você está devendo quatro centavos ao Clube do Chá.

– Que história é essa de anão, sargento? – perguntou Vimes abruptamente. Colon franziu a testa.

– Que anão? – O que acabou de entrar para a Vigilância. Chamado... -\* Vimes hesitou. – Cenoura ou algo do tipo.

– Ele? – O queixo de Colon caiu. – Ele é uma anão?. Eu sempre disse que não se pode confiar nesses pestinhas! Ele me enganou direitinho, capitão, o danadinho deve ter mentido sobre a própria altura! – Colon tinha uma fixação por tamanho, pelo menos quando se tratava de pessoas menores que ele.

– Você está sabendo que ele prendeu o Presidente do Grêmio dos Ladrões hoje de manhã? – Por quê? – Por ser o presidente do Grêmio dos Ladrões, ao que parece. O sargento parecia perplexo.

– Que crime há nisso? – Acho que talvez seja melhor eu ter uma conversa com esse Cenoura – disse Vimes.

– O senhor não o viu? – perguntou Colon. – Ele disse que vinha falar com o senhor.

– Eu, er, devia estar ocupado na hora. Muita coisa na minha cabeça.

– Sim, senhor – concordou Colon, com educação. Vimes ainda tinha um resto de dignidade, suficiente apenas para virar o rosto e começar a mexer nas camadas de papéis sobre a sua mesa.

– Temos que tirá-lo das ruas o mais rápido possível – murmurou. – Só falta agora ele querer prender o chefe do Grêmio dos Assassinos por matar pessoas! Onde ele está? – Eu o mandei sair com o cabo Nobby, capitão. Disse que ele lhe mostraria como as coisas funcionavam, ou algo do tipo.

– Você mandou um recruta inexperiente sair com o Nobby? – perguntou Vimes, aborrecido.

Colon começou a gaguejar.

– Bom, senhor, homem experiente, eu achei que o cabo Nobby poderia ensinar-lhe muita coisa...

– Vamos torcer para que ele seja lento para aprender as coisas – disse Vimes,

enterrando o seu capacete de ferro marrom na cabeça. – Vamos. Quando saíram da sede da Vigilância, havia uma escada encostada na parede da taverna. Um homem corpulento no alto da escada xingava em voz baixa enquanto lutava contra o sinal luminoso.

– Ê o E que não está funcionando direito – avisou Vimes.

– O quê? – O E. O T solta um chiado quando chove. Já estava na hora de consertar.

– Consertar? Ah, sim. Consertar. Ê o que eu estou fazendo. Consertando. Os homens da vigilância saíram chapinhando pelas poças. O Irmão Torre de Vigia balançou a cabeça devagar e voltou a atenção novamente para sua chave de fenda.

Homens como o cabo Nobby podem ser encontrados em qualquer força armada. Embora o seu entendimento das minúcias do Regulamento geralmente seja enciclopédico, eles cuidam para que nunca sejam promovidos para qualquer coisa acima, talvez, de cabo. Ele tinha a tendência de falar com o canto da boca. Fumava sem parar, mas o estranho, Cenoura notou, era que qualquer cigarro fumado por Nobby virava uma bituca quase instantaneamente, mas continuava sendo uma bituca por um tempo indefinido ou até ir parar atrás da sua orelha, que era uma espécie de cemitério de elefantes de nicotina. Nas raras ocasiões em que tirava um cigarro da boca, ficava segurando dentro da mão fechada. Ele era um homem pequeno, de pernas arqueadas, com uma leve semelhança com um chimpanzé que nunca foi convidado para chás dançantes. Sua idade era indeterminada, mas, em termos de cinismo e cansaço geral da vida, que são uma espécie de método de datação da personalidade, tinha cerca de 7 mil anos.

– É moleza essa rota – disse, enquanto caminhavam por uma rua úmida no bairro dos mercadores. Ele virou a maçaneta de uma porta. Estava trancada. – Não saia de perto de mim – acrescentou -, eu vou cuidar de você. Agora você vira as maçanetas do outro lado da rua.

– Ah, entendi, cabo Nobby. Temos que ver se alguém deixou de trancar a loja – disse Cenoura.

– Você entende rápido, rapaz.

– Espero que eu consiga pegar um canalha no flagra – disse Cenoura, fervoroso.

– Er, é – respondeu Nobby, incerto.

– Mas, se encontrarmos uma porta destrancada, imagino que tenhamos que chamar o dono – continuou Cenoura. – E um de nós teria que ficar para tomar conta das coisas, certo? – Ê? – Nobby gostou da ideia. – Eu faço isso. Não se preocupe com isso. Assim você poderá procurar a vítima. O dono, quero dizer.

Ele virou mais uma maçaneta. Ela cedeu sob o peso da sua mão.

– Nas montanhas – disse Cenoura -, se um ladrão fosse pego, seria pendurado

lá pelos...

Ele parou e ficou virando uma maçaneta. Nobby ficou paralisado.

– Pelos o quê? – perguntou, numa fascinação aterrorizada.

– Não consigo me lembrar agora. Mas minha mãe disse que era pouco para eles. Roubar é Errado.

Nobby havia escapado de um grande número de massacres por não viver lá. Ele largou a maçaneta e deu um tapinha amigável nela.

– Consegui! – disse Cenoura. Nobby pulou.

– Conseguiu o quê? – gritou.

– Lembrei por onde penduramos eles.

– Ah – disse Nobby com a voz fraca. – Por onde? – Nós os penduramos lá pelos lados da prefeitura. Às vezes durante dias. Eles não roubam nunca mais, eu garanto. E aí é um mar de rosas. Nobby encostou a sua lança na parede e retirou uma bituca de cigarro da orelha. “Uma ou duas coisas”, decidiu, “têm que ser esclarecidas”.

– Por que você teve que se tornar um guarda, rapaz? – Todo mundo fica me perguntando isso. Eu não fui obrigado. Eu quis. Isso vai me fazer virar um Homem.

Nobby nunca olhava para ninguém diretamente nos olhos. Ele olhava fixamente para a orelha direita de Cenoura, estarecido.

– Quer dizer que você não está fugindo de nada? – Para que eu ia querer fugir de alguma coisa? Nobby se atrapalhou um pouco.

– Ah. Sempre tem alguma coisa. Talvez.. talvez cê tenha sido acusado de alguma coisa injustamente. Como, talvez – ele sorriu, mostrando os dentes -, talvez as lojas tavam misteriosamente sem alguns produtos e ce foi culpado injustamente. Ou alguns produtos foram encontrados na sua mala e cê não sabia como foram parar ali. Esse tipo de coisa. Cê pode contar pro velho Nobby. Ou – ele cutucou Cenoura – talvez foi outra coisa, hein? Shershey Ia fem, ahn? (*“Cherchez la femme” (procure a mulher), frase clichê de histórias de detetive. (N. T.)*)

– Causou problemas pra alguma garota? – Eu... – começou Cenoura, e depois se lembrou que, sim, as pessoas deveriam dizer a verdade, até mesmo para pessoas estranhas como Nobby, que não pareciam saber o que isso significava. E a verdade era que ele estava sempre causando problemas para Minty, embora como e por que fosse meio que um mistério. Quase todas as vezes que ele ia embora, depois de fazer uma visita a ela na caverna Quebrapedra, ouvia o pai e a mãe gritarem com ela. Eles eram sempre muito educados, mas, por alguma razão, o simples fato de ser vista com ele era suficiente para causar problemas a Minty. – Sim.

– Ah. Geralmente é isso – disse Nobby, sabiamente.

– O tempo todo. Quase toda noite, na verdade.

– Caramba – disse Nobby, impressionado. Ele olhou para o Protetor. – Então, é por isso que eles fazem você usar isso? – Como assim? – Bom, não se preocupe. Todo mundo tem o seu segredinho. Ou segredão, como deve ser o caso. Até mesmo o capitão. Ele só está conosco porque foi Humilhado por uma Mulher. E o que o sargento diz. Humilhado.

– Nossa! – espantou-se Cenoura. Parecia algo doloroso.

– Mas eu acho que é porque ele fala o que pensa. Já falou muitas vezes para o patrício, ouvi dizer. Disse que o Grêmio dos Ladrões não passava de um bando de ladrões, ou algo assim. É por isso que ele está com a gente. Não sei, na verdade. – Ele lançou um olhar especulativo para o chão e disse: – Então, onde você está hospedado, rapaz? – Tem uma moça chamada senhora Palm... – começou Cenoura. Nobby engasgou com uma fumaça que foi para o lado errado.

– Nas Sombras? – perguntou, ofegante. – Você está hospedado lá? – Estou sim.

– Toda noite? – Bom, todo dia, na verdade. Sim.

– E você veio para cá para virar homem? – Sim! – Acho que eu não gostaria de morar no lugar de onde você vem – disse Nobby.

– Olha – começou Cenoura, totalmente perdido -, eu vim porque o senhor Varneshi disse que esse era o trabalho mais admirável do mundo, preservar a lei e tudo o mais. É isso mesmo, não é? – Bem, er. Quanto a esse... essa coisa de preservar a Lei... Quer dizer, um dia, sim, antes de termos todos os Grêmios e coisas assim... A lei, digamos, não é realmente, quer dizer, hoje em dia, tudo está mais... Ah, sei lá. Geralmente é só bater o seu sino e manter a cabeça baixa.

Nobby suspirou. Depois resmungou, tirou a sua amпуlhetta da cintura e observou os grãos de areia escorrerem rapidamente. Guardou-a de volta, tirou a capa de couro do badalo do sino e tocou-o uma ou duas vezes, não muito alto.

– Meia-noite – murmurou – e está tudo bem.

– E é só isso, certo? – disse Cenoura, enquanto os minúsculos ecos enfraqueciam aos poucos.

– Mais ou menos. Mais ou menos. Nobby deu uma tragada rápida na bituca.

– Só isso? Nada de perseguições pelos telhados ao luar? Nada de se pendurar nos lustres? Nada do tipo? – Eu diria que não – disse Nobby, com veemência. – Eu nunca fiz nada disso. Ninguém jamais me disse nada sobre isso.

– Ele pitou o cigarro. – Um homem pode pegar um resfriado terrível em perseguições pelos telhados. Eu acho que vou ficar com o sino, se não tiver problema para você.

– Posso tentar? – perguntou Cenoura.

Nobby estava se sentindo confuso. Essa seria a única razão possível para explicar o seu erro de entregar o sino a Cenoura sem dizer uma palavra. Cenoura examinou-o por alguns segundos. Em seguida, balançou-o vigorosamente acima da cabeça.

– Meia-noite! – berrou. – E está tudo beeeeeemmm! Os ecos bateram com violência dos dois lados da rua e finalmente foram dominados por um terrível e pesado silêncio. Alguns cachorros latiram em algum lugar. Um bebê começou a chorar.

– Pssiu! – fez Nobby.

– Bom, está tudo bem, não está? – disse Cenoura.

– Não estará se você continuar tocando esse maldito sino! Dá aqui.

– Eu não entendo! Olha, eu tenho um livro que o senhor Varneshi me deu... – Ele pegou As Leis e os Decretos.

Nobby olhou e deu de ombros.

– Nunca ouvi falar. Agora pare com o alvoroço. Não é bom fazer muito barulho. Você pode atrair todo tipo de gente. Venha, por aqui. Ele pegou Cenoura pelo braço e puxou-o pela rua.

– Que tipo de gente? – protestou Cenoura, enquanto era puxado com determinação.

– Gente ruim – murmurou Nobby.

– Mas nós somos a Vigilância. *(Nada disso era verdade. A verdade é que até mesmo grandes acervos de livros comuns distorcem o espaço, como pode ser facilmente comprovado por qualquer um que tenha estado num sebo muito velho, desses que parecem ter sido projetados por M. Escher num dia de pouca inspiração e possuem mais escadas do que andares, além daquelas fileiras de prateleiras que terminam em pequenas portas que com certeza são pequenas demais para dar passagem a um ser humano de tamanho natural. A equação relevante é: Conhecimento = poder = energia = matéria = massa. Uma boa livraria não passa de um Buraco Negro civilizado que sabe ler.)*

– Certíssimo! E nós não queremos nos envolver com esse tipo de gente! Lembre-se do que aconteceu com Gaskin! – Eu não me lembro do que aconteceu com Gaskin! – disse Cenoura, totalmente desnorreado. – Quem é Gaskin? – Antes de você chegar – murmurou Nobby. Ele sorriu um pouco. – Pobre coitado. Poderia ter acontecido com qualquer um de nós. – Ele olhou para Cenoura. – Agora pare com isso, está ouvindo? Está me dando nos nervos. Perseguições ao luar o caramba! Ele saiu andando com ar de arrogância. O método normal de locomoção de Nobby era uma espécie de movimento lateral, e a combinação entre andar com arrogância e de lado ao mesmo tempo criava um efeito estranho, como um caranguejo mancando.

– Mas, mas este livro diz..

– Eu não quero saber nada de livro nenhum – rosou Nobby. Cenoura parecia profundamente abatido.

– Mas é a Lei... – começou.

Ele foi interrompido de forma quase definitiva por um machado que passou pelo vão baixo de uma porta rodopiando ao lado dele e cravou com tudo na

parede em frente, seguido de sons de madeira lascando e vidro estilhaçando.

– Ei, Nobby! – chamou Cenoura, com pressa. – Está tendo uma briga! Nobby olhou para o vão da porta.

– É claro que está. É um bar de anões. Do pior tipo. Fique longe deles, garoto. Os danadinhos gostam de passar rasteira e depois chutar até sair as tripas. Fica perto do velho Nobby que ele vai...

Ele agarrou o braço de tronco de árvore de Cenoura. Era como tentar rebocar um prédio. Cenoura ficou pálido.

– Anões bebendo? E brigando?.

– Pode apostar – disse Nobby. – O tempo todo. E eles usam um tipo de linguagem que eu não usaria nem com a minha própria mãe querida. Não seria bom para você se misturar com eles, são um bando de... não entre aí! Não se sabe por que os anões, que nas montanhas levam uma vida ordeira e pacífica, se esquecem de tudo isso quando se mudam para a cidade grande. Alguma coisa acontece até mesmo com o minerador mais inocente e o induz a usar malhas de ferro o tempo todo, andar com um machado, mudar o nome para Agarragarganta Chutacanela e beber até se esquecer de tudo.

Provavelmente é porque eles realmente levam uma vida ordeira e pacífica na sua terra. Afinal, a primeira coisa que um jovem anão deve querer fazer quando chega à cidade grande, após sete anos trabalhando para o pai no fundo de uma mina, é beber muito e depois bater em alguém.

Era uma dessas brigas divertidas de anões, com cerca de 100 participantes e 150 coalizões. Os gritos, as pragas e o tinido dos machados nos capacetes de ferro se misturavam aos sons de um grupo de bêbados perto da lareira que – mais um costume dos anões – estava cantando uma canção sobre o ouro. Nobby pulou nas costas de Cenoura, que observava a cena horrorizado.

– Olha, aqui é assim toda noite. Não interfira, é o que diz o sargento. É o costume do grupo étnico deles, ou algo do tipo. Não se pode mexer com costumes étnicos.

– Mas, mas – Cenoura gaguejou – essa é a minha gente. De certo modo. É vergonhoso agir dessa maneira. O que os outros acham disso? – Nós achamos que eles são umas pobres criaturinhas inferiores. Agora vamos embora! Mas Cenoura já havia se metido na massa de engalfinhados. Pôs as mãos em concha ao redor da boca e berrou alguma coisa numa língua que Nobby não entendia. Praticamente qualquer língua, incluindo o seu idioma nativo, teria se encaixado nessa descrição, mas neste caso era o anonês.

– Gr’duzk! Gr’duzk! aaK’z’t ezem ke bur’k tze tzm? (Lit.: “Bom dia! Bom dia! O que é que está acontecendo aqui (neste lugar)?”

As brigas pararam. Cem rostos barbados viraram para cima para olhar o vulto curvado de Cenoura com um misto de perturbação e surpresa. Uma caneca quebrada bateu no peito dele. Cenoura se abaixou, sem nenhum esforço

aparente, para pegar do chão uma criatura que se debatia.

– Juk, ydruz-t'rud-ezuza, hudr'zdzdek drez'huk, huzu-kruk't titduz g'ke'k me'ek titduz t'be'tk kcedruk ke'hkt'd. aaDtithuk (*Ouçã, raio de sol [lit.: “o olhar do grande olho quente no céu, cujo poder de penetração atinge a entrada da caverna”], eu não quero ter que dar pancada em ninguém, então, se você jogar B 'iduz\* comigo, eu jogo B 'iduz com você. Certo?’’\*\* Um jogo muito comum entre os anões, que consiste em ficar de pé, a alguns metros de distância, jogando pedras grandes na cabeça um do outro. Lit: “Tudo corretamente seguro e escorado?”*)

Nenhum dos anões jamais ouvira tantas palavras do Idioma Antigo da boca de alguém com mais de 1,20 m de altura. Estavam estarecidos. Cenoura colocou o anão transgressor de volta ao chão. Ele tinha lágrimas nos olhos.

– Vocês são anões! Anões não devem agir assim! Olhe para vocês. Não sentem vergonha? Cem mandíbulas caíram.

– Olhe para você! – Cenoura balançou a cabeça. – Você consegue imaginar o que a sua pobre mãezinha de barba branca, trabalhando sem parar na sua pequena mina, perguntando a si mesma como estará o seu filho nesta noite, consegue imaginar o que ela pensaria se o visse agora? A sua querida mãe, que lhe ensinou a usar uma picareta...

Nobby, parado perto da porta, aterrorizado e pasmo, percebeu um coro cada vez mais forte de narizes sendo assoados e soluços abafados, e Cenoura continuou: – ... ela deve estar pensando “imagino que ele esteja tranquilo, jogando dominó ou algo assim...” Um anão que estava por perto, usando um capacete incrustado com pregos de quinze centímetros, começou a chorar delicadamente sobre a sua cerveja.

– E aposto como faz muito tempo que vocês não escrevem para ela, e prometeram escrever toda semana...

Nobby pegou um lenço sujo distraidamente e passou para um anão que estava se apoiando na parede, estremecendo de tristeza.

– Então – disse Cenoura, num tom gentil -, não quero ser duro com ninguém, mas eu passarei aqui todas as noites, a partir de agora, e espero ver um padrão de comportamento apropriado para anões. Eu sei como é estar longe de casa, mas não existe desculpa para esse tipo de coisa. – Ele tocou no capacete. – Chruk, Deu a todos um sorriso radiante e andou curvado para fora do bar. Quando apareceu na rua, Nobby bateu de leve no seu braço.

– Nunca mais faça uma coisa dessas comigo – disse, irritado. – Você é da Vigilância Noturna! Não me venha mais com nada que tenha a ver com lei.

– Mas isso é muito importante – respondeu Cenoura, sério, andando depressa atrás de Nobby, que seguia andando de lado até uma rua estreita.

– Não tão importante quanto permanecer inteiro. Bares de anões! Se você tem alguma coisa na cabeça, meu rapaz, você vai entrar aqui. E calar a boca.

Cenoura olhou para o prédio a que chegaram. Ficava um pouco afastado da lama da rua. Os sons de bebida em grandes quantidades vinham de dentro. Havia uma placa quebrada pendurada na porta. Ela mostrava um barril.

– Uma taverna, é? – disse Cenoura, pensativo. – Aberta a esta hora? – Não vejo por que não – retrucou Nobby, empurrando a porta de entrada.

– Que ótima ideia. O Barril Emendado.

– E mais bebida? – Cenoura folheava o livro com pressa.

– Espero que sim – disse Nobby. Ele fez um sinal para o troll que tinha um emprego de limpa-trilho no Barril. (*É como um segurança, mas o troll usa mais força.*)

– Noite, Detritus. Estou só dando uns toques pro novato aqui.

O troll deu um grunhido e acenou com seu braço cheio de crostas. Por causa do estado do seu interior, o Barril Emendado é hoje conhecido como a taverna desqualificada mais famosa do Discworld, e um ponto tão importante da cidade que, após as recentes e inevitáveis reformas, o novo dono passou alguns dias recriando o tom esverdeado original de sujeira, fuligem e outras substâncias de difícil identificação das paredes e importou uma tonelada de juncos pré-apodrecidos para o chão. Os clientes eram os heróis de sempre: degoladores, mercenários, facinoras e vilões, e apenas uma análise microscópica poderia dizer quem era o quê. Grossos anéis de fumaça pairavam no ar, talvez para evitar tocar nas paredes.

As conversas diminuíram de modo quase imperceptível quando os guardas entraram, mas retornaram ao nível anterior em seguida. Alguns camaradas de Nobby acenaram para ele.

Ele percebeu que Cenoura estava ocupado fazendo alguma coisa.

– O que cê tá fazendo? E chega de conversas sobre mãe, está certo? – Estou fazendo umas anotações – respondeu Cenoura, sério.

– Eu tenho um caderno.

– Aqui está a comando – disse Nobby. – Você vai gostar daqui. Eu venho jantar aqui toda noite.

– Como se escreve “contravenção”? – perguntou Cenoura, virando a página.

– Não escrevo – respondeu Nobby, abrindo passagem na multidão. Um raro impulso de generosidade surgiu na sua mente.

– O que você quer beber? – Acho que isso não seria muito apropriado. Além disso, a Bebida Forte é Escarnekedora. (*Na passagem bíblica: “O vinho é escarnekedor, e a bebida forte, alvoroçadora”.*(N. T.))

Ele teve a sensação de um olhar penetrante na sua nuca, virou-se e viu o rosto grande, meigo e manso de um orangotango.

Estava sentado no bar com uma caneca e uma tigela de amendoim à sua frente. Inclinou o copo num gesto amigável na direção de Cenoura e depois bebeu de modo intenso e barulhento, aparentemente apenas formando uma



espécie de funil com o lábio inferior e fazendo um barulho como o de um canal sendo drenado.

Cenoura cutucou Nobby.

– Tem um maca... – começou.

– Não diga isso! – interrompeu Nobby rapidamente. – Não diga essa palavra! É o bibliotecário. Trabalha lá na Universidade. Sempre vem aqui para tomar um gole antes de dormir.

– E as pessoas não acham ruim? – Por que deveriam? Ele sempre paga a conta, como todo mundo. Cenoura se virou e olhou para o símio novamente. Algumas perguntas exigiam a sua atenção, como: onde ele guarda o dinheiro? O bibliotecário viu o seu olhar, interpretou outra coisa e empurrou educadamente a tigel de amendoins na sua direção.

Cenoura se ajeitou, assumindo a sua altura impressionante e consultou o seu caderno. A tarde que passara lendo As Leis e os Decretos tinha valido a pena.

– Quem é o dono, proprietário, locatário ou senhorio deste estabelecimento? – perguntou a Nobby.

– Como é que é? – perguntou o guarda pequeno. – Senhorio? Bom, eu acho que o Charley aqui é o encarregado hoje. Por quê? – Ele apontou para um homem grande e pesado, cujo rosto era uma rede de cicatrizes. O homem fez uma pausa antes de espalhar, com um pano úmido, a sujeira de maneira mais uniforme em volta de alguns copos e piscou para ele com um ar conspiratório.

– Charley, este é o Cenoura. Ele está dormindo na casa da Rosie Palm.

– O quê? Toda noite? Cenoura limpou a garganta.

– Se você é o encarregado – começou –, então é meu dever informá-lo que você está preso.

– Preso onde, amigo? – perguntou Charley, sem parar de lustrar os copos.

– Você está preso pelas seguintes acusações: 1) (i) no dia 18 de grunho, num local chamado Barril Emendado, à rua Filigrana, você a) serviu ou b) permitiu que fossem servidas bebidas alcoólicas após a meia-noite (zero hora), o que vai de encontro ao dispositivo da Lei de (Abertura de) Cervejarias Públicas de 1678, e 1) (ii) no dia 18 de grunho, num local chamado Barril Emendado, à rua Filigrana, você serviu ou permitiu que fossem servidas bebidas alcoólicas em recipientes de tamanho e capacidade diferentes do estabelecido pela mencionada Lei, e 2) (i) no dia 18 de grunho, num local chamado Barril Emendado, à rua Filigrana, você permitiu que alguns clientes portassem armas desembainhadas de comprimento maior que 17 (dezessete) centímetros, o que vai de encontro ao que estabelece a Seção Três da mencionada Lei, e 2) (ii) no dia 18 de grunho, num local chamado Barril Emendado, à rua Filigrana, você serviu bebidas alcoólicas em local aparentemente não licenciado para a venda e/ou consumo das mencionadas bebidas, o que vai de encontro à Seção Três da supracitada Lei.

O silêncio era absoluto quando Cenoura virou mais uma página e prosseguiu:

– Também é meu dever informá-lo que é minha intenção prestar testemunho perante os Juizes com o objetivo de validar as acusações que dizem respeito à Lei de Congregações Públicas (Jogos), de 1567, às Leis de Locais Licenciados (Higiene) de 1433, 1456, 1463, 1465, er, e de 1470 até 1690, e também... – ele olhou com o canto do olho para o bibliotecário, que sabia reconhecer o perigo quando o ouvia chegando e estava tentando terminar rapidamente sua bebida – ... a Lei de Animais Domésticos e Domesticados (Cuidado e Proteção), de 1673. (*E mímicos. Era uma aversão estranha, mas existia. Qualquer pessoa com calças largas e rosto pintado de branco que tentasse exercer sua arte em qualquer lugar entre os muros caindo aos pedaços de Ankh ia parar rapidamente num poço de escorpiões, no interior do qual lia-se o conselho: “Aprenda As Palavras”.*)

O silêncio que se seguiu possuía um raro aspecto de um pressentimento que faz as pessoas prenderem a respiração, enquanto os clientes reunidos esperavam para ver o que aconteceria em seguida.

Charley pôs o copo sobre o balcão com cuidado – as manchas já haviam sido polidas, dando lugar a um brilho radiante. Ele olhou para Nobby. Nobby estava se esforçando para fingir que estava totalmente sozinho e que não tinha nenhuma ligação de nenhum tipo com ninguém que estivesse ao lado dele e, coincidentemente, usando o mesmo uniforme.

– O que ele quer dizer com Juizes? – perguntou a Nobby. – Não tem Juiz nenhum.

Nobby encolheu os ombros, aterrorizado.

– Ele é novo, é? – perguntou Charley.

– Facilite as coisas para você – aconselhou Cenoura.

– Não é nada pessoal, entende? – disse Charley a Nobby. – É aquele negócio. Tinha um feiteiro aqui falando disso um dia desses. Uma espécie de desvio educacional, sabe? – Ele parecia estar pensando por um momento. – Curva de aprendizagem. Era isso. É uma curva de aprendizagem.

Detritus, tira esse traseiro inútil da cadeira e venha aqui um minuto.

Geralmente, mais ou menos a essa hora no Barril Emendado, alguém atira um copo. E foi o que aconteceu naquele momento.

O capitão Vimes correu até a rua Curta – a mais longa da cidade, que consegue resumir o conhecido senso de humor sutil de Morpork – com o sargento Colon cambaleando atrás, protestando.

Nobby estava do lado de fora do Barril, pulando de um pé para o outro. Em momentos de perigo, ele tinha uma maneira de se deslocar de um lugar ao outro aparentemente sem se mover sobre o espaço coberto, o que poderia humilhar qualquer teletransportador de matéria comum.

– Ele tá brigando lá dentro! – gaguejou, agarrando o braço do capitão.

– Totalmente sozinho? – perguntou o capitão.

– Não, com todo mundo! – gritou Nobby, pulando de um pé para o outro.

– Oh.

A voz da consciência disse: “Vocês são três. Ele está usando o mesmo uniforme. Ele é um de vocês. Lembre-se do pobre velho Gaskin”. Outra parte do seu cérebro, a parte odiada e desprezível que, no entanto, havia possibilitado a sua sobrevivência na Vigilância durante os últimos dez anos, disse: “É falta de educação se intrometer. Vamos esperar até ele terminar, e depois perguntamos se ele precisa de ajuda. Além disso, não existe na Vigilância uma orientação para interferir em brigas. É muito mais simples entrar depois e prender qualquer um que não esteja fazendo nada”.

Houve um estrondo quando uma janela próxima explodiu e um brigão atordoado foi parar do outro lado da rua.

– Eu acho – disse o capitão, com cuidado – que é melhor tomarmos uma atitude imediatamente.

– Está certo – concordou o sargento Colon. – Alguém pode se machucar ficando parado aqui.

Cuidadosamente, eles desceram um pouco a rua, andando de lado até onde o som de madeira rachando e vidro quebrando não era tão assustador, e evitaram olhar um para o outro. Ouvia-se um ou outro grito que vinha de dentro da taverna, e de vez em quando um misterioso barulho de sino, como se alguém estivesse batendo num gongo com o joelho.

Ficaram parados, com um constrangimento silencioso.

– Você tirou férias neste ano, sargento? – perguntou o capitão Vimes, finalmente, balançando para a frente e para trás nos calcanhares.

– Sim, senhor. Mandeí a esposa para Quirm no mês passado, senhor, para visitar a tia.

– É muito bonito lá nessa época do ano, ouvi dizer.

– Sim, senhor.

– Muitos gerânios e coisa e tal.

Um vulto caiu de uma janela e se espatifou na calçada.

– É lá que tem o relógio de sol de flores, não é? – perguntou o capitão desesperadamente.

– Sim, senhor. Muito bonito, senhor. Todo feito de florzinhas, senhor. Houve o som de alguma coisa batendo em outra várias vezes, com algo pesado e de madeira. Vimes estremeceu.

– Eu não acho que ele teria sido feliz na Vigilância, senhor – disse o sargento, com voz gentil.

A porta do Barril Emendado havia sido arrancada tantas vezes em tumultos que foram instaladas dobradiças especialmente reforçadas, e o fato de um tremendo estrondo ter arrancado da parede a porta inteira, com batente e tudo, serviu apenas para provar que muito dinheiro tinha sido jogado fora. Um vulto no meio dos escombros tentou se levantar, apoiando-se nos cotovelos, resmungou e caiu para trás.

– Bom, parece que está tudo... – começou o capitão.

– É aquele maldito troll! – interrompeu Nobby.

– O quê? – perguntou Vimes.

– É o troll! O que fica na porta! Eles se aproximaram com extrema cautela.

Era realmente Detritus, o limpa-trilho.

É muito difícil ferir uma criatura que é, para todos os efeitos, uma pedra ambulante. No entanto, alguém parecia ter conseguido. A figura caída gemia como dois tijolos sendo esmagados um contra o outro.

– Isso é um acontecimento para entrar nos livros – observou o sargento, vagamente. Todos os três se viraram e examinaram o retângulo iluminado e brilhante onde antes havia uma porta. As coisas tinham definitivamente se acalmado lá dentro.

– Você não acha – começou o sargento – que ele está ganhando, acha? O capitão empurrou o queixo para a frente.

– Seria justo com o nosso colega entrarmos para descobrir. Ouviram um choro vindo de trás deles. Viraram-se e viram Nobby pulando numa perna só e apertando o pé.

– O que você tem, homem? – perguntou Vimes. Nobby deu gemidos de dores intensas.

O sargento Colon começou a entender. Embora a subserviência cautelosa fosse a tendência geral de comportamento na Vigilância, não havia um membro em todo o batalhão que não tivesse estado, em algum momento, no lado errado dos punhos de Detritus. Nobby estava apenas tentando recuperar o prejuízo, na melhor tradição dos policiais em todo lugar.

– Ele foi lá chutar as pedras dele, senhor.

– Vergonhoso – disse o capitão, vagamente. Ele hesitou. – Os trolls têm pedras? – Pode ter certeza, senhor.

– Puxa vida. A Mãe Natureza tem um modo estranho de agir, não é? – O senhor está certo, senhor – concordou o sargento, obediente.

– E agora – disse o capitão, puxando a espada –, avante! – Sim, senhor.

– Isso inclui você, sargento – acrescentou o capitão.

– Sim, senhor.

Esse foi possivelmente o avanço mais cauteloso em toda a história das manobras militares e certamente estaria no ponto mais baixo da escala em que coisas como a Carga da Brigada Ligeira estão no topo.

Eles examinaram cuidadosamente o vão da porta arrebitada.

Havia diversas pessoas estiradas sobre as mesas ou sobre o que sobrara das mesas. Os que ainda estavam conscientes não pareciam gostar disso. Cenoura estava de pé no meio do salão. Sua malha de ferro enferrujada estava rasgada, estava sem o capacete, balançando um pouco de um lado para o outro, e um olho já começava a inchar. Ele reconheceu o capitão, largou o cliente que estava

segurando, que protestava debilmente, e bateu continência.

– Tomo a liberdade de comunicar 31 transgressões em Criação de Tumultos, senhor, e 56 casos de Comportamento Desordeiro, 41 transgressões em Obstrução de um Oficial da Vigilância no Cumprimento do seu Dever, 13 transgressões em Ataque com Arma Mortal, 6 casos de Demora Maliciosa e... e... o cabo Nobby ainda nem chegou a me dar nenhum toque...

Ele caiu para trás, quebrando uma mesa.

O capitão Vimes tossiu. Ele não tinha certeza do que deveria fazer nesse momento. Até onde sabia, a Vigilância jamais estivera naquela posição antes.

– Eu acho que você deveria dar uma bebida para ele, sargento – disse.

– Sim, senhor.

– E traga uma para mim também.

– Sim, senhor.

– Por que você não toma uma também? – Sim, senhor.

– E você, cabo, por favor... o que você está fazendo? – Revistando o corpo do senhor – disse Nobby rapidamente, ajeitando-se. – Para encontrar evidências incriminatórias e coisas do tipo.

– Nos sacos de dinheiro deles? Nobby colocou as mãos atrás das costas.

– Nunca se sabe, senhor.

O sargento havia encontrado no meio dos destroços uma garrafa de bebida que, por algum milagre, não estava quebrada e fez grande parte do seu conteúdo descer à força por entre os lábios de Cenoura.

– O que vamos fazer com esse povo todo, capitão? – perguntou por cima do ombro.

– Não faço a menor ideia – respondeu Vimes, sentando-se. A prisão da Vigilância comportava apenas seis pessoas bem pequenas, que geralmente eram o único tipo de gente que era presa. Mas essas...

Ele olhou ao redor desesperado. Lá estava Norf, o Empalador, deitado debaixo de uma mesa e murmurando algo. Lá estava também Big Henri. E Agarrador Simmons, um dos mais temidos brigões de bar da cidade. Na verdade havia muita gente, e não seria aconselhável estar por perto quando acordassem.

– A gente podia cortar a garganta deles, senhor – sugeriu Nobby, veterano de um grupo de remanescentes de campos de batalhas. Ele havia encontrado um brigão inconsciente que tinha o tamanho certo e retirou, com uma atitude especulativa, as suas botas, que pareciam muito novas e do tamanho certo.

– Isso seria totalmente errado – observou Vimes. Na verdade ele não sabia como cortar a garganta de alguém. Essa nunca havia sido uma alternativa até então.

– Não. Acho que talvez possamos soltá-los com uma advertência. Ouviu-se um grunhido que vinha de baixo do banco.

– Além do mais – disse, rapidamente –, deveríamos levar os nossos

camaradas feridos a um lugar seguro o mais rápido possível.

– Bem lembrado – concordou o sargento. Ele deu um gole na bebida para acalmar os nervos.

Os dois deram um jeito de arrastar Cenoura e guiar suas pernas bamboleantes pelos degraus. Vimes, cedendo sob o peso, procurou por Nobby.

– Cabo Nobby – chamou, irritado –, por que você está chutando as pessoas que estão caídas? – É a maneira mais segura, senhor.

Há muito tempo tinham explicado a Nobby coisas sobre brigar limpo e não atacar um adversário caído. Então ele usou a criatividade para a aplicação dessas regras a seu caso, já que tinha 1,20 m de altura e o tônus muscular de uma tira de elástico.

– Bom, pare com isso. Eu quero que você dê a advertência aos criminosos.

– Como, senhor? – Bom, você... – capitão Vimes parou. Ele também gostaria de saber. Ele nunca tinha feito isso. – Faça o que tem que ser feito – gritou. – Será que eu tenho que explicar tudo? Nobby foi deixado sozinho no alto da escada. Gemidos e resmungos generalizados, vindos do chão, indicavam que as pessoas estavam acordando. Nobby pensou rápido. Ele balançou um dedo repreensivo de graveto.

– Que isso seja uma lição para vocês – disse. – Não façam isso novamente. E saiu correndo.

Na escuridão das vigas do telhado, o bibliotecário se coçava com um ar pensativo. A vida era realmente cheia de surpresas. Ele iria observar os desdobramentos com interesse. Descascou um providencial amendoim com os pés e se pendurou em algum outro lugar no escuro. O Grande Mestre Supremo ergueu as mãos.

– Os Turíbulos do Destino estão sendo ritualmente castigados para que o Pensamento Mau e Incorreto seja banido do Círculo do Sacrifício? – Estão! O Grande Mestre Supremo baixou as mãos.

– Estão? – perguntou.

– Estão – disse o Irmão Dunny kîn, contente. – Eu mesmo cuidei disso.

– Você tem que dizer “Sim, ó Ser Supremo” – corrigiu o Grande Mestre Supremo. – Sinceramente, eu já disse tantas vezes, se você não vai entrar no espírito da coisa...

– E, vê se ouve o que o Grande Mestre Supremo diz – protestou o Irmão Torre de Vigia, encarando o Irmão que cometera o erro.

– Eu passei horas castigando esses turíbulos – resmungou o Irmão Dunny kîn.

– Prossiga, ó Grande Mestre Supremo – disse o Irmão Torre de Vigia.

– Muito bem, então. Nesta noite tentaremos mais uma evocação experimental. Acredito que vocês tenham obtido a matéria-prima adequada, sim, irmãos? – ... esfreguei e esfreguei, e vê se alguém agradece...

– Tudo preparado, Grande Mestre Supremo – disse o Irmão Torre de Vigia.

“Está mesmo”, o Grande Mestre admitiu. A coleção era um pouco melhor do que a outra. Os Irmãos certamente haviam tido trabalho. O lugar de honra fora dado a um leteiro luminoso de uma taverna, cuja remoção, pensou o Grande Mestre, “deveria receber alguma espécie de menção honrosa”. No momento, o E estava numa tonalidade cor-de-rosa desbotada e acendia e apagava aleatoriamente.

– Eu trouxe isso – disse o Irmão Torre de Vigia, orgulhoso. – Pensaram que eu estava consertando ou algo assim, mas eu peguei a minha chave de fenda e...

– Sim, muito bem – aprovou o Grande Mestre Supremo. – Demonstra iniciativa.

– Obrigado, Grande Mestre Supremo.

– ... a junta dos dedos esfolada de tanto esfregar, toda vermelha e rachada. Nunca me devolveram os meus 3 dólares, ninguém diz algo como...

– E agora – continuou o Grande Mestre Supremo, pegando o livro – vamos começar. Cale-se, Irmão Dunnykin.

Qualquer cidade do multiverso possui uma parte que é algo semelhante às Sombras de Ankh-Morpork. Geralmente é a parte mais antiga, com travessas que seguem as trilhas originais das vacas descendo até o rio e que têm nomes como o Bamboleio, o Viveiro, Beco das Risadinhas...

De qualquer forma, a maior parte de Ankh-Morpork é assim. Mas as Sombras eram ainda mais, uma espécie de buraco negro de ausência de lei originado em paredes de tijolo. Digamos assim: até mesmo os criminosos tinham medo de andar por essas ruas. A Vigilância não colocava os pés lá. Naquele momento, estavam colocando os pés lá por acidente. Sem muita segurança. A noite tinha sido dura, e eles estavam tentando estabilizar os nervos. Agora, os quatro estavam tão estáveis que cada um confiava nos outros três para mantê-los eretos e seguindo em frente.

O capitão Vimes passou a garrafa de volta para o sargento.

– Isso é uma vergonha para, para, para – pensou um pouco – você. Bêbado na frente de um ofis, ofis, oficial seuperior. O sargento tentou falar, mas só conseguiu fazer sair uma série de esses.

– Considere... sepreso – disse o capitão Vimes, ricocheteando numa parede. Olhou fixamente para os tijolos. – Esse muro me agrediu – anunciou. – Ha! Pensa que é durão, hein? Bom, eu sou um oficial da, da, da Lei, vocêvaiver, e nós não levamos desaforo pra, pra, pra...

Ele piscou devagar, uma ou duas vezes.

– Pra onde não levamos desaforo, sargento? – Para casa, senhor? – Não, não, não. É pra outro lugar. Esquece. De qualquer forma, nós não levamos mais desaforo pra lugar nenhum. – Visões vagas de uma sala cheia de criminosos, pessoas que haviam zombado dele, pessoas cuja mera existência havia sido uma

ofensa e um insulto para ele, caídas por todos os lados e gemendo, corriam pela sua mente. Ele não sabia ao certo como aquilo havia acontecido, mas alguma parte quase esquecida dele, algum Vimes muito mais jovem com um escudo reluzente no peito e grandes esperanças, um Vimes que ele imaginava ter sido afogado pelo álcool havia muito tempo, de repente se inquietou.

– Dexime, dexime, dexime contar uma coisa, sargento.

– Senhor? – Os quatro esbarraram de leve em outro muro e começaram mais uma valsa de caranguejo pelo beco.

– Esta cidade. Esta cidade. Esta cidade, sargento. Esta cidade é uma, é uma, é uma Mulher, sargento. E mesmo. Uma Mulher, sargento. Uma beleza antiga, acabada e velha, sargento. Masse você se apaixonou nela, aí, aí, aí elatedáumbanhodeágua fria...

– É uma mulher? – perguntou Colon.

Seu rosto suado ficou horrível com o esforço que fez para pensar.

– Ela tem 12 km de largura, senhor. Tem um rio. Muitas e muitas casas e outras coisas mais, senhor – argumentou.

– Ah! Ah! Ah! – Vimes sacudiu o dedo trêmulo na direção dele. – Jamais, jamais, jamais disse que era uma mulher pequena, disse? Seja justo. – Balançou a garrafa. Mais um pensamento aleatório explodiu no caldo fervente da sua cabeça.

– Mas nós mostramos a eles, hein? – disse, animado, enquanto os quatro começavam a arrastar os pés numa volta enviesada ao muro do outro lado. – Mostramos a eles, não foi? Ensinamos uma esquecerão que eles não lição rapidinho, hein? – Isso mesmo, capitão – disse o sargento, mas sem muito entusiasmo. Ele ainda estava pensando na vida sexual de seu superior.

Mas Vimes estava com o tipo de humor que não precisava de incentivos.

– Ha! – gritou para os cantos escuros do beco. – Não gostaram, hein? Provaram um pouco do, do, do próprio negócio, do veneno. Bom, agora vocês podem bigrar com quem criser! – Ele jogou a garrafa vazia para o alto.

– Duas horas! – gritou. – E está tudo beeeemmm! O que era uma notícia extraordinária para as figuras sombrias que até então estavam fazendo sombra sobre os quatro homens. Apenas a perplexidade total impediu que elas reagissem com sarcasmo. “É óbvio que são guardas”, pensaram. “Eles têm o capacete certo e tudo o mais, e no entanto estão aqui nas Sombras”. Portanto, eles eram observados com a fascinação com que os lobos de uma matilha se concentrariam num grupo de ovelhas que não só tivessem corrido para a clareira, mas também dando cabeçadas umas nas outras e fazendo barulho. O resultado seria, é claro, carne de carneiro, mas, enquanto isso não acontecia, a curiosidade adiava a execução.

Cenoura ergueu a cabeça tonta.

– Onde estamos? – gemeu.



– A caminho de casa – disse o sargento. Ele olhou para a placa esburacada, carcomida e cortada por facas que estava acima deles. – E só a gente descer, descer, descer... – apertou os olhos – a travessa do Coração.

– A travessa do Coração não é caminho de casa – balbuciou Nobby. – A gente não deveria ir pela travessa do Coração, ela fica nas Sombras. Imagina a gente andando pela travessa do Coração...

Houve um momento de agitação, em que a percepção realizou o trabalho de uma boa noite de sono e várias xícaras de café forte. Os três homens, por meio de um acordo silencioso, juntaram-se ao redor de Cenoura.

– O que vamos fazer, capitão? – perguntou Colon.

– Er, poderíamos ligar pedindo ajuda – sugeriu o capitão, incerto.

– O quê, aqui?

– Tem razão.

– Eu calculo que a gente tenha virado à esquerda na rua de Prata, em vez de à direita – disse Nobby, com a voz trêmula.

– Bom, está aí um erro que não cometeremos novamente tão cedo – observou o capitão. Depois desejou que não tivesse dito isso. Eles ouviram passos. De algum lugar à sua esquerda, ouviram um risinho contido.

– Temos que formar um quadrado – disse o capitão. Todos tentaram formar uma ponta.

– Ei! O que foi isso? – perguntou o sargento Colon.

– O quê? – Ouvi de novo. Um som de alguma coisa de couro.

O capitão Vimes tentou não pensar em capuzes e forcas.

Havia muitos deuses, ele sabia. Havia um deus para cada profissão. Havia o deus dos mendigos, o deus das prostitutas, o deus dos ladrões e provavelmente até um deus dos assassinos.

Ele se perguntava se haveria, em algum lugar daquele vasto panteão, um deus que olharia com bondade para sobrecarregados oficiais protetores da lei razoavelmente inocentes que estivessem definitivamente prestes a morrer.

“Provavelmente não”, pensou, amargo. Algo desse tipo não era estiloso o suficiente para os deuses. Vê se você encontra algum deus preocupado com um pobre coitado que tenta dar o melhor de si por alguns trocados por mês. Não mesmo. Os deuses se amarravam em espertalhões que achavam que o trabalho de um dia se resumia a arrancar o Olho de Rubi do Rei Lacrainha, não em homens tolos e sem imaginação que davam duro todas as noites...

– Na verdade é meio ondulante – disse o sargento, que gostava de acertar as coisas.

E depois houve um som...

... talvez um som vulcânico, ou o som de um gêiser em ebulição, mas, de qualquer forma, um longo ronco estrondoso, como os urros nas forjas dos Titãs...

... mas não era tão ruim quanto a luz, que era branco-azulada, o tipo de luz

que imprimia o padrão das veias sanguíneas dos olhos no fundo do crânio. Ambos continuaram durante centenas de anos e depois, num instante, pararam.

A escuridão que se seguiu foi preenchida por imagens roxas e, assim que os ouvidos retomaram a capacidade de ouvir, por um som fraco, parecido com um tinido.

Os guardas permaneceram absolutamente parados por algum tempo.

– Ora, ora – disse o capitão, com uma voz fraca.

Após uma pausa mais longa, disse, de forma muito clara, com cada consoante em seu lugar: – Sargento, junte alguns homens e investigue isso, sim? – Investigar o quê, senhor? – perguntou Colon, mas o capitão já estava começando a perceber que, se o sargento juntasse alguns homens, ele, Vimes, ficaria totalmente sozinho.

– Não, tive uma ideia melhor. Vamos todos – disse com firmeza. Foram todos.

Agora que seus olhos estavam acostumados com a escuridão, puderam ver um vago brilho vermelho mais à frente.

Viram que se tratava de um muro, que esfriava rapidamente. Pedacos de tijolo em brasa caíam e se contraíam, fazendo sons de silvos breves. Essa não era a pior parte. A pior parte era o que estava no muro. Eles olharam fixamente.

Eles olharam fixamente por muito tempo.

Faltava mais ou menos uma hora para amanhecer, e ninguém nem sequer sugeriu que tentassem encontrar o caminho de volta no escuro. Esperaram perto do muro. Pelo menos ali estava quente.

Eles tentaram não olhar.

Finalmente, Colon, apreensivo, fez um esforço e disse: – Não desanime, capitão. Poderia ter sido pior.

Vimes terminou a garrafa. Não fez efeito nenhum. Existem alguns tipos de sobriedade que simplesmente não se alteram.

– E – disse. – Poderia ter sido a gente.

O Grande Mestre Supremo abriu os olhos.

– Mais uma vez – disse – obtivemos sucesso.

Os Irmãos romperam em gritos dissonantes de alegria. Os Irmãos Torre de Vigia e Dedos deram os braços e fizeram uma dança entusiasmada dentro do círculo mágico.

O Grande Mestre Supremo respirou fundo.

“Primeiro a cenoura”, pensou, “e agora o pauzinho”. Ele gostava do pauzinho.

– Silêncio! – gritou. – Irmão Dedos, Irmão Torre de Vigia, parem com essa manifestação vergonhosa! – berrou. – E o resto de vocês, silêncio! Eles sossegaram, como crianças bagunceiras que acabaram de ver o professor entrar na sala. Depois sossegaram muito mais, como crianças que acabaram de ver a expressão do professor.

O Grande Mestre Supremo deixou a poeira baixar e andou, muito sério, entre as fileiras desarrumadas.

– Suponho que pensamos ter feito alguma mágica, certo? Humm? Irmão Torre de Vigia? O Irmão Torre de Vigia engoliu seco.

– Bom, er, você disse que nós éramos, er, quer dizer..

– Vocês ainda não fizeram NADA! – Bom, er, não, er... – o Irmão Torre de Vigia tremia.

– Os feiticeiros de verdade saem pulando depois de fazer um encanto insignificante e começam a cantar “vamos lá, vamos lá, vamos lá”, Irmão Torre de Vigia? Hein? – Bem, nós estávamos meio que...

O Grande Mestre Supremo girou sobre os calcanhares.

– E eles ficam olhando apreensivos para estruturas de madeira, Irmão Emboçador? O Irmão Emboçador baixou a cabeça. Ele não tinha percebido que alguém havia prestado atenção nele.

Quando a tensão estava vibrando de modo satisfatório, como a corda de um arco, o Grande Mestre Supremo se afastou.

– Por que eu me incomodo com essas coisas? – disse, balançando a cabeça.

– Eu poderia ter escolhido qualquer um. Eu poderia ter escolhido os melhores. Mas o que eu tenho é um bando de crianças.

– Er, sério – começou o Irmão Torre de Vigia -, a gente estava se esforçando, quer dizer, a gente estava se concentrando de verdade. Não estava, rapazes? – Sim – responderam em coro.

O Grande Mestre Supremo olhou com raiva para eles.

– Nesta Irmandade não há lugar para Irmãos que não estejam nos apoiando do início ao fim – advertiu.

Com um alívio quase visível, os Irmãos, como ovelhas em pânico ao verem que a cerca do curral fora aberta, galoparam na direção da abertura.

– Não se preocupe quanto a isso, vossa supremacia – disse o Irmão Torre de Vigia, fervoroso.

– O compromisso tem que ser o nosso lema! – continuou o Grande Mestre Supremo.

– Lema. E isso aí – concordou o Irmão Torre de Vigia. Ele cutucou o Irmão Emboçador, cujo olhar havia se desviado para o rodapé novamente.

– Quê? Oh. É – disse o Irmão Emboçador.

– E confiança e fraternidade – disse o Grande Mestre Supremo.

– E, isso também – disse o Irmão Dedos.

– Portanto, se existe alguém aqui que não esteja ansioso, ávido para continuar neste grande trabalho, que dê um passo à frente agora. Ninguém se mexeu.

“Eles estão obcecados. É, deuses, eu sou bom nisso”, pensou o Grande Mestre Supremo. “Posso tocar a mente limitada deles como se fosse um xilofone. É impressionante o simples poder das coisas mundanas. Quem diria que a fraqueza

seria uma força muito maior que a resistência? Mas é preciso saber conduzi-la. E eu sei.” – Muito bem, então. Agora, nós vamos repetir o Juramento. Ele conduziu as vozes hesitantes e aterrorizadas, notando, com aprovação, como ficavam abafadas ao dizer “tranhas”. Ele também ficou de olho no Irmão Dedos.

“E um pouco mais inteligente que os outros”, pensou. “Um pouco menos ingênuo, pelo menos. Melhor que eu seja sempre o último a sair. Não que alguém tenha a brilhante ideia de me seguir quando estiver indo para casa.” Seria preciso um tipo de mente especial para governar uma cidade como Ankh-Morpork, e lorde Vetinari tinha. Porque ele era um tipo especial de pessoa. Enganou e enfureceu os comerciantes menos importantes, a ponto de eles terem desistido havia muito tempo de tentar assassiná-lo e agora apenas tentarem enganar uns aos outros. Até porque qualquer assassino que tentasse atacar o patricio teria dificuldades para encontrar carne suficiente para enfiar o punhal. Enquanto outros lordes jantavam cotovias recheadas com língua de pavão, lorde Vetinari considerava um copo de água fervida e uma fatia de pão seco uma refeição suficientemente elegante.

Era irritante. Ele não aparentava ter nenhum mau hábito que alguém pudesse vir a descobrir. Era possível pensar que, com aquele rosto pálido de cavalo, ele teria uma inclinação para coisas como chicotes, agulhas e mulheres jovens em calabouços. Os outros lordes poderiam aceitar isso. Nada de errado com chicotes e agulhas, com moderação. Mas o patricio aparentemente passava as noites estudando relatórios e, em ocasiões especiais, se suportasse a emoção, jogava xadrez.

Ele usava muito preto. Não era um preto muito impressionante, como o que os melhores assassinos usavam, mas um preto sóbrio e levemente desbotado de um homem que não quer perder tempo de manhã pensando no que vestir. E era preciso acordar muito cedo para estar em posição de vantagem em relação ao patricio. Na verdade, seria mais sensato nem dormir.

Mas ele agradava, de certo modo. Sob o seu comando, pela primeira vez em mil anos, Ankh-Morpork funcionava. Poderia não ser legítima, justa ou muito democrática, mas funcionava. Cuidava dela como se cuida de um arbusto decorativo, favorecendo um crescimento aqui, podando um galho torto ali. Diziam que ele tolerava absolutamente qualquer coisa, exceto o que representasse uma ameaça para a cidade 12, e lá estava...

Ele olhou fixamente para o muro danificado durante um longo tempo, enquanto a chuva pingava de seu queixo e encharcava suas roupas. Atrás dele, Wonse andava de um lado para o outro, nervoso.

Em seguida, estendeu a mão, longa, magra e cheia de veias azuis, e seguiu com as pontas dos dedos o contorno das sombras.

Bem, não chegavam a ser sombras, mas uma série de silhuetas. O contorno era muito nítido. Do lado de dentro, havia o padrão conhecido de tijolos. Do lado

de fora, no entanto, alguma coisa havia fundido a parede a uma substância de cerâmica muito bonita, dando aos tijolos antigos um acabamento derretido, que lembrava o de um espelho.

As formas marcadas sobre os tijolos mostravam o retrato de seis homens congelados numa atitude de surpresa. Várias das mãos erguidas estavam claramente segurando facas e punhais.

O patrício observou em silêncio a pilha de cinzas aos seus pés. Algumas linhas de metal fundido poderiam ter sido as mesmas armas que agora estavam estampadas de modo tão claro na parede.

– Humm – ele disse.

O capitão Vimes o levou com todo o respeito ao outro lado da rua e depois até o Beco da Sorte Constante, onde apontou a Prova A, insignificantes...

– Pegadas – disse. – O que é um pouco de exagero, senhor. Elas estão mais para o que se poderia chamar de patas. Ou até de garras.

O patrício olhou fixamente para as marcas na lama. Sua expressão era um tanto quanto incompreensível.

– Entendo – disse, por fim. – E você tem alguma opinião formada a respeito, capitão? Ele tinha. Durante as horas que antecederam o amanhecer, havia tido as mais variadas opiniões, começando pela convicção de que tinha sido um grande erro ter nascido.

E então a luz cinzenta do dia se espalhou por igual por todas as partes das Sombras, e o capitão ainda estava vivo, não tinha sido cozinhado. Olhou ao redor com uma expressão idiota de alívio e viu, a menos de um metro de distância, essas pegadas. Aquele não tinha sido um bom momento para estar sóbrio.

– Bem, senhor, eu sei que os dragões estão extintos há milhares de anos, senhor...

– Sim? – o patrício estreitou os olhos. Vimes prosseguiu.

– Mas, senhor, a questão, é, será que eles sabem? O sargento Colon disse que tinha ouvido um som de algo de couro um pouco antes, um pouco antes do, um pouco antes do, er... crime.

– Então você acha que um dragão extinto e de origem inteiramente mítica voou para dentro da cidade, pousou neste beco estreito, incinerou um grupo de criminosos e depois saiu voando? Deve ser uma criatura bastante imbuída do espírito de bem-estar social.

– Bom, quando se coloca a coisa dessa forma...

– Se bem me lembro, os dragões das lendas eram criaturas solitárias do meio rural, que evitavam as pessoas e habitavam lugares isolados e abandonados – observou o patrício.

– Eles dificilmente seriam criaturas urbanas.

– Não, senhor – discordou o capitão, reprimindo o comentário de que, se alguém quisesse encontrar um lugar realmente isolado e abandonado, as

Sombras preencheriam os requisitos muito bem.

– Além disso – continuou lorde Vetinari -, provavelmente alguém teria notado, você não concorda? O capitão concordou olhando para o muro e para a terrível imagem.

– Alguém além deles, o senhor quer dizer? – Na minha opinião, é uma espécie de guerra. É possível que uma gangue rival tenha contratado um feiticeiro. Um pequeno conflito local.

– Poderia estar relacionado a todos esses estranhos roubos, senhor – sugeriu Wonse.

– Mas e as pegadas, senhor? – lembrou Vimes, insistente.

– Nós estamos perto do rio. É possível que tenha sido, talvez, alguma espécie de ave pernalta. Uma simples coincidência. Mas, acho, eu as apagaria se fosse você. Não queremos que as pessoas entendam tudo errado e cheguem a conclusões tolas, queremos? Vimes cedeu.

– Como quiser, senhor – concordou, olhando para suas sandálias. O patricio deu um tapinha em seu ombro.

– Isso mesmo. Continue o seu trabalho. Boa demonstração de iniciativa, meu caro. Fazer a patrulha nas Sombras também. Muito bem.

Ele se virou e quase deu de cara com a parede de armadura de malha de ferro de Cenoura.

O capitão Vimes viu, para seu horror, o seu mais novo recruta apontar com educação para a carruagem do patricio. Ao redor dela, armados da cabeça aos pés e atentos, estavam seis membros da Guarda Palaciana, que se endireitaram e demonstraram um interesse alerta. O capacete deles tinha plumas. Ele odiava guardas com plumas.

Ouviu Cenoura dizer: – Com licença, senhor, esta é a sua carruagem, senhor? E o patricio olhou para ele de cima a baixo, confuso, e disse: – E. Quem é você, rapaz? Cenoura bateu continência.

– Policial-lanceiro Cenoura, senhor.

– Cenoura, Cenoura. Esse nome não me é estranho. Lupino Wonse, que estava andando de um lado para o outro atrás dele, sussurrou no ouvido do patricio. Seu rosto se iluminou.

– Ah, o jovem pega-ladrão. Um pequeno engano, naquele caso, eu acho, mas louvável. Ninguém está acima da lei, não é? – Não, senhor – concordou Cenoura.

– Louvável, louvável – observou o patricio. – E agora, senhores...

– Sobre a sua carruagem, senhor – disse Cenoura, insistente –, não pude deixar de notar que a roda dianteira direita, ao contrário do...

“Ele vai prender o patricio”, Vimes pensou consigo mesmo, e o pensamento escorreu pelo seu cérebro como um ribeirão frio. “Ele realmente vai prender o patricio. O comandante supremo. Ele vai prendê-lo. E isso o que ele vai fazer. O garoto não conhece o significado da palavra ‘medo’. Ah, mas seria uma boa ideia

se ele soubesse o significado da palavra ‘sobrevivência’...” “E eu não consigo mexer os músculos do queixo.” “Estamos todos mortos. Ou, pior, estamos todos detidos, para o contentamento do patricio. E, como todos sabemos, ele raramente chega a se contentar com alguma coisa.” Foi nesse momento preciso que o sargento Colon fez por merecer uma medalha metafórica.

– Policial-lanceiro Cenoura! – gritou. – Atenção! Policial-lanceiro Cenoura, meia-volta volver! Policial-lanceiro Cenoura, marche! Cenoura entrou em posição de sentido e fixou o olhar à frente, com uma expressão feroz de obediência absoluta.

– Muito bem, homem – disse o patricio, pensativo, enquanto Cenoura se afastava marchando com firmeza. – Continue seu trabalho, capitão. E repreenda com dureza os rumores infantis sobre dragões, certo?

– Sim, senhor – disse o capitão Vimes.

– Grande homem.

A carruagem saiu chacoalhando, com os guarda-costas correndo ao lado. O capitão Vimes tinha apenas uma vaga consciência de que, atrás dele, o sargento gritava uma ordem para que Cenoura parasse.

Ele estava pensando.

Olhou para as marcas na lama. Usou a sua lança, que sabia ter exatos dois metros de comprimento, para medir o seu tamanho e a distância entre elas. Assobiou para dentro. Depois, com considerável cuidado, seguiu pelo beco até a esquina. Ele ia dar numa portinha fechada a cadeado e coberta de lama nos fundos de um armazém de madeira.

“Alguma coisa está muito errada”, pensou. “As pegadas saem do beco, mas não entram. E não é comum encontrarmos aves pernaltas em Ankh, principalmente porque a poluição iria corroer suas pernas com o tempo e, além disso, é mais fácil para elas andar na superfície.” Ele olhou para o alto. Um número incontável de varais cruzava o estreito retângulo de céu de modo tão eficiente quanto uma rede.

“Então”, pensou, “alguma coisa grande e muito quente saiu desse beco, mas sem entrar nele”.

“E o patricio está muito preocupado com isso.” “E me disseram para esquecer isso.” Ele notou mais alguma coisa na lateral do beco e se abaixou para pegar uma casca de amendoim fresca e vazia.

Ficou jogando a casca de uma mão para a outra, olhando para o vazio. Nesse exato momento, precisava de uma bebida. Mas talvez fosse melhor esperar.

Com movimentos suaves auxiliados pelas juntas dos dedos, o bibliotecário passou pelos corredores entre as estantes de livros adormecidas. Os telhados da cidade pertenciam a ele. Ah, os assassinos e os ladrões podiam fazer uso deles, mas havia muito tempo ele considerava a floresta de chaminés, escoras, carrancas de goteiras e cata-ventos uma alternativa conveniente e de alguma

forma reconfortante às ruas da cidade. Pelo menos até o momento.

Seguir a Vigilância até as Sombras, uma selva urbana que não representava nenhuma ameaça para um símio de 150 kg, pareceu uma ideia divertida e instrutiva. Mas agora o pesadelo que presenciara enquanto atravessava um beco com os braços o teria feito duvidar, se fosse humano, do testemunho de seus próprios olhos.

Como era um macaco, ele não tinha nenhuma espécie de dúvida em relação aos próprios olhos e acreditava neles o tempo todo.

Nesse exato momento, queria que eles se concentrassem para encontrar um livro que poderia ter uma resposta. Estava numa seção para a qual ninguém ligava muito ultimamente. Os livros ali não eram mágicos de verdade. A poeira acumulada no chão denunciava o fato.

Poeira com pegadas.

– Oook? – disse o bibliotecário, na escuridão acolhedora.

Passou a ter mais cautela, percebendo, com uma sensação de fatalidade, que as pegadas pareciam ter em mente o mesmo destino que ele. Virou uma esquina e lá estava.

A seção.

A estante.

A prateleira.

O buraco.

Existem muitas visões horríveis no multiverso. De alguma forma, porém, para uma alma sintonizada com os ritmos sutis de uma biblioteca, existem poucas visões piores do que um buraco onde deveria haver um livro.

Alguém havia roubado um livro.

Na privacidade do Salão Oblongo, seu santuário pessoal, o patricio andava vagarosamente de um lado para o outro. Estava ditando uma torrente de instruções.

– E envie alguns homens para o muro – terminou. Lupino Wonse ergueu uma sobrancelha.

– Seria prudente, senhor? – Você acha que uma estampa de sombras assustadoras não provocará comentários e especulação? – perguntou o patricio, aborrecido.

– Não tanto quanto um muro com tinta fresca nas Sombras – disse Wonse, sem se alterar.

O patricio hesitou por um momento.

– Boa observação – disse de repente. – Mande alguns homens demoli-lo. Ele chegou ao fim da sala, girou sobre os tornozelos e continuou andando.

“Dragões! Como se já não houvesse coisas importantes o suficiente, coisas reais o suficiente para ocupar o seu tempo.” – Você acredita em dragões? Wonse balançou a cabeça.



– Eles são inacreditáveis, senhor.

– É o que eu ouvi dizer – disse lorde Vetinari. Ele chegou à outra parede e virou-se.

– O senhor gostaria que eu investigasse um pouco mais? – Sim. Faça isso.

– E eu farei com que a Vigilância tome muito cuidado. O patricio interrompeu a sua caminhada.

– A Vigilância? A Vigilância? Meu caro rapaz, a Vigilância não passa de um bando de incompetentes comandados por um bêbado. Eu levei anos para chegar a isso. A última coisa com que precisamos nos preocupar é a Vigilância. Ele parou para pensar.

– Já viu um dragão, Wonse? Dos grandes, quero dizer. Ah, eles são inacreditáveis, você já disse.

– Eles são apenas uma lenda, na verdade. Superstição.

– Humm. E o importante das lendas, é claro, é que elas são lendárias.

– Exatamente, senhor.

– Mesmo assim... – o patricio parou e ficou olhando para Wonse durante algum tempo. – Ah, vá. Resolva isso. Eu não quero saber de mais nada sobre esse negócio de dragão. É o tipo de coisa que deixa as pessoas inquietas. Coloque um fim nisso.

Quando ficou sozinho, olhou para a cidade gêmea com tristeza. Estava garoando de novo.

Ankh-Morpork! Cidade barulhenta de cem mil almas! E, como o patricio observou em segredo, o número de pessoas era dez vezes maior. A chuva fresca cintilava no panorama de torres e telhados, totalmente alheia ao mundo fértil e rancoroso sobre o qual caía. A chuva de mais sorte caía sobre as ovelhas das montanhas, murmurava suavemente sobre as florestas ou acariciava, de modo até certo ponto incestuoso, o mar. Mas a chuva que caía sobre Ankh-Morpork estava em apuros. Faziam-se coisas terríveis com a água em Ankh-Morpork. Ficar bêbada era apenas o começo dos seus problemas.

## O PATRÍCIO GOSTAVA

de sentir que estava olhando para uma cidade que funcionava. Não uma cidade bonita, famosa ou com um bom sistema de esgoto e, certamente, não uma cidade favorecida pela arquitetura. Até os cidadãos mais entusiásticos concordariam que, a partir de um ponto de observação elevado, Ankh-Morpork dava a impressão de que alguém tentara obter com pedra e madeira um efeito normalmente associado a calçadas em frente a estádios de futebol.

Mas ela funcionava. Rodava animada como um giroscópio na ponta de uma curva de catástrofe. E isso, o patricio acreditava com segurança, era porque nenhum grupo jamais chegou a ser poderoso o suficiente para derrubá-la. Comerciantes, ladrões, assassinos, feiticeiros – todos competiam de forma enérgica numa corrida, sem perceber que não era necessário haver corrida nenhuma, e certamente sem confiar uns nos outros o suficiente para parar e perguntar quem havia definido o trajeto e quem estava segurando a bandeira de largada.

O patricio não gostava da palavra “ditador”. Era uma afronta para ele. Nunca mandou em ninguém. Não era preciso, essa era a parte boa. Grande parte da sua vida consistia em organizar as questões de modo a manter as coisas nesse pé.

É claro que havia diversos grupos buscando a sua destruição, e isso estava certo, era bastante apropriado e indicava uma sociedade vigorosa e saudável. Ninguém poderia dizer que ele era injusto quanto à questão. Ora, não tinha sido ele o fundador da maioria desses grupos? O melhor era o modo como gastavam quase todo o seu tempo: brigando uns com os outros.

A natureza humana, o patricio sempre dizia, era uma coisa maravilhosa. Desde que você entendesse onde estavam suas alavancas.

Ele tinha um pressentimento desagradável sobre essa história de dragões. Se já houve alguma criatura que não possuía nenhuma alavanca muito evidente, essa criatura era o dragão. Isso teria que ser resolvido.

O patricio não acreditava em crueldade desnecessária (*Quando comparada à ideia de crueldade necessária, é claro.*). Não acreditava em revanches inúteis. Mas acreditava muito na necessidade de resolver as coisas. Por mais estranho que possa parecer, o capitão Vimes estava pensando a mesma coisa. Ele viu que não gostava da ideia de que os cidadãos, mesmo que fossem os das Sombras, se transformassem em gravuras de cerâmica. E isso tinha sido feito diante dos olhos da Vigilância, por assim dizer. Como se a Vigilância não fosse importante, como se a Vigilância fosse apenas um detalhe irrelevante. Era isso o que incomodava.

E, é claro, era verdade, o que só piorava as coisas.

O que o deixava ainda mais furioso era o fato de ter desobedecido às ordens. Tinha sido manipulado, é verdade. Mas no fundo da gaveta de sua antiga

escrivaninha, escondido sob uma pilha de garrafas vazias, havia um molde de gesso. Ele podia sentir o seu olhar através das três camadas de madeira. Não conseguia imaginar o que havia com ele. E agora estava se complicando cada vez mais.

Revistou a sua, por falta de palavra melhor, tropa. Pediu à dupla mais antiga que se apresentasse à paisana. Isso significava que o sargento Colon, que usara uniforme a vida inteira, estava corado e sem jeito vestindo o terno que usava para funerais. Enquanto Nobby...

– Imagino o que mais pode significar a expressão “à paisana” – disse o capitão Vimes.

– É o que eu uso fora do trabalho, patrão – respondeu Nobby, ofendido.

– Senhor – corrigiu o sargento Colon.

– Minha voz está à paisana também. Ou melhor, minha atitude. Vimes andou vagarosamente ao redor do cabo.

– E o seu traje à paisana não faz as senhoras idosas desmaiarem e os garotinhos correrem atrás de você pelas ruas? Nobby se mexia, inquieto. Ele não se sentia à vontade com ironias.

– Não, senhor, chefe. Este estilo está na moda.

Isso era totalmente verdadeiro. Havia uma tendência de estilo em Ankh de grandes chapéus com plumas, babados, gibões curtos com galões dourados, pantalonas boca de sino e botas com esporas decoradas. “O problema é”, refletiu Vimes, “que a maioria das pessoas atentas à moda tinha mais corpo para preencher o espaço entre essas peças, enquanto tudo o que pode ser dito do cabo Nobby é que ele estava ali dentro, em algum lugar”.

Isso poderia ser vantajoso. Afinal, ninguém jamais acreditaria, quando o vissem andando na rua, que lá estava um membro da Vigilância tentando ser discreto.

Vimes se deu conta de que não sabia nada sobre o que Nobby fazia fora das horas de trabalho. Não conseguia sequer se lembrar onde o homem morava. Convivera com ele durante todos esses anos e nunca percebera que, em sua vida particular secreta, o cabo Nobby era um pouco exibicionista. Um exibicionista baixinho, é verdade, um exibicionista que havia sido atingido várias vezes com algo pesado, talvez, mas ainda assim um exibicionista. Mais uma prova de que as pessoas sempre podem nos surpreender. Voltou sua atenção para a situação presente.

– Eu quero que vocês dois – disse a Nobby e Colon – se misturem sem parecerem intrusos, ou como um intruso, no seu caso, cabo Nobby, com as pessoas hoje à noite e, er, vejam se conseguem detectar alguma coisa fora do comum.

– Fora do comum como o quê, por exemplo? – perguntou o sargento. Vimes hesitou. Ele mesmo não tinha muita certeza.

– Qualquer coisa pertinente.

– Ah – o sargento balançou a cabeça como quem compreende uma explicação. – Pertinente. Certo.

Houve um silêncio constrangedor.

– Talvez as pessoas tenham visto coisas esquisitas – continuou o capitão Vimes.

– Ou quem sabe tenham ocorrido incêndios inexplicáveis. Ou pegadas. Sabe como é – terminou, desesperado -, sinais de dragões.

– O senhor quer dizer coisas tipo pilhas de ouro em que alguém tenha dormido... – sugeriu o sargento.

– E virgens que foram amarradas a pedras – completou Nobby, sabiamente.

– Vejo que são especialistas – suspirou Vimes. – Façam o melhor que puderem.

– Essa coisa de se misturar – disse o sargento Colon, com delicadeza – envolveria ir a tavernas, beber e coisas do tipo, não é?

– Até certo ponto.

– Ah – disse o sargento, feliz.

– Com moderação.

– Está certo, senhor.

– E cada um paga o seu. – Oh.

– Mas, antes – disse o capitão –, algum de vocês dois conhece alguém que possa saber alguma coisa sobre dragões? Fora o fato de dormir em ouro e a parte da jovem amarrada, quero dizer.

– Os feiticeiros devem saber – arriscou Nobby.

– Fora os feiticeiros – disse Vimes, com firmeza. Não dava para confiar em feiticeiros. Todo guarda sabia que não dava para confiar em feiticeiros. Eles eram piores até do que os civis.

Colon pensou um pouco.

– Tem a lady Ramkin também. Mora na avenida Scoone. Ela cria dragões de pântano. Sabe aquelas coisinhas que as pessoas têm como animal de estimação? – Ah, ela – disse Vimes, desanimado. – Acho que já a vi por aí. É uma que tem um adesivo escrito “Relinche Se Você Gosta de Dragões” na parte de trás da carruagem? – Essa mesmo. Ela é doida – observou o sargento Colon.

– O que o senhor quer que eu faça? – perguntou Cenoura. – Er... A sua tarefa é a mais importante – disse Vimes, rapidamente. – Eu quero que você fique aqui e cuide do escritório.

O rosto de Cenoura se alargou num sorriso lento e descrente.

– Quer dizer que eu serei o responsável, senhor? – De certa forma, sim. Mas você não tem permissão para prender ninguém, entendeu? – acrescentou rapidamente.

– Nem se a pessoa estiver infringindo a lei, senhor? – Nem assim. Apenas tome nota.

– Eu vou ler o meu livro, então – disse Cenoura. – E lustrar o meu capacete.

– Bom menino – aprovou o capitão.

“Será totalmente seguro”, pensou. “Ninguém nunca vem aqui, nem mesmo para avisar que perdeu um cachorro. Ninguém sequer pensa na Vigilância. Só alguém muito por fora para vir até a Vigilância pedir ajuda”, pensou com amargura.

A avenida Scoone era uma parte de Ankh ampla, arborizada e incrivelmente sofisticada, acima do rio a uma altura suficiente para não ser atingida pelo seu cheiro, que impregnava tudo. As pessoas da avenida Scoone tinham dinheiro antigo, que diziam ser muito melhor que o dinheiro novo, embora o capitão Vimes nunca tivesse tido o suficiente de nenhum dos dois para poder notar a diferença. As pessoas da avenida Scoone tinham o seu guarda-costas pessoal. Dizia-se que eram tão reservadas que não falavam nem com os deuses. Isso, em parte, era uma calúnia. Eles falavam com os deuses, mas quando se tratava de deuses finos, de boa família.

Não era difícil encontrar a casa de lady Ramkin. Ela ficava sobre uma rocha que lhe conferia uma visão magnífica da cidade, se essa fosse a sua noção de beleza. Havia dragões de pedra nos postes do portão, e os jardins tinham uma aparência desleixada de plantas crescendo sem controle. Estátuas de Ramkins antepassados podiam ser vistas no meio da folhagem. A maioria tinha espadas e estava coberta de hera até o pescoço.

Vimes notou que isso não se devia ao fato de a dona do jardim não ter dinheiro para cuidar dele, e sim ao fato de a dona do jardim achar que havia coisas muito mais importantes do que seus ancestrais, o que era um ponto de vista bastante raro para uma aristocrata.

Também achava que havia coisas mais importantes do que a manutenção da casa. Quando tocou a campainha, que em si era bastante agradável, no meio de uma floresta viçosa de azaleias, diversos pedaços da fachada de gesso caíram. Aquele pareceu ter sido o único efeito da campainha, com exceção de alguma coisa no fundo da casa que começou a uivar: algumas coisas. Começou a chover de novo. Depois de algum tempo, Vimes sentiu o peso da dignidade do seu cargo e deu uma volta cautelosa ao redor da casa, mantendo-se bem afastado, para o caso de alguma coisa mais desmoronar. Chegou a um portão de madeira pesado, que ficava num muro de madeira pesado. Em contraste com a decrepitude geral do local, parecia novo e bastante sólido.

Ele bateu, o que causou outro ataque de estranhos barulhos sibilantes. A porta se abriu. Alguma coisa assustadora se avolumou diante dele.

– Ah, meu caro. Você sabe alguma coisa sobre acasalamento? – perguntou a voz cavernosa.

Estava tudo calmo e seguro na Sede da Vigilância. Cenoura escutava o assobio da areia na ampulheta, concentrando-se no polimento da sua couraça.

Séculos de manchas cederam ao seu ataque furioso e animado. Ela cintilava. Uma couraça brilhante dava muita segurança. A estranheza da cidade, onde havia todas aquelas leis e pessoas se esforçando para ignorá-las, era demais para ele. Mas uma couraça brilhante estava pronta para tudo. A porta se abriu. Ele observou, atento, do outro lado da escrivaninha antiga. Não havia ninguém ali.

Deu mais algumas esfregadelas com penetradas.

Ouviu-se o vago som de alguém que está cansado de esperar. Duas mãos de unhas roxas apertaram as pontas da escrivaninha e o rosto do bibliotecário foi subindo e aparecendo lentamente, como um coco trazido pelo mar.

– Ooook – ele disse.

Cenoura arregalou os olhos. Alguém lhe explicara cuidadosamente que, apesar das aparências, as leis que regiam o reino animal não se aplicavam ao bibliotecário. Por outro lado, o próprio bibliotecário nunca se preocupou muito em obedecer às leis que governavam o reino humano. Ele era uma dessas pequenas anomalias que têm que ser tomadas como base para qualquer afirmação.

– Olá – disse Cenoura, incerto. (“Não o chame com assobios e nem passe a mão na cabeça dele, ele sempre fica irritado com isso.”) – Ooook

O bibliotecário bateu na escrivaninha com o dedo longo e cheio de juntas.

– Quê? – Ooook

– Como? O bibliotecário revirou os olhos. Ele achava estranho que os cães, cavalos e golfinhos, considerados inteligentes, nunca tivessem nenhuma dificuldade em indicar aos humanos as informações vitais do momento, por exemplo, que as três crianças estavam perdidas na caverna, ou o trem estava prestes a pegar um trilho que levava à ponte que havia sido arrancada, ou algo do gênero. Enquanto ele, que por apenas alguns cromossomos não usava calças, encontrava dificuldades para convencer um ser humano mediano a sair na chuva. Realmente não dá para conversar com algumas pessoas.

– Ooook! – ele disse, e fez um gesto com a mão.

– Não posso sair do escritório – avisou Cenoura. – Recebi ordens. O lábio superior do bibliotecário se enrolou para cima como uma persiana.

– Isso é um sorriso? – perguntou Cenoura.

O bibliotecário balançou a cabeça.

– Ninguém cometeu um crime, cometeu? – Ooook

– Um crime sério? – Ooook! – Como assassinato? – Eeek

– Pior que assassinato? – Eeek! O bibliotecário deu um impulso sobre as juntas dos dedos e ficou pulando no vão da porta, insistente.

Cenoura engoliu em seco. Ordens eram ordens, sim, mas isso era outra coisa. As pessoas desta cidade eram capazes de qualquer coisa. Ele afivelou a couraça, enfiou o capacete reluzente na cabeça e seguiu na direção da porta.

Depois, lembrou-se de suas responsabilidades. Voltou para a escrivaninha,

encontrou um pedaço de papel e escreveu de forma meticulosa: Sai para Combater o Crime. Favor Ligar Novamente Mais Tarde. Obrigado.

E, aí sim, saiu para as ruas, imaculado e destemido.

O Grande Mestre Supremo ergueu os braços.

– Irmãos, comecemos...

Era tão fácil. Tudo o que precisava fazer era canalizar aquele enorme reservatório de ciúme e ressentimento servil que os Irmãos tinham em tanta abundância, tirar proveito do seu terrível aborrecimento mundano, o qual possuía uma força a seu favor maior que o mal supremo, e depois direcionar a própria mente...

... para o lugar aonde foram os dragões.

Vimes se viu agarrado pelo braço e puxado para dentro. A porta pesada fechou atrás dele com um clique preciso.

– É o lorde Montealegre Escamavistosa Garrafiada III de Ankh – disse a aparição, que usava uma armadura enorme e cheia de proteções acolchoadas e alarmantes. – Sabe, acho que ele não vai poder dispensar a mostarda.

– Não vai? – perguntou Vimes, recuando.

– São necessários dois de vocês.

– É, acho que sim – sussurrou Vimes, tentando forçar a cerca para fora com os ombros.

– Você poderia fazer um favor? – disse a coisa, com um som de trovão.

– O quê? – Ah, não seja medroso, homem. Você só tem que ajudá-lo a subir. Sou eu que fico com a parte complicada. Eu sei que é cruel, mas, se ele não conseguir nesta noite, vai para o “chop-chop”. Sobrevivência dos mais aptos e essa história toda, sabe.

O capitão Vimes conseguiu se recompor. Estava claramente na presença de alguma assassina em potencial louca por sexo, visto que o seu gênero podia ser determinado sob a estranha vestimenta cheia de protuberâncias. Se não era do sexo feminino, então as referências a “sou eu que fico com a parte complicada” produziram imagens mentais que o assombrariam por algum tempo. Ele sabia que os ricos faziam as coisas de um jeito diferente, mas isso estava indo longe demais.

– Madame – disse friamente -, eu sou um oficial da Vigilância e tenho que alertá-la de que a ação que a senhora está sugerindo fere a lei da cidade... e também de alguns deuses mais puritanos – acrescentou, em silêncio. – E tenho que adverti-la de que seu lorde deve ser libertado ileso imediatamente... A figura olhou para ele com assombro.

– Por quê? – disse. – É o meu maldito dragão.

– Aceita mais uma bebida, não-cabo Nobby? – disse o sargento Colon, sem muita firmeza.

– Eu não me importaria, não, sargento Colon.

Eles estavam levando a história de não levantar suspeitas a sério. Isso eliminava a maioria das tavernas do lado Morpork do rio, onde eram muito conhecidos. Estavam numa taverna muito elegante no centro de Ankh, onde tentavam ser o mais discretos que conseguiam. Os outros clientes achavam que eles iriam apresentar algum número de cabaré.

– Eu estava aqui pensando – começou o sargento Colon.

– No quê? – Se comprássemos uma ou duas garrafas, poderíamos ir para casa e certamente não levantaríamos suspeitas.

Nobby pensou um pouco sobre aquilo.

– Mas ele disse que temos que ficar de orelhas em pé. Nós temos que, segundo o que ele disse, detectar alguma coisa.

– Nós podemos fazer isso na minha casa. Nós poderíamos ficar ouvindo a noite toda, com muita atenção.

– Bem pensado – concordou Nobby. Na verdade, a ideia soava cada vez melhor à medida que pensava nela.

– Mas, primeiro, eu tenho que fazer uma visita.

– Eu também. Esse negócio de detectar as coisas mexe com a gente depois de um certo tempo.

Eles correram para o beco atrás da taverna. Havia uma lua cheia no céu, mas alguns trapos de nuvem encardida passavam na frente dela. De modo imperceptível, os dois trombaram um com o outro na escuridão.

– É você, detector sargento Colon? – Isso mesmo! Você consegue detectar a porta do banheiro, detector cabo Nobby? A porta que estamos procurando é baixa, escura e de aparência sinistra, ha, ha, ha.

Ouviram-se alguns tinidos e xingamentos abafados vindos de Nobby, que cambaleava pelo beco, seguidos de um uivo, quando um gato da enorme população de felinos selvagens de Ankh-Morpork passou correndo entre as suas pernas.

– Quem ama você, gatinho? – perguntou Nobby, em voz baixa.

– A necessidade me obriga, então – disse o sargento Colon, e virou-se para um canto acessível.

Suas reflexões privadas foram interrompidas por um grunhido vindo do cabo.

– E você aí, sargento? – Detector sargento para você, Nobby – disse, num tom divertido. O tom de Nobby era urgente e, de repente, muito sóbrio.

– Não faça xixi por aí, sargento, acabei de ver um dragão passar voando! – Eu já vi peixe-voador – disse o sargento Colon, soluçando de leve. – E já vi cheque-voador. Já vi gente voar, mas nunca vi um dragão voador.

– É claro que já, imbecil – continuou Nobby, com pressa. – Olha, eu não vou ficar de bobeira! Ele tinha asas tipo, tipo, tipo asas muito grandes! O sargento Colon se virou com uma postura imponente. O rosto do cabo tinha ficado tão branco que aparecia na escuridão.



– Sério, sargento! O sargento Colon virou os olhos para o céu úmido e para a lua molhada pela chuva.

– Tudo bem, mostre pra mim.

Ouviu-se um barulho de algo deslizando atrás dele e algumas telhas se espatifaram na rua.

Ele se virou. E lá estava o dragão, no telhado.

– Tem um dragão no telhado! – gritou, desafinado. – Nobby, é um dragão ali no telhado! O que eu faço, Nobby? Tem um dragão no telhado! Ele está olhando para mim, Nobby! – Pra começar, Você podia fechar a calça – disse Nobby, de trás do muro mais próximo.

Mesmo sem as suas camadas de roupas protetoras, lady Sybil Ramkin continuava enormemente grande. Vimes sabia que os hublanders bárbaros contavam lendas sobre grandes donzelas com coletes de malha de ferro e sutiãs blindados, sobre grandes cavalos, que desciam aos campos de batalha e saíam de lá carregando os guerreiros mortos para uma vida após a morte gloriosa e agitada, enquanto cantavam num agradável mezzo-soprano. Lady Ramkin poderia ter sido uma delas. Poderia ter sido a sua líder. Poderia ter carregado um batalhão. Quando falava, cada palavra era como um tapa vigoroso nas costas e ressoava com a autoconfiança aristocrática dos bem-nascidos. Somente os sons de vogais já eram capazes de cortar mogno.

Os antepassados patéticos de Vimes estavam acostumados com vozes como aquela, geralmente vindas de pessoas totalmente protegidas por armaduras, atrás deles, num cavalo de batalha, dizendo por que seria uma boa ideia atacar o inimigo e deixá-lo arrasado. Suas pernas queriam ficar em posição de sentido. Homens pré-históricos a teriam venerado e, na verdade, conseguiram esculpir estátuas muito fiéis dela havia milhares de anos. Ela tinha uma massa de cabelos castanhos. Uma peruca, Vimes ficou sabendo depois. Ninguém que tivesse uma relação próxima com dragões conseguia manter os próprios cabelos por muito tempo.

Também tinha um dragão no ombro. Ele tinha sido apresentado como Garrafiada Vincent Prodigioso de Quirm, chamado também de Vinny, e parecia estar dando uma grande contribuição ao odor químico incomum que impregnava a casa. Esse cheiro permeava tudo. Até mesmo o generoso pedaço de bolo oferecido a ele estava com aquele gosto.

– O, er, do ombro... parece ser... muito legal – disse, desesperado para puxar assunto.

– Bobagem – retrucou sua senhoria. – Só o estou treinando porque os que sentam no ombro chegam a valer o dobro do preço.

Vimes murmurou que tinha visto, algumas vezes, damas da sociedade com pequenos dragões coloridos nos ombros e achou muito, er, legal.

– Ah, parece legal. Concordo com você. Até elas perceberem que isso

significa coisas queimadas com fuligem, cabelos encrespados e merda escorrendo pelas costas. Essas garras entram na pele também. Depois acham que o bicho está ficando grande e fedido demais e, quando você vai ver, já estão no Santuário Raio de Sol Morpork para Dragões Perdidos ou dentro do rio com uma corda no pescoço, pobres coitados. – Ela se sentou, ajeitando uma saia que daria para fazer velas para uma pequena frota. – Bom, então. Capitão Vimes, certo? Vimes estava perdido. Os antepassados havia muito falecidos de Ramkin perturbavam-no com seu olhar fixo do alto das molduras decoradas nas paredes sombrias. Entre os retratos, ao redor e abaixo deles estavam as armas que teriam usado, e pela aparência delas haviam sido bem usadas. Havia armaduras completas enfileiradas em cavidades ao longo das paredes. Um grande número delas, não pôde deixar de notar, tinha furos enormes. O teto era uma confusão desbotada de estandartes comidos por traças. Não era preciso fazer um exame de perícia para concluir que os ancestrais de lady Ramkin nunca fugiram de uma batalha.

Era incrível que ela fosse capaz de fazer algo tão pouco bélico como tomar uma xícara de chá.

– Meus antepassados – disse, seguindo a direção do olhar hipnotizado dele.

– Sabe, nenhum Ramkin, nos últimos mil anos, morreu deitado na cama.

– E mesmo, senhora? – Fonte de orgulho para a família, isso aí.

– E mesmo, senhora.

– Um grande número deles morreu na cama, mas não deitado, é claro. A xícara do capitão Vimes chacoalhou no pires.

– É mesmo, senhora? – Capitão é um título bastante enérgico, sempre achei. – Ela deu um sorriso brilhante e frágil. – Quer dizer, coronel e coisas assim são sempre tão sem graça, majores são pomposos, mas as pessoas sempre sentem, de alguma forma, que existe algo deliciosamente perigoso num capitão. O que é que você tinha para me mostrar? Vimes apertou o seu embrulho como se fosse um cinto de castidade.

– Eu gostaria de saber – hesitou – que tamanho os... er... – Ele parou. Algo terrível estava acontecendo nas suas regiões mais baixas.

Lady Ramkin seguiu o seu olhar.

– Oh, não ligue para ele – disse, animada. – Bata com a almofada se estiver incomodando.

Um pequeno dragão ancião havia saído de baixo da cadeira e colocado o focinho com papada no colo de Vimes. Ele o encarou com um olhar comovente e grandes olhos castanhos, babando suavemente alguma coisa bastante corrosiva, pela sensação causada, sobre seus joelhos. E que fedia como a área ao redor de um banho de ácido.

– Esse é o Pingo de Orvalho Mabelline Garrafiada Primeiro – disse sua senhoria. – Campeão e progenitor de campeões. Agora acabou o seu fogo, pobre

velho babãozinho. Ele gosta que cocem a barriga dele.

Vimes fez movimentos bruscos e hostis, porém disfarçados, para expulsar o velho dragão. A criatura piscou com tristeza para ele, com olhos aquosos, e afastou o canto da boca, deixando à mostra uma fileira de dentes enegrecidos pela fuligem.

– E só empurrá-lo se estiver incomodando – repetiu lady Ramkin, animada.

– Então, o que você estava perguntando? – Eu gostaria de saber o tamanho que os dragões de pântano podem atingir – perguntou Vimes, tentando mudar de posição. Ouviu-se um fraco rosnado.

– Você veio até aqui só para me perguntar isso? Bom... Acho que me lembro que Almalegre Garrafiada de Ankh chegou a catorze polegares de altura, dos dedos dos pés ao fio de cabelo -refletiu lady Ramkin.

-Er...

– Cerca de 1,10 m – acrescentou num tom gentil.

– Nada além disso? – perguntou Vimes, esperançoso. No seu colo, o velho dragão começou a roncar suavemente.

– Credo, não. Ele era meio que uma aberração, na verdade. Em geral, eles não crescem mais do que oito polegares.

Os lábios do capitão Vimes se mexeram num cálculo apressado.

– Sessenta centímetros? – arriscou.

– Muito bem. Os ápices, é claro. As fêmeas são um pouco menores. Capitão Vimes não ia desistir.

– Um ápice seria um dragão macho? – Apenas após os 2 anos de idade – disse lady Ramkin, triunfante. -Até os 8 meses ele é um pilmete, depois é frango até os 14 meses e depois ele vira um laço...

O capitão Vimes estava extasiado, sentado comendo o bolo horrível, com a calça se dissolvendo aos poucos, enquanto o fluxo de informações transbordava sobre ele: que os machos lutavam com chamas, mas, na época de pôr os ovos, apenas as fêmeas (*“Fêmeas” apenas até a terceira ninhada, é claro. Depois disso, elas são “genitoras”.*) cuspiam fogo, a partir da combustão de complexos gases intestinais, para incubar os ovos, os quais precisavam dessas temperaturas tão violentas, enquanto os machos recolhiam lenha. Que os grupos de dragões do pântano eram chamados de baixa ou constrangimento. Que a fêmea era capaz de botar até três ninhadas de quatro ovos por ano, a maior parte dos quais era esmagada por machos distraídos. E que os dragões de ambos os sexos tinham um leve desinteresse uns pelos outros e que, na verdade, por todas as coisas, exceto lenha e exceto uma vez a cada dois meses, quando se tornavam tão obsessivos quanto uma serra elétrica.

Ele não teve como impedir que fosse levado aos canis nos fundos, vestido do pescoço aos tornozelos numa armadura de couro com chapas de aço e conduzido para o prédio longo e baixo de onde vinham os uivos. A temperatura era terrível,

mas não tão ruim quanto o coquetel de cheiros. Ele cambaleava sem rumo de um curral revestido de metal ao outro, enquanto coisinhas horríveis de olhos vermelhos e corpo em formato de pera guinchavam e eram apresentadas como “Penny da Lua Duquesa Marzipan, que está prenha no momento” e “Névoa da Lua Garrafiada II, que ganhou O Melhor da Raça em Pseudópolis no ano passado”. Jatos de chamas verdes e opacas se agitavam nos joelhos dele.

Muitas das baias tinham distintivos de fitas e certificados pendurados.

– E este aqui, infelizmente, é o Bongaroto Troxa Pedrapena de Quirm – disse lady Ramkin, impiedosa.

Vimes, grogue, olhou por cima da grade chamuscada para o pequeno ser enrolado no chão. Ele estava para o resto deles assim como Nobby estava para os outros seres humanos. Alguma coisa na sua ascendência havia lhe dado um par de sobranceiras que era mais ou menos do mesmo tamanho das suas asas atarracadas, as quais não poderiam nunca sustentá-lo no ar. Sua cabeça não tinha o formato certo, era como a de um tamanduá. Suas narinas pareciam turbinas de um jato. Se algum dia ele conseguisse se transportar pelo ar, elas ofereceriam a resistência de paraquedas duplos.

Ele também dirigia ao capitão Vimes o olhar mais silenciosamente inteligente que já havia visto num animal, incluindo o cabo Nobby.

– Isso acontece – disse lady Ramkin, com tristeza. – É tudo uma questão de genes, sabe.

– E? – perguntou Vimes. De alguma forma, a criatura parecia estar concentrando todo o poder que os seus irmãos gastavam em chamas e barulho no esforço para lançar um olhar que parecia um lança-chamas. Ele acabou se lembrando do quanto queria ter tido um cachorrinho quando era menino. E, veja bem, eles estavam passando fome, qualquer coisa revestida de carne serviria. Ele ouviu a dona dos dragões dizer: – A gente tenta criar uma raça com uma boa chama, escamas grossas, a cor certa e por aí vai. E, vez por outra, tem que aguentar um que seja totalmente desbastado.

O pequeno dragão dirigiu a Vimes um olhar que teria o primeiro lugar garantido num concurso de Dragões que os Juizes Mais Gostariam de Levar para Casa e Usar como Acendedor de Fogão.

“Totalmente desbastado”, Vimes pensou. Ele não tinha certeza do significado preciso da palavra, mas podia arriscar um palpite mais ou menos preciso. Soava como qualquer coisa que sobrasse depois que se extraísse tudo o que tivesse algum valor. “Como a Vigilância”, pensou. “Totalmente desbastados, todos eles. E exatamente como ele. Era a saga da sua vida.” – Assim é a Natureza – disse sua senhoria. – É claro que eu nem sonho em reproduzir a partir dele, mas também não conseguiria mesmo.

– Por que não? – Porque os dragões têm que acasalar no ar, e ele nunca conseguirá voar com essas asas, infelizmente. Seria uma pena perder a

linhagem, é claro. Uma de suas genitoras foi Brenda Rodleys Treebite Escamarreluzente. Você conhece a Brenda? – Er, não.

Lady Ramkin era o tipo de pessoa que achava que todo mundo conhecia todo mundo que ela conhecia.

– Um doce. Bom, de todo jeito, os irmãos dele estão se desenvolvendo muito bem.

“Pobre coitado”, pensou Vimes. Em resumo, assim é a Natureza. Sempre dando as cartas que estão no fundo do baralho. Não é à toa que a chamam de mãe...

– Você disse que tinha algo para me mostrar... – lembrou lady Ramkin. Vimes entregou o pacote a ela sem dizer nada. Ela tirou as luvas grossas e retirou o papel do embrulho.

– Molde de gesso de uma pegada – ela disse, sem esconder a decepção.

– Isso te lembra alguma coisa? – Poderia ser uma ave pernalta.

– Oh. – Vimes ficou desanimado. Lady Ramkin riu.

– Ou um dragão muito grande. Você pegou isso num museu, foi? – Não, peguei na rua hoje de manhã.

– Hã? Alguém está querendo pregar uma peça em você, meu caro.

– Er. Houve, er, uma prova circunstancial. Contou a história. Ela olhou fixamente para ele.

– Draco nobilis – disse, com a voz rouca.

– Perdão?

– Draco nobilis. O dragão nobre. O oposto desses aí... – ela fez um gesto na direção das filas amontoadas de lagartos sibilantes. – Draco vulgaris, um monte deles. Mas os grandes não existem mais, sabe. Isso é realmente um absurdo. Não tem como. Não existem mais. Eram umas coisas lindas. Pesavam toneladas. As maiores criaturas que já se viu voar. Ninguém sabe como eles conseguiam.

Então eles perceberam. Estava tudo muito silencioso.

Pelas fileiras do canil, os dragões estavam em silêncio, com os olhos brilhando e atentos. Olhavam fixamente para o telhado.

Cenoura olhou ao redor. Prateleiras se estendiam em todas as direções. Nas prateleiras, livros. Ele fez uma suposição baseada na observação.

– Esta é a Biblioteca, não é? O bibliotecário continuou segurando a mão do rapaz educadamente, mas com firmeza, e o levou pelo labirinto de corredores.

– Tem um corpo aí? – perguntou Cenoura. Tinha que ter. Pior que assassinato! Um corpo numa biblioteca. Poderia levar a diversas hipóteses. O simio finalmente parou em frente a uma prateleira que não parecia nem um pouco diferente de centenas de outras. Alguns dos livros estavam presos com correntes. Havia um espaço vazio. O bibliotecário apontou para ele.

– Ooook

– Bem, e daí? Um buraco onde deveria haver um livro.

– Ooook

– Um livro foi retirado. Um livro foi retirado? Você convocou a Vigilância – Cenoura corrigiu a postura, orgulhoso – porque alguém retirou um livro? Você acha que isso é pior do que um assassinato?

O bibliotecário dirigiu a ele um olhar que outras pessoas reservariam para alguém que dissesse coisas como: “O que há de tão ruim no genocídio?”.

– Isso é praticamente um delito penal, desperdiçar o tempo da Vigilância. Por que você não vai contar para o chefe dos feiticeiros ou quem quer que seja?

– Ooook

O bibliotecário indicou com gestos surpreendentemente econômicos que alguns feiticeiros não conseguiam sequer localizar o próprio traseiro usando as duas mãos.

– Bom , eu não sei o que podemos fazer a respeito. Como se chama o livro? O bibliotecário coçou a cabeça. Isso ia ser complicado. Encarou Cenoura, juntou as mãos, com as luvas de couro, depois abriu devagar.

– Eu sei que é um livro. Qual é o nome? O bibliotecário suspirou e ergueu a mão.

– Quatro palavras? Primeira palavra – o símio juntou as pontas de dois dedos enrugados. – Uma palavra pequena? Um. A. Par..

– Ooook! – A? A. Segunda palavra... terceira palavra? Palavra pequena. O? A? Um? Par.. De? De. A alguma coisa de alguma coisa. Segunda palavra. O quê? Ah. Primeira sílaba. Pequeno. Palavra muito pequena. Um. Em. O. E. E! Segunda sílaba. Garganta? Voz. Vocal.

O orangotango rosnou e puxou com um gesto teatral a orelha peluda.

– Ah, o som é parecido. Voz? Vocal? Vocacional. Vocação! Juntar as sílabas. Evocação? Evocação. Evocação. A Evocação de Alguma Coisa. Até que é divertido isso! Quarta palavra. Palavra inteira...

Ele observou atentamente enquanto o bibliotecário girava com um ar misterioso.

– Coisa grande. Coisa enorme. Bater asas. Coisa muito grande que salta e bate as asas. Dentes. Bufar. Soprarr. Coisa muito grande que bate as asas e sopra. O suor começou a brotar na testa de Cenoura enquanto tentava obedientemente entender.

– Chupar o dedo. Dedo queimado. Quente. Coisa muito grande e quente que bate as asas e sopra...

O bibliotecário revirou os olhos. *Homo sapiens*. Até parece.

O grande dragão dançava, rodopiava e abria caminho pelos ares sobrevoando a cidade. Tinha a cor do luar que refletia nas escamas. Às vezes mudava a direção de repente e planava numa velocidade ilusória acima dos telhados, pelo simples prazer de existir.

“E está tudo errado”, pensou Vimes. Uma parte dele estava maravilhada com

a beleza da visão, mas havia um pequeno grupo de neurônios insistentes e ambíguos do lado errado das sinapses fazendo pichações nos muros do deslumbramento.

“E um maldito lagarto gigante”, eles zombavam. “Deve pesar toneladas. Nada desse tamanho é capaz de voar, por mais belas que sejam as asas. E não tem nada a ver um lagarto gigante com essas escamas nas costas...” Cento e cinquenta metros acima, uma chama azul e branca fez um estrondo no céu.

“Ele não pode fazer uma coisa dessas! Seus lábios pegariam fogo!” Ao seu lado, lady Ramkin estava parada de boca aberta. Atrás dela, os pequenos dragões enjaulados uivavam e gemiam.

A grande besta deu uma volta no ar e um rasante acima dos telhados. A chama foi lançada mais uma vez. Logo abaixo dela, chamas amarelas se espalharam. Isso tudo foi feito com tanto estilo e discricção que Vimes demorou alguns segundos para perceber que alguns prédios estavam pegando fogo.

– Nossa! – disse lady Ramkin. – Olha! Ele está usando os termais! É para isso que serve o fogo! Ela se virou para Vimes com os olhos vermelhos de desespero.

– Você tem noção de que estamos vendo algo que ninguém via há séculos? – Sim, é um maldito jacaré voador botando fogo na minha cidade! – gritou Vimes.

Ela não estava ouvindo.

– Deve haver uma colônia de procriação em algum lugar. Depois de todo esse tempo! Onde você acha que ele vive? Vimes não sabia. Mas jurou para si mesmo que descobriria e faria algumas perguntas muito sérias a ele.

– Um ovo – murmurou a procriadora. – Se eu pudesse pôr as mãos em um ovo...

Vimes olhou para ela com profundo espanto. Subitamente ficou claro que era muito provável que ele tivesse algum desvio de caráter.

Abaixo deles, mais um prédio explodiu em chamas.

– Essas coisas – começou, falando muito devagar e com cuidado, como se falasse com uma criança – conseguem voar muito longe? – Eles são animais muito territoriais – murmurou sua senhoria. – Diz a lenda que eles...

Vimes percebeu que iria receber mais uma dose de histórias detalhadas sobre dragões.

– Conte-me apenas os fatos, milady – disse, impaciente.

– Não muito longe, na verdade – ela respondeu, levemente surpresa.

– Muito obrigado, a senhora está sendo muito útil – retrucou Vimes, e saiu correndo.

Algum lugar da cidade. Não havia nada do lado de fora, a não ser quilômetros de campo e pântano. Ele tinha que estar morando em algum lugar da cidade.

Suas sandálias batiam nas pedras do pavimento enquanto ele corria estabonado pelas ruas. Algum lugar da cidade! O que era totalmente ridículo, é

claro. Totalmente ridículo e impossível.

Ele não merecia isso. “De todas as cidades no mundo todo para que ele poderia ter voado”, pensou, “ele voou para a minha...” Quando chegou ao rio, o dragão havia desaparecido. Porém, uma cortina de fumaça pairava sobre as ruas, e diversas correntes humanas com baldes haviam se formado para passar pequenas porções de água do rio até os prédios atingidos (*O Grêmio dos Bombeiros havia sido banido pelo patrício no ano anterior, após muitas reclamações. A questão era que, se você assinasse um contrato com o Grêmio, sua casa seria protegida contra incêndios. Infelizmente, o ethos geral de Ankh-Morpork começou a se manifestar rapidamente, e a tendência dos bombeiros era ir à casa de possíveis clientes em grupos, fazendo comentários em voz alta: “Parece muito inflamável, esta aqui” e “Essa provavelmente iria pro alto feito fogos de artifícios com apenas um palito de fósforo derrubado por descuido no chão, se é que você me entende.”*)

O trabalho era dificultado de forma considerável por pessoas que saíam correndo para as ruas carregando suas posses. A maior parte da cidade era feita de madeira e palha, e os moradores não queriam correr riscos. Na verdade, era surpreendente, mas o risco era pequeno. Era um mistério, se você parasse para pensar.

Vimes passara a carregar secretamente um caderno durante esses dias, e registrou os estragos como se o mero ato de anotar as coisas fizesse do mundo, de alguma forma, um lugar mais fácil de entender.

Hitem 1: Ua Cocheira (pertencente a um comerciante inofensivo, que acabara de ver a carruagem nova pegar fogo).

Hitem 2: Ua pequena mercearia de verduras e legumes (com precisão apurada).

Vimes ficou pensando naquilo. Ele havia comprado maçãs ali uma vez, e não parecia haver nada que pudesse ofender um dragão.

“Ainda assim, foi muito bem pensado da parte do dragão”, ele pensou, enquanto seguia para a sede da Vigilância. “Se você pensar em todos os depósitos de madeira, montes de feno, telhados de sapé e estoques de querosene que poderia ter atingido por acaso, ele realmente conseguiu assustar todo mundo sem prejudicar seriamente a cidade.” Os primeiros raios de sol penetravam as cortinas de fumaça quando ele empurrou a porta. Ali era o seu lar. Não o quartinho quase vazio acima da loja de velas no beco de Wixon, onde ele dormia, mas este desagradável quarto marrom que cheirava a chaminé suja, a cachimbo do sargento Colon, a problemas pessoais misteriosos de Nobby e, ultimamente, à cera com que Cenoura lustrava a armadura. Era quase um lar.

Não havia ninguém ali. Ele não ficou muito surpreso. Subiu para o escritório e se recostou na cadeira, cuja almofada seria jogada para fora do cesto por um cachorro enojado, puxou o capacete para cima dos olhos e tentou pensar. Sua



correria não tinha adiantado nada. O dragão havia desaparecido no meio da fumaça e da confusão, tão de repente quanto surgira. Precisava armar sua correria de uma forma que o surpreendesse. O importante era descobrir para onde correr...

Estava certo antes. Ave pernalta! Mas por onde se começava a procurar um maldito dragão numa cidade com um milhão de pessoas?: Ele tinha consciência de que a sua mão direita, de forma totalmente involuntária, tinha aberto a gaveta de baixo, e três dedos, agindo sob ordens expressas da parte posterior do cérebro, haviam puxado uma garrafa. Era o tipo de garrafa que se esvaziava sozinha. A razão lhe dizia que às vezes ele tinha que abrir uma, romper o lacre, ver o líquido amarelo-âmbar reluzindo até o gargalo. Mas não conseguia se lembrar da sensação. É como se as garrafas já chegassem com apenas um terço do conteúdo...

Começou pelo rótulo. Parecia ser o Uísque Sangue de Dragão Envelhecido e Selecionado de Jimkin Abraçaurso. Barato e poderoso, era possível acender fogueiras e limpar colheres com ele. Não era preciso beber muito para ficar bêbado, o que não fazia diferença.

Foi Nobby quem o acordou com a notícia de que havia um dragão na cidade e de que o sargento Colon tinha feito algo vergonhoso. Vimes se sentou e piscou feito uma coruja enquanto as palavras caíam sobre ele. A experiência de ter um lagarto que cospe fogo olhando com interesse para as suas regiões inferiores a poucos metros de distância parecia perturbar até o sujeito mais equilibrado. Uma experiência como aquela poderia deixar marcas numa pessoa por um bom tempo.

Vimes ainda estava digerindo isso quando Cenoura chegou com o bibliotecário se balançando atrás dele.

– Vocês viram? Vocês viram? – ele perguntou.

– Todos nós vimos – disse Vimes.

– Estou sabendo de tudo! – disse Cenoura, triunfante. – Alguém o trouxe para cá por meio da magia. Alguém roubou um livro da Biblioteca, e adivinhe qual é o título? – Não sei nem por onde começar – respondeu Vimes, sem forças.

– O título é A Evocação de Dragões! – Oook – confirmou o bibliotecário.

– Oh? Sobre o que é o livro? – perguntou Vimes. O bibliotecário revirou os olhos.

– É sobre como evocar dragões. Pela magia! – Oook

– E isso é ilegal, aí está! – disse Cenoura, feliz. – Soltura de Criaturas Ferozes na Rua, em desacordo com Os Animais Selvagens (Estatuto...) Vimes soltou um suspiro profundo. Isso significava que havia feiticeiros envolvidos. E feiticeiros sempre representam problemas.

– Eu suponho então – ele disse – que não existe outra cópia desse livro por aí.

– Oook – o bibliotecário balançou a cabeça querendo dizer que não.

– E você não saberia, por acaso, o que estava escrito nele? – Vimes suspirou.  
– O quê? Ah. Quatro palavras – disse, cansado. – Primeira palavra. O som é parecido. Laranja. Gomo? Domo, pomo, como... Como. Segunda palavra. Primeira sílaba. Mais, com, e... E... Ah, entendi, mas eu quis dizer com algum detalhe. Não. Está bem.

– O que vamos fazer agora, capitão? – perguntou Cenoura, ansioso.

– Ele está lá – entouou Nobby. – Lançado ao chão, como durante as horas em que raia o dia. Aconchegado em sua toca secreta, no alto de um grande monte de ouro, sonhando antigos sonhos reptilianos de um tempo muitantigo, à espera do manto secreto da noite, quando mais uma vez partirá com ímpeto... – Ele hesitou, e acrescentou emburrado: – Por que estão todos me olhando desse jeito? – Muito poético – disse Cenoura.

– Bom, todo mundo sabe que os dragões antigos dormiam sobre uma reserva de ouro. Mito popular bastante conhecido.

Vimes olhava para o futuro próximo com uma expressão vazia. Por mais desprezível que Nobby fosse, era uma boa indicação do que se passava pela mente do cidadão comum. Poderia ser usado como uma espécie de rato de laboratório para prever o que aconteceria em seguida.

– Imagino que você estaria muito interessado em descobrir onde está essa reserva, não é? – perguntou Vimes, de modo experimental.

Nobby pareceu ainda mais dissimulado do que de costume.

– Bem, capi, eu estava pensando em dar uma olhadinha por aí. Sabe como é. Quando estiver de folga, é claro – acrescentou, num tom responsável.

– Ai, meu Deus...

Vimes ergueu a garrafa vazia e, com muito cuidado, colocou-a de volta na gaveta.

Os Irmãos Esclarecidos estavam nervosos. Uma espécie de medo passava de irmão a irmão. Era o temor de quem, após ter experimentado com alegria a colocação da pólvora e da bala, descobriu que puxar o gatilho causava um barulho desgraçado e que em breve alguém chegaria para ver quem estava fazendo o barulho.

Mas o Grande Mestre Supremo sabia que eles estavam sob seu controle. Tanto os mansos quanto os rebeldes. Como não fariam nada muito pior do que o que tinham feito, eles poderiam até ir em frente, acabar com o mundo e fingir que era isso o que queriam o tempo todo. Ah, que alegria...

Apenas o Irmão Emboçador estava realmente feliz.

– Que isso sirva de lição para todos os quitandeiros opressores – continuava dizendo.

– Sim, er – concordou o Irmão Porteiro. – Só que o negócio é o seguinte: não existe nenhuma chance de evocarmos o dragão aqui por acidente, certo? – Eu... quer dizer, nós... temos tudo perfeitamente sob controle – disse o Grande Mestre

Supremo, com uma voz suave. – O poder é nosso. Posso lhe garantir.

Os Irmãos se animaram um pouquinho.

– E agora – o Grande Mestre Supremo prosseguiu – tem a questão do rei. Os Irmãos assumiram um ar solene, com exceção do Irmão Emboçador.

– Nós já o encontramos, então? Isso foi um golpe de sorte.

– Você não ouviu mesmo, hein? – soltou o Irmão Torre de Vigia. – Foi tudo explicado na semana passada, não se sai por aí encontrando ninguém. Nós fazemos um rei.

– Eu achava que ele tinha que surgir. Por causa do destino. O Irmão Torre de Vigia deu um risinho irônico.

– A gente meio que dá uma mãozinha pro Destino.

O Grande Mestre Supremo sorriu nas profundezas de seu manto. Era incrível lidar com o misticismo. Você conta uma mentira e não é preciso fazer mais nada, você conta outra mentira e diz que estão progredindo no caminho da sabedoria. Então, em vez de rir, eles acreditam ainda mais, com esperança de encontrar a verdade no meio de tanta mentira. E, pouco a pouco, passam a aceitar o inaceitável. Incrível.

– Puxa vida, que ideia inteligente – disse o Irmão Porteiro. – Como é que se faz isso, então? – Olha, o Grande Mestre Supremo disse que, se encontrarmos um rapaz bonito que seja bom em obedecer ordens, ele mata o dragão, e aí tudo dá certo. Simples. Muito mais inteligente do que esperar por um assim chamado rei de verdade.

– Mas... – O Irmão Emboçador parecia estar mergulhado em suas atividades cerebrais -, se nós controlamos o dragão, e realmente controlamos o dragão, certo? Então não precisamos que ninguém o mate, é só parar de evocá-lo, e todo mundo vai ficar feliz, certo? – Ah, é – rebateu o Irmão Torre de Vigia, num tom malcriado –, está até dando pra ver. A gente simplesmente chega e diz “Olha, não vamos mais pôr fogo nas suas casas, nós somos legais”, não é? O grande lance do rei é que ele vai ser um, uma espécie de...

– Símbolo inegavelmente poderoso e romântico da autoridade absoluta – completou o Grande Mestre Supremo.

– É isso aí – concordou o Irmão Torre de Vigia. – Uma autoridade poderosa.

– Ah, entendi – disse o Irmão Emboçador. – Certo. Tudo bem. É isso o que o rei vai ser.

– É isso aí – reiterou o Irmão Torre de Vigia.

– Ninguém vai discutir com uma autoridade poderosa, vai? – Exatamente.

– Seria um golpe de sorte, então, encontrar o rei de verdade agora – disse o Irmão Emboçador. – Uma chance em um milhão, na verdade.

– Não encontraremos o rei certo. Não precisamos do rei certo – explicou o Grande Mestre Supremo, sem forças. – Pela última vez! Acabei de encontrar um rapaz apropriado, que fica bem de coroa, sabe obedecer a ordens e florescer as

palavras. Agora, ouçam, por favor...

“Florear, é claro, era importante. Não tinha muito a ver com governar. Empunhar a espada”, considerou o Grande Mestre Supremo, “era simplesmente o trabalho sujo da cirurgia dinástica. Era apenas uma questão de espetar e cortar. Enquanto o rei tinha que florear. Tinha que captar a luz no ângulo certo, sem deixar dúvidas aos espectadores de que lá estava o escolhido pelo Destino”. Ele havia levado muito tempo para preparar a espada e o escudo. Tinha sido muito caro. O escudo brilhava como um dólar no fundo de um poço, mas a espada, a espada era magnífica...

Ela era longa e brilhante. Parecia com algo que um gênio da metalurgia – um desses caras zen que trabalham apenas à luz do alvorecer e conseguem bater em três camadas de placas de aço dobradas até formar algo com o gume de um bisturi e o poder de um rinoceronte tarado numa viagem ruim de ácido – tivesse feito e depois se aposentado com lágrimas nos olhos porque nunca, nunca mais conseguiria fazer nada tão bom. Havia tantas joias no cabo da espada que ela tinha que ficar numa bainha de veludo e era preciso olhar para ela através de um vidro escurecido. Só a ação de tocá-la já fazia de alguém praticamente um rei. Quanto ao rapaz... era um primo distante, entusiástico e vaidoso, e burro de modo tolerável para um aristocrata. No momento, era vigiado numa fazenda distante, com um estoque adequado de bebidas e algumas jovens, embora o rapaz parecesse mais interessado em espelhos. “Provavelmente daria um bom herói”, pensou o Grande Mestre Supremo, sem muita paciência.

– Imagino – disse o Irmão Torre de Vigia – que ele não seja o verdadeiro herdeiro do trono.

– Como assim? – Bom, sabe como é. O Destino prega algumas peças. Ha, ha. Seria motivo de riso, não seria, se no final se descobrisse que esse rapaz é o rei de verdade. Depois de todo esse trabalho...

– Não existe mais nenhum rei de verdade! – gritou o Grande Mestre Supremo. – O que você imagina? Pessoas que vagam pela floresta há centenas e centenas de anos, passando com paciência uma espada e uma marca de nascença? Alguma espécie de magia?

– Ele disse a palavra cusindo. Havia feito uso da magia como meio para chegar a um fim, o fim justifica os meios e assim por diante, mas ficar acreditando que ela tivesse alguma espécie de força moral, como a lógica, davalhe arrepios. – Por Deus, homem, seja lógico! Seja racional. Mesmo se alguém da antiga família real tivesse sobrevivido, a linhagem sanguínea estaria tão rala a esta altura que deve haver milhares de pessoas reivindicando o direito ao trono. Até...

– ele tentou pensar no pretendente menos provável – até alguém como o Irmão Dunnykin. – Ele olhou para os Irmãos reunidos. – Não estou vendo ele aqui, aliás.

– Engraçado isso – disse o Irmão Torre de Vigia, pensativo. -Não ficou sabendo? – Do quê? – Ele foi mordido por um crocodilo quando estava indo para casa ontem à noite. Pobre infeliz.

– O quê? – Uma chance em um milhão. A fera escapou de alguma coleção particular de animais selvagens, ou algo assim, e estava deitada no quintal do Irmão Dunnykin. Ele foi procurar a chave da porta debaixo do tapete e o crocodilo o pegou perto dos funes. (*Uma espécie de gerânio.*)

– O Irmão Torre de Vigia tateou por baixo do manto e exibiu um envelope marrom e sujo.

– Nós estamos fazendo uma vaquinha para comprar umas uvas e coisas assim pra ele. Não sei se você gostaria de, er...

– Coloque aí 3 dólares meus – disse o Grande Mestre Supremo. O Irmão Torre de Vigia concordou com a cabeça.

– Engraçado, já tinha colocado.

“Só mais algumas noites”, pensou o Grande Mestre Supremo. “Amanhã as pessoas estarão tão desesperadas que vão coroar até um troll pernetá se ele der um fim ao dragão. E nós teremos um rei, e ele terá um conselheiro, um homem de confiança, é claro, e essa plebe vai poder voltar para a sarjeta. E chega de se fantasiar e chega de rituais.” “Chega de evocar dragões.” “Eu posso parar”, pensou. “Eu posso parar na hora que quiser.” As ruas nas proximidades do palácio do patricio estavam tomadas por uma multidão. Havia uma atmosfera enlouquecida de carnaval. Vimes passou um olhar experiente pelo agrupamento diante dele. Era a Ankh-Morpork habitual dos momentos de crise: metade das pessoas estava ali para reclamar, um quarto delas estava ali para ver a outra metade, e o resto estava ali para roubar, importunar ou vender salsichões para as outras. Mas havia alguns rostos novos. Havia alguns homens de aparência austera com grandes espadas penduradas no ombro e chicotes amarrados no cinto caminhando no meio da multidão.

– As notícias se espalham rápido, não? – uma voz conhecida comentou ao seu ouvido. – Bom dia, capitão.

Vimes olhou para o rosto sorridente e cadavérico de Dibbler Cava-aprópria-Cova, fornecedor de absolutamente qualquer coisa que pudesse ser vendida às pressas com uma mala aberta numa rua movimentada que ele sempre garantia ter caído da traseira de um carro de boi.

– Bom dia, Cova – disse Vimes distraído. – O que você está vendendo? – Artigo genuíno, capitão. – Cava-a-própria-Cova se aproximou ainda mais. Era o tipo de pessoa que conseguia fazer um “bom dia” soar como uma oferta imperdível feita apenas uma vez na vida. Seus olhos giravam de um lado para o outro nas órbitas, como dois roedores tentando encontrar a saída. – Não dá pra ficar sem – sussurrou. – Creme antidragão. Garantia pessoal: se você for incinerado, pode pegar o dinheiro de volta, sem mesquinhasias.

– Você está dizendo, se é que estou entendendo corretamente a colocação, que, se eu for assado vivo por um dragão, receberei o meu dinheiro de volta? – Se o requerimento for feito pessoalmente – observou Cava-a-própria-Cova. Ele abriu a tampa de um pote com um unguento verde brilhante e o colocou embaixo do nariz de Vimes.

– Feito com mais de cinquenta ervas e condimentos raros, a partir de uma receita conhecida apenas por um grupo de monges antigos que vivem em alguma montanha em algum lugar. Um dólar o pote, e eu estou cavando a minha própria cova. É praticamente uma prestação de serviço para a comunidade – acrescentou, num tom caridoso.

– A gente tem que tirar o chapéu pra esses monges antigos por conseguirem fazer isso tão rápido.

– Velhos malandros – concordou Cava-a-própria-Cova. Deve ser a meditação e o iogurte de manteiga.

– Então, o que está acontecendo, Cova? Quem são os caras com as espadas grandes? – Caçadores de dragões, capitão. O patricio anunciou uma recompensa de 50 mil dólares para qualquer um que levasse a cabeça do dragão pra ele. Desde que não esteja presa ao dragão. O homem não é bobo.

– O quê? – Foi o que ele disse. Está tudo escrito nos cartazes.

– Cinquenta mil dólares! – Nada mal, hein? – O dragão ficaria orgulhoso – disse Vimes. Essas palavras ainda causariam problemas, não as esqueça. – Fico surpreso por você não ter pego uma espada e se juntado a eles.

– Eu estou mais no que você poderia chamar de setor de serviços, capitão. Cova olhou para os dois lados com um ar conspiratório e passou um pedaço de pergaminho para Vimes. Estava escrito:

Escudos espelhados antidragão A\$ 500

Detector de tocas portátil A\$ 250

Flechas que perfuram dragões A\$ 100 cada

Pás A\$ 5

Picaretas A\$ 5

Saco A\$ 1

Vimes devolveu o papel.

– Para que os sacos?

– Para a reserva.

– Ah, sim – disse Vimes, desanimado. – É claro.

– Negócio é o seguinte, negócio é o seguinte: para os nossos rapazes de marrom, 10% de desconto.

– E você está cavando a própria cova, Cova? – Quinze por cento para oficiais! – insistiu Cova, enquanto Vimes se afastava. O motivo do leve pânico na sua voz logo ficou claro. Ele tinha muita concorrência.

O povo de Ankh-Morpork não era heroico por natureza, mas em

compensação era vendedor por natureza. No espaço de alguns metros, Vimes poderia ter comprado uma quantidade enorme de armas mágicas com Certificado de Oltenticidade genuíno com todo mundo, uma capa de invisibilidade – “boa sacada”, pensou, “e ficou muito impressionado com o vendedor, que usava um espelho sem vidro” – e, para descontraír, biscoitos de dragões, balões e cataventos. Pulseiras de cobre que garantiam a libertação em caso de ataques de dragões também eram uma boa ideia.

Parecia haver tantas pás e sacos quanto espadas.

O ouro, era isso. Reserva. Haha! Cinquenta mil dólares! Um oficial da vigilância recebia trinta dólares por mês e tinha que pagar para desamassar a própria carroceria.

O que ele não poderia fazer com 50 mil dólares...

Vimes pensou nisso por algum tempo e depois pensou nas coisas que ele próprio poderia fazer com 50 mil dólares. Havia muito mais exemplos do segundo, para começar.

Ele quase foi até um grupo de homens que estava perto de um cartaz preso no muro. Dizia que, realmente, a cabeça do dragão que aterrorizava a cidade valeria A\$50.000 para o herói corajoso que a levasse até o palácio. Um dos homens, que, pelo tamanho, armamentos e maneira como passava o dedo lentamente sob as letras, Vimes percebeu ser o líder dos heróis, estava lendo para os outros.

– ...a-te o pa-la-qui-o – concluiu.

– Cinquenta mil – disse um deles, pensativo, coçando o queixo.

– Trabalho barato – observou o intelectual. – Bem abaixo do padrão. Deveria ser metade do reino e a mão da filha dele em casamento.

– Mas ele não é rei. É um patricio.

– Bom, metade do Patrimônio dele ou algo que o valha. Como é a filha dele? Os caçadores reunidos não sabiam.

– Ele não é casado – Vimes entrou na conversa. – E não tem filha. Eles se viraram e olharam-no de cima a baixo. Vimes pôde ver o desprezo nos olhos dos homens. Provavelmente se deparavam com dúzias de pessoas como ele todos os dias.

– Num tem filha? Quer que as pessoas matem dragões e num tem filha? Vimes se sentiu, de uma forma estranha, no dever de apoiar o senhor da cidade.

– Ele tem um cachorrinho pelo qual tem muito carinho -disse, prestativo.

– Nojento maldito, nem pra ter uma filha – disse um dos caçadores. – E o que é 50 mil dólares hoje em dia? Você acaba gastando tudo em redes.

– Certo – concordou outro. – As pessoas acham que é uma fortuna, mas não contam com, bom, isso não dá direito a aposentadoria, tem os gastos médicos, você tem que manter o próprio equipamento...

–... tem a desvalorização das virgens... – reforçou um caçador gordinho.

– É, e depois tem o... quê? – Minha especialidade é unicórnio – explicou o caçador, com um sorriso sem graça.

– Ah, sim. – O primeiro homem tinha um jeito de quem morria de vontade, havia muito tempo, de fazer esta pergunta. -Eu achava que isso fosse muito raro hoje em dia.

– Você tem razão. Também não se vê muitos unicórnios -disse o caçador de unicórnios. Vimes teve a sensação de que aquela era a única piada que ele havia feito a vida inteira.

– É. Bom, as coisas não estão fáceis – respondeu o primeiro homem, rapidamente.

– Os monstros estão ficando mais convencidos também -disse outro. – Eu ouvi falarem que um cara matou um monstro num lago e deixou o braço dele pendurado acima da porta...

– Pour encouray lays ortras (*Versão Discworld da frase em francês “Pour encourager les autres”, que significa para encorajar os outros*) – disse um dos ouvintes.

– Certo, e quer saber de uma coisa? A mãe dele veio reclamar. A mãe dele veio mesmo até o refeitório no dia seguinte e reclamou. Reclamou mesmo. Esse é o respeito que você consegue.

– As fêmeas são sempre as piores – disse outro caçador, desanimado. – Eu conheci uma medusa vesga uma vez, nossa, era um horror. Ficava transformando o próprio nariz em pedra.

– É o nosso traseiro que fica na reta, sempre – continuou o intelectual. – Quer dizer, eu queria ter recebido 1 dólar por cada cavalo que foi devorado debaixo de mim.

– Certo. Cinquenta mil dólares? Ele pode enfiar onde quiser. -É.

– Certo. Mão-de-vaca.

– Vamos beber.

– Certo.

Eles saíram balançando a cabeça, concordando com as justificativas uns dos outros, e seguiram na direção do Barril Emendado, com exceção do intelectual, que se separou do grupo discretamente e foi até Vimes com uma expressão de inquietação.

– Que tipo de cachorro? – O quê? – Eu disse: que tipo de cachorro? – Um terrier pelo-de-aramé pequeno, acho.

O caçador pensou nisso durante algum tempo.

– Deixa pra lá – disse por fim, e saiu correndo atrás dos outros.

– Ele tem uma tia em Pseudópolis, eu acho – Vimes gritou. Não houve resposta. O capitão da Vigilância deu de ombros e seguiu seu caminho no meio da multidão até o palácio do patricio...

... onde o patricio estava no meio de um almoço conturbado.



– Senhores! – gritou. – Eu realmente não sei o que mais pode ser feito! Os líderes cívicos resmungaram entre eles.

– Em momentos como este, a tradição é que um herói se apresente – disse o Presidente do Grêmio dos Assassinos. – Um matador de dragões. Onde está ele, é o que eu quero saber. Por que as nossas escolas não estão produzindo jovens com o tipo de habilidade de que a sociedade precisa? – Cinquenta mil dólares não parece muito – observou o Presidente do Conselho do Grêmio dos Ladrões.

– Pode não ser muito para o senhor, meu caro, mas é tudo o que a cidade tem condições de oferecer – respondeu o patricio, com firmeza.

– Se ela não tem condições de oferecer mais do que isso, acho que a cidade não existirá por muito tempo.

– E o comércio? – perguntou o representante do Grêmio dos Mercadores. As pessoas não virão até aqui de navio com uma carga de alimentos raros para que sejam incinerados, virão? – Senhores! Senhores! – o patricio ergueu as mãos num gesto conciliatório.

– Parece-me – continuou, aproveitando a pausa breve – que o que temos aqui é um fenômeno estritamente mágico. Eu gostaria de ouvir o nosso amigo erudito. Humm? Alguém cutucou o arquichanceler da Universidade Invisível, que estava cochilando.

– Ahn? Quê? – assustou-se o feitiçeiro, subitamente desperto.

– Nós estávamos nos perguntando – repetiu o patricio em alto e bom som – o que você pretende fazer com esse seu dragão? O arquichanceler era velho, mas uma vida inteira de sobrevivência no mundo competitivo da feitiçaria e da política bizantina da Universidade Invisível significava que ele sabia rebater um argumento em frações de segundo. Não se permanecia arquichanceler por muito tempo deixando esse tipo de comentário inocente passar batido pelo seu ouvido.

– Meu dragão? – É fato muito conhecido que os grandes dragões estão extintos – disse o patricio, bruscamente. – E, além disso, seu habitat natural era, sem dúvida, rural. Então, parece-me que este deve ser mágico...

– Com todo o respeito, lorde Vetinari – começou o arquichanceler -, sempre se afirmou que os dragões estavam extintos, mas a presente evidência, se é que posso tomar a liberdade de dizê-lo, tende a lançar certa dúvida sobre a teoria. Quanto ao habitat, o que estamos vendo é uma simples mudança no padrão de comportamento, ocasionada pela expansão das áreas urbanas para o interior, o que levou muitas criaturas até então rurais a se adaptarem a, e em muitos casos até mesmo adotarem de forma positiva, um modo de existência mais cidadão, e muitas delas são bem-sucedidas nas novas oportunidades que lhes são dadas dessa forma. Por exemplo, as raposas sempre conseguem roubar as minhas latas de lixo.

Ele sorriu. Conseguiu completar todo o raciocínio sem precisar fazer uso do cérebro.

– Você está dizendo que o que temos aqui é o primeiro dragão urbano! – perguntou o assassino? – Assim é a evolução – respondeu o feiticeiro, feliz. – E ele deve se dar bem. Diversos locais para fazer ninho e uma provisão de alimentos mais do que adequada.

Essa afirmação foi recebida pelo silêncio, até que o mercador disse: – O que exatamente eles comem? O ladrão deu de ombros.

– Parece que eu me lembro de histórias com virgens acorrentadas a pedras enormes – sugeriu.

– Então ele vai morrer de fome por aqui – disse o assassino. – Nós estamos devendo.

– Eles costumavam sair dando voos de rapina – observou o ladrão. – Não sei se isso esclarece alguma coisa...

– Bom, de qualquer jeito – disse o líder dos mercadores -, o problema parece ser seu mais uma vez, milorde.

Cinco minutos depois, o patricio estava percorrendo todo o Salão Oblongo a passos largos, enfurecido.

– Eles estavam rindo de mim, dava para perceber! – O senhor sugeriu um grupo de trabalho? – perguntou Wonse.

– É claro que sugeri! Não resolveu o assunto desta vez! Quer saber, estou bastante inclinado a aumentar o valor da recompensa.

– Acho que isso não iria funcionar, milorde. Qualquer matador de monstros competente sabe o valor do seu trabalho.

– A-ha! Metade do reino – murmurou o patricio.

– E a mão da sua filha em casamento – disse Wonse.

– Imagino que uma tia seja aceitável... – disse o patricio, esperançoso.

– A tradição exige uma filha, milorde.

O patricio concordou com tristeza.

– E se nós o subornássemos – ele disse, alto. – Os dragões são inteligentes? – Acredito que tradicionalmente a palavra usada seja “astuto”, milorde. Creio que eles tenham uma queda por ouro.

– Sério? E com que eles gastam? – Eles dormem nele, milorde.

– Colocam no colchão? – Não, milorde. Eles dormem sobre ele.

O patricio analisou essa informação.

– Não se incomoda com as protuberâncias? – Eu imagino que sim, senhor. Mas acho que ninguém nunca perguntou isso a eles.

– Humm. Eles sabem falar? – Parece que são bons nisso, milorde.

– Ah. Interessante.

O patricio estava pensando: “se ele puder falar, ele pode negociar. Se ele puder negociar, vou mantê-lo sob rédeas... sob escamas curtas, ou o que ele tiver”.

– E dizem que a língua deles é de prata – disse Wonse. O patricio se recostou

na cadeira.

– Só prata? Houve um som de vozes caladas na antessala, e Vimes foi conduzido para dentro, – Ah, capitão, algum progresso? – Perdão, milorde? – perguntou Vimes, enquanto a chuva pingava da sua capa.

– Em relação à apreensão do dragão – disse o patricio, com firmeza.

– A ave pernalta.

– Você sabe muito bem do que estou falando.

– As investigações estão sob controle – disse Vimes, num tom automático. O patricio bufou.

– Tudo o que vocês têm que fazer é encontrar a toca. Quando você encontrar a toca, vai encontrar o dragão. Isso é óbvio. Metade da cidade parece estar procurando.

– Se é que existe uma toca. Wonse olhou rápido para ele.

– Por que você diz isso? – Estamos considerando diversas possibilidades – respondeu Vimes, um pouco tímido.

– Se ele não tem toca, onde passa o tempo? – Estamos tentando obter informações.

– Então tente com vontade. E encontre a toca – disse o patricio, irritado.

– Sim, senhor. Tenho permissão para sair, senhor? – Muito bem. Mas eu esperarei progressos até a noite, entendeu? “Por que eu questioneei se ele tem uma toca?”, pensou Vimes, enquanto saía para a luz do dia e para a praça lotada. “Porque ele não parecia real, por isso. Se ele não for real, não precisa fazer nenhuma das coisas que esperamos. Como ele pode sair andando de um beco no qual não entrou?” “Uma vez que se descarte o impossível, qualquer coisa que sobrar, por mais improvável que seja, deve ser a verdade. O problema está em descobrir o que é impossível, é claro. Esse é o truque, é verdade.” “Houve também o curioso incidente do orangotango à noite...” Durante o dia, a Biblioteca ficava agitada em seu funcionamento normal. Vimes movia-se com desconfiança dentro dela. Estritamente falando, poderia ir a qualquer lugar da cidade, mas a Universidade sempre era considerada pertencente à lei taumatúrgica, e ele achava que não seria uma boa ideia fazer inimigos contra os quais você precisaria de muita sorte para permanecer com a mesma temperatura, quanto mais com a mesma forma.

Ele encontrou o bibliotecário debruçado na escrivaninha. O macaco ergueu a cabeça com um olhar esperançoso.

– Ainda não encontramos. Desculpe. As investigações prosseguem. Mas você pode me dar uma pequena ajuda.

– Ooook – Bom, esta é uma biblioteca mágica, certo? Quer dizer, esses livros são meio que inteligentes, não é assim? Então eu tenho pensado: aposto que, se eu entrasse aqui à noite, eles logo fariam um escarcéu. Porque eles não me conhecem. Mas, se eles me conhecessem, provavelmente não se importariam.

Então, quem quer que tenha pegado o livro teria que ser um feiticeiro, não é? Ou pelo menos alguém que trabalhe para a Universidade.

O bibliotecário olhou de um lado para o outro, depois pegou a mão de Vimes e o levou até o isolamento de algumas estantes de livros. Só então balançou a cabeça afirmativamente.

– Foi alguém que eles conhecem? Ele encolheu os ombros e balançou a cabeça mais uma vez.

– Por isso você foi nos contar, não é? – Ooook

– E não para o Conselho Universitário.

– Ooook

– Alguma ideia de quem seja? O bibliotecário encolheu os ombros, um gesto extremamente expressivo para um corpo que consistia basicamente de um saco entre um par de omoplatas.

– Bom, já é alguma coisa. Avise-me se acontecer mais alguma coisa estranha, está bem? – Vimes olhou para as muralhas de prateleiras.

– Quer dizer, mais estranha que o habitual.

– Ooook

– Obrigado. É um prazer conhecer um cidadão que considera um dever seu o auxílio à Vigilância.

O bibliotecário lhe deu uma banana.

Vimes se sentiu curiosamente orgulhoso quando voltou a pisar nas ruas movimentadas da cidade. Ele, com certeza, estava detectando as coisas. Eram pequenos pedaços das coisas, como um quebra-cabeça. Nenhum deles fazia sentido algum, realmente, mas todos faziam alusão a uma imagem maior. Tudo o que precisava fazer agora era encontrar um canto, ou um pedaço da borda... Ele tinha certeza de que não se tratava de um feiticeiro, por mais que o bibliotecário pudesse pensar assim. Não um feiticeiro típico, engajado. Esse tipo de coisa não fazia parte do estilo deles.

E tinha, é claro, a questão da toca. A atitude mais sensata seria esperar, ver se o dragão aparecia à noite e tentar ver onde. Isso significava um lugar alto. Havia alguma maneira de detectar os dragões? Ele tinha visto o detector de dragões de Dibbler Cava-a-própria-Cova que consistia apenas de um pedaço de madeira numa barra de metal. Quando a barra queimava, era porque você tinha encontrado o dragão. Assim como vários aparelhos de Cava-a-própria-Cova, era completamente eficiente ao seu próprio modo e totalmente inútil ao mesmo tempo.

Tinha que haver uma forma de encontrar algo que fosse melhor do que esperar até queimar os dedos.

O sol se pôs, espalhando-se no horizonte como um ovo levemente mole. Dos telhados de Ankh-Morpork, mesmo em tempos menos conturbados, brotava uma bela variedade de gárgulas, mas agora eles estavam repletos de uma variedade

de rostos medonhos, jamais vistos – a não ser numa xilogravura sobre os males do consumo de gim entre os não compradores de xilogravuras. Muitos dos rostos estavam presos a corpos que traziam uma variedade de armas caseiras assustadoras que haviam sido passadas de geração em geração durante séculos, geralmente por algum motivo.

Deste poleiro no telhado da Sede da Vigilância, Vimes podia ver os feiticeiros formando filas nos telhados da Universidade e as gangues de oportunistas atrás da reserva de ouro sobre as quais os dragões dormiam aguardando nas ruas, com as pás na mão. Se o dragão realmente tivesse uma cama em algum lugar da cidade, no dia seguinte iria dormir no chão. De algum lugar abaixo, ouviu-se o grito de Dibbler Cava-a-própria-Cova, ou de um de seus colegas de profissão, vendendo salsichões. Vimes teve uma sensação repentina de orgulho cívico. Devia haver alguma coisa na coletividade dos cidadãos que, diante de uma catástrofe, fazia nascer a necessidade de vender salsichas para os participantes.

A cidade esperava. Algumas estrelas surgiram.

Colon, Nobby e Cenoura também estavam no telhado. Colon estava de mau humor porque Vimes o havia proibido de usar o seu arco-e-flecha. Essas armas não eram bem vistas na cidade, uma vez que a flecha lançada de um arco longo de cima de um telhado poderia atravessar um transeunte inocente a 100 metros distância do transeunte inocente que era o alvo principal.

– Está certo – disse Cenoura. – Armas Projéteis, Segurança Urbana, Lei 1634.

– Não fique citando todas essas coisas – interrompeu Colon, de repente. – Não temos mais nenhuma dessas leis! Isso é tudo coisa velha! Hoje é tudo aquele negócio. Pragmático! – Lei ou não – disse Vimes, – eu estou pedindo para guardar isso.

– Mas, capitão, eu era um perito no arco-e-flecha! – protestou Colon. – Além do mais – acrescentou, num tom impertinente -, um monte de gente está usando.

Isso era bem verdade. Os telhados vizinhos estavam eriçados feito porcos-espinhos. Se o infeliz aparecesse, ia pensar que estava voando sobre uma madeira sólida com fendas. Quase dava para sentir pena dele.

– Eu disse para guardar. Não vou admitir que meus guardas atirem em cidadãos. Então, guarde.

– Isso é bem verdade – concordou Cenoura. – Estamos aqui para proteger e servir, não estamos, capitão? Vimes encarou-o com um olhar ambíguo.

– Ahn? Sim. É. É isso mesmo.

No telhado de sua casa na montanha, lady Ramkin ajeitou uma cadeira dobrável e bastante inadequada para um telhado, acertou o telescópio, a garrafa de café e os sanduíches no parapeito à sua frente e se preparou para esperar. Ela tinha um caderno no colo.

Meia hora se passou. Chuvas de flechas saudaram uma nuvem passageira,

alguns morcegos infelizes e a lua nascendo no horizonte.

– Pra mim chega desse jogo – disse Nobby, finalmente.

– Ele está assustado.

O sargento Colon baixou sua lança.

– Parece que sim – admitiu.

– E está ficando frio aqui em cima – observou Cenoura. Ele cutucou com educação o capitão Vimes, que estava apoiado na chaminé, olhando melancólico para o espaço.

– Talvez devêssemos descer, senhor. Muita gente já está descendo.

– Humm? – disse Vimes, sem mexer a cabeça.

– Pode ser que chova também.

Vimes não disse nada. Durante alguns minutos, observou a Torre da Arte, que era o centro da Universidade Invisível e famosa por ser o prédio mais antigo da cidade. Com certeza, era o mais alto. O tempo, as condições climáticas e as reformas haviam conferido a ela uma aparência nodosa, como a de uma árvore que já passou por muitas tempestades.

Ele estava tentando se lembrar de sua forma original. Como acontece com muitas coisas que são totalmente conhecidas, não olhava para ela havia anos. Agora estava tentando se convencer de que a floresta de pequenas torres e ameias que ficava no topo estava exatamente igual no dia anterior. Estava encontrando alguma dificuldade.

Sem tirar os olhos da torre, segurou o ombro do sargento Colon e o posicionou suavemente na direção certa.

Disse: – Você está vendo alguma coisa estranha no topo da torre? Colon olhou com atenção durante algum tempo, depois deu um riso nervoso.

– Bom, parece que tem um dragão sentado nela, não parece? – Sim, foi o que eu achei.

– Só, só, só quando você meio que olha direito, você vê que ele é formado por sombras e moitas de hera e tal. Quer dizer, se você fecha um olho até a metade, parece que são duas velhas e um carrinho de mão.

Vimes insistiu: – Nada disso. Ainda parece um dragão. Enorme. Meio encurvado e olhando para baixo. Olha, dá para ver as asas fechadas.

– Perdão, senhor. Isso é só uma torrinha quebrada dando um efeito. Eles ficaram olhando mais um pouco. Então, Vimes disse: – Diga uma coisa, sargento, e pergunto com espírito de investigação: o que o senhor acha que está causando o efeito de um par de asas enormes se abrindo? Colon engoliu em seco.

– Acho que esse é o efeito causado por um par de asas enormes, senhor.

– Exatamente, sargento.

O dragão se deixou cair. Não foi uma descida rápida. Ele simplesmente saiu do topo da torre, meio caindo, meio voando reto para baixo, desaparecendo do campo de visão atrás dos prédios da Universidade.

Vimes ficou esperando para ouvir o baque.

E depois o dragão pôde ser visto novamente, fazendo um movimento como o de uma flecha, como uma estrela-cadente, como algo que transformou um mergulho a mil metros por segundo numa subida irrefreável. Ele planou acima dos telhados a uma distância um pouco maior do que uma cabeça, que foi mais horrível ainda por causa do som. Era como se o ar estivesse sendo cortado ao meio com cuidado e devagar.

A Vigilância se jogou no chão de uma vez. Vimes viu de relance os traços que lembravam de leve um cavalo antes de ele passar deslizando.

– Babacas malditos – disse Nobby, de algum lugar entre as calhas. Vimes redobrou a força com que segurava a chaminé e se colocou de pé.

– Você está usando o uniforme, cabo Nobby – disse, com a voz quase inalterada.

– Desculpe, capitão. Babacas malditos, senhor.

– Onde está o sargento Colon? – Aqui embaixo, senhor. Me segurando neste cano de esgoto, senhor.

– Ai, meu Deus. Ajude-o a subir, Cenoura.

– Nossa – disse Cenoura –, olha como ele voa! Era possível saber a posição do dragão pela agitação das flechas atravessando a cidade e pelos gritos e gemidos de todos aqueles atingidos pelos erros e ricochetes.

– Ele ainda nem bateu as asas! – gritou Cenoura, tentando se equilibrar no cano da chaminé. – Olha como ele voa! “Não deveria ser tão grande”, Vimes pensou consigo mesmo, olhando para a enorme forma voando em círculos acima do rio. Ele é do comprimento da rua!” Houve um sopro de chama acima das docas e, por um momento, a criatura passou em frente à lua. Depois bateu as asas uma vez, com um som que parecia o couro cru e úmido de um rebanho com pedigree sendo atirado de um desfiladeiro.

Virou-se num círculo apertado, empurrou o ar algumas vezes para ganhar velocidade e voltou.

Ao passar acima da Sede da Vigilância, tossiu, esguichando uma coluna de fogo branco. As telhas abaixo não apenas derreteram, mas também entraram em erupção, lançando gotículas incandescentes. O cano da chaminé explodiu e os tijolos foram cair do outro lado da rua.

Asas imensas martelavam o ar enquanto a criatura pairava sobre o prédio em chamas, com o fogo avançando para baixo no que se transformou rapidamente numa montanha em brasa. Então, quando tudo o que restava era uma poça espalhada de pedras derretidas com listras e bolhas, o dragão se ergueu dando uma chicotada desdenhosa com as asas e voou para longe, acima da cidade.

Lady Ramkin baixou o telescópio e balançou a cabeça devagar.

– Isso não está certo – sussurrou. – Isso não está nada certo. Ele não deveria ser capaz de fazer nenhuma dessas coisas.

Ela ergueu as lentes de novo e apertou os olhos, tentando ver o que tinha pegado fogo. Logo abaixo, em seus grandes canis, os dragõezinhos uivavam. Tradicionalmente, ao despertar de um estado inconsciente sossegado e feliz, você se pergunta: “Onde estou?”. Isso provavelmente faz parte da consciência de raça ou algo assim.

Vimes disse isso.

A tradição permite a escolha de falas secundárias. Um ponto-chave no processo é um exame para verificar se o corpo possui todas as partes que havia até o dia anterior.

Vimes checkou.

Em seguida vem a parte torturante. Agora que a bola de neve da consciência está começando a rolar, vai descobrir que está despertando dentro de um corpo deitado na sarjeta com alguma coisa múltipla – o substantivo não importa, quando vem acompanhado da palavra “múltiplo”; nada de bom jamais vem “múltiplo” -, ou será o caso de lençóis limpos, uma mão suave e uma figura prática e eficiente vestida de branco e abrindo as cortinas para um dia novo e radiante? Está tudo acabado, sem nada pior para esperar do que um chá fraco, uma papa nutritiva e caminhadas curtas e revigorantes no jardim, e talvez um caso de amor platônico e passageiro com uma alma caridosa, ou será que tudo isso foi apenas o blecaute de um momento e algum desgraçado está se aproximando lentamente para entrar em ação com a ponta mais grossa do cabo de uma picareta? Vai haver, a consciência quer saber, uvas? A essa altura, estímulos externos são úteis. “Vai ficar tudo bem” é o favorito, enquanto “Alguém anotou a placa?” é definitivamente um mau sinal. No entanto, os dois são melhores que “Vocês dois, segurem as mãos dele atrás das costas”.

Na verdade, alguém disse: – Vocês quase foram um caso perdido, capitão.

As sensações de dor, que haviam aproveitado o estado inconsciente de Vimes para dar uma saída para um rápido cigarrinho metafórico, voltaram correndo.

Vimes disse: – Arrgh.

Depois abriu os olhos.

Havia um teto. Isso eliminava um conjunto específico de opções desagradáveis e era muito bem-vindo. Sua visão embaçada também revelou a presença do cabo Nobby, o que não era tão agradável. O cabo Nobby não provava nada, era possível estar morto e ver algo como o cabo Nobby. Ankh-Morpork não tinha hospitais. Todos os Grêmios mantinham os seus próprios sanatórios, e havia alguns estabelecimentos públicos de saúde administrados por organizações religiosas esquisitas, como os Monges Indecisos, mas, em geral, a assistência médica era inexistente e as pessoas tinham que morrer sem a ajuda dos médicos. Era comum a ideia de que a existência de curas estimulava a negligência e era, de qualquer forma, contra a lei da Natureza.

– Eu já disse “onde estou”? – perguntou Vimes, com fraqueza. – Já.



– Obtive resposta? – Não sei que lugar é este, capitão. Pertence a alguma ricaça. Ela disse para trazer o senhor aqui em cima.

Embora a mente de Vimes parecesse estar cheia de mel cor-de-rosa, ele ainda conseguiu pegar duas pistas e as colocou para lutar. A combinação entre “rica” e “aqui em cima” significava algo. Assim como o estranho cheiro químico na sala, que chegava a se sobrepor aos odores mais cotidianos de Nobby.

– Não estamos falando de lady Ramkin, estamos? – perguntou, cauteloso.

– Pode ser que sim. Uma senhora grandona. Louca por dragões. – O rosto de roedor de Nobby foi tomado pelo sorriso esperto mais horrível que Vimes tinha visto. – Você está na cama dela.

Vimes espiou ao redor, sentindo os primeiros sinais de um pânico vago. Porque, agora que ele conseguia começar a ajustar o foco, notou uma certa falta de meias no local. Havia um leve toque de talco.

– Parece um boudoir – disse Nobby, com ar de conhecedor do assunto.

– Espere aí, espere um minuto. Tinha um dragão. Ele estava bem acima de nós...

A lembrança surgiu e o atingiu como uma ressaca repentina.

– Você está bem, capitão? – ... as garras, esticadas, do tamanho de um homem. O estrondo e o baque das asas, maiores que velas de navios. O fedor de substâncias químicas, só os deuses sabiam que espécie de...

Ele tinha passado tão perto que o capitão podia ver as pequenas escamas das patas e o brilho vermelho dos olhos. Eram mais do que simples olhos de réptil. Eram olhos nos quais era possível se afogar.

E o hálito, tão quente que não era como o fogo, mas como algo quase sólido, que não queimava as coisas, mas as esmagava...

Por outro lado, estava ali, vivo. Seu lado esquerdo parecia ter levado uma pancada com uma barra de ferro, mas estava definitivamente vivo.

– O que aconteceu?

– Foi o jovem Cenoura, senhor. Ele agarrou o senhor e o sargento e pulou do telhado antes que o bicho nos acertasse.

– Minhas costelas estão doendo. Ele deve ter me acertado.

– Não. Acho que isso foi quando o senhor bateu no telhado do banheiro externo. E depois o senhor desceu rolando e bateu no balde de água.

– E o Colon? Ele se machucou? – Não se machucou. Não está exatamente machucado. Caiu numa coisa meio que mais macia. Por ser tão pesado, atravessou o telhado do banheiro. Foi uma verdadeira chuva de...

– E o que aconteceu depois? – Bom, nós meio que colocamos o senhor numa posição confortável e depois todo mundo saiu cambaleando e gritando pelo sargento. Até descobrirem onde ele estava, claro, então só ficaram onde estavam e gritaram. E depois essa mulher veio correndo e berrando.

– Você está se referindo a lady Ramkin? – perguntou Vimes friamente. Suas

costelas estavam doendo de forma realmente impressionante agora.

– É. A grande e gorda – respondeu Nobby, indiferente. – Nossa, como ela sabe dar ordens! “Oh, pobre homem querido, vocês têm que levá-lo para a minha casa imediatamente.” Então nós o trouxemos. É o melhor lugar mesmo. Todo mundo está correndo pela cidade, feito galinhas com a cabeça cortada.

– Quanto estrago ele fez? – Bom, depois que todos vocês estavam fora, os feiticeiros o acertaram com bolas de fogo. Ele não gostou nem um pouco. Só pareceu deixá-lo mais forte e nervoso. Arrancou toda a ala Invertida da Universidade.

– E...? – Foi isso, na verdade. Ele incendiou mais algumas coisas e depois deve ter saído voando no meio da fumaça.

– Ninguém viu para onde ele foi?

– Se viram, não estão dizendo. – Nobby se recostou na cadeira e fez um olhar malicioso. – Repugnante mesmo, morar num quarto assim. Ela tem vasos de dinheiro, o sargento disse, não tem nenhum motivo para morar em cômodos ordinários. Qual é a graça de não querer ser pobre se os ricos podem sair por aí morando em cômodos ordinários? Deveria ser de mármore. – Ele torceu o nariz.

– Bom, mas ela pediu para eu chamá-la quando você acordasse. Está dando comida pros dragões agora. Esquisitinhos, hein, aqueles dragões? E incrível ela ter permissão pra ter essas coisas.

– Como assim? – Sabe como é. Farinha do mesmo saco e tal.

Depois que Nobby saiu bamboleando, Vimes deu mais uma olhada no quarto. Ele realmente não tinha as folhas de ouro e o mármore que Nobby sentia ser obrigatórios para pessoas de posição social elevada. Todos os móveis eram velhos, e os quadros na parede, por mais valiosos que devessem ser, pareciam o tipo de quadro que é colocado nas paredes do quarto porque as pessoas não conseguem pensar em nenhum outro lugar para colocá-los. Havia também algumas aquarelas de dragões de estilo amador. No geral, tinha a aparência de um quarto ocupado por apenas uma pessoa, e que foi moldado de acordo com ela, sem muita atenção, ao longo dos anos, como se tivessem colocado um teto sobre uma pilha de roupas.

Percebia-se que era um quarto de mulher, mas de uma mulher que havia levado uma vida animada, sem se entristecer com coisas pequenas, enquanto todas as histórias de romances sentimentais estavam acontecendo com outras pessoas em outro lugar, e ela era muito grata por ter boa saúde. As roupas visíveis tinham sido escolhidas por sua praticidade e resistência, possivelmente pela geração anterior, a julgar pela aparência. Não pareciam ter sido escolhidas pela sua utilidade como artilharia leve na guerra dos sexos. Havia garrafas e potes bem arrumados sobre a penteadeira, mas certa dureza nos traços sugeria que nos rótulos estaria escrito algo como “Esfregar toda noite”, e não “Apenas um toque atrás das orelhas”. Dava para imaginar que a ocupante deste quarto

havia dormido nele a vida toda e que tinha sido chamada de “minha garotinha” pelo pai até os 40 anos.

Havia um grande e prático vestido azul pendurado atrás da porta. Vimes sabia, sem precisar olhar, que havia o desenho de um coelho no bolso. Em resumo, era o quarto de uma mulher que nunca esperou que algum homem visse o seu interior.

O criado-mudo tinha uma pilha alta de papéis. Sentindo culpa, mas fazendo-o assim mesmo, Vimes deu uma espiada neles.

O tema eram os dragões. Havia cartas do Comitê de Exibições do Clube da Caverna e da Liga dos Lançadores de Fogo Amigáveis.

Havia panfletos e solicitações do Santuário Luz do Sol para Dragões Doentes – “o fogo do pobre VINNY estava quase Extinto após Cinco anos de Maus Tratos, sendo usado como Removedor de Tinta, mas agora...” E havia pedidos de doação, palestras e coisas que procuravam seu espaço num coração grande o bastante para acolher o mundo todo, ou pelo menos a parte dele que tinha asas e soltava fogo.

Se você deixasse a sua mente vagar sobre quartos como este, poderia acabar com uma tristeza esquisita e cheio de compaixão difusa e estranha, que o levariam a acreditar ser uma boa ideia eliminar toda a raça humana e começar de novo com amebas.

Ao lado do monte de papéis havia um livro. Vimes virou-se, apesar da dor, e olhou para a lombada. Estava escrito: As Doenças do Dragão, de Sybil Deidre Olgivanna Ramkin.

Ele virou as páginas enrijecidas com uma fascinação horrorizada. Elas levavam a outro mundo, um mundo de problemas bastante espantosos. Garganta Petrificada. Os Ovelhas Negras. Pulmão Seco. Proteção da Ninhada. Vertigem, Asma, Choro, Cálculo Renal. “É impressionante”, concluiu, depois de ler algumas páginas, “que um dragão do pântano sobreviva para ver um segundo nascer do sol. O simples fato de atravessar uma sala deveria ser reconhecido como um triunfo biológico”.

Passou rapidamente pelas ilustrações com minúcias de detalhes. Não dava para aguentar a visão de muitas vísceras no mesmo dia.

Alguém bateu à porta.

– Alô? Você está decente? – lady Ramkin gritou, animada. – Er...

– Eu trouxe uma coisa supernutritiva para você.

Por algum motivo, Vimes imaginou que seria sopa. Em vez disso, ela entrou com um prato cheio de bacon, batatas fritas e ovos. Ele ouviu suas artérias entrarem em pânico só de olhar para aquilo.

– Eu fiz pudim de pão também – disse lady Ramkin, levemente tímida. – Não costumo cozinhar muito, só para mim. Sabe como é, moro sozinha. Vimes pensou nas refeições do seu alojamento. Por algum motivo, a carne era sempre cinza,

com uns tubos misteriosos.

– Er-ele começou, pouco acostumado a se dirigir a senhoras estando deitado na cama delas.

– O cabo Nobby me disse que...

– Que homenzinho divertido ele é! – observou lady Ramkin. Vimes não tinha certeza se podia lidar com aquilo.

– Divertido? – disse com fraqueza.

– Uma verdadeira figura. A gente está se dando bem demais.

– Vocês? – Ah, sim. Ele tem uma ótima reserva de piadas.

– Ah, sim. Tem mesmo.

Vimes sempre ficou perplexo com a facilidade com que Nobby fazia amizade com quase qualquer pessoa. “Deve ter algo a ver”, concluiu, “com o denominador comum. Em todo o mundo da matemática não pode haver nenhum denominador mais comum que Nobby”.

– Ahnn... – ele disse, e depois achou que não poderia deixar essa notícia estranha passar despercebida. – Você não acha a linguagem dele um pouco, é... indecente? – Apimentada – corrigiu lady Ramkin alegremente. – Você devia ter ouvido o meu pai falar quando ele estava aborrecido. Bom, de qualquer jeito, nós descobrimos que temos muito em comum. E uma coincidência impressionante, mas uma vez o meu avô mandou chicotear o avô dele por demora deliberada.

“Isso deve fazê-los se sentir praticamente da mesma família”, pensou Vimes. Mais uma fisgada de dor no seu lado atingido fez com que ele se contorcesse.

– Você está com uns machucados muito feios e provavelmente uma ou duas costelas fraturadas. Se você se virar, vou passar mais um pouco disso. – Lady Ramkin exibiu um pote com unguento amarelo.

O pânico tomou conta da expressão de Vimes. Num gesto instintivo, ele puxou o lençol até o pescoço.

– Não seja tolo, homem. Não verei nada que não tenha visto antes. Os traseiros são muito parecidos uns com os outros. A diferença é que os que eu já vi geralmente têm rabo. Agora, vire-se e levante o camisão. Ele era do meu pai, sabe.

Não era possível resistir àquele tom de voz. Vimes pensou em pedir para trazerem Nobby para que fosse seu acompanhante, mas depois decidiu que isso seria ainda pior.

O creme queimava feito gelo.

– O que é isso? – Todo tipo de coisa. Vai aliviar os hematomas e promover o crescimento de escamas saudáveis.

– O quê? – Desculpa. Provavelmente não de escamas. Não fique tão preocupado. Estou quase totalmente certa quanto a isso. Pronto, terminamos. – Ela deu um tapinha nas nádegas dele.

– Madame, eu sou um capitão da Vigilância Noturna – observou Vimes,

sabendo, enquanto dizia, que era uma grande tolice dizer aquilo.

– Que está seminu na cama de uma dama – disse lady Ramkin, impassível. – Agora, sente-se e tome o seu chá. Temos que deixá-lo bom e forte. O olhar de Vimes se encheu de pânico.

– Por quê? Lady Ramkin enfiou a mão no bolso do seu paletó encardido.

– Eu fiz algumas anotações ontem à noite. Sobre o dragão.

– Ah, o dragão. – Vimes relaxou um pouco. Naquele exato momento o dragão parecia uma questão muito mais segura.

– E fiz uns cálculos também. Vou lhe dizer uma coisa: essa fera é muito esquisita. Não deveria ser capaz de se locomover pelo ar.

– Nisso você está certa.

– Se ele tiver a mesma estrutura dos dragões do pântano, deve pesar cerca de 20 toneladas. Vinte toneladas! Isso é impossível. É tudo uma questão de peso e envergadura das asas, sabe. – Eu o vi descer da torre como uma andorinha.

– Eu sei. Era para ter perdido as asas e deixado um maldito buraco enorme no chão. Não se pode brincar com a aerodinâmica. Não se pode simplesmente aumentar as medidas proporcionalmente e deixar por isso mesmo, sabe. É tudo uma questão de potência muscular e movimento dos membros.

– Eu sabia que havia alguma coisa errada – disse Vimes, sentindo-se melhor. – E as chamas também. Nada pode andar por aí com aquela espécie de calor por dentro. Como é que os dragões do pântano lidam com isso? – Ah, isso é uma questão de química – respondeu lady Ramkin, sem dar muita atenção. – Eles apenas destilam alguma coisa inflamável de algo que tenham comido e acendem a chama enquanto a substância está saindo pelos dutos. Na verdade, nunca há fogo dentro deles, a menos que tenham um caso de contrassopro.

– O que acontece nesse caso? – Você tem um dragão saindo de cena – disse lady Ramkin, animada. – Infelizmente, não são criaturas muito bem planejadas, os dragões. Vimes ouviu.

Eles jamais teriam sobrevivido se não fosse pelo fato de seus pântanos de origem serem isolados e terem poucos predadores. Não que o dragão seja bom para comer – depois de retirado o couro da pele e os enormes músculos de vôo, tudo o que sobrava devia ser como morder uma usina química mal administrada. Não era de se estranhar que os dragões estivessem sempre doentes. Contavam com problemas estomacais permanentes para obter estoques de combustível. A maior parte do seu poder cerebral era consumido no controle das complexidades do seu processo digestivo, que envolvia a destilação de combustíveis produtores de chamas a partir dos ingredientes mais improváveis. Eram capazes até mesmo de reorganizar seu encanamento interno de um dia para o outro para lidar com processos mais difíceis. Viviam o tempo todo numa corda bamba química. Um soluço fora do lugar, e viravam adubo.

E, quando se tratava de escolher os locais para o ninho, as fêmeas tinham

todo o bom senso e o instinto maternal de um tijolo.

Vimes se perguntou por que as pessoas teriam se preocupado tanto com os dragões nos tempos antigos. Se houvesse um dragão numa caverna perto de você, tudo o que era preciso fazer era esperar até que ele se autoincendiasse, explodisse ou morresse de indigestão aguda.

– Você estudou sobre eles, mesmo, hein? – Alguém tinha que fazê-lo.

– Mas e os grandes? – Nossa, é mesmo. Eles são um grande mistério, sabe – a expressão de lady Ramkin foi ficando extremamente séria.

– Sim, você disse.

– Eles são lendas, sabe. Parece que uma espécie de dragão começou a ficar cada vez maior e depois... simplesmente desapareceu.

– Entrou em extinção, você quer dizer? – Não... Eles reapareceram algumas vezes. De algum lugar. Cheios de energia e vigor. E então, um dia, pararam de aparecer de vez. – Ela lançou um olhar triunfante para Vimes. – Eu acho que encontraram algum lugar onde eles realmente podiam ser.

– Podiam realmente ser o quê? – Dragões. Onde eles pudessem realmente realizar o seu potencial. Alguma outra dimensão ou algo assim. Onde a gravidade não é tão forte ou algo assim.

– Eu pensei, quando o vi... Eu pensei: “Não dá para existir algo que voe e tenha escamas como essas”.

Eles se entreolharam.

– Nós temos que encontrá-lo na sua toca – disse lady Ramkin.

– Nenhuma maldita salamandra voadora põe fogo na minha cidade.

– Pense apenas na contribuição para o folclore sobre os dragões.

– Olha, se alguém algum dia botar fogo nesta cidade, serei eu.

– E uma oportunidade maravilhosa. Há tantas perguntas...

– Nisso você está certa. – Uma frase de Cenoura passou pela cabeça de Vimes. – Isso pode nos ajudar em nossas investigações.

– Mas só amanhã de manhã – disse lady Ramkin, com firmeza. A expressão de determinação implacável desapareceu.

– Eu dormirei no andar de baixo, na cozinha – ela continuou, animada. – Costumo deixar uma cama portátil montada lá embaixo quando os dragões estão botando ovos. Algumas das fêmeas sempre precisam de assistência. Não se preocupe comigo.

– Você está sendo muito prestativa – murmurou Vimes.

– Eu mandei o Nobby à cidade para ajudar os outros a preparar o seu quartel-general – disse lady Ramkin.

Vimes havia se esquecido completamente da Sede da Vigilância.

– O estrago deve ter sido muito grande – arriscou.

– Perda total – disse lady Ramkin. – Restou apenas um pedaço de pedra derretida. Por isso estou deixando vocês ficarem com uma casa no Jardim

Pseudópolis.

– Perdão? – Ah, meu pai tinha propriedades por toda a cidade. Não são nada úteis para mim, mesmo. Então, eu disse ao meu agente para dar ao sargento Colon as chaves da velha casa no Jardim Pseudópolis. Vai ser bom para dar uma arejada no ambiente.

– Mas essa região... Quer dizer, as pedras têm paralelepípedos de verdade... Só o aluguel, quer dizer, lorde Vetinari não vai...

– Não se preocupe com isso – disse, dando-lhe um tapinha amigável. – Agora, você realmente precisa dormir um pouco.

Vimes ficou deitado, mas sua mente não parava. O Jardim Pseudópolis ficava no lado Ankh do rio, num bairro bem caro. A visão de Nobby ou do sargento Colon andando pelas ruas à luz do dia provavelmente teria o mesmo efeito na área que a abertura de um hospital para tratamento da peste. Ele cochilou, entrando e saindo de um sono no qual dragões gigantes o perseguiram com potes de unguento...

E acordou ao som de uma multidão.

Lady Ramkin levantando-se com indignação não era uma visão para se esquecer, por mais que você tentasse. Era como assistir à separação dos continentes ao contrário, com os vários subcontinentes e ilhas unindo-se para formar uma única, compacta e irada protomulher.

A porta quebrada da casa dos dragões balançava nas dobradiças. Seus ocupantes, já altamente excitados, como uma harpa sob efeito de anfetaminas, estavam enlouquecendo. Pequenas gotas de fogo estouravam nos pratos de metal enquanto eles corriam de um lado para o outro em seus cercados.

– O que significa isso? – ela perguntou.

Se algum Ramkin fosse dado a introspecções, ela teria que admitir que a frase não era muito original. Mas era funcional. Dava conta do recado. A razão pela qual os clichês se tornam clichês é que eles são os martelos e as chaves de fenda na caixa de ferramentas da comunicação. A multidão ocupou a passagem deixada pela porta quebrada. Alguns agitavam diversos tipos de ferramentas afiadas para cima e para baixo, num movimento típico dos revoltosos.

– Ô – disse o líder -, o dragão tá aí dentro? Houve um coro de concordância murmurada.

– Do que você está falando? – perguntou lady Ramkin.

– Ô. Ele tá botando fogo na cidade. Eles não voam para longe. Você tem dragões aqui. Poderia ser um deles, não poderia? – É! – Isso aí.

– QED.20 – Então o que nós vamos fazer é o seguinte, nós vamos acabar com eles.

– Isso aí. – É! – Pro bono publico.

O peito de lady Ramkin subiu e caiu como um império. Ela esticou o braço e pegou o garfo de revolver esterco que estava pendurado no gancho da parede.

– Mais um passo, estou avisando, e vocês se arrependerão. O líder olhou, atrás dela, para os dragões desvairados.

– É? – disse, num tom malcriado. – E o que você vai fazer, hein? A boca de lady Ramkin abriu e fechou uma ou duas vezes.

– Eu chamarei a Vigilância! A ameaça não teve o efeito que ela esperava. Nunca prestou muita atenção às partes da cidade que não tinham escamas.

– Bom, isso é uma pena. Isso realmente nos preocupa, sabia? Me faz ficar com as pernas bambas, isso aí.

Ele retirou um longo facão do cinto.

– E agora, vá para o canto, moça, porque...

– Quod Erat Demonstrandum. Alguns desordeiros são muito cultos. Um raio de fogo esverdeado partiu dos fundos do galpão, passou meio metro acima da multidão e queimou uma rosa de madeira enegrecida acima da porra.

Em seguida, veio uma voz que era um ronrom adocicado de pura ameaça mortal.

– Este é lorde Montealegre Garrafiada Invernoafora IV, o dragão mais quente da cidade. Ele é capaz de queimar a sua cabeça toda de uma vez. O capitão Vimes saiu das sombras mancando.

Um pequeno dragão dourado, extremamente assustado, estava sendo segurado com firmeza debaixo do seu braço. Sua outra mão o segurava pela cauda.

Os desordeiros observavam, hipnotizados.

– Eu sei o que vocês estão pensando agora – prosseguiu Vimes, com a voz suave. – Vocês se perguntam, depois de toda essa agitação, se ainda sobrou alguma chama. E, sabe de uma coisa, eu mesmo não tenho tanta certeza... Ele se inclinou para a frente, mirando entre as orelhas do dragão, e sua voz zuniu como a lâmina de uma faca.

– O que vocês têm que se perguntar é: “Será que estou com sorte hoje?”. Por alguns instantes, o único som era o do estômago de lorde Montealegre Garrafiada Invernoafora IV fazendo um ronco medonho à medida que o combustível derramava para dentro das cavidades de chamas.

– Olha, veja, er... – disse o líder, com os olhos fixos de modo hipnótico na cabeça do dragão – Não há necessidade disso...

– Na verdade, ele pode muito bem decidir lançar fogo sem a minha ajuda – explicou Vimes. – Eles têm que fazê-lo para impedir que o gás se acumule. O gás se acumula quando ficam nervosos. E, sabe como é, eu acho que vocês os deixaram bastante nervosos agora.

O líder fez o que esperava ser um vago gesto conciliatório, mas que, infelizmente, foi feito com a mão que ainda estava segurando a faca.

– Solte – disse Vimes, no mesmo instante -, ou você já era.

A faca bateu no chão com um tinido. Houve um tumulto mais atrás, na



multidão, em que algumas pessoas, metaforicamente falando, estavam muito distantes e não sabiam de nada.

– Mas antes que o restante desses bons cidadãos comece a dispersar com calma e ir cuidar da sua vida – disse Vimes de modo expressivo -, eu sugiro que olhem bem para esses dragões. Algum deles parece ter 15 metros de comprimento? Vocês diriam que suas asas têm 25 metros de envergadura? Qual é, vocês diriam, a intensidade do calor de suas chamas? – Sei lá – respondeu o líder.

Vimes ergueu um pouco a cabeça do dragão. O líder revirou os olhos.

– Sei lá, senhor – ele se corrigiu.

– Você quer descobrir? O líder balançou a cabeça. Mas conseguiu encontrar sua voz.

– Quem é você, afinal? Vimes se endireitou.

– Capitão Vimes, Vigilância Municipal.

Isso resultou num silêncio quase completo. A exceção foi uma voz animada, em algum lugar no fundo da multidão, que disse: – Traje de plantão noturno, é? Vimes olhou para o seu camião. Na pressa de sair do seu leito de doente, havia calçado sem perceber os chinelos de lady Ramkin. Pela primeira vez, viu que tinham pompons cor-de-rosa.

E foi nesse momento que lorde Montealegre Garrafiada Inver-noafora IV resolveu arrotar.

Não era mais um golpe de fogo estrondoso. Era apenas uma bola quase invisível de chama fraca, que rolou para cima da multidão e chamuscou algumas sobranceiras. Mas o efeito, sem dúvida, foi impressionante.

Vimes se refez com grandiosidade. Ninguém poderia ter notado o seu breve momento de puro terror.

– Essa foi só para chamar a sua atenção – disse, com cara de pau. – A próxima será um pouco mais abaixo.

– Er...Você está certo. Não tem problema. A gente já estava indo mesmo. Não tem dragão grande aqui, está certo. Desculpe ter incomodado.

– Ah, não – disse lady Ramkin, triunfante. – Vocês não vão escapar assim tão fácil! – Ela estendeu o braço até uma prateleira e pegou uma latinha. Havia uma fenda na tampa. Fazia um barulho de chocalho. Ao lado havia um rótulo: Santuário Raio de Sol para Dragões Doentes.

A primeira volta da latinha pela multidão arrecadou 4 dólares e 31 centavos. Depois que o capitão Vimes fez um gesto sugestivo com o dragão, outros 25 dólares e 16 centavos apareceram milagrosamente. A multidão fugiu.

– Pelo menos tivemos o lucro do dia – disse Vimes, quando ficaram sozinhos novamente.

– Você foi supercorajoso! – Vamos só torcer para que não vire moda – respondeu Vimes, colocando, com muito cuidado, o dragão exausto de volta ao

cercado. Ele estava bastante descontraído.

Mais uma vez, sentiu que havia um olhar fixo na sua direção. Olhou para os lados e viu o rosto longo e bicudo de Bongaroto Troxa Pedrapena empinando-se numa pose que seria bem descrita como O Último Cachorrinho da Loja.

Para sua surpresa, pegou-se fazendo carinho atrás das suas orelhas, ou pelo menos atrás das duas coisas espetadas ao lado da cabeça que supostamente eram as orelhas. Ele respondeu com um barulho estranho, que parecia um entupimento complicado nos tubos de uma cervejaria. Vimes tirou a mão rapidamente.

– Está tudo bem – acalmou-o lady Ramkín. – São os estômagos dele roncando. Significa que gosta de você.

Para seu espanto, Vimes percebeu que ficou bastante contente com isso. De tudo que conseguia se lembrar, até então nada na sua vida o havia considerado digno de um arrote.

– Achei que você fosse, er, se livrar dele.

– Suponho que eu tenha que fazê-lo – ela respondeu. – Mas você sabe como é. Eles nos olham com esses olhos grandes e comoventes... Houve um breve silêncio, mútuo e constrangedor.

– Como seria se eu...

– Você não acha que gostaria de...

Eles pararam.

– Seria o mínimo que eu poderia fazer – disse lady Ramkín.

– Mas você já está nos dando a nova sede e tudo o mais! – Isso foi apenas o meu dever de boa cidadã. Por favor, aceite Bongaroto como... como um amigo.

Vimes sentiu que estava sendo empurrado para um abismo muito profundo sobre uma prancha muito fina.

– Eu nem sei o que eles comem.

– Eles são omnívoros, na verdade. Comem tudo, exceto metais e rochas vulcânicas. Não se pode ser enjoado, sabe, quando se evolui num pântano.

– Mas eles não têm que sair para caminhar? Ou voar, ou qualquer coisa? – Ele parece dormir a maior parte do tempo. – Ela coçou a coisa feia que ficava no alto da cabeça cheia de escamas. – Devo dizer que é o dragão mais sossegado que eu já criei.

– E quanto a, er, sabe? – Ele indicou o garfo de esterco.

– Bom, é basicamente gás. Apenas mantenha-o num local bem ventilado. Você não tem nenhum tapete valioso, tem? É melhor não deixá-lo lamber o seu rosto, mas eles podem ser treinados para controlar as chamas. São muito úteis para acender lareiras.

Bongaroto Troxa Pedrapena se enrolou entre uma infinidade de barulhos de encanamento.

“Eles têm oito estômagos”, Vimes lembrou. Os desenhos do livro eram bastante detalhados. E há muitas outras coisas, como tubos de destilação

fracionária e estranhos mecanismos alquímicos.

Nenhum dragão de pântano jamais poderia aterrorizar um reino, exceto por acidente. Vimes se perguntou quantos teriam sido mortos por heróis ousados. Era terrivelmente cruel fazer algo assim com criaturas cujo único crime era se autoexplodir sem querer no meio de um voo, o que não era algo que nenhum dragão fizesse com frequência. Ele ficava nervoso só de pensar. Uma raça de, de desbastados, é o que os dragões eram. Nascidos para o fracasso. Viva rápido, morra de várias maneiras. Omnívoros ou não, na verdade tinham que viver de sua intrepidez, batendo as asas pelo mundo com um medo mortal do seu próprio sistema digestivo. A família estaria acabando de se recuperar da explosão do pai, e algum imbecil vestido com uma armadura entraria no pântano arrastando os pés para enfiar a espada num saco de vísceras que estava a apenas um passo da autodestruição de qualquer maneira.

Seria interessante ver como os grandes matadores de dragões do passado enfrentavam o grande dragão. Armadura? Melhor não usá-la. No final daria tudo no mesmo, e pelo menos as suas cinzas não viriam pré-embaladas nas suas próprias lâminas de metal.

Ele ficou olhando fixamente para a coisinha malformada, e a ideia que andara batendo na sua cabeça, pedindo atenção durante os últimos minutos, finalmente conseguiu entrar. Todo mundo em Ankh-Morpork queria encontrar a toca do dragão. De preferência vazia. Pedacos de madeira numa barra de metal não ajudariam muito, tinha certeza. Mas, como diziam, nada melhor que um ladrão... *(A expressão "Nada melhor que um ladrão para pegar um ladrão" havia substituído, a esta altura (após duros protestos por parte do Grêmio dos Ladrões), um provérbio muito mais antigo e representativo da essência de Ankh-Morpork, que era "Nada melhor que um buraco fundo com molas nas laterais, fios detonadores de bombas, lâminas de facas giratórias movidas a energia hidráulica, cacos de vidro e escorpiões para pegar um ladrão".)*

Ele disse: – Um dragão poderia farejar outro? Quer dizer, seguir um cheiro?

Queridíssima Mãe [escreveu Cenoura]. Aconteceu algo que não está no gibi. Ontem à noite o dragão incendiou o nosso Quartel-General e, Veja Só, Graças a Deus, ganhamos outro melhor, que fica num lugar chamado Jardim Pseudópolis, em frente ao Teatro Lírico. O sargento Colon disse que nós Subimos na Vida e disse a Nobby para não tentar vender os móveis. Subir na Vida é uma metáfora, coisa que estou aprendendo, é como Mentir, só que mais decorativo. Aqui existem carpetes próprios para cuspir. Hoje, grupos de pessoas tentaram revistar as celas duas vezes à procura de dragões. É impressionante. E elas desenterram coisas da privada das pessoas, e de sua vida privada, e se metem nos sótãos, e nos assuntos dos outros. É como uma Febre. Uma coisa é certa, as pessoas não têm tempo para mais nada e, o sargento Colon disse que, quando você sai nas Rondas e grita Meia-Noite e Está Tudo Bem enquanto um dragão derrete a rua, você

sente que está tentando abafar alguma coisa. Eu saí da pensão da senhora Palm porque aqui tem dúzias de quartos. Foi triste, elas fizeram um bolo, mas acho que é melhor assim, embora a senhora Palm nunca tenha me cobrado um aluguel, o que foi muito gentil da parte dela, considerando-se que é viúva com tantas boas filhas para criar, além dos dotes etcetera.

Também fiz amizade com um símio, que fica vindo aqui para ver se nós encontramos seu livro. Nobby diz que ele é um idiota carregado de pulgas porque ganhou 18 dólares dele jogando Aleije o Senhor Cebola, que é um jogo de azar de cartas, o qual eu não jogo. Eu informei Nobby sobre as Leis (de Regulamentação) dos Jogos, e ele disse Não Enche, o que eu acho que é uma violação dos Decretos sobre a Decência de 1389, mas eu decidi usar o meu próprio critério.

O capitão Vimes está doente e está sendo cuidado por uma lady. Nobby disse que todo mundo sabe que ela é Louca, mas o sargento Colon diz que é só por morar numa casa grande cheia de dragões, mas ela vale uma Fortuna e ainda bem que o capitão está botando as manguinhas de fora. Eu não sei o que a roupa dele tem a ver com isso. Hoje de manhã eu saí para dar uma volta com a Reet e mostrei a ela muitos exemplos diferentes de ornamentos em ferro que podem ser encontrados na cidade. Ela disse que achou muito interessante. Disse que eu era muito diferente de todas as pessoas que já conheceu. Seu filho afetuoso, Cenoura.

P.S.: Espero que Minty esteja bem.

Ele dobrou o papel com cuidado e colocou dentro do envelope.

– O sol está se pondo – disse o sargento Colon. Cenoura parou de lacrar a carta com a cera.

– Isso significa que logo será noite – continuou Colon, mais preciso.

– Sim, sargento.

Colon passou o dedo por dentro da gola da camisa. Sua pele estava extremamente rosada, resultado de uma manhã esfregando-se com a bucha. Mas as pessoas ainda se mantinham a uma distância respeitosa.

Alguns nascem para comandar. Alguns conquistam uma posição de comando. Outros têm a posição de comando imposta a eles. O sargento estava agora incluído nessa categoria, e não estava muito feliz com isso. A qualquer momento, ele sabia, seria obrigado a dizer que estava na hora de fazer a patrulha. Ele não queria sair para a patrulha. Queria encontrar um bom porão em algum lugar. Mas o dever chama – se ele estava no comando, tinha que fazê-lo.

Não era a solidão do comando que o incomodava. Era ser fritado vivo no comando o que lhe causava problemas.

Ele também tinha muita certeza de que, a menos que pensassem em algo a fazer em relação ao dragão, muito em breve o patricio ficaria infeliz. E, quando o patricio ficava infeliz, tornava-se muito democrático. Ele encontrava maneiras complexas e dolorosas de espalhar aquela infelicidade da forma mais abrangente

possível. “A responsabilidade”, pensou o sargento, “é algo terrível”. Assim como ser torturado sem piedade. Pelo que sabia, um fato levava ao outro muito rapidamente.

Portanto, sentiu-se terrivelmente aliviado quando uma pequena carruagem parou em frente ao Jardim. Era muito velha e gasta. Havia um brasão desbotado na porta. Pintada na traseira, e muito mais recente, uma pequena mensagem: “Relinche Se Você Gosta de Dragões”.

Dela desceu o capitão Vimes, com movimentos trêmulos. Atrás dele veio a mulher que o sargento conhecia como Louca Sybil Ramkin. E, finalmente, pulando de modo obediente na ponta da correia, vinha um pequeno... O sargento ficou nervoso demais para reparar no tamanho real.

– Caramba! Eles conseguiram pegá-lo! Nobby olhou de onde estava, à mesa do canto, onde continuava incapaz de aprender que era quase impossível jogar um jogo de ilusão e blefe com um adversário que sorri o tempo todo. O bibliotecário aproveitou a distração para se servir de algumas cartas do fundo do baralho.

– Não seja maluco. Isso é apenas um dragão do pântano -disse Nobby. – Ela, com certeza, é a lady Sybil. Uma lady de verdade.

Os outros dois guardas se viraram e olharam para ele. Afinal de contas, era o Nobby.

– Vocês dois, podem parar com essa bobagem. Por que eu não poderia reconhecer uma lady quando vejo uma? Ela me deu uma xícara de chá numa xícara fina que nem papel e com uma colher de prata – disse, falando como se tivesse experimentado o suprassumo da distinção social. – E eu devolvi pra ela, então vocês pode parar de me olhar desse jeito! – O que é que você realmente faz nas suas noites de folga? -perguntou Colon.

– Nada que seja da sua conta.

– Você realmente devolveu a colher? – perguntou Cenoura.

– Devolvi a droga da colher, sim! – respondeu Nobby, esquentado. Atenção, rapazes – interrompeu o sargento, transbordando de alívio. Os outros dois entraram na sala. Vimes olhou para seus homens com seu costumeiro olhar de desânimo.

– Meu esquadrão – murmurou.

– Bela tropa – observou lady Ramkin. – Os bons e velhos soldados, hein? – Pois é, os soldados.

Lady Ramkin deu um sorriso encorajador. Isso provocou uma estranha agitação entre os homens. O sargento Colon, com algum esforço, conseguiu fazer o peito ficar maior que a barriga. Cenoura endireitou a postura normalmente caída. Nobby vibrou com a sua posição de soldado, mãos retas junto à lateral do corpo, polegares apontando para a frente com precisão, peito de pombo tão inflado que os pés corriam o risco de se afastar do chão.

– Eu sempre penso que todos nós podemos dormir mais seguros na minha cama sabendo que esses bravos homens estão cuidando de nós – disse lady Ramkin, andando calmamente ao longo da fileira de soldados, como um galão de carga passando por uma brisa suave. – E quem é este? É difícil para um orangotango manter-se em posição de sentido. O corpo domina a ideia geral, mas a pele, não. Porém, o bibliotecário estava dando o melhor de si, uma espécie de saco parado e respeitoso ao final da fila e mantendo o tipo de saudação complexa que só é possível executar quando se tem um braço de um metro e vinte.

– Ele tá à paisana, senhora – disse Nobby, esperto. – Serviços Especiais de Símios.

– Muito ousado. Muito ousado mesmo. Há quanto tempo você é um símio, meu caro? – Ooook

– Muito bem. – Ela se virou para Vimes, que parecia, sem dúvida, incrédulo.

– Crédito para você. Um belo corpo de homens...

– Ooook

– ... antropóides – corrigiu lady Ramkin, quase sem mudar a entonação. Por um momento a tropa se sentiu como se tivesse acabado de retornar da conquista, sem nenhuma ajuda, de uma província distante. Eles realmente se sentiam muito felizes, que é como lady Ramkin quase certamente os teria descrito naquele momento, mas a palavra que define seu sentimento na maior parte do tempo era bem diferente, apesar de começar com a mesma letra. Até o bibliotecário se sentia mais animado, e deixou a palavra “homem” passar sem comentários uma vez.

O barulho de algo pingando e um forte cheiro químico fizeram com que eles olhassem ao redor.

Bongaroto Troxa Pedrapena estava agachado com ar de inocência tímida ao lado de algo que não era exatamente uma mancha no carpete; mais parecia um buraco no chão. Algumas nuvens de fumaça subiam em espirais. Lady Ramkin suspirou.

– Não se preocupe, madame – apresentou-se Nobby, animado. – Logo será limpo.

– Infelizmente, eles costumam ficar assim quando estão excitados – ela explicou.

– Belo exemplar a senhora tem, madame – prosseguiu Nobby, divertindo-se com a recém-descoberta experiência das relações sociais.

– Não é meu. Ele agora pertence ao capitão. Ou a todos vocês, talvez. Uma espécie de mascote. O nome dele é Bongaroto Troxa Pedrapena. Bongaroto Troxa Pedrapena congelou numa pose estoica sob o peso do nome, depois cheirou o pé da mesa.

– Ele se parece com o meu irmão Errol – observou Nobby, fazendo uma

jogada engraçadinha e insolente, mas com alguma reserva. – Tem o mesmo nariz pontudo, desculpe-me por dizê-lo, milady.

Vimes olhou para a criatura, que estava investigando seu novo ambiente, e sabia que ela passara a ser, irrevogavelmente, Errol. O pequeno dragão deu uma mordida experimental na mesa, mastigou por alguns segundos, cuspiu fora, acomodou-se e dormiu.

– Ele não vai botar fogo em nada, vai? – perguntou o sargento, ansioso.

– Acho que não. Ele parece não ter entendido ainda para que servem os seus dutos de chamas – respondeu lady Ramkin.

– Mas não é possível ensinar a ele nada sobre como relaxar – disse Vimes. – Bom, agora, homens...

– Oook

– Eu não estava falando com o senhor. O que isso está fazendo aqui? – Er... – disse o sargento Colon, apressando-se. – Eu, er... o senhor estando afastado e tudo o mais, e como era provável que ficássemos com falta de mão de obra... O Cenoura disse que está tudo dentro da lei e tal... Eu o fiz prestar o juramento, senhor. O símio, senhor.

– Fez ele prestar que juramento, sargento? – Para ser um Guarda Especial, senhor – respondeu Colon, corando.

– Sabe como é, senhor. Espécie de Vigilância dos Cidadãos. Vimes ergueu as mãos.

– Especial? Totalmente exclusivo, isso sim.

O bibliotecário deu um grande sorriso para Vimes.

– E algo temporário, senhor. Para durar, tipo... – começou Colon, em tom de súplica. – Nós precisamos da ajuda, senhor, e... bom, ele é o único que parece gostar de nós.

– Eu acho que é uma ideia assustadoramente boa – interveio lady Ramkin. – Boa pedida, esse símio.

Vimes encolheu os ombros. O mundo já estava enlouquecido o bastante, o que poderia fazê-lo piorar? – Tudo bem. Tudo bem! Eu vou ceder. Ótimo! Dêem um distintivo a ele, embora eu não queira nem saber onde ele vai usá-lo! Ótimo! Sim! Por que não? – O senhor está bem, capitão? – perguntou Colon, todo preocupado.

– Ótimo! Ótimo! Bem-vindos à nova Vigilância! – gritou Vimes, caminhando com passos vagos pela sala.

– Ótimo! Afinal, nós pagamos uma mixaria, não é? Então, também podemos contratar um mac...

A mão do sargento bateu com respeito sobre a boca de Vimes.

– Er... Só uma coisa, capitão – disse Colon com urgência, diante do olhar espantado de Vimes. – Não se usa a palavra que começa com “M”. Ele fica muito aborrecido, senhor. Não consegue se segurar, perde o autocontrole. É

cutucar a onça com aquele negócio, senhor. “Símio” tudo bem, senhor, mas não a palavra que começa com “M”. Porque, senhor, quando ele fica nervoso, não fica emburrado num canto, se é que o senhor compreende. Ele não dá nenhum trabalho, a não ser por isso, senhor. Está bem? Só não diga macaco. Merda! Os Irmãos estavam nervosos.

Ele ouvira uma conversa entre eles. As coisas estavam indo rápido demais. Tentou introduzi-los na conspiração aos poucos, nunca dando a eles mais verdade do que o seu pequeno cérebro aguentaria, mas, ainda assim, os superestimara. Era preciso pulso firme. Firme, porém justo.

– Irmãos – disse o Grande Mestre Supremo –, as Algemas da Veracidade foram devidamente suspensas? – Quê? – perguntou o Irmão Torre de Vigia, num tom vago. – Ah, as Algemas. Sim. Suspensas. Certo.

– E os Martinetes do Aceno, foram adequadamente despojados? O Irmão Emboçador teve um sobressalto de culpa.

– Eu? O quê? Ah. Tudo bem, sem problemas. Despojado. Sim. O Grande Mestre Supremo fez uma pausa.

– Irmãos. Estamos tão perto. Só mais uma vez. Apenas algumas horas. Mais uma vez, e o mundo será nosso. Vocês entendem, Irmãos? O Irmão Emboçador arrastou o pé no chão.

– Bem. Quer dizer, é claro. Sim. Sem perigo quanto a isso. Apoiamos o senhor 110%...

“Ele vai dizer só que”, pensou o Grande Mestre Supremo.

– ... só que...

“Ah.” – ... nós, quer dizer, todos nós aqui, temos nos sentido... é estranho mesmo, a gente se sente tão diferente depois de ter evocado o dragão, meio que...

– Esgotados – interveio o Irmão Torre de Vigia, querendo ajudar. – ... é, é como se... – o Irmão Emboçador esforçava-se para se expressar... – tivessem tirado algo de nós...

– Totalmente sugados – disse o Irmão Torre de Vigia.

– E, isso mesmo, e nós... bom, talvez seja meio arriscado...

– Como se alguma coisa tivesse sido puxada do seu cérebro por criaturas sinistras do Além – continuou o Irmão Torre de Vigia.

– No meu caso, eu diria que é mais como uma enxaqueca -corrigiu o Irmão Emboçador, precisando de ajuda.

– E a gente tava pensando, sabe, em toda essa coisa de equilíbrio cósmico e tal, porque, bom, olha o que aconteceu com o pobre Dunnykin. Poderia ser uma espécie de sinal. Er...

– Era apenas um crocodilo enlouquecido escondido num canteiro de flores – disse o Grande Mestre Supremo. – Poderia ter acontecido a qualquer um. Mas eu entendo os seus sentimentos.



– Entende? – perguntou o Irmão Torre de Vigia.

– Ah, sim. Eles são muito naturais. Todos os grandes feiticeiros se sentem um pouco ansiosos antes de se dedicar a um trabalho importante como este. – Os Irmãos ficaram orgulhosos. Grandes feiticeiros. Somos nós. É. – Mas, após algumas horas, estará tudo terminado, e tenho certeza de que o rei os recompensará enormemente. O futuro será glorioso.

Isso normalmente resolvia o assunto. Não parecia estar funcionando dessa vez.

– Mas o dragão... – começou o Irmão Torre de Vigia.

– Não haverá dragão nenhum! Não precisaremos dele. Olhe, é muito simples. O rapaz terá uma espada maravilhosa. Todo mundo sabe que os reis têm espadas maravilhosas.

– Essa seria a espada maravilhosa sobre a qual o senhor tem nos contado, é? – perguntou o Irmão Emboçador.

– E, quando ela tocar o dragão, será...fum!

– É, eles fazem assim – confirmou o Irmão Porteiro. – Meu tio chutou um dragão do pântano uma vez. Ele o pegou comendo as suas abóboras. A coisinha maldita quase arrancou a perna dele fora.

O Grande Mestre Supremo suspirou. Mais algumas horas, sim, e não haveria mais nada disso. A única coisa que ele não havia decidido era se os deixaria sozinhos – quem acreditaria neles, afinal? –, ou se mandaria os Guardas prendê-los por serem casos de burrice irreversível.

– Não – disse, impaciente –, quero dizer que o dragão desaparecerá. Nós o mandaremos de volta. Fim do dragão.

– As pessoas não vão ficar um pouco desconfiadas? – perguntou o Irmão Emboçador.

– Não vão esperar pedaços de dragão por todos os lados? – Não, porque um toque da Espada da Verdade e da Justiça destruirá totalmente a Fonte do Mal! Os Irmãos ficaram olhando para ele.

– É nisso que elas vão acreditar, de qualquer forma – acrescentou. – Nós podemos providenciar um pouco de fumaça mística na hora.

– Obvio demais, fumaça mística – disse o Irmão Dedos.

– Sem pedaços, então? – repetiu o Irmão Emboçador, um pouco decepcionado.

O Irmão Torre de Vigia tossiu.

– Não sei se as pessoas vão aceitar isso. Parece meio certinho demais.

– Ouçam – começou o Grande Mestre Supremo –, elas aceitarão qualquer coisa! Elas verão tudo acontecer! As pessoas ficarão tão comovidas ao ver o rapaz vencer que não pensarão duas vezes sobre o que viram! Contem com isso! Agora... comecemos...

Ele se concentrou.

Sim, era mais fácil. Cada vez mais fácil. Ele conseguia sentir as escamas, sentir a ira do dragão enquanto ia para o lugar aonde os dragões foram parar e tomava o controle.

Isso era poder, e o poder era dele.

O Sargento Colon estremeceu. -Ai.

- Não seja um grande medroso – disse lady Ramkin, animada, apertando o curativo com uma habilidade de anos de prática passada a muitas gerações de mulheres da família Ramkin. – Ele quase não o tocou.

- E ele sente muito – disse Cenoura, de modo enfático. – Mostre ao sargento que você sente muito. Vai.

- Ooook – confirmou o bibliotecário, encabulado.

- Não deixe ele me beijar! – gritou Colon.

- Você acha que segurar alguém pelos tornozelos e bater com a cabeça dele no chão se encaixa em Golpear um Oficial Superior? – perguntou Cenoura.

- Não vou prestar queixa – disse o sargento rapidamente.

- Podemos prosseguir? – perguntou Vimes, impaciente. – Veremos se Errol consegue farejar a toca do dragão. Lady Ramkin disse que vale a pena tentar.

- O senhor quer dizer cave um buraco fundo com molas nas laterais, fios detonadores de bombas, lâminas de facas giratórias movidas a energia hidráulica, cacos de vidro e escorpiões para pegar um ladrão, capitão? – perguntou o sargento, em dúvida. – Ai! – Sim, é melhor não perder o cheiro – respondeu lady Ramkin. – Deixe de ser um bebê, sargento.

- Brillhante ideia, a de usar Errol, madame, se é que a senhora me permite dizer – disse Nobby, enquanto o sargento corava sob os curativos. Vimes não tinha certeza de quanto tempo seria capaz de suportar Nobby, o alpinista social.

Cenoura não disse nada. Estava aceitando aos poucos o fato de provavelmente não ser um anão, mas ter sangue de anões correndo em suas veias, de acordo com o conhecido princípio da ressonância mórfica, e de seus genes emprestados lhe dizerem que nada seria tão simples assim. Encontrar uma reserva de ouro, mesmo quando o dragão não estivesse em casa, era bastante arriscado. De qualquer modo, estava certo de que saberia se houvesse uma por perto. A presença de grandes quantidades de ouro sempre fazia a palma de um anão coçar, e a dele não estava coçando.

- Começaremos pelo muro nas Sombras – disse o capitão.

O sargento Colon olhou com o canto do olho para lady Ramkin e achou impossível demonstrar covardia diante de quem o encorajava. Ele simplesmente sugeriu: – Isso é prudente, capitão? – É claro que não. Se fôssemos prudentes, não estaríamos na Vigilância.

- Querem saber? Tudo isso é tremendamente excitante – disse lady Ramkin.

- Oh, eu acho que a senhora não deveria vir, milady... – começou Vimes.

- Sybil, por favor!...

– ... é uma área muito desconhecida, sabe.

– Tenho certeza de que estarei perfeitamente segura com os seus homens. Tenho certeza de que os vagabundos derretem só de olhar para vocês.

“Ela confundiu com dragões”, pensou Vimes. “Eles derretem quando veem dragões, e deixam apenas as sombras no muro.” Sempre que ele sentia que estava indo mais devagar, ou que estava perdendo o interesse, lembrava-se daquelas sombras, e era como se um fogo-fátuo descesse pela sua espinha. Não deveriam permitir que coisas como essa acontecessem. Não na minha cidade. Na verdade, as Sombras não eram o problema. Muitos de seus habitantes tinham saído de lá para caçar, e os que tinham ficado estavam muito menos inclinados do que antes a espreitar em becos escuros. Além disso, os mais sensatos reconheciam que lady Ramkin, caso fosse tocada, diria ao indivíduo para tomar jeito e deixar de ser bobo com uma voz tão acostumada a mandar que ele provavelmente acabaria fazendo isso.

O muro ainda não havia sido derrubado e ainda apresentava o seu afresco terrível. Errol farejou ao redor do muro, correu pelo beco uma ou duas vezes e foi dormir.

– Trabalho árduo – disse o sargento Colon.

– Mas a ideia era boa – reconheceu Nobby, fiel.

– Pode ter sido a chuva e as pessoas andando por aqui, suponho – disse lady Ramkin.

Vimes pegou o dragão do chão. Havia sido uma esperança vã, de todo modo. Apenas era melhor fazer alguma coisa do que não fazer nada.

– É melhor voltarmos. O sol está se pondo.

Eles caminharam de volta em silêncio. “O dragão conseguira amansar até as Sombras”, pensou Vimes. Ele está dominando toda a cidade mesmo quando não está aqui. As pessoas vão começar a amarrar virgens às pedras a qualquer momento.

“É uma metáfora da maldita existência humana, o dragão. E, se isso já não fosse ruim o suficiente, ele também é uma coisa quente, enorme e voadora.” Vimes pegou a chave do novo quartel-general. Enquanto tentava encontrar o buraco da fechadura, Errol acordou e começou a choramingar.

– Agora, não – disse Vimes. Ele sentiu uma pontada na lateral. A noite mal começara e já se sentia cansado demais.

Um pedaço de ardósia escorregou pelo telhado e se espatifou nas pedras da calçada ao lado dele.

– Capitão – sussurrou o sargento Colon.

– O quê? – Ele está no telhado, capitão.

Vimes notou alguma coisa na voz do sargento. Não era um tom animado. Não era assustado. Era apenas um tom de pavor.

Ele olhou para cima. Errol começou a espreitar debaixo do seu braço. O

dragão – o dragão – estava olhando para baixo com interesse, por cima das calhas. Seu rosto era maior que um homem. Seus olhos eram do tamanho de olhos muito grandes, de um vermelho em combustão, repletos de uma inteligência que não tinha nada a ver com seres humanos. Para começar, era muito mais antiga. Era uma inteligência que havia sido regada ao molho da fraude e conservada em astúcia desde o tempo em que um grupo de macacos se perguntou se andar sobre duas pernas seria uma boa jogada para a sua carreira. Não era uma inteligência que tivesse alguma relação com as artes da diplomacia ou que sequer as compreendesse.

Ele não brincaria, nem apresentaria enigmas a serem resolvidos. Mas sabia tudo sobre arrogância, poder e crueldade, e se possível queimaria a cabeça de alguém. Porque gostava de fazê-lo.

Estava ainda mais irado do que de costume naquele momento. Sentia algo atrás de seus olhos. Um mente minúscula, fraca e alheia a sua vontade, inchada de auto satisfação. Era enlouquecedora, como uma coceira que não pode ser aliviada. Ela o obrigava a fazer coisas que não queria... e o impedia de fazer coisas que queria muito fazer.

Os olhos estavam, naquele momento, concentrados em Errol, que estava ficando fora de si. Vimes se deu conta de que tudo o que o separava de um milhão de graus de calor era o vago interesse do dragão em saber por que Vimes teria um dragãozinho embaixo do braço.

– Não façam nenhum movimento brusco – disse a voz de lady Ramkin atrás dele. – E não demonstrem medo. Eles sempre percebem quando você está com medo.

– Tem mais algum conselho que você possa dar neste momento? – perguntou Vimes devagar, tentando falar sem mexer os lábios.

– Bom, fazer cócegas atrás da orelha geralmente funciona.

– Oh – disse Vimes, de leve.

– E um “não” com firmeza. E retirar o prato de comida.

– Ahn? – E bater no nariz dele com um jornal enrolado é o que eu faço em casos extremos.

No mundo lento, desesperado e de contornos brilhantes que Vimes habitava agora, e que parecia girar ao redor de narinas íngremes a alguns metros de distância dele, percebeu um som suave e sibilante.

O dragão estava respirando fundo.

A entrada de ar foi interrompida. Vimes olhou para a escuridão de dutos de chamas e se perguntou se havia visto alguma coisa, se haveria algum pequeno brilho branco ou algo assim, antes que o esquecimento ardente o varresse. Naquele momento, souou uma corneta.

O dragão ergueu a cabeça, confuso, e fez um barulho que soava vagamente interrogativo, sem chegar a ser, de modo algum, uma palavra. A corneta souou

novamente. O som parecia ter diversos ecos que ganhavam vida própria. Parecia um desafio. Se não era isso, então a pessoa que estava tocando a corneta teria problemas em breve, porque o dragão lançou um olhar combustível para Vimes, abriu as asas enormes, deu um salto pesado para o ar e, contrariando todas as regras da aeronáutica, voou lentamente na direção do som.

Nada no mundo deveria ser capaz de voar daquele jeito. As asas batiam para cima e para baixo com um barulho que parecia um trovão dentro de um pote fechado, mas o dragão se movia como se estivesse remando a esmo pelo ar. Se parasse de bater as asas, o movimento sugeria que ele simplesmente deslizaria até parar. Ele não voava, flutuava. Para uma coisa do tamanho de um celeiro com a pele blindada, tratava-se de um truque muito bom.

Ele passou acima das cabeças como uma barca, seguindo para a Praça das Luas Quebradas.

– Sigam-no! – gritou lady Ramkin.

– Isso não está certo, ele voar desse jeito. Tenho certeza de que existe algo sobre isso numa das Leis de Bruxaria – comentou Cenoura, pegando seu caderno.

– E danificou o telhado. Ele está realmente acumulando violações, sabe.

– Você está bem, capitão? – perguntou o sargento Colon.

– Eu pude ver lá dentro do nariz dele – disse o capitão Vimes, em transe. Seus olhos focalizavam a expressão de preocupação do sargento. – Para onde ele foi? – perguntou. Colon apontou na direção da rua.

Vimes olhou fixamente para a forma que desaparecia acima dos telhados.

– Sigam-no! A corneta soou novamente.

Outras pessoas também corriam em direção à Praça. O dragão deslizava diante delas como um tubarão seguindo um alvo, com a cauda batendo lentamente de um lado para o outro.

– Algum maluco vai enfrentá-lo! – disse Nobby.

– Eu achei que alguém iria tentar – observou Colon. – O pobre infeliz vai ser assado na própria armadura.

Essa parecia ser a opinião da multidão enfileirada na Praça. O povo de Ankh-Morpork tinha uma visão de entretenimento direta e absurda, e, ao mesmo tempo que estavam ansiosos para ver a morte de um dragão, ficariam felizes em ter que se contentar em ver alguém ser assado vivo dentro de sua própria armadura. Não era todo dia que se tinha a chance de ver alguém ser assado dentro da própria armadura. Seria algo inesquecível para as crianças. Vimes foi acotovelado e atropelado pela multidão à medida que mais pessoas se dirigiam à praça.

A corneta soou o terceiro desafio.

– Essa é uma corneta acústica, isso mesmo – disse Colon, com ares de conhecedor. – Como uma trombeta bastarda, só que mais sonora.

– Tem certeza? – perguntou Nobby.

– Sim.

– Deve ter sido uma corneta grande pra caramba.

– Amendoim! Tranha! Salsicha quente! – gritou uma voz atrás deles. – Olá, rapazes. Olá, capitão Vimes! Na cena da morte, hein? Pegue uma salsicha. Por conta da casa.

– O que está acontecendo, Cova? – perguntou Vimes, segurando-se à bandeja do vendedor enquanto mais gente aparecia em volta deles.

– Um garoto chegou à cidade dizendo que ia matar o dragão – disse Cava-a-Própria-Cova. – Tem uma espada mágica, ele disse.

– Ele tem pele mágica? – Você não tem um pingo de romantismo na alma, capitão – disse Cova, retirando um garfo de tostar muito quente da pequena frigideira que estava em cima da bandeja e encostando-o com delicadeza no traseiro de uma mulher grandona na sua frente. – Dá licença, madame, o comércio é a força vital da cidade, muito obrigado. Claro que – ele continuou –, por direito, deveria haver uma donzela acorrentada a uma pedra. Só que a tia não aceitou. Esse é o problema de algumas pessoas. Não têm nenhum senso de tradição. Esse rapaz também disse que é o edero legítimo.

Vimes balançou a cabeça. O mundo ao seu redor estava definitivamente enlouquecendo.

– Não estou entendendo mais nada.

– Edero – disse Cova, paciente. – Sabe como é. Edero do trono.

– Que trono? – O trono de Ankh.

– Que trono de Ankh? – Sabe como é. Tem os reis e tal. – Cova parecia estar refletindo. – Queria saber qual é o nome dele. Eu fui à olaria noturna que vende por atacado de ígneo, o troll, e fiz um pedido de três grosas de canecas da coroação, e vai ser um saco ter que pintar o nome em todas elas depois. Posso separar duas pro senhor, capitão? Pra você, 90 centavos, e eu estou cavando a minha própria cova. Vimes desistiu. Voltou empurrando a multidão e usando Cenoura como farol. O policial-lanceiro se destacava no meio da multidão, e o resto dos soldados se ancorava nele.

– Está tudo uma loucura – gritou. – O que está acontecendo, Cenoura? – Tem um rapaz num cavalo no meio da praça. Ele tem uma espada cintilante, sabe. Mas não parece estar fazendo muita coisa agora. Vimes abriu caminho até o abrigo de lady Ramkin.

– Reis – suspirou. – De Ankh. E tronos. Existem? – Quê? Ah, sim. Existiam – disse lady Ramkin. – Centenas de anos atrás. Por quê? – Tem um garoto dizendo que é o herdeiro do trono! – Isso mesmo – confirmou Cova, que havia seguido Vimes na esperança de conseguir uma venda. – Ele fez um grande discurso sobre como ia matar o dragão, derrubar os usurpadores e corrigir todas as injustiças. Todo mundo aplaudiu. Salsicha quente, duas por 1 dólar, feitas de galinha, por que não compra uma para a lady? – O senhor quer dizer frango, não é? – perguntou

Cenoura, cuidadosamente, encarando os tubos brilhantes.

– E maneira de dizer, maneira de dizer-disse Cova, rapidamente.

– Com certeza é produto de frango. Frango legítimo.

– Todo mundo aplaude qualquer discurso nesta cidade – rosnou Vimes. – Isso não significa nada! – Peguem suas salsichas de galinha, cinco por 2 dólares! – gritou Cova, que nunca deixava uma conversa atrapalhar as vendas. – Poderia ser bom para os negócios, a monarquia. Salsichas de galinha! Nupão! E corrigir todas as injustiças, também. Parece uma ideia séria para mim. Com cebola! – Posso pegar uma salsicha pra senhora, madame? – perguntou Nobby. Lady Ramkin olhou para a bandeja pendurada no pescoço de Cova. Milhares de anos de boas maneiras lhe prestaram auxílio, e a sua voz indicava apenas um leve sinal de terror quando ela disse: – Nossa, elas devem estar ótimas. Que esplêndidos gêneros alimentícios.

– Elas são feitas por monges em alguma montanha mística? – perguntou Cenoura.

Cova olhou para ele com estranheza.

– Não – disse, com paciência. – Por galinhas.

– Que injustiças? – perguntou Vimes.

– Vamos, me diga. Que injustiças ele vai corrigir? – Bo-om... Tem... bom... os impostos. Isso é injusto, para começar. – Ele teve a dignidade de demonstrar um leve constrangimento. Pagar impostos era algo que, no mundo de Cova, acontecia apenas aos outros.

– Isso mesmo – disse uma mulher perto dele. – E uma coisa horrível vaza da calha da minha casa, e o proprietário não faz nada. Isso é injusto.

– E a calvície precoce? – comentou o homem na frente dela. – Isso é injusto também.

O queixo de Vimes caiu.

– Ah, os reis podem curar isso, sabia? – disse um outro protomonarquista com ares de especialista.

– Na verdade – começou Cova, vasculhando a sua sacola -, eu tenho uma última garrafa de um unguento surpreendente que é feito... – ele encarou Cenoura -... por monges antigos que vivem numa montanha...

– E eles não podem dizer desaforos, sabia? – continuou o monarquista.

– E assim que dá para perceber que são nobres. Completamente incapazes disso. Tem a ver com o fato de serem cortesões.

– Luxuosos – disse a mulher da calha com vazamento.

– O dinheiro também – continuou o monarquista, gostando da atenção. – Eles não andam com dinheiro. É assim que se reconhece um rei.

– Por quê? Não é tão pesado – observou o homem cujos fios de cabelo restantes estavam espalhados sobre o topo da sua cabeça, como os restos de um exército derrotado. – Eu consigo carregar centenas de dólares sem problema

algum.

– Ser rei deve deixar os braços fracos – explicou a mulher, sabiamente. – Deve ser por causa dos acenos.

– Eu sempre achei – disse o monarquista, pegando um cachimbo e começando a enchê-lo de fumo com o ar cansativo de quem vai começar uma palestra – que um dos maiores problemas de se ser rei fosse o risco de sua filha se arranjar com um canalha.

Houve um silêncio carregado.

– E cair no sono por cem anos – continuou o monarquista, impassível.

– Ah – disseram os outros, aliviados sem saber bem por quê.

– E depois tem o desgaste e a perda de valor das ervilhas -acrescentou.

– Bom, teria – disse a mulher, na dúvida.

– Tendo que dormir em cima delas o tempo todo.

– Sem mencionar as centenas de colchões.

– Certo.

– É mesmo? Eu acho que posso conseguir para ele por atacado – disse Cova. Ele virou-se para Vimes, que estava ouvindo tudo isso com uma depressão pesada. – Está vendo, capitão? E você iria para a guarda real, imagino. Ia ter umas plumas no capacete.

– Ah, a pompa – disse o monarquista, apontando com o cachimbo. – Muito importante. Muitos espetáculos.

– O quê, de graça? – perguntou Cova.

– B-bem, acho que talvez você tenha que pagar pela decoração – disse o monarquista.

– Vocês estão todos doidos! – gritou Vimes. – Vocês não sabem nada sobre ele, e ele nem sequer ganhou ainda! – Um pouco de formalidade, eu espero – disse a mulher.

– É um dragão que cospe fogo! – gritou Vimes, lembrando-se das narinas. – E ele é apenas um sujeito num cavalo, pelo amor de Deus! Cova cutucou-o de leve no escudo do peito.

– Você não tem alma, capitão. Quando um estrangeiro vem para a cidade com a missão de acabar com o dragão e o desafia com uma espada reluzente, só existe um resultado, não é? Deve ser o destino.

– Missão!?! – gritou Vimes. – Missão!?! Seu malandro desonesto, Cova, você estava fazendo propaganda de dragões de pelúcia ontem! – Isso são apenas negócios, capitão. Não é preciso se exaltar assim – disse Cova, num tom agradável.

Vimes voltou para perto dos soldados numa ira sombria. Digam o que quiserem sobre o povo de Ankh-Morpork, eles sempre foram firmes em sua independência, sem jamais conceder a homem algum o seu direito de roubar, trapacear, desfalcar e assassinar em bases iguais. Isso parecia absolutamente



certo, no modo de pensar de Vimes. Também não havia nenhuma diferença entre o homem mais rico e o mendigo mais pobre, excetuando-se o fato de que o primeiro tinha muito dinheiro, comida, poder, roupas finas e boa saúde. Mas pelo menos ele não era nem um pouco melhor. Apenas mais rico, mais gordo, mais poderoso, mais bem vestido e saudável. Era assim havia centenas de anos.

– E agora eles sentem o cheiro do manto de pele de arminho e ficam todos bobos – resmungou.

O dragão circundava a praça devagar e cauteloso. Vimes estendeu o pescoço para ver acima das cabeças à sua frente.

Da mesma forma como diversos predadores possuem a silhueta da sua presa quase programada em seus genes, era possível que a forma de alguém sobre um cavalo segurando uma espada acionasse alguns interruptores no cérebro do dragão. Ele demonstrava um interesse vivo, porém prudente.

No meio da multidão, Vimes deu de ombros.

– Eu nem sequer sabia que éramos um reino.

– Bem, não somos há séculos – disse lady Ramkin. – Os reis foram expulsos, e isso foi muito bom também. Eles eram assustadores às vezes.

– Mas você é, bom, de uma família bacana... nobre. Eu esperava que você fosse totalmente a favor de reis.

– Alguns deles eram uns cafajestes medonhos, sabia? Esposas por toda parte, arrancavam a cabeça das pessoas, travavam guerras sem sentido, comiam com a faca, jogando coxas de galinha meio comidas para trás, esse tipo de coisa. Não eram o nosso tipo de gente.

A praça ficou em silêncio. O dragão havia voado devagar até o canto mais distante e estava quase parado no ar, sem considerar o bater das asas. Vimes sentiu alguma coisa arranhar levemente as suas costas e, em seguida, Errol estava no seu ombro, segurando-se com suas garras traseiras. As asas curtas batiam no mesmo compasso das do espécime maior. Ele assobiava e seus olhos estavam fixos na massa suspensa.

O cavalo do garoto, nervoso, agitava-se sobre as lajes da praça enquanto ele descia, exibia a espada e se virava para encarar o inimigo distante.

“Ele realmente parece confiante”, Vimes pensou consigo mesmo. “Por outro lado, como é que a habilidade para matar dragões provaria que alguém está apto a ser rei nestes tempos e nesta era?” A espada realmente era muito brilhante. Isso ele tinha que admitir. E agora eram 2 horas da madrugada. E estava tudo bem, fora a chuva. Estava chovendo novamente.

Existem algumas cidades no multiverso que pensam que sabem se divertir. Lugares como New Orleans e Rio acham que sabem não apenas pintar e bordar, como botar fogo no bordado também. Mas, comparados a Ankh-Morpork num momento de descontração, parecem uma aldeia galesa às 2 da tarde de um domingo chuvoso.

Fogos de artifício estouravam e reluziam no ar úmido acima da lama turva do rio Ankh. Vários animais domésticos estavam sendo assados nas ruas. Dançarinas dançavam a conga de casa em casa, geralmente conseguindo segurar qualquer adorno solto enquanto o faziam. Havia muita gente virando o caneco. Pessoas que em circunstâncias normais jamais pensariam em fazê-lo gritavam “Ueba!”.

Vimes caminhava melancólico pelas ruas lotadas, sentindo-se uma cebola em conserva no meio de uma salada de frutas. Tinha dado a noite de folga para os soldados.

Ele não estava se sentindo nem um pouco monarquista. Não pensava ter nada contra os reis em si, mas a visão dos ankh-morportenses agitando bandeiras era misteriosamente perturbadora. Era algo que apenas povos dominados e ignorantes faziam, em outros países. Além disso, a ideia de plumas reais no seu capacete o revoltava. Ele sempre tivera uma cisma com as plumas. As plumas meio que, bem, entregavam a pessoa, diziam a todo mundo que você não era dono de si. E ele se sentiria como um passarinho. Seria a gota d’água. Seus pés errantes o levaram de volta ao Jardim. Afinal, aonde mais ele poderia ir? Seu alojamento era deprimente, e a proprietária já havia reclamado dos buracos que, apesar dos gritos, Errol continuava fazendo no carpete. E o cheiro que Errol soltava. E Vimes não poderia beber numa taverna nesta noite sem ter que ver coisas que o aborreceriam ainda mais do que as que ele normalmente via quando estava bêbado.

Lá estava agradável e silencioso, embora os sons distantes da folia pudessem ser ouvidos da janela.

Errol desceu do seu ombro com dificuldade e começou a comer o carvão da lareira.

Vimes se recostou e pôs os pés sobre a mesa.

Que dia! E que luta! As esquivas, o cavalo inquieto, os gritos da multidão, o jovem parecendo minúsculo e desprotegido, o dragão respirando fundo de uma maneira que não parecia familiar para Vimes...

E sem soltar chamãs. Isso surpreendeu Vimes. Surpreendeu a multidão. E, certamente, surpreendeu o dragão, que tentou olhar para o próprio nariz e agarrou, desesperado, os dutos de chamãs. Ele continuou surpreso até o momento em que o rapaz se abaixou sob uma das garras e enfiou fundo a espada.

E depois veio um trovão.

Esperava-se que houvesse alguns pedaços de dragão caídos por ali, na verdade.

Vimes puxou um pedaço de papel para perto. Ele olhou as anotações que havia feito no dia anterior: Hítem: Dragão pesado, mas ainda assim consegue voar muito bem; Hítem: Ophogo é muito quente, mas hemitidopor hum Ser Vivo; Hítem: Os Dragões do pântano são mesmo uns Pobres Coitados, porém esta Phorma monstruosa é grandiosa e totalmente poderosa; Hítem: De onde ele vem

ninguém sabe, nem aonde vai, nem onde se encontra nos entretempos; Hítem: Por que ele queima tão destramente? Ele puxou a pena e a tinta para perto e, com movimentos demorados, acrescentou: Hítem: Pode um dragão ser destruído e virar um nada completo? Pensou um pouco e continuou: Hítem: Por que ele explodiu de modo que ninguém possa encontrá-lo, por mais que busquem? Um enigma, isso. Lady Ramkin disse que, quando um dragão do pântano explodia, havia dragão por toda parte. Há de se concordar que as suas vísceras devem ter sido um pesadelo alquímico, mas os cidadãos de Ankh-Morpork deveriam estar até agora retirando dragões das ruas com pás. Ninguém parece ter se preocupado com isso. Mas a fumaça violeta foi bastante impressionante. Errol terminou o carvão e passou para os instrumentos de ferro. Até aquele momento, naquela noite, havia comido três paralelepípedos, uma maçaneta, alguma coisa inidentificável que encontrou na calha e, para espanto geral, três das salsichas de miúdos de galinha legítima de Cava-a-Própria-Cova. O barulho do atizador de fogo sendo mastigado e engolido se misturava à batida da chuva nas janelas.

Vimes voltou o olhar fixo para o papel e escreveu: Hítem: Como podem os Reis surgir do nada? Ele não tinha sequer visto o rapaz de perto. Parecia bem-apegoado, não exatamente um grande pensador, mas definitivamente tinha o tipo de perfil que não ficaria mal nas moedas de 10 centavos. E, veja bem, depois de ter matado o dragão ele poderia até ser um trasgo vesgo que não haveria problema. A multidão o carregara em triunfo até o palácio do patricio.

Lorde Vetinari fora trancado em seus próprios calabouços. Ele não havia resistido muito, pelo que consta. Apenas sorriu para todos e foi em silêncio. Que feliz coincidência para a cidade. Bem no momento em que precisava de um campeão para matar o dragão, surge um rei.

Vimes virou seus pensamentos do avesso. Depois, colocou-os no lugar. Pegou a pena e escreveu: Hítem: Que chance feliz não é, para um rapaz que seria Rei, que haja um Dragão a ser morto para que se prove, para além de quaisquer dúvidas, sua bôafé. Era muito melhor que marcas de nascença e espadas, isso com certeza. Ele girou um pouco a pena, e depois rabiscou: Hítem: O dragão não era um dispositivo Mecânico, porém, certamente nenhum pheiticeiro tem o poder de criar uma besta daquela magui. magueni. maginit. Grandeza.

Hítem: Por quê, naquela hora, não pôde soltar phogo? Hítem: De onde ele veio? Hítem: Para onde phoi? A chuva batia mais forte na janela. Os sons da comemoração ficaram claramente úmidos e depois se foram de vez. Havia um murmúrio de trovoadas. Vimes sublinhou phoi diversas vezes. Após refletir um pouco mais, acrescentou dois pontos de interrogação: ?? Depois de olhar para o efeito por algum tempo, fez uma bola com o papel e jogou na lareira, onde foi apanhado e engolido por Errol.

Um crime havia sido cometido. Sentidos que Vimes não sabia possuir, sentidos antigos de policial, eriçaram os cabelos de sua nuca e lhe disseram que

um crime havia sido cometido. Provavelmente era um crime tão esquisito que não figurava em nenhuma parte do livro de Cenoura, mas tinha sido cometido, sim. Um punhado de assassinos em alta temperatura era apenas o começo. Ele descobriria e daria um nome a ele.

Então, levantou-se, pegou a sua capa de chuva de couro do gancho atrás da porta e saiu para a cidade desprotegida.

Aqui é o lugar aonde os dragões foram parar.

Eles repousam...

Nem mortos, nem dormindo. Nem esperando, porque esperar implica ter expectativa. É possível que a palavra que procuramos aqui seja...

... irados.

O dragão podia se lembrar da sensação do ar sob as suas asas e do simples prazer da chama. Havia céus vazios acima e um mundo interessante abaixo, cheio de estranhas criaturas correndo de um lado para o outro. A existência tinha uma textura diferente ali. Uma textura melhor.

E bem quando ele estava começando a gostar foi aleijado, impedido de lançar chamas e enxotado como se fosse um mamífero canino e peludo. O mundo havia sido retirado dele.

Nas sinapses répteis da mente do dragão, acendeu-se a ideia de que era possível tomar o mundo de volta. Ele havia sido evocado e depois expulso com desprezo. Mas talvez houvesse um vestígio, um cheiro, um fio que o levasse para o céu...

Talvez houvesse até mesmo um trajeto de pensamento...

Ele se lembrou de uma mente. A voz rabugenta, tão cheia de sua própria importância diminuta, uma mente quase igual à de um dragão, mas numa escala minúscula.

A-ha.

Ele abriu as asas.

Lady Ramkin preparou uma xícara de chocolate e ficou ouvindo a chuva gorgolejar nos canos do lado de fora.

Tirou os sapatos de dança odiados que até ela mesma estava pronta para admitir que pareciam um par de canoas cor-de-rosa. Mas a nobreza obriga, como o sargento engraçadinho diria. Como a última representante de uma das famílias mais antigas de Ankh-Morpork, ela teve que ir ao baile da vitória para demonstrar boa-vontade.

Lorde Vetinari raramente promovia bailes. Havia uma canção popular a esse respeito, na verdade. Mas agora os bailes viriam um atrás do outro. Ela não suportava bailes. Nem se comparava ao trabalho de limpar o esterco dos dragões. Quando você limpava o esterco, tinha um objetivo. E não ficava rosada e com calor, nem tinha que comer coisas idiotas em espetinhos, ou usar um vestido que a fazia parecer uma nuvem cheia de querubins. Os pequenos dragões

não estavam nem aí para a sua aparência, desde que você tivesse um prato de comida nas mãos.

É engraçado, realmente. Ela sempre achou que fossem necessárias semanas, meses, para organizar um baile. Convites, decoração, salsichas no espeto, pastas horrorosas de frango para serem enfiadas nas formas com massas. Mas tudo havia sido feito em questão de horas, como se já estivessem esperando por isso. Um dos milagres do buffet, obviamente. Ela havia até dançado com o, por falta de palavra melhor, novo rei, que dissera algumas palavras gentis para ela embora tivessem ficado bastante abafadas.

E a coroação no dia seguinte. Alguém diria que seriam necessários meses para resolver tudo.

Ela ainda estava refletindo sobre essas questões enquanto misturava a ração noturna dos dragões, que consistia em petróleo com turfa, salpicado com flores de enxofre. Ela não se deu ao trabalho de tirar o vestido do baile, apenas vestiu o avental pesado por cima, pôs as luvas e o capacete, baixou o visor sobre o rosto e correu sob a chuva forte até o barracão, segurando firmemente os baldes com o alimento.

Ela sabia, desde o momento em que abrira a porta. Normalmente, a chegada de comida era recebida com pios, zunidos e breves explosões de chamas. Os dragões, cada um no seu cercado, estavam de pé num silêncio apreensivo, olhando para o alto através do telhado.

De algum modo aquilo era assustador. Ela bateu os baldes um no outro.

– Não precisam ficar com medo, o dragão grande e infame foi embora pra sempre! – ela disse, num tom animador. – Fiquem perplexos com isto aqui, vocês! Um ou dois deles deram uma olhada rápida para ela e logo voltaram para o seu...

O quê? Eles não pareciam estar assustados. Apenas muito concentrados em alguma coisa. Era como uma vigília. Esperavam que algo acontecesse. O trovão soou novamente.

Alguns minutos depois, ela estava a caminho da cidade úmida. Existem algumas canções que jamais são cantadas no estado sóbrio.

“Nellie Dean” é uma delas. Assim como uma canção que começa assim: “Enquanto eu ia andando...”. Na área ao redor de Ankh-Morpork, a melodia favorita é “O Cajado de um Feiticeiro é Arredondado na Ponta”. Os soldados estavam bêbados. Pelo menos dois dos três soldados estavam bêbados. Alguém havia convencido Cenoura a experimentar um shandy, mas ele não tinha gostado muito. Ele não conhecia todas as palavras usadas por um policial, e muitas das que conhecia não compreendia.

– Ah, entendi – disse, finalmente. – É uma brincadeira cômica com as palavras, não é? – Sabem de uma coisa? – começou Colon, num tom saudoso, observando a névoa espessa que rolava do rio Ankh. – É em momentos como

este que eu sinto a falta do velho...

– Você não pode dizer isso – disse Nobby, pendendo um pouco para o lado. – Você concordou, não diríamos nada. Não é bom ficar falando sobre isso.

– Era a música predileta dele – continuou Colon, com tristeza.

– Ele era um bom contratenor.

– Ora, sarge...

– Ele era um homem íntegro, o nosso Gaskin.

– Nós não podíamos ter evitado – disse Nobby, mal-humorado.

– Poderíamos – disse Colon. – Poderíamos ter corrido mais rápido.

– O que aconteceu, então? – perguntou Cenoura.

– Ele morreu – respondeu Nobby – no cumprimento do seu dever.

– Eu disse a ele – começou Colon, dando um trago na garrafa que haviam trazido para ajudá-los a passar a noite. – Eu disse a ele. Vá devagar, eu disse. Você vai se dar mal, eu disse. Não sei o que deu nele, correndo na frente daquele jeito.

– Eu culpo o Grêmio dos Ladrões – interveio Nobby. – Por permitirem pessoas como aquela nas ruas...

– Tinha um sujeito que nós vimos fazer um roubo uma noite – disse Colon, sentindo-se infeliz – Bem na nossa frente! E o capitão Vimes, ele disse: “Vamos”, e nós corremos, só que a questão é que não se deve correr rápido demais, sabe. Ou você pode apanhá-los. Gera vários tipos de problemas, apanhar as pessoas...

– Eles não gostam – explicou Nobby. Houve um murmúrio de trovão e uma rajada de chuva.

– Eles não gostam – concordou Colon.

– Mas Gaskin se esqueceu. Ele saiu correndo, virou a esquina e bom, esse sujeito tinha dois companheiros esperando...

– Na verdade, foi o coração dele.

– Bom, enfim. E lá estava ele – disse Colon. – O capitão Vimes ficou muito perturbado. Não se deve correr rápido na Vigilância, rapaz – disse num tom solene. – Você pode ser um guarda rápido ou um guarda velho, mas nunca será um guarda rápido e velho. Pobre velho Gaskin.

– Não deveria ser assim – observou Cenoura. Colon deu um gole da garrafa.

– Bom, é assim.

A chuva batia no seu capacete e escorria pelo seu rosto.

– Mas não deveria ser – repetiu Cenoura, no mesmo tom.

– Mas é – insistiu Colon.

## MAIS ALGUÉM

na cidade estava desconfortável. Era o bibliotecário. O sargento Colon havia dado o distintivo a ele. O bibliotecário o virava e revirava nas suas mãos grandes e mansas, mordiscando-o de vez em quando. O problema não era que a cidade de repente tivesse um rei. Os orangotangos são tradicionalistas, e não era possível ser mais tradicional que um rei. Mas eles também gostavam das coisas claras, e as coisas não estavam claras. Ou melhor, estavam claras demais. A verdade e a realidade nunca eram tão claras assim. Herdeiros do trono repentinos não dão em árvores, e ele deveria ser o primeiro a saber.

Além disso, ninguém estava procurando o seu livro. Isso era uma questão de prioridade humana.

O livro era a resposta. Tinha certeza disso. Bom, havia uma maneira de descobrir o que estava escrito no livro. Era uma maneira arriscada, mas o bibliotecário se locomovia de maneira arriscada o dia todo.

No silêncio da biblioteca adormecida, abriu a gaveta da sua escrivaninha e retirou dos seus esconderijos mais profundos uma pequena lamparina construída com cuidado para evitar que qualquer chama ficasse exposta. O cuidado nunca era demais com todo aquele papel por perto...

Ele também pegou um saco de amendoins e, depois de pensar um pouco, um grande rolo de barbante. Arrancou com os dentes um pedaço curto do barbante e o usou para pendurar o distintivo no pescoço, como um talismã. Depois, amarrou uma ponta do rolo à mesa e, após um momento de contemplação, saiu balançando entre as estantes de livros, pendurando-se pelas juntas dos dedos e soltando o barbante atrás dele.

Conhecimento é igual a poder...

O barbante era importante. Depois de algum tempo, o bibliotecário parou. Ele concentrou todo o seu poder de bibliotecnia.

Poder é igual a energia...

As pessoas eram burras, às vezes. Elas achavam que a Biblioteca fosse um lugar perigoso por causa de todos aqueles livros mágicos, o que fazia muito sentido, mas o que realmente fazia dela um dos lugares mais perigosos que poderia existir era o simples fato ser uma biblioteca.

Energia é igual a matéria...

Ele deu um giro na direção de uma avenida de prateleiras que aparentava ter alguns metros de comprimento e andou por ela num bom ritmo durante meia hora.

Matéria é igual a massa.

E a massa distorce o espaço. Ela o distorce transformando-o em espaço-L polifractal.

Portanto, embora o sistema Dewey possua seus pontos corretos, quando você passa a procurar algo nas dobras multidimensionais do espaço-L, o que realmente precisa é de um rolo de barbante.

Agora a chuva castigava a cidade. Reluzia nas pedras da pavimentação da Praça das Luas Quebradas, com pedaços de panos, bandeiras e garrafas quebradas jogados aqui e ali, e alguns jantares regurgitados. Ainda se ouvia muitos trovões e havia um cheiro fresco de madeira úmida no ar. Alguns fragmentos de névoa do rio Ankh pairavam sobre as pedras. Logo amanheceria. Os passos de Vimes ecoavam num tom molhado nos prédios próximos à medida que ele se aproximava da praça. O garoto estava aqui. Através dos fragmentos de névoa, ele examinava os prédios que ficavam ao redor, tentando se localizar. Então, o dragão pairou – ele deu um passo à frente – por aqui.

– E foi aqui que ele foi morto – disse Vimes. Vasculhou os bolsos. Havia todo tipo de coisa ali: chaves, pedaços de barbante, rolhas. Seus dedos seguraram um toco de giz.

Vimes se ajoelhou. Errol pulou do seu ombro e saiu bamboleando para inspecionar os detritos da comemoração. Ele sempre cheirava tudo antes de comer, Vimes notou. Era difícil entender por que se dava ao trabalho, afinal ele sempre comia.

A cabeça dele ficou mais ou menos, vejamos, aqui.

Ele andou para trás, passando o giz sobre as pedras, avançando devagar sobre a praça vazia e úmida como um adorador antigo trilhando um labirinto. Aqui, uma asa, curvando-se até encontrar a cauda, que se estendia até aqui, troca de mão, agora vamos para a outra asa...

Quando terminou, caminhou até o centro do contorno e passou as mãos sobre as pedras. Ele se deu conta de que, de certa forma, esperava que estivessem mornas.

Com certeza deveria haver alguma coisa. Algum, ah, ele não sabia, alguma graxa ou algo assim, alguma pelota de dragão frita e seca.

Errol começou a comer uma garrafa quebrada dando todos os sinais de estar gostando.

– Sabe o que eu acho? – disse Vimes. – Acho que ele foi para algum lugar. Mais um trovão retumbou.

– Está bem, está bem – resmungou Vimes. – Foi só uma ideia. Não era algo tão dramático.

Errol parou no meio da mordida.

Muito lentamente, como se estivesse montada numa superfície muito macia e bem lubrificada, a cabeça do dragão se virou para olhar para cima. Ela estava olhando fixamente e com atenção para um trecho de ar vazio. Não se poderia



dizer muito mais.

Vimes estremeceu dentro da capa. Isso era loucura.

– Olha, não se faça de bobo. Não tem nada ali. Errol começou a tremer.

– É só chuva. Vai, termina a sua garrafa. Bela garrafa.

Um ruído fraco, preocupado e choroso saiu da boca do dragão.

– Eu vou lhe mostrar – disse Vimes. Ele deu uma olhada e localizou uma das salsichas de Cova, rejeitada por um folião faminto que decidiu nunca mais ficar tão faminto assim. Ele catou a salsicha do chão.

– Olha – disse, e jogou-a para cima.

Ele tinha certeza, acompanhando a trajetória, de que ela teria caído no chão de novo. Ela não deveria cair para longe, como se ele a tivesse jogado exatamente dentro de um túnel no céu. E o túnel não deveria ter ficado olhando para ele.

Um relâmpago de cor violeta brilhante caiu de repente do ar vazio e atingiu as casas mais próximas à praça, deslizando pelas paredes por vários metros antes de apagar de forma tão repentina que quase negou que jamais tivesse ocorrido.

Depois surgiu novamente, desta vez acertando a borda do muro. A luz se partiu onde bateu, formando uma rede de tentáculos penetrantes que se espalhavam pelas pedras.

A terceira tentativa foi para o alto, formando uma coluna actínica que chegou a subir quinze ou vinte metros no ar, pareceu estabilizar e começou a girar lentamente.

Vimes sentiu que era necessário fazer um comentário. Ele disse: – Arrgh.

Enquanto a luz girava, emitia finas faixas de luz em ziguezague que passavam agitadas por cima dos telhados, às vezes mergulhando, às vezes ricocheteando. Buscando.

Errol subiu correndo pelas costas de Vimes, numa agitação de garras, e se prendeu firmemente ao seu ombro. A aflição torturante fez Vimes lembrar que havia algo que ele deveria estar fazendo. Estava na hora de gritar de novo? Ele tentou outro “Arrgh”. Não, provavelmente não.

O ar começou a ficar com cheiro de estanho queimado.

A carruagem de lady Ramkin chegou chacoalhando à praça, fazendo um barulho parecido com o de uma roleta de cassino, e seguiu direto até Vimes, parando com uma freada que a fez sacudir num semicírculo e forçou os cavalos a virar para o outro lado, ou trançar as pernas. Uma aparição furiosa com roupas de couro acolchoado, luvas enormes, tiara e trinta metros de filó cor-de-rosa molhado inclinou-se na direção dele e gritou: – Vamos embora, seu idiota! Uma luva o pegou por baixo do ombro submisso e o puxou para dentro da cabine.

– E pare de gritar! – ordenou o fantasma, concentrando gerações de autoridade natural em seis sílabas. Mais um grito impeliu os cavalos da atitude imóvel e desnorteada para o galope total.

A carruagem saiu balançando sobre o pavimento da praça. Um tentáculo exploratório de luz trêmula correu pelas rédeas por um momento e depois perdeu o interesse.

– Imagino que você não faça ideia do que está acontecendo. – gritou Vimes, erguendo a voz acima do estalido do fogo giratório.

– Não faço a menor ideia! As linhas rastejantes se espalharam como uma teia sobre a cidade, tornando-se mais fracas com a distância. Vimes as imaginou arrastando-se através de janelas e passando por debaixo de portas.

– Parece que está procurando algo! – gritou.

– Então sumir daqui antes que encontre é uma grande ideia, você não acha? Uma labareda atingiu a obscura Torre da Arte, deslizou para baixo pelos seus flancos cobertos de hera e desapareceu através da abóbada da Biblioteca da Universidade Invisível.

As outras linhas se apagaram.

Lady Ramkin fez a carruagem parar do outro lado da praça.

– Para que querem a Biblioteca? – perguntou, franzindo a testa.

– Talvez queiram consultar algum livro? – Não seja tolo – ela disse, num tom de brincadeira. – Só tem um monte de livros lá dentro. O que um jato de luz ia querer ler? – Algo bem curto? – Eu realmente acho que você deveria tentar ajudar mais.

A linha luminosa explodiu, formando um arco entre a abóbada da Biblioteca e o centro da praça, e pairou no ar – uma faixa de claridade de vários metros de extensão.

Depois, num ímpeto repentino, transformou-se numa esfera de fogo que cresceu rapidamente até circundar quase toda a praça, desapareceu de repente e deixou a noite cheia de sombras violetas ressonantes.

E a praça cheia de dragões.

Quem teria imaginado? Tanto poder ao alcance das mãos. O dragão podia sentir a mágica fluindo para dentro de si, renovando-o a cada segundo, desafiando todas as tediosas leis físicas. Este não era o alimento escasso que ele havia recebido antes. Esta era a matéria certa. Não havia limites para o que ele poderia fazer com um poder destes.

Mas antes ele tinha que fazer uma visita a certas pessoas... Inspirou o ar da madrugada. Buscava o fedor das mentes.

Os dragões nobres não têm amigos. O mais próximo que conseguem chegar da ideia é um inimigo que ainda está vivo.

O ar ficou muito parado. Tão parado que era quase possível ouvir a poeira caindo. O bibliotecário seguia se balançando entre as prateleiras sem fim, apoiando-se nas juntas dos dedos. A abóbada da Biblioteca ainda estava sobre a sua cabeça, mas ela sempre estivera.

Parece bastante lógico para o bibliotecário que, uma vez que havia

corredores em que as prateleiras ficavam para fora, então deveria haver outros corredores no espaço entre os próprios livros, criados a partir de ondulações quânticas pelo simples peso das palavras. Certamente havia alguns sons estranhos vindos de prateleiras que ficavam do outro lado, e o bibliotecário sabia que, se ele puxasse um ou dois livros com muito cuidado, poderia espiar bibliotecas diferentes sob diferentes céus.

Os livros desviam os espaço e o tempo. Uma das razões pelas quais os já mencionados pequenos sebos tortuosos e apertados sempre parecem levemente sobrenaturais é que muitos deles realmente o são. Por terem se extraviado para este mundo depois de entrar na curva errada nas suas livrarias originais, que são mundos onde se considera louvável a prática comercial de usar pantufas o tempo todo e somente abrir a loja quando se tem vontade. Sempre existe o risco de se extraviar para o espaço-L.

Bibliotecários muito mais velhos, no entanto, uma vez que tenham provado o seu valor realizando algum ato heroico de bibliotecário, são aceitos numa ordem secreta e aprendem as artes naturais da sobrevivência além das Prateleiras Que Conhecemos. O bibliotecário era altamente habilidoso em todas elas, mas o que ele estava tentando fazer agora não apenas levaria à sua expulsão da Ordem, como provavelmente da própria vida.

Todas as bibliotecas em todos os lugares estão conectadas ao espaço-L. Todas as bibliotecas. Em todo lugar. E o bibliotecário, guiando-se por meio de marcas esculpidas nas prateleiras por exploradores do passado, por meio do olfato, guiando-se até mesmo pelos sussurros das sirenes da nostalgia, dirigia-se intencionalmente a uma biblioteca muito especial.

Havia um consolo. Se ele errasse, jamais saberia.

Por algum motivo, o dragão era pior em terra. No ar, ele era uma coisa natural, graciosa até mesmo quando estava tentando incendiá-lo por completo. No chão, era apenas um animal grande pra caramba.

Sua enorme cabeça se ergueu contra o fundo cinza da madrugada, virando-se lentamente. Lady Ramkin e Vimes espiavam com cautela atrás de um cocho de água. Vimes segurava firme o focinho de Errol. O dragãozinho choramingava como um cachorro chutado e lutava para se soltar.

– E um bruto magnífico – disse lady Ramkin, com o que ela provavelmente considerou ser um sussurro.

– Eu realmente gostaria que você não continuasse dizendo isso. Ouviu-se um barulho de algo sendo arranhado enquanto o dragão se arrastava pelas pedras.

– Eu sabia que ele não tinha sido morto – rosnou Vimes. – Não havia nenhum pedaço. Estava limpo, tudo muito certinho.

Ele foi mandado a algum lugar por meio de alguma espécie de magia, aposto. Olhe para ele. É impossível! É preciso magia para mantê-lo vivo! – O que você quer dizer? – perguntou lady Ramkin, sem tirar o olhar dos flancos

encouraçados do animal.

O que ele queria dizer? O que ele queria dizer? Ele pensou rápido.

– Só quero dizer que não é fisicamente possível. Nada tão pesado assim deveria ser capaz de voar ou de cuspir fogo dessa maneira. Eu disse a você.

– Mas ele parece bem real. Quer dizer, espera-se que uma criatura mágica seja, bem, diáfana.

– Ah, ele é real. É real, sim – disse Vimes, sarcástico. – Mas e se ele precisar de magia como nós precisamos de... da luz do sol? Ou de Comida.

– Você quer dizer que ele é um taumívoro? – Eu só acho que ele se alimenta de magia, só isso – respondeu Vimes, que não tinha uma educação clássica. – Quer dizer, todos esses dragõezinhos do pântano, sempre prestes a entrar em extinção, suponha que um dia, nos tempos pré-históricos, alguns deles tivessem descoberto como usar a magia.

– Havia muita magia natural por aí, uma época – disse lady Ramkin, pensativa.

– Aí está, então. Afinal, as criaturas usam o ar e o mar. Quer dizer, se há um recurso natural disponível, alguma coisa vai usá-lo, não vai? Então eles não se preocupariam com má digestão, peso, tamanho de asa e assim por diante, porque a magia tomaria conta de tudo. Uau! “Mas seria preciso muita”, pensou. Ele não tinha certeza de quanta magia seria necessária para mudar o mundo de modo a permitir que toneladas de carcaça encouraçada voassem pelo céu como uma andorinha, mas apostava que era muita.

Todos aqueles roubos. Alguém estava alimentando o dragão.

Ele olhou para o contorno da Biblioteca de livros mágicos da Universidade Invisível, o maior acúmulo de poder mágico destilado do Disco. E agora o dragão havia aprendido a se alimentar sozinho.

Percebeu, com um susto terrível, que lady Ramkin não estava mais lá e viu, com horror, que estava caminhando na direção do dragão, com a cabeça erguida, como uma bigorna.

– Que diabos você está fazendo? – sussurrou alto.

– Se ele é descendente dos dragões do pântano, eu provavelmente posso controlá-lo – respondeu. – Você tem que olhar nos olhos deles e usar um tom de voz que não seja aleatório. Eles não resistem a uma voz humana severa. Não têm força de vontade, sabe. São só uns molengões.

Para sua vergonha, Vimes reparou que suas pernas não entrariam numa corrida desesperada para trazê-la de volta. Seu orgulho não gostava disso, mas seu corpo chamou a atenção para o fato de que não era o seu orgulho que corria uma chance bastante razoável de ser transformado numa lâmina colada ao prédio mais próximo. Através de orelhas que queimavam de constrangimento, ele a ouviu dizer: – Mau menino! Os ecos daquela bronca severa atravessaram a praça.

“Oh, deuses”, Vimes pensou. E assim que se treina um dragão? É só virá-lo para o pedaço de chão derretido e ameaçar esfregar o nariz dele ali? Ele arriscou uma olhadela por cima do cocho de cavalos.

A cabeça do dragão balançava lentamente para os lados, como a bola na ponta de um guindaste. Ele tinha um pouco de dificuldade para enxergá-la, logo abaixo de si. Vimes pôde ver os enormes olhos vermelhos se apertarem enquanto a criatura tentava ajustar o foco para a distância do comprimento do seu próprio nariz. Ele parecia confuso. Vimes não ficou surpreso.

– Senta! – berrou lady Ramkin, num tom tão difícil de ser desobedecido que até Vimes sentiu suas pernas se curvarem de forma involuntária. – Bom menino! Acho que eu tenho um pedaço de carvão em algum lugar... – Ela bateu nos bolsos.

Olhar olhos nos olhos. Isso era realmente importante. “Ela realmente”, pensou Vimes, “não deveria ter olhado para baixo por um minuto que fosse”. O dragão ergueu uma garra de modo vagaroso e a prendeu ao chão. Quando Vimes se ergueu um pouco, horrorizado, Errol escapou de suas mãos e passou por cima do cocho com um salto. Ele saiu saltando pela praça numa série de arcos com zunidos de asas, com a boca aberta, soltando arrotos ofegante, tentando soltar chamas.

A resposta que obteve foi uma labareda de fogo branco azulado que derreteu uma faixa de pedra borbulhante de vários metros de comprimento, mas não chegou a acertar o desafiador. Era difícil pegá-lo no ar porque estava bastante claro que nem mesmo Errol sabia onde estaria no instante seguinte, ou que caminho faria depois do próximo salto. Sua única esperança naquele momento estava no movimento, e ele fazia acrobacias e girava entre as explosões de fogo cada vez mais furiosas, como uma partícula aleatória amedrontada, porém determinada.

O grande dragão se ergueu ao som de uma dúzia de correntes de âncoras sendo jogadas num canto e tentou derrubar aquele que o atormentava. Naquele momento, as pernas de Vimes cederam e decidiram que poderiam ser pernas heroicas por algum tempo. Ele atravessou correndo a distância que deixava lady Ramkin ao seu alcance, com a espada em punho, sem saber se seria útil, agarrou-a pelo braço e um punhado de vestido de baile molhado e a jogou sobre o ombro.

Ele tinha alguns metros até que se desse conta da falta de bom senso dessa atitude.

Ele fez “Humpf”. Suas vértebras e joelhos tentavam se fundir e virar uma coisa só. Pequenas manchas violetas apareciam e sumiam na sua visão. Ainda por cima, alguma coisa estranha, aparentemente feita de osso de baleia, cutucava a sua nuca de modo dolorido.

Ele conseguiu dar mais alguns passos por pura inércia, sabendo que, quando

parasse, seria esmagado até o fim. Os Ramkíns não haviam procriado pela beleza, e sim pela solidez saudável e por ossos grandes, e tinham se tornado especialistas nisso ao longo dos séculos.

Uma gota pálida de chama de dragão bateu numa pedra do pavimento a poucos metros de distância.

Depois, ele se perguntou se havia apenas imaginado que pulou vários centímetros no ar e percorreu o resto da distância até o cocho numa corrida respeitável. Talvez, em situações extremas, todas as pessoas aprendam o tipo de movimento instantâneo que é natural para Nobby. De todo modo, o cocho estava atrás dele e lady Ramkín estava em seus braços, ou pelo menos estava prendendo os seus braços ao chão. Ele conseguiu soltá-los e tentou fazer uma massagem para reanimá-los. O que fazer agora? Ela não parecia ferida. Ele se lembrou de algo sobre afrouxar as roupas da pessoa, mas no caso de lady Ramkín isso poderia ser perigoso sem o uso de ferramentas especiais. Ela resolveu o problema mais urgente segurando a ponta do cocho e ficando de pé.

– Certo, eu tinha que estar com este chinelo... – Os olhos dela se dirigiram a Vimes pela primeira vez.

– Que diabos está acontecendo... – ela começou novamente e, em seguida, viu a cena acima dos ombros dele.

– Oh, droga – disse. – Perdoe o meu klatchiano.

Errol estava ficando sem energia. As asas curtas realmente eram incapazes de um vôo de verdade, e ele estava se mantendo no ar simplesmente por bater as asas como um louco, como uma galinha. As grandes garras fizeram um zunido no ar. Uma delas atingiu uma das fontes da praça e a demoliu. A próxima deu uma pancada certa em Errol.

Ele passou acima da cabeça de Vimes numa trajetória reta e ascendente, atingiu um telhado e desceu escorregando.

– Você precisa pegá-lo! – gritou lady Ramkín. – Você precisa). É vital! Vimes olhou para ela e deu um mergulho para a frente enquanto o corpo em forma de pãra de Errol deslizava pela beira do telhado e caía. Era surpreendente como ele era pesado.

– Graças a Deus – disse lady Ramkín, na ponta dos pés. – Eles explodem fácil, sabe. Poderia ter sido muito perigoso.

Eles se lembraram do outro dragão. Não era do tipo que explodia. Era do tipo que matava pessoas. Eles se viraram devagar.

A criatura apareceu acima deles, farejou-os e, como se não fossem nem um pouco importantes, virou-se para o outro lado. Saltou pesadamente no ar e, com uma batida lenta das asas, começou a remar para longe com calma, para dentro da névoa que rolava acima da cidade.

Naquele momento, Vimes estava mais preocupado com o dragão menor que estava em suas mãos. Seu estômago roncava de forma alarmante. Ele desejou

que tivesse prestado mais atenção no livro sobre dragões. Um barulho do estômago como este era um sinal de que estava prestes a explodir, ou significava que você precisava tomar cuidado com o momento em que o ronco parasse? – Temos que segui-lo! – disse lady Ramkin. – O que aconteceu com a carruagem? Vimes apontou a mão vagamente na direção em que, até onde ele sabia, os cavalos haviam corrido, em pânico.

Errol espirrou uma nuvem de gás quente que cheirava pior do que alguma coisa fechada num celeiro, passou as patas no ar com fraqueza, lambeu o rosto de Vimes com uma língua que parecia um ralador de queijo quente, lutou para sair do seu colo e saiu trotando.

– Aonde ele está indo? – a voz de lady Ramkin pareceu um trovão enquanto energia da névoa, puxando os cavalos atrás dela. Eles não queriam vir, seus cascos tiravam faíscas das pedras, mas estavam travando uma batalha perdida.

– Ele ainda está tentando desafiá-lo! Parecia que tinha desistido, não? – Eles lutam como loucos – explicou lady Ramkin, enquanto Vimes subia na cocheira. – É uma questão de fazer o adversário explodir, sabe.

– Eu achava que, na Natureza, o animal derrotado apenas rolasse no chão demonstrando submissão, e só – disse Vimes enquanto eles saíam chacoalhando atrás do dragão do pântano desaparecido.

– Isso não funcionaria com dragões. Se uma criatura maluca fica rolando no chão, você pode arrancar as tripas dela. É assim que eles vêm. Quase como os humanos, na verdade.

As nuvens estavam aglomeradas formando uma camada espessa sobre Ankh-Morpork. Acima delas, a lenta luz dourada do sol do Disco se estendia. O dragão reluzia na alvorada à medida que trilhava o seu caminho no ar com alegria, fazendo viradas e rolamentos impossíveis pelo puro prazer de fazê-los. Então se lembrou da questão que tinha que resolver naquele dia. Eles tiveram a audácia de convocá-lo...

Abaixo dele, os soldados vagavam de um lado ao outro na rua dos Pequenos Deuses. Apesar da neblina cada vez mais espessa, a rua começava a ficar movimentada.

– Comêque chama aquelas coisas que são tipo escadarias magras? – perguntou o sargento Colon.

– Escadas de mãos – respondeu Cenoura.

– Tem muitas por aqui – disse Nobby. Ele foi cambaleando até a mais próxima delas e a chutou.

– Oi! – Um vulto desceu com dificuldade, semienterrado por um amontoado de bandeiras.

– O que está acontecendo? – perguntou Nobby.

O carregador de bandeiras olhou-o de cima a baixo.

– Quem é que tá querendo saber, pinguço? – Com licença, nós queremos –

começou Cenoura, saindo da neblina como um iceberg. O homem deu um sorriso amarelo.

– Bom, é a coroação, não é?. Temos que preparar as ruas pra coroação. Tem que ter bandeira pendurada. Temos que tirar os enfeites velhos do armário, não temos? Nobby lançou um olhar cínico para a decoração encharcada.

– Não me parecem tão velhos assim. Parecem novos. O que são aquelas coisas gordas e moles naquele escudo? -Aqueles são os hipopótamos reais de Ankh – disse o homem, orgulhoso. – Lembranças da nossa herança nobre.

– Há quanto tempo temos uma herança nobre, então? – perguntou Nobby.

– Desde ontem, é claro.

– Não se pode ter herança em um dia – observou Cenoura. -Ela tem que durar muito tempo.

– Se não temos herança – disse o sargento Colon -, aposto que logo, logo teremos uma. Minha esposa me deixou um bilhete sobre isso. Depois de todos esses anos, descobro que ela é monarquista. – Ele chutou o pavimento com violência. – Ha! Um homem sua a camisa durante trinta anos para pôr um pouco de carne na mesa, mas tudo o que ela fala é sobre um garoto que conseguiu ser rei em quinze minutos. Sabe o que tinha pro jantar ontem? Sanduíches de caldo de carne! Isso não teve o efeito desejado sobre os dois solteiros.

– Nossa! – disse Nobby.

– Caldo de carne de verdade? – perguntou Cenoura. -Aquele que fica com uns pedaços crocantes em cima? E umas bolhas brilhantes de gordura? – Não me lembro da última vez que levei o pão a um prato de caldo de carne – refletiu Nobby, sentindo-se num paraíso gastronômico. – E só colocar um pouquinho de sal e pimenta, e você tem a refeição de um r...

– Nem diga isso – alertou Colon.

– A melhor parte é quando você enfia a faca e a gordura se desfaz, e toda aquela coisa marrom-dourada borbulha – disse Cenoura, sonhando. – Um momento como esse vale por um re...

– Calaboca! Calaboca! – gritou Colon. – Vocês só estão... que diabos foi isso? Eles sentiram uma corrente de ar de cima para baixo, viram a névoa acima deles correr em espirais que se desfaziam nas paredes das casas. Uma rajada de ar frio varreu a rua e foi embora.

– Foi como se alguma coisa tivesse passado deslizando, lá em cima, em algum lugar – comentou o sargento. Ele ficou paralisado. – Ei, vocês não acham que...? – Nós vimos quando ele foi morto, não vimos? – disse Nobby de imediato.

– Nós vimos quando ele desapareceu – corrigiu Cenoura. Eles se entreolharam, sozinhos e molhados, na rua coberta de névoa. Poderia haver qualquer coisa lá em cima. A imaginação povoava o ar com aparições terríveis. E o pior era saber que talvez a Natureza tivesse feito um trabalho ainda melhor.

– Nah – disse Colon. – É provável que tenha sido apenas algum... alguma ave



pernalta bem grande. Ou algo assim.

– Não tem nada que a gente possa fazer? – perguntou Cenoura.

– Sim – respondeu Nobby. – A gente pode ir embora rápido. Lembra do Gaskin? – Talvez seja outro dragão – disse Cenoura. – Nós deveríamos alertar as pessoas e...

– Não – interrompeu o sargento Colon com veemência -, porque A) eles não acreditariam em nós e, Bê) nós temos um rei agora. Os dragões são assunto dele.

– 'Su mesmo – concordou Nobby. – Ele provavelmente ficaria muito bravo. Os dragões provavelmente são, sabe, animais reais. Como o veado. Podem interromper os tridilins de um homem só por ele pensar em matar um dragão quando tem um rei por perto. (*Tridilins: Uma cerimônia religiosa curta e desnecessária realizada diariamente pelos Dervixes Sagrados e Equilibrados de Otherz, de acordo com o Dicionário de Palavras que Fazem os Olhos Lacrimajarem.*)

– É uma coisa que nos deixa felizes por sermos plebeus – disse Colon.

– Plebeus – corrigiu Nobby.

– Essa não é uma atitude muito cívica... – começou Cenoura. Ele foi interrompido por Errol.

O pequeno dragão veio trotando no meio da rua, a cauda curta esticada, olhos fixos nas nuvens acima dele. Passou direto pelos soldados, sem prestar atenção neles.

– O que há com ele? – perguntou Nobby.

Um ruído atrás deles anunciou a carruagem dos Ramkin.

– Homens? – perguntou Vimes, hesitante, tentando enxergar através da neblina.

– Com certeza – respondeu o sargento Colon.

– Vocês viram um dragão passar? Sem ser o Errol? – Bom, er... – disse o sargento, olhando para os outros dois. – Meio que sim, senhor. Possivelmente. Pode ter sido.

– Então não fiquem parados como um bando de bobos – disse lady Ramkin. – Entrem! Tem muito espaço aqui dentro! E tinha. Quando foi construída, a carruagem provavelmente era a coisa mais maravilhosa do momento, toda luxuosa e dourada, com pompons pendurados. O tempo, a negligência e o fato de os assentos terem sido arrancados para permitir o seu uso frequente para o transporte de dragões para

exposições a castigaram, mas ela ainda cheirava a privilégio, estilo e, é claro, dragões.

– O que vocês pensam que estão fazendo? – perguntou Colon, enquanto saíam chacoalhando pela neblina.

– Acenando – respondeu Nobby, gesticulando com graça para as pessoas ao redor.

– Lamentável esse tipo de coisa, realmente – refletiu o sargento Colon. – Pessoas andando por aí em carruagens como esta quando existem outras sem um teto sobre a cabeça.

– A carruagem é da lady Ramkin – disse Nobby. – Ela é legal.

– Bem, sim, mas e os ancestrais dela, hein? Não se conseguem casas grandes e carruagens sem oprimir um pouco os pobres.

– Você só está aborrecido porque a sua patroa andou bordando coroas nas calcinhas – disse Nobby.

– Isso não tem nada a ver com a história – retrucou o sargento Colon, indignado. – Eu sempre fui muito firme em relação aos direitos do homem.

– E do anão – completou Cenoura.

– É, isso – concordou o sargento, incerto. – Mas toda essa história de reis e lordes, isso vai contra a dignidade humana. Nós todos nascemos iguais. Isso me dá nojo.

– Nunca ouvi você falar assim antes, Frederick – disse Nobby.

– E sargento Colon para você, Nobby.

– Desculpa, sargento.

A própria neblina estava se modelando para formar um verdadeiro gumbo (*É como uma sopa de ervilha, só que mais grossa, mais suspeita e com coisas que você provavelmente preferiria não ficar sabendo.*) de outono de Ankh-Morpork. Vimes espremia os olhos ao passar por ela enquanto as gotículas começavam a entrar em ação, deixando-o encharcado.

– Eu consegui localizá-lo. Vire à esquerda aqui.

– Alguma ideia de onde estamos? – perguntou lady Ramkin.

– Algum bairro comercial – disse Vimes, em poucas palavras. O avanço de Errol estava se tornando mais lento. Ele ficava olhando para cima e gemendo.

– Não consigo ver nada acima de nós nesta neblina. Será que... A neblina, como se tivesse entendido, subiu. Acima deles, ela floresceu, como um crisântemo, e fez um barulho parecido com “uumm”.

– Oh, não – murmurou Vimes. – De novo não! – Os Cálices da Integridade estão bem e verdadeiramente difundidos? – perguntou o Irmão Torre de Vigia.

– Sim, difundidos, cheios, bem.

– As Águas do Mundo, elas foram abjuradas?

– Sim, abjuradas, cheias, poderosas.

– Os Demônios do Infinito foram amarrados com muitas correntes?

– Droga! – exclamou o Irmão Emboçador. – Sempre tem mais alguma coisa. O Irmão Torre de Vigia ficou desanimado.

– Seria bom se pelo menos uma vez conseguíssemos acertar os rituais antigos e eternos. É melhor vocês andarem com isso.

– Não seria mais rápido, Irmão Torre de Vigia, se eu fizesse duas vezes da próxima vez? O Irmão Torre de Vigia considerou a sugestão a contragosto.

Pareceu razoável.

– Está bem. Agora volte lá com os outros. E vocês devem me chamar de Grande Mestre Supremo Interino, entenderam? Isso não teve o que ele chamaria de uma recepção apropriada e digna por parte dos Irmãos.

– Ninguém nos disse nada sobre você ser o Grande Mestre Supremo Interino – resmungou o irmão Porteiro.

– Bom, pois fiquem sabendo, porque o Grande Mestre Supremo me pediu para abrir a Loja Maçônica porque ele ia se atrasar com todo o trabalho da coroação – disse o Irmão Torre de Vigia, com arrogância. – Se isso não faz de mim uma droga de um Grande Mestre Supremo Interino, eu gostaria de saber o que faz.

– Eu não vejo por quê – murmurou o Irmão Porteiro. – Você não tem que ter um título grandioso assim. A gente podia chamá-lo apenas de algo como, bem... Monitor de Rituais.

– É – concordou o Irmão Emboçador. – Não vejo por que você deva se achar importante. Você nem sequer aprendeu os mistérios antigos e místicos dos monges ou algo do tipo.

– A gente está sem fazer nada há horas também – observou o Irmão Porteiro. – Isso não está certo. Achei que receberíamos alguma recompensa... O Irmão Torre de Vigia percebeu que estava perdendo o controle da situação. Ele tentou a diplomacia bajulatória.

– Tenho certeza de que o Grande Mestre Supremo logo conseguirá o êxito total. Não vamos estragar tudo, certo? Rapazes? Depois de termos arranjado aquela luta com o dragão e tudo o mais, tirando tudo na hora certa, isso foi demais, não foi? Passamos por muitas dificuldades, não foi? Vale a pena esperar só mais um pouquinho, certo? O círculo de vultos com mantos encapuzados se remexeu numa aceitação contrariada.

– Está bem.

– É justo.

– Sim.

– Certamente. -Ok

– Se você está dizendo que sim.

O Irmão Torre de Vigia começou a sentir que algo estava errado, mas não sabia identificar exatamente o quê.

– Er... Irmãos? Eles também se remexeram, desconfortáveis. Alguma coisa no recinto estava causando arrepios. A atmosfera estava diferente.

– Irmãos? – repetiu o Irmão Torre de Vigia, tentando se certificar. – Nós estamos todos aqui, não estamos? Eles concordaram num coro preocupado.

– É claro que estamos.

– Qual é o problema? -Sim! -Sim.

– Sim.

Lá estava, de novo, algo sutilmente errado, que não podia ser averiguado porque o medo era maior do que a curiosidade. Mas os pensamentos inoportunos do Irmão Torre de Vigia foram interrompidos por um som de algo arranhando o telhado. Alguns pedaços de gesso caíram dentro do círculo.

– Irmãos? – repetiu o Irmão Torre de Vigia, nervoso. Agora havia um daqueles sons silenciosos, um silêncio longo e murmurante de concentração extrema e apenas possível na inspiração de ar para pulmões do tamanho de sacos de feno. Os últimos ratos da autoconfiança do Irmão Torre de Vigia fugiram do navio da coragem, que naufragava.

– Irmão Porteiro, você poderia, por favor, desferrolhar o portal terrível... – disse, com a voz trêmula.

E então fez-se luz.

Não houve dor. Não houve tempo.

A morte leva muitas coisas embora, especialmente quando chega a uma temperatura alta o suficiente para evaporar ferro, e entre elas estão as nossas ilusões. Os restos mortais do Irmão Torre de Vigia observaram o dragão ir embora, voando para dentro da neblina, e depois olharam para baixo e viram a poça solidificada em pedra, metal e miscelâneas de microelementos: tudo o que restou da sede secreta. E de seus ocupantes, ele percebeu, do modo impassível como a pessoa fica quando está morta. Você passa pela vida toda e termina uma mancha rodopiando, como o creme numa xícara de café. Quaisquer que fossem os jogos dos deuses, eles os jogavam de um jeito misterioso pra caramba. Ele olhou para cima e viu a figura encapuzada ao seu lado.

– Nós nunca quisemos que fosse assim – disse, sem forças. – toda a sinceridade. Sem ofensas. Nós só queríamos o que nos cabia.

Uma mão esquelética deu um tapinha no ombro dele, não sem afeto. E Morte disse: – Meus parabéns.

Fora o Grande Mestre Supremo, o único Irmão Esclarecido que não estava presente na hora era o Irmão Dedos. Ele tinha saído para comprar pizzas. O Irmão Dedos sempre era o escolhido para trazer comida. Era mais barato. Ele nunca se preocupava em dominar a arte de pagar pelas coisas. Quando os guardas chegaram, logo atrás de Errol, o Irmão Dedos estava parado com uma pilha de caixas de papelão nas mãos e a boca aberta. Onde deveria estar o portal terrível, havia um fragmento morno de substâncias variadas.

– Oh, meu Deus – disse lady Ramkin.

Vimes deslizou para fora da carruagem e deu um tapinha no ombro do Irmão Dedos.

– Com licença, senhor. O senhor, por acaso, viu o que... Quando o Irmão Dedos se virou para ele, tinha a expressão de um homem que passara de asadelta por cima da entrada do Inferno. Ele ficou abrindo e fechando a boca, mas nenhuma palavra saía. Vimes tentou mais uma vez. O puro terror congelado no

rosto do Irmão Dedos o incomodava.

– Se o senhor puder fazer o favor de me acompanhar até o Jardim, eu tenho motivos para acreditar que o senhor... – ele hesitou. Não estava totalmente certo sobre em que ele tinha motivos para acreditar. Mas o homem era claramente culpado. Era possível saber só de olhar. Talvez não fosse culpado de alguma coisa específica. Apenas culpado, em termos gerais.

– Mmmmmã – disse o Irmão Dedos.

O sargento Colon ergueu com delicadeza a tampa da cabine.

– O que você acha disso, sargento? – perguntou Vimes, dando um passo para trás.

– Er... Parece uma Klatchiana Quente com anchovas, senhor – respondeu o sargento Colon, com ar de conhecedor do assunto.

– Estou me referindo ao homem – explicou Vimes, cansado.

– Nnnnn – disse o Irmão Dedos. Colon espiou por baixo do capuz.

– Ah, eu o conheço, senhor. Bengy “Pé-leve” Boggis, senhor. Ele é um do Grêmio dos Ladrões. Eu o conheço há muito tempo, senhor. Malandrinho dissimulado. Trabalhava na Universidade.

– O quê, um feiticeiro? – Biscateiro, senhor. Jardinagem, carpintaria e coisas do tipo.

– Ah, é? – Não podemos fazer alguma coisa pelo pobre homem? – perguntou lady Ramkin.

Nobby bateu continência com força.

– Eu poderia chutá-lo no saco para a senhora, se a senhora quiser, milady.

– Ddrrr – disse o Irmão Dedos, começando a tremer de forma incontrolável enquanto lady Ramkin sorria o sorriso vago e rígido como ferro de uma dama bem-nascida e determinada a não demonstrar que entendeu o que acabou de ser dito a ela.

– Coloquem-no na carruagem, vocês dois – ordenou Vimes. – Se não for um problema para a senhora, lady Ramkin...

– Sybil... – corrigiu lady Ramkin. Vimes corou e emendou: – ... pode ser uma boa ideia colocá-lo num lugar fechado. Registre-o como acusado do roubo de um livro, a saber, A Evocação de Dragões.

– Está certo, senhor – disse o sargento Colon. – As pizzas estão esfriando, também. Sabe como o queijo fica todo duro quando esfria.

– E nada de chutá-lo também – avisou Vimes. – Nem mesmo em uma parte menos privada. Cenoura, você vem comigo.

– DDdrrraa – o Irmão Dedos resolveu se pronunciar.

– E levem Errol – acrescentou Vimes. – Ele está enlouquecendo aqui. Manco danadinho, vai ganhar uma bronca.

– Maravilhoso, se você parar pra pensar – observou Colon. Errol estava trotando de um lado para o outro diante do prédio devastado, gemendo.

– Olhe para ele – disse Vimes. – Está louco para brigar. Seu olhar foi puxado, como se por fios de uma marionete, para as nuvens onduladas de neblina.

“Ele está lá dentro, em algum lugar”, pensou.

– O que vamos fazer agora, senhor? – perguntou Cenoura enquanto a carruagem saía balançando.

– Não está nervoso, está? – Não, senhor.

O modo como ele respondeu despertou algo na mente de Vimes.

– Não, você não está. Acho que isso é porque você foi criado por anões. Você não tem nenhuma imaginação.

– Tenho certeza de que tento fazer o possível, senhor – disse Cenoura, com firmeza.

– Ainda tem mandado todo o seu salário para a sua mãe? – Sim, senhor.

– Você é um bom garoto.

– Sim, senhor. Então, o que vamos fazer, capitão Vimes? – repetiu Cenoura.

Vimes olhou ao redor. Deu alguns passos sem rumo, irritado. Abriu bem os braços e os deixou cair ao lado do corpo.

– Como eu vou saber? Alertar as pessoas, eu acho. E melhor irmos até o palácio do patricio. E depois...

Havia pegadas na neblina. Vimes congelou, pôs o dedo nos lábios e puxou Cenoura para o abrigo do vão de uma porta.

Um vulto se agigantou para fora da massa de nuvens.

“Mais um”, pensou Vimes. “Bom, não existe nenhuma lei sobre o uso de mantos pretos e capuzes longos. Poderia haver dezenas de razões perfeitamente inocentes para esta pessoa estar usando um manto preto, um capuz longo, parada em frente a uma casa derretida de madrugada.” “Talvez eu deva pedir que ele me diga pelo menos uma.” Ele deu um passo à frente.

– Com licença, senhor – começou.

O capuz virou para o lado. Houve um sibilar de alguém respirando.

– Eu gostaria de saber se o senhor poderia... atrás dele, policial-lanceiro. A figura começou bem. Correu pela rua e chegou à esquina antes que Vimes chegasse à metade do caminho. Ele derrapou na altura da esquina a tempo de ver uma forma desaparecer no beco.

Vimes percebeu que estava correndo sozinho. Ele parou e olhou para trás a tempo de ver Cenoura correr calmamente até a esquina.

– Qual é o problema? – perguntou, ofegante.

– O sargento Colon disse que eu não deveria correr. Vimes olhou para ele com uma expressão vaga. Então, a compreensão lenta se aclarou.

– Oh. Eu, er... entendo. Eu acho que ele não quis dizer em todas as circunstâncias, rapaz – Ele olhou de novo para a neblina. – Não que tivéssemos muita chance nesta neblina e nestas ruas.

– Pode ter sido apenas um curioso inocente que estava no local, senhor.

– O que, em Ankh-Morpork? – Sim, senhor.

– Nós devíamos tê-lo agarrado, então, só pelo valor da raridade. Ele deu um tapinha no ombro de Cenoura.

– Vamos. É melhor irmos para o palácio do patricio.

– O palácio do Rei – corrigiu Cenoura.

– O quê? – perguntou Vimes, e sua linha de pensamento foi desviada de repente.

– E o palácio do rei agora – insistiu Cenoura. Vimes olhou-o de lado, com os olhos apertados.

Ele deu uma risada curta e melancólica.

– E, está certo – admitiu. – O nosso rei matador de dragões. Aquele homem se deu muito bem. – Ele suspirou. – Eles não vão gostar nada disso. Eles não gostaram. Nenhum deles gostou.

O primeiro problema foi o guarda do palácio.

Vimes nunca gostou deles. Eles nunca gostaram dele. Tudo bem, talvez os soldados estivessem a apenas um passo de ser marginais insignificantes, mas na opinião profissional de Vimes a guarda palaciana, naquele momento, estava a apenas um passo de ser a pior escória criminoso que a cidade jamais produzira. Um passo abaixo. Eles teriam que melhorar um pouco antes que pudessem ser considerados para a inclusão na lista dos Dez Mais Desnecessários. Eles eram rudes. Eles eram durões. Eles não eram a sujeira que ficava na sarjeta, eram o que ainda se encontrava grudado à sarjeta depois que os varredores de rua tinham desistido por causa do cansaço. Eram extremamente bem pagos pelo patricio, e presumia-se que eram extremamente bem pagos por outra pessoa agora porque, quando Vimes se aproximou dos portões, dois deles pararam de se espreguiçar encostados na parede e se ajeitaram, mantendo apenas a porção certa de relaxamento psicológico para causar o máximo de repulsa.

– Capitão Vimes – disse Vimes, olhando para a frente em linha reta. – Para ver o rei. E de máxima importância.

– E? Bom, tinha que ser – respondeu um guarda. – Capitão Vaias, é isso? – Vimes – repetiu, com o máximo de clareza. – Com eme-e. Um dos guardas acenou com a cabeça para o colega.

– Vimes. Com eme-e.

– Interessante – disse o outro guarda.

– É muito urgente – insistiu Vimes, mantendo uma expressão monótona. Ele tentou dar um passo à frente.

O primeiro guarda deu um passo para o lado e imediatamente empurrou seu peito.

– Ninguém vai a lugar nenhum. Ordens do rei, entende? Então você pode voltar para o seu buraco, Capitão Vimes com eme-e.

Não foram essas palavras que o fizeram tomar a decisão. Foi o modo como

o outro homem deu uma risadinha de desprezo.

– Afaste-se.

O guarda se inclinou para a frente.

– Quem vai fazer com que eu me afaste – ele deu uma pancada seca no capacete de Vimes –, vigilante? Há momentos em que é um verdadeiro prazer soltar a bomba de imediato.

– Policial-lanceiro Cenoura, eu quero que você registre uma acusação contra esses homens.

Cenoura bateu continência.

– Muito bem, senhor – disse, virou-se e saiu marchando com elegância, fazendo o caminho de volta para o lugar de onde tinham vindo.

– Ei! – gritou Vimes, enquanto o garoto desaparecia na esquina.

– Isso é o que eu quero ver – disse o primeiro guarda, apoiando-se na lança.

– É um jovem de iniciativa, esse aí. Um rapaz esperto Não quer parar por aqui para arrancarem as orelhas dele. Esse é um jovem que vai longe, se estiver indo na direção certa.

– Muito prudente – concordou o outro guarda. Ele encostou a lança na parede.

– Vocês, homens da Vigilância, me dão vontade de vomitar -disse, num tom casual. – O tempo todo à espreita, nunca fazendo nenhum trabalho direito. Abusando do seu poder como se contassem para alguma coisa. Então, eu e o Clarence vamos mostrar a vocês o que é ser um guarda de verdade, não é mesmo “Eu só consigo, talvez, dar conta de um deles”, pensou Vimes, dando alguns passos para trás. “Se ao menos ele estivesse virado para o outro lado.” Clarence escorou a lança contra o portão e cuspiu nas mãos.

Eles ouviram um urro de lamentação longo e aterrorizante. Vimes ficou surpreso ao perceber que não vinha dele.

Cenoura apareceu na esquina vindo a toda velocidade. Trazia um machado de lenhador em cada mão.

Suas enormes sandálias de couro batiam nas pedras da calçada à medida que ele se aproximava, sempre acelerando. E o tempo todo havia esse grito, diidahdiidahdiidah, como algo que estivesse preso numa armadilha no fundo de um cânion, com ecos em duas tonalidades.

Os dois guardas palacianos ficaram petrificados de espanto.

– Eu me abaixaria, se fosse vocês – disse Vimes, quase ao nível do solo. Os dois machados saíram das mãos de Cenoura e rodopiaram no ar, fazendo um barulho que parecia o de um casal de perdizes. Um deles atingiu o portão do palácio, com metade da lâmina enterrada na madeira. O outro acertou o cabo do primeiro e dividiu-o ao meio. Depois Cenoura chegou. Vimes foi se sentar num banco próximo e começou a enrolar um cigarro. Finalmente disse: – Acho que já é o suficiente, policial-lanceiro. Acredito que eles gostariam de ficar em silêncio



agora.

– Sim, senhor. De que eles são acusados, senhor? – perguntou Cenoura, segurando um corpo amolecido em cada mão.

– De atacar um oficial da Vigilância na execução do seu dever e... ah, sim. Resistência à prisão.

– Seção (vii) da Lei da Ordem Pública de 1457? – Sim – concordou Vimes, num tom solene. – Sim, sim, suponho que sim.

– Mas eles não resistiram muito, senhor – observou Cenoura.

– Bem, tentativa de resistir à prisão. Eu deveria apenas deixá-los perto da parede até voltarmos. Imagino que eles não vão a lugar nenhum.

– O senhor está certo.

– Veja bem, não os machuque. Você não deve ferir prisioneiros.

– Está certo, senhor – disse Cenoura, consciencioso. – Os prisioneiros, uma vez acusados, têm direitos, senhor. Está escrito na Lei da Dignidade do Homem, Direitos Cívicos, de 1341. Eu vivo dizendo ao cabo Nobby. “Eles têm direitos”, digo a ele. Isso significa que não se pode Descer a Bota.

– Muito bem colocado, policial-lanceiro. Cenoura olhou para baixo.

– Você tem o direito de permanecer calado. Você tem o direito de não se ferir ao cair das escadas a caminho da cela. Você tem o direito de não pular de janelas altas. Você não tem que dizer nada, sabe, mas qualquer coisa que você disser, bom, eu terei que anotar e isso poderá ser usado em testemunho. Ele pegou o caderno e lambeu o lápis. E se agachou.

– Desculpe... – ele olhou para Vimes. – Como se soletra “gemido”, senhor? – J-e-m-i-d-o, acho.

– Ótimo, senhor.

– Ah, policial-lanceiro? – Sim, senhor? – Por que os machados? – Eles estavam armados, senhor. Eu peguei no ferreiro na rua do Mercado, senhor. Eu disse que o senhor passaria lá mais tarde para pagar.

– E o urro? – perguntou Vimes, vacilante.

– Grito de guerra dos anões, senhor – explicou Cenoura, orgulhoso.

– É um bom grito – observou Vimes, escolhendo as palavras com cuidado.

– Mas eu ficaria grato se você me avisasse antes da próxima vez, está bem? – Certamente, senhor.

– Por escrito, acho.

O bibliotecário continuava se balançando. O progresso era lento, porque havia coisas que ele não gostava muito de encontrar. As criaturas evoluem para preencher todos os nichos do meio ambiente e algumas delas, na imensidade do espaço-L, deveriam ser evitadas. Eram muito mais incomuns do que as criaturas incomuns de sempre.

Geralmente, ele conseguia se precaver mantendo o olhar atento para os caranguejos de escadas deslizantes que pastavam inofensivos na poeira. Quando

ficavam assustados, era melhor se esconder. Diversas vezes ele teve que se grudar às prateleiras quando um tesouro passou tropejando. Esperou com paciência enquanto um rebanho de Criaturas passou se arrastando, mordiscando o conteúdo dos melhores livros e deixando para trás pilhas de volumes pequenos e delgados de crítica literária. E havia outras coisas, coisas que o faziam sair correndo e para as quais tentava não olhar muito...

Ele era preciso evitar os clichês a todo custo.

Ele acabou de comer o último amendoim no alto de uma escada que observava as lombadas das prateleiras mais altas de forma descuidada. O território parecia definitivamente conhecido, ou pelo menos ele tinha a sensação de que acabaria ficando conhecido. O tempo tinha um significado diferente no espaço-L.

Havia prateleiras cujo contorno ele sentia que conhecia. Os títulos dos livros, que ainda não eram totalmente visíveis, davam uma impressão sedutora de legibilidade. Até o ar mofado tinha um cheiro que ele pensava reconhecer. Passou rápido e desequilibrado por uma passagem secundária, virou a esquina e, apenas com uma leve pontada de desorientação, entrou naquele conjunto de dimensões que as pessoas, por não estarem bem informadas, consideram normal.

Ele apenas sentiu um calor intenso e seu pelo ficou de pé durante a descarga gradual de energia temporal.

Ele estava no escuro.

Ele estendeu um braço e explorou a lombada dos livros ao seu lado. Ah. Agora ele sabia onde estava.

Ele estava em casa.

Ele estava em casa uma semana antes.

Era importantíssimo não deixar nenhuma pegada. Mas isso não era problema. Ele trepou na lateral da estante mais próxima e, sob a luz das estrelas que passava através da abóbada, avançou com pressa.

Lupino Wonse olhou para cima, com os olhos vermelhos, atrás da pilha de papéis em sua mesa. Ninguém na cidade sabia nada sobre coroações. Teve que inventar algumas coisas. Tinha que haver muitas coisas com as quais acenar, disse ele sabia.

– Sim? – perguntou, num tom áspero.

– Er... Tem um tal de capitão Vimes querendo falar com o senhor – disse o laçao.

– O Vimes da Vigilância? – Sim, senhor. Disse que é da maior importância.

Wonse olhou para a sua lista de outras coisas que também eram da maior importância. Coroar o rei, para começar. Os sumo sacerdotes de 53 religiões estavam todos reivindicando a honra. Seria uma briga feia. E havia as joias da coroa.

Ou melhor, não havia joias da coroa. Em algum momento nas gerações anteriores, as joias da coroa tinham desaparecido. Um joalheiro da rua dos Artífices Astutos estava fazendo o máximo que podia no tempo que restava com folhas de ouro e vidro.

Vimes poderia esperar.

– Diga a ele para voltar outro dia.

– Que bom que o senhor nos recebeu – disse Vimes, aparecendo à porta. Wonse o encarou com raiva.

– Já que você está aqui...

Vimes largou o capacete sobre a mesa de Wonse de uma maneira que foi considerada ofensiva pelo secretário, e sentou-se.

– Sente-se – disse Wonse.

– Já tomou o café da manhã? – Na verdade, não... – começou Wonse. – Não se preocupe, o policial Cenoura vai ver o que tem nas cozinhas. Esse camarada vai mostrar o caminho a ele.

Depois que eles saíram, Wonse se inclinou na direção dos montes de papel.

– É melhor que haja uma razão muito boa para...

– O dragão voltou.

Wonse encarou-o durante algum tempo. Vimes encarou-o também. Os sentidos de Wonse retornaram de onde quer que tenham ido parar.

– Você andou bebendo, não foi? – Não. O dragão voltou.

– Olha... – começou Wonse.

– Eu o vi – disse Vimes, impassível.

– Um dragão? Tem certeza? Vimes se inclinou sobre a mesa.

– Não! Eu posso estar enganado! – gritou. – Pode ter sido outra coisa com malditas garras gigantescas, asas brilhantes enormes e um sopro quente como o fogo! Deve haver um monte de coisas parecidas! – Mas todos nós vimos quando o mataram! – Eu não sei o que nós vimos! Mas eu também sei o que eu vi. Ele se recostou na cadeira, tremendo. De repente, sentiu-se extremamente cansado.

– De qualquer forma – disse, num tom de voz mais normal -, ele incendiou uma casa na rua Bitwash. Exatamente como fez com as outras.

– Algum deles escapou? Vimes pôs a cabeça entre as mãos. Ele não sabia há quanto tempo não dormia, dormir de verdade, com lençóis. E comer, então? Tinha sido na noite passada ou na anterior? Ele já tinha dormido, pensando bem, alguma vez na vida? Parecia que não. Os braços de Morfeu tinham arregaçado as mangas e estavam esmurrando o fundo do seu cérebro com precisão, mas algumas partes estavam resistindo. Algum deles...? – Algum deles quem? – Das pessoas na casa, é claro – disse Wonse. – Suponho que houvesse pessoas nela. À noite, quer dizer.

– Oh? Oh. Sim. Não era uma casa normal. Acho que era alguma espécie de sociedade secreta – Vimes conseguiu dizer. Alguma coisa estava dando um estalo

na sua cabeça, mas ele estava cansado demais para averiguar.

– De magia, você quer dizer? – Não sei. Poderia ser. Uns homens de capuz.

“Ele vai me dizer que eu estou exagerando”, ele pensou. “E ele terá razão.”

– Olha – disse Wonse, com gentileza. – As pessoas que se metem com magia e não sabem controlá-la, bom, elas podem acabar explodindo tudo e...

– Explodindo tudo? – E você teve dias muito agitados – continuou Wonse, suavemente. – Se eu tivesse sido derrubado e quase queimado vivo por um dragão, imagino que eu estaria vendo dragões por toda parte.

Vimes olhou para ele com a boca aberta. Não conseguia pensar em nada para dizer. O elástico esticado e remendado que o impulsionara durante os últimos dias tinha ficado totalmente frouxo.

– Você não acha que está exagerando um pouco? – perguntou Wonse.

“Ah”, pensou Vimes. “Maravilha.” Ele caiu para a frente.

O bibliotecário inclinou-se com cuidado na estante de livros e estendeu o braço na escuridão.

Lá estava.

Suas unhas grossas agarraram o livro, puxaram-no com cuidado e levantaram-no. Ele ergueu a lamparina devagar.

Não havia dúvidas. A Evocação de Dragões. Única cópia, primeira edição, levemente manchada e extremamente dragonada.

Ele colocou a lamparina ao seu lado e começou a ler a primeira página.

– Mmrrrii – disse Vimes, despertando.

– Truxe uma bela xícara de chá para o senhor, capitão – disse o sargento Colon. – E uma tranha.

Vimes olhou para ele, inexpressivo.

– O senhor estava dormindo – explicou o sargento Colon, prestativo. – O senhor tava apagado quando Cenoura o trouxe de volta.

Vimes olhou ao seu redor, para o ambiente, agora conhecido, do Jardim. Oh.

– Eu e o Nobby estamos fazendo uns investigamentos – disse Colon. – Sabe aquela casa que foi derretida? Bem, ninguém mora lá. São apenas quartos alugados. Então a gente descobriu quem aluga. Tem um zelador que passa lá toda noite para arrumar as cadeiras e trancar a casa. Ele não estava inventando quando disse que a casa pegou fogo. Você sabe como são os zeladores. Ele deu um passo para trás, esperando o aplauso.

– Bom trabalho – disse Vimes, respeitoso, afundando a tranha no chá.

– Existem três sociedades que usam a casa – começou Colon. Ele pegou o seu caderno. – A saber, isto é, A Sociedade de Admiradores das Belas-Artes de Ankh-Morpork, ã-rãn, O Clube de Dança e Música Folclórica de Morpork e os Irmãos Esclarecidos da Noite de Ébano.

– Por que ã-rãn! – Bom, sabe como é. Belas-Artes. São apenas homens pintando retratos de muié pelada. Em trajes de Eva – explicou Colon, o

especialista. – O zelador me contou. Alguns deles nem têm tinta no pincel, sabe. Vergonhoso.

“Deve haver um milhão de histórias na cidade nua”, pensou Vimes.

“Então por que é que eu sempre tenho que ouvir essas?” – Quando eles se encontram? – Às segundas, 7h30, a admissão custa 10 centavos – respondeu Colon, prontamente. – Quanto ao pessoal da dança folclórica... bom, sem problemas por lá. Sabe quando o senhor se pergunta o que o cabo Nobby faz nas suas noites de folga? O rosto de Colon se dividiu num sorriso de melancia.

– Não! O Nobby? – Sim! – confirmou Colon, satisfeito com o resultado.

– O quê, pulando pra lá e pra cá com sinos e balançando o lenço no ar? – Ele disse que é importante preservar os costumes folclóricos antigos.

– O Nobby? Aquele que usa biqueira de aço na virilha e que diz “eu estava só verificando a maçaneta, quando ela abriu sozinha”? – É! Engraçado este mundo, não é? Ele ficou todo acanhado quando falei disso.

– Que coisa.

– É só uma mostra de que a gente nunca sabe o que pode acontecer – disse Colon. – De todo modo, o zelador disse que os Irmãos Esclarecidos sempre deixam o lugar uma bagunça. Marcas de giz espalhadas pelo chão. E nunca colocam as cadeiras direito no lugar, nem lavam a garrafa de chá. Eles têm se encontrado muito ultimamente. Os pintores de muié pelada tiveram que se reunir em outro lugar na semana passada.

– O que você fez com o nosso suspeito? – Ele? Ah, saiu correndo, capitão – disse o sargento, constrangido.

– Por quê? Ele não parecia em condições de correr para lugar nenhum.

– Bem, quando voltamos aqui, nós o deixamos sentado perto da lareira e o enrolamos num cobertor porque ele não parava de tremer – explicou o sargento Colon enquanto Vimes afivelava sua armadura.

– Espero que você não tenha comido as pizzas dele.

– O Errol comeu. E o queijo, sabe, ele fica todo...

– Continue.

– Bom – continuou Colon, sem jeito -, ele continuava tremendo e murmurando coisas sobre dragões e tal. Nós ficamos com pena dele pra dizer a verdade. E aí ele deu um pulo e saiu correndo porta afora sem nenhum motivo. Vimes olhou para o grande rosto franco e desonesto do sargento – Nenhum motivo? – Bom, nós decidimos fazer uma boquinha, então eu mande Nobby ir até a padaria, sabe, e, bom, nós achamos que o prisioneiro tinha que comer alguma coisa...

– Sim? – disse Vimes, encorajando-o.

– Bom, quando Nobby perguntou a ele se queria que torraste as tranhas dele, ele só deu um grito e saiu correndo.

– Só isso? Vocês não fizeram nenhum tipo de ameaça? – De verdade,

capitão. Meio misterioso, na minha opinião. El não parava de falar sobre alguém chamado Grande Mestre Supremo – Humm. – Vimes olhou pela janela. A neblina cinzenta prendia o mundo numa luz opaca. – Que horas são? – Cinco horas, senhor.

– Certo. Bom, antes que escureça... Colon tossiu.

– Quando amanhecer, senhor. Já é amanhã, senhor.

– Vocês me deixaram dormir o dia todo? – Não tivemos coragem de acordar o senhor. Nenhuma atividade por parte do dragão, se é isso o que o senhor está pensando. Tudo parado por aqui, na verdade.

Vimes encarou-o e abriu a janela.

A neblina passava, numa corrente lenta e amarelada.

– Nós achamos que ele deve ter voado para longe – disse voz de Colon atrás dele.

Vimes olhou fixamente para as nuvens pesadas e ondulada; – Espero que o tempo melhore para a coroação – continuo Colon, num tom preocupado. – O senhor está bem? Ele não tinha voado para longe”, pensou Vimes. “Por que ele teria voado para longe? Nós não podemos feri-lo, e ele ter tudo o que quer bem aqui. Está lá em cima, em algum lugar.” – O senhor está bem? – repetiu Colon.

“Ele deve estar lá no alto, em algum lugar, na neblina. Tem todos os tipos de torres e coisas assim.” – A que horas é a coroação, sargento? – Ao meio-dia, senhor. E o senhor Wonse enviou uma mensagem dizendo que o senhor tem que usar a sua melhor armadura ao lado de todos os líderes cívicos.

– Ah, ele disse isso? – E o sargento Hummock e a esquadra diurna formarão as filas para a passagem do cortejo, senhor.

– Com o quê? – perguntou Vimes vagamente, observando o céu.

– Perdão, senhor? Vimes espremia os olhos para enxergar melhor o telhado.

– Humm? – Eu disse que eles formarão as filas do cortejo, senhor – repetiu o sargento Colon.

– Ele está lá em cima, sargento. Eu quase consigo sentir o cheiro.

– Sim, senhor – concordou Colon, obediente.

– Ele está decidindo o que vai fazer agora.

– Sim, senhor.

– Eles não são burros, sabe. Eles apenas não pensam como nós.

– Sim, senhor.

– Então, danem-se as filas do cortejo. Eu quero você lá nos telhados, entendeu? – Sim, se... o quê? – Lá nos telhados. Lá no alto. Quando ele der sua cartada, eu quero que sejamos os primeiros a saber.

Colon tentou indicar por meio de sua expressão que ele não queria.

– O senhor acha que é uma boa ideia? – arriscou. Vimes olhou para ele sem expressão alguma.

– Sim, sargento, eu acho. Foi uma das minhas ideias – disse friamente. –

Agora vá e tome as providências.

Quando ficou sozinho, Vimes tomou banho e fez a barba com água fria. Depois revistou sua cômoda até desenterrar a armadura cerimonial e a capa vermelha. Bom, a capa tinha sido vermelha um dia – e ainda era, aqui e ali, embora no geral lembrasse ma rede pequena, muito útil para caçar mariposas. Também havia um capacete, propositalmente sem plumas, do qual a folha de ouro da espessura de uma molécula havia descascado.

Ele havia começado a juntar dinheiro para comprar uma capa nova uma vez. O que será que aconteceu com o dinheiro? Não havia ninguém no salão da guarda. Errol estava deitado sobre os restos da quarta caixa de frutas que Nobby havia filado para ele. As outras tinham sido comidas, ou dissolvidas.

No silêncio acolhedor, o ronco perpétuo do estômago de Errol parecia especialmente alto. De vez em quando, ele choramingava.

Vimes coçou de leve atrás das suas orelhas.

– O que há com você, garoto? A porta se abriu com um rangido. Cenoura entrou, viu Vimes agachado perto da caixa destruída e bateu continência.

– Estamos um pouco preocupados com ele, capitão – começou.

– Ele não tem comido o carvão. Só fica aí deitado, gemendo e se contorcendo o tempo todo. O senhor acha que ele está com algum problema? – É possível. Mas estar com algum problema é bastante normal para um dragão. Eles sempre superam os problemas. De uma forma ou de outra. Errol olhou para ele com tristeza e fechou os olhos novamente. Vimes puxou o seu pedaço de cobertor para cima dele.

Ouviu-se um guincho. Ele procurou alguma coisa perto do corpo arrepiado do dragão, tirou um pequeno hipopótamo de borracha, ficou olhando surpreso e depois deu um ou dois apertões experimentais.

– Achei que seria bom que ele tivesse alguma coisa para brincar – disse Cenoura, levemente envergonhado.

– Você comprou um brinquedinho para ele? – Sim, senhor.

– Que gentileza.

Vimes desejou que Cenoura não notasse a bola de pelúcia que estava enfiada atrás da caixa. Tinha custado muito caro. Ele deixou os dois e saiu para o mundo exterior.

Agora havia ainda mais bandeiras. As pessoas começavam a parar nas ruas principais, embora ainda tivessem que esperar por horas. A situação ainda era muito deprimente.

Ele sentiu pela primeira vez em muito tempo um apetite que precisaria de mais do que um ou dois drinques para ser saciado. Deu uma volta para tomar o café da manhã na Casa de Costelas Harga, um costume de anos, e teve mais uma surpresa desagradável. Normalmente a única decoração ali dentro era o colete de Sham Harga, e a comida era boa e consistente para uma manhã fria,

com todas as calorias, gorduras, proteínas e uma vitamina chorando por estar sozinha. Agora, flâmulas de papel feitas com capricho atravessavam o salão, e ele se deparou com um menu escrito a giz de cera, no qual as palavras “Coronasion” e “Royall” apareciam em algum lugar a cada linha torta.

Vimes apontou para o alto no menu, cansado.

– O que é isso? Harga olhou com atenção. Eles estavam sozinhos na lanchonete de paredes engorduradas.

– Está escrito “Fornecedo da Caza Reial”, capitão – ele respondeu com orgulho.

– O que isso significa? Harga coçou a cabeça com uma concha.

– O que significa é que, se o rei vier aqui, ele vai gostar.

– Você tem alguma coisa que não seja aristocrática demais para eu comer? – perguntou Vimes, aborrecido. Ele ficou com uma fatia de pão frito plebeu e um bife proletário tão mal passado que ainda era possível ouvi-lo mugir. Vimes comeu ao balcão.

Um leve barulho de alguém raspando alguma coisa atrapalhou os seus pensamentos.

– O que você está fazendo? Harga ergueu a cabeça com uma expressão de culpa, interrompendo seu trabalho atrás do balcão.

– Nada, capitão.

Ele tentou esconder a prova atrás de si quando Vimes olhou por cima da madeira cheia de marcas de faca.

– Vamos, Sham. Pode me mostrar.

As mãos fortes de Sham apareceram relutantes.

– Eu só estava raspando a gordura velha da frigideira – murmurou.

– Entendo. E há quanto tempo nos conhecemos, Sham? – perguntou Vimes, com uma delicadeza terrível.

– Anos, capitão. O senhor tem vindo aqui quase todo dia, regularmente. Um dos meus melhores fregueses.

Vimes se inclinou sobre o balcão até o seu nariz ficar na altura da coisa rosa e mole no meio do rosto de Harga.

– E, em todo esse tempo, você trocou a gordura alguma vez? Harga tentou se esquivar.

– Bem...

– Ela tem sido como uma amiga para mim, essa gordura velha. Tem uns pedacinhos pretos aí dentro que eu aprendi a conhecer e amar. E uma refeição por si só. E você limpou a jarra de café, não limpou? Eu percebi. Este café está agüado, se é que eu cheguei a sentir alguma coisa. O outro tinha sabor.

– Bem, eu achei que estava na hora...

– Por quê? Harga deixou a frigideira cair de seus dedos atarracados.

– Bem, eu pensei, se algum dia o rei entrar...



– Vocês estão todos loucos!.

– Mas, capitão...

O dedo acusador de Vimes afundou até o segundo nó no colete caro de Harga.

– Vocês nem sabem o nome do infeliz do sujeito! – gritou. Harga se refez.

– Eu sei, capitão – gaguejou. – Claro que sei. Vi na decoração das ruas e tudo o mais. Ele se chama Rex Vivat.

Muito devagar, com a cabeça tremendo de desespero, gritando por dentro pelo servilismo inegável da humanidade, Vimes deixou-o em paz. Num outro momento e local, o bibliotecário terminou de ler. Ele chegou ao fim do texto. Não ao fim do livro – ainda havia muito mais livro. Mas ele estava chamuscado a ponto de comprometer a legibilidade.

Não que as últimas páginas, as quais não estavam queimadas, estivessem muito fáceis de ser lidas. A mão do autor estava trêmula, ele estava escrevendo rápido e havia rasurado muito. Mas o bibliotecário havia enfrentado muitos textos horripilantes em alguns dos piores livros jamais encadernados: palavras que tentavam lê-lo enquanto ele as estava lendo, palavras que se retorciam na página. Pelo menos estas palavras não eram assim. Estas eram apenas palavras de um homem que temia pela própria vida. Um homem que escrevia um aviso terrível.

Foi uma página um pouco antes da parte queimada que atraiu os olhos do bibliotecário. Ele se sentou e ficou olhando para ela durante algum tempo. Depois olhou para a escuridão.

Era a sua escuridão. Ele estava adormecido em algum lugar lá fora. Em algum lugar lá fora um ladrão estava se aproximando dali para roubar aquele livro. E, em seguida, alguém leria aquele livro, aquelas palavras, e agiria do mesmo jeito, apesar do aviso.

Suas mãos coçavam.

Tudo o que ele tinha que fazer era esconder o livro, ou soltá-lo na cabeça do ladrão e arrancá-lo pelos ouvidos.

Ele olhou para a escuridão mais uma vez...

Mas isso seria interferir no curso da história. Coisas horríveis poderiam acontecer. O bibliotecário sabia tudo sobre esse tipo de coisa, fazia parte do que você precisava saber antes de ter permissão para entrar no espaço-L. Ele havia visto figuras em livros antigos. O tempo poderia se bifurcar, como uma calça. Você poderia ir parar na perna errada, vivendo uma vida que na verdade estava acontecendo na outra perna, falando com pessoas que não estavam na sua perna, atravessando paredes que já não estavam mais lá. A vida poderia ser horrível na calça do Tempo errada.

Além disso, ia contra as normas da Biblioteca (*As três regras dos Bibliotecários do Espaço e do Tempo eram: 1) Silêncio; 2) Os livros não podem ser devolvidos depois da última data marcada e 3) Não interfira na natureza da*

*causalidade.)*

Os Bibliotecários Reunidos do Tempo e do Espaço certamente teriam algo dizer sobre isso, se ele começasse a agir de improviso com a causalidade.

Ele fechou o livro com cuidado e colocou-o de volta na prateleira. Depois, foi balançando pendurado de estante em estante até chegar à porta. Por um momento, parou e olhou para o próprio corpo adormecido. Talvez tenha se perguntado rapidamente se deveria acordar a si mesmo, bater um papinho, dizer que tinha amigos e que não precisava se preocupar. Se realmente pensou nisso, deve ter decidido não fazê-lo. Esse tipo de atitude poderia criar muitos problemas.

Em vez disso, passou pela porta e ficou espreitando nas trevas. Seguiu o ladrão encapuzado quando ele saiu segurando firme o livro e esperou perto do portal terrível na chuva, até depois da reunião dos Irmãos Esclarecidos e, quando o último saiu, seguiu-o até a sua casa e murmurou para si mesmo numa surpresa antropóide...

E depois correu de volta para a sua Biblioteca e os caminhos traiçoeiros do espaço-L.

No meio da manhã, as ruas estavam lotadas. Vimes tinha descontado um dia de salário de Nobby por ele ter agitado uma bandeira, e u-ma atmosfera de escuridão espinhosa pairou sobre o Jardim, como uma grande nuvem preta com um relâmpago de vez em quando.

– Suba a um lugar alto – resmungou Nobby. – E muito bom de dizer.

– Eu queria tanto participar das filas para o cortejo – disse Colon. – Eu teria conseguido um lugar bom.

– Você estava fazendo um discurso sobre privilégios e os direitos do homem numa noite dessas – lembrou Nobby, em tom de acusação.

– Pois é, um dos privilégios e direitos deste homem é conseguir um bom lugar. É o que eu estou dizendo.

– Eu nunca vi o capitão num mau humor tão brabo – reclamou Nobby. – Eu gostava mais de quando ele bebia. Acho que ele está...

– Sabe de uma coisa, acho que o Errol está realmente doente – disse Cenoura.

Eles olharam para a cesta de frutas.

– Ele está muito quente. E a pele dele está toda brilhante.

– Qual é a temperatura certa de um dragão? – perguntou Colon.

– É. Como se mede? – continuou Nobby.

– Eu acho que deveríamos pedir para a lady Ramkin examiná-lo – sugeriu Cenoura. – Ela entende dessas coisas.

– Não, ela deve estar se preparando para a coroação. Não devemos incomodá-la – refutou Colon. Ele estendeu a mão para tocar o corpo trêmulo de Errol. – Eu tinha um cachorro que... aai! Ele não está quente, está fervendo! – Eu

dei um monte de água para ele, e ele nem toca. O que você está fazendo com essa chaleira, Nobby? Nobby fez um ar de inocente.

– Bom, eu achei que a gente podia fazer uma xícara de chá antes de sair. E uma pena desperdiçar..

– Tira isso dele! Era meio-dia. A neblina não subiu, mas afinou um pouco, deixando uma cerração pálida e amarelada onde deveria estar o sol.

Embora o passar dos anos tenha transformado o posto de capitão da Vigilância em algo bastante ordinário, esse título ainda significava que Vimes tinha o direito de participar de eventos oficiais. A lei dos mais fortes, no entanto, havia mudado a sua localização, de modo que agora ele estava na fileira mais baixa das cadeiras descobertas, entre o Mestre da Comunidade dos Mendigos e o Diretor do Grêmio dos Professores. Ele não se importava com isso. Qualquer coisa era melhor do que a fileira superior, entre os Assassinos, Ladrões, Comerciantes e todas as outras coisas que haviam subido para o patamar mais alto da sociedade. Ele nunca sabia o que dizer. De todo modo, o professor era uma companhia sossegada, já que não fazia muito senão entrelaçar e separar as mãos de vez em quando, e se queixar.

– Algo errado com o seu pescoço, capitão? – perguntou o chefe dos mendigos educadamente enquanto aguardavam as carruagens.

– O quê? – perguntou Vimes, distraído.

– Você fica olhando para cima o tempo todo.

– Humm? Ah. Não, nada de errado.

O mendigo se enrolou no seu manto de veludo.

– Você não teria sobrando, por acaso... – ele fez uma pausa, calculando a quantia de acordo com a sua localização – ... cerca de 300 dólares para um banquete cívico com um cardápio de doze pratos, teria? – Não.

– Está certo. Está certo – resignou-se o chefe dos mendigos, num tom cordial. Ele suspirou. Não era um trabalho recompensador ser o chefe dos mendigos. Os diferenciais é que importavam. Os mendigos de nível mais baixo conseguiam viver muito bem com as moedas que recebiam, mas as pessoas tendiam a virar a cara quando você pedia uma mansão de dezesseis quartos para passar a noite.

Vimes retomou seu exame do céu.

Em cima do palanque, o Sumo Sacerdote de Io Cego, que na noite anterior, pela força de um elaborado argumento ecumênico e, enfim, por meio de um porrete com pregos, ganhara o direito de coroar o rei, estava alvoroçado com os preparativos. Perto do pequeno altar de sacrifícios portátil, um bode amarrado ruminava pacificamente e possivelmente pensava, em cabrês: “Que bode de sorte eu sou, para conseguir um lugar tão bom para assistir à cerimônia. Isso será algo para contar aos filhotes”.

Vimes esquadrinhou os contornos difusos dos prédios mais próximos. Uma

agitação distante indicava que a procissão estava a caminho. Houve uma movimentação ao redor do palanque quando Lupino Wonse apressava um grupo de criados que desenrolavam um tapete roxo sobre os degraus.

Do outro lado da praça, entre os grupos da aristocracia enfraquecida de Ankh-Morpork, o rosto de lady Ramkin inclinou-se para cima.

Perto do trono, que tinha sido criado às pressas com madeira e lâminas douradas, um grupo de sacerdotes inferiores, alguns com leves ferimentos na cabeça, colocava-se em posição.

Vimes se remexia em sua cadeira, ouvindo o som da batida do seu próprio coração, e olhava fixamente para a cerração acima do rio.

... e viu as asas.

Queridos Mãe e Pai [escrevia Cenoura, quando não estava olhando obedientemente para a neblina]. Bem, a cidade está tomada pela coroação, que é muito mais complicada do que a nossa, e agora eu também estou de serviço. Isso é uma pena, porque eu ia assistir à Coroação com Reet, mas não adianta reclamar. Tenho que ir agora porque estamos esperando um dragão aparecer a qualquer momento, ainda que ele não exista de verdade. Seu filho amoroso, Cenoura.

P.S.: Vocês têm visto a Minty ultimamente?

– Seu idiota! – Desculpa – disse Vimes. – Desculpa.

As pessoas estavam voltando para os seus assentos, muitas delas olhando furiosas para ele. Wonse estava branco de raiva.

– Como você pode ter sido tão estúpido? – gritou. Vimes ficou olhando para os próprios dedos.

– Eu achei que tivesse visto... – começou.

– Era um corvo! Você sabe o que é um corvo? Deve haver centenas deles pela cidade! – Na neblina, entende, o tamanho não era fácil de... – murmurou Vimes.

– E pobre mestre Greetling, você deveria saber o que acontece com ele quando ouve barulhos altos! – O diretor do Grêmio dos Professores teve que ser levado para longe por algumas pessoas gentis. – Gritar daquele jeito! – continuou Wonse.

– Olha, eu já pedi desculpas! Foi um erro legítimo! – Eu tive que interromper a procissão e tudo o mais! Vimes não disse nada. Ele podia sentir centenas de olhares antipáticos ou que se divertiam às custas dele.

– Bem – murmurou –, é melhor eu voltar para o Jardim... Wonse espremeu os olhos.

– Não – gritou. – Mas você pode ir para casa, se quiser. Ou a qualquer lugar que a sua imaginação o leve. Me dê o seu distintivo.

– O quê? Wonse estendeu a mão.

– O seu distintivo – repetiu.

– Meu distintivo? – Foi isso o que eu disse. Quero evitar que você tenha problemas. Vimes olhou para ele atônito.

– Mas é o meu distintivo! – E você o dará pra mim – insistiu Wonse, inflexível. – Por ordem do rei.

– Como assim? Ele nem está sabendo! – Vimes sentiu o gemido na sua própria voz.

Wonse fez um olhar zangado.

– Mas saberá. E eu acho que nem vai se incomodar em indicar um sucessor.

Vimes abriu lentamente o fecho do disco de acetato de cobre, sentiu o seu peso na mão e jogou-o para Wonse sem dizer uma palavra sequer. Por um momento, pensou em suplicar, mas algo se rebelou. Virou-se e saiu andando no meio da multidão.

Então foi isso.

Simples assim. Depois de metade de uma vida de serviço, mais nada de Vigilância Municipal. Vimes chutou o pavimento. Agora haveria alguma espécie de Guarda Real.

Com as malditas plumas no capacete.

Bom, ele já estava cheio daquilo tudo. Não era uma vida decente, de todo modo, na Vigilância. Não se conheciam as pessoas nas melhores circunstâncias. Deveria haver centenas de outras coisas que poderia fazer, e, se pensasse durante bastante tempo, provavelmente poderia se lembrar quais eram algumas delas. – O Jardim Pseudópolis estava fora do trajeto da procissão, e quando ele entrou na Vigilância ainda conseguiu ouvir os gritos distantes além dos telhados. Do outro lado da cidade, os gongos dos templos soavam.

Agora estão tocando os gongos”, pensou Vimes, “mas logo ao... eles irão... eles irão não tocar os gongos. Não chega a ser um aforismo”, pensou, “mas poderia melhorar a frase”. Ele tinha tempo agora.

Vimes notou a bagunça.

Errol havia começado a comer novamente. Ele havia comido a maior pane da mesa, a lareira, o balde de carvão, diversas lamparinas e o hipopótamo de borraça que apitava. Estava deitado na sua caixa novamente, com contrações na pele e choramingando no sono.

– Que bela bagunça você fez – disse Vimes, enigmático. Pelo menos, ele não teria que arrumar tudo.

Abriu a gaveta da escrivaninha. Alguém havia comido lá dentro também. Tudo o que restara eram alguns cacos de vidro.

O sargento Colon arrastou-se até o parapeito ao redor do Templo dos Pequenos Deuses. Estava velho demais para esse tipo de coisa. Havia se alistado para tocar o sino, e não para ficar em lugares altos esperando que um dragão o encontrasse.

Recuperou o fôlego e tentou enxergar através da neblina.

– Algum ser humano ainda aqui em cima? – sussurrou. A voz de Cenoura parecia apática e neutra no ar inerte.

– Aqui estou, sargento.

– Estava apenas verificando se você ainda estava aqui.

– Ainda estou aqui, sargento – repetiu Cenoura, obediente. Colon se juntou a ele.

– Apenas verificando se você não tinha sido devorado – disse, tentando sorrir.

– Eu não estou com medo.

– Oh. Que bom, então. – Ele bateu os dedos no canteiro de pedra molhado sentindo-se na obrigação de deixar a sua posição absolutamente clara. – Apenas verificando – repetiu. – É parte da minha função, sabe. Ficar indo de um lado pro outro, coisa do tipo. Não é que eu esteja assustado por estar no telhado sozinho, entende? Nebuloso aqui em cima, não é? – Sim, sargento.

– Tudo bem? – A voz abafada de Nobby chegou carregada pelo ar denso, logo seguida pelo seu dono.

– Sim, cabo – respondeu Cenoura.

– O que você tá fazendo aqui em cima? – perguntou Colon.

– Eu só vim pra verificar se estava tudo bem com o policial-lanceiro Cenoura – respondeu Nobby, com ar inocente. – O que você estava fazendo, sargento? – Nós estamos todos bem – disse Cenoura, sorrindo. – Isso é bom, não é? Os dois oficiais subalternos se remexiam, inquietos, evitando olhar um para o outro. Parecia que estavam muito distantes do seu posto, do outro lado dos telhados úmidos, nebulosos e, acima de tudo, expostos.

Colon tomou uma decisão com rapidez.

– Que saco, isso – disse, e encontrou uma estátua caída para se sentar. Nobby se debruçou sobre o parapeito e extraiu uma guimba molhada do indescritível cinzeiro atrás da sua orelha.

– Ouvi a procissão passar – observou.

Colon encheu seu cachimbo e acendeu um fósforo na pedra ao lado.

– Se esse dragão estiver vivo – começou, soltando uma coluna de fumaça e transformando um pequeno caminho de neblina numa combinação de névoa e poluição -, deve estar muito longe daqui, estou dizendo. Não é o lugar certo para dragões, a cidade – acrescentou, no tom de quem está conseguindo convencer a si mesmo. – Ele deve ter ido embora para lugares onde haja pontos altos e muita comida, ouça o que estou falando.

– Um lugar como a cidade, você quer dizer? – perguntou Cenoura.

– Cala a boca – disseram os outros dois, em uníssono.

– Manda os fósforos pra cá, sargento – pediu Nobby. Colon atirou um monte de fósforos de cabeça amarela por cima das chapas que cobriam o telhado. Nobby riscou um, que foi apagado imediatamente. Fragmentos de névoa passaram por ele.

– O vento está ficando forte – observou.

– Bom. Não suporto esta neblina – disse Colon. – O que eu estava dizendo? – Você estava dizendo que o dragão deve estar a quilômetros daqui – lembrou Nobby.

– Ah. Isso. Bom, é o mais lógico, não é? Quem dizer, eu não ficaria por aqui se pudesse sair voando. Se eu soubesse voar, não ficaria sentado num telhado sobre uma estátua velha e encardida. Se soubesse voar, eu...

– Que estátua? – perguntou Nobby, levando o cigarro à boca.

– Esta aqui – disse Colon, batendo na pedra. – E não tente me deixar nervoso, Nobby. Você sabe que existem centenas de estátuas velhas e bolorentas nos Pequenos Deuses.

– Não, não sei. O que eu sei é que elas foram todas levadas daqui no mês passado, quando reformaram as chapas do telhado. Tem o telhado, a cúpula e só. Você tem que tomar conhecimento dessas coisas pequenas – acrescentou –, quando está investigando.

Durante o silêncio úmido que se seguiu, o sargento Colon olhou para a estátua na qual estava sentado. Ela tinha uma parte mais estreita, uma textura escamosa e característica indefinível, meio parecida com uma cauda. Então ele foi seguindo o seu comprimento até entrar numa neblina que se diluía rapidamente. Sobre a cúpula do Templo dos Pequenos Deuses, o dragão ergueu a cabeça, bocejou e abriu as asas.

Essa abertura não era uma operação simples. Parecia demorar algum tempo, enquanto o mecanismo biológico complexo de costelas e pregas se afastava aos poucos. Depois, com as asas esticadas, o dragão bocejou, deu alguns passos até a beira do telhado e se atirou no ar.

Após algum tempo, uma mão apareceu na beira do parapeito. Ela tateou por algum tempo até conseguir se segurar com firmeza.

Ouviu-se um grunhido. Cenoura se arrastou de volta até o telhado e puxou os outros dois para trás de si. Eles se deitaram sobre as chapas do telhado, ofegantes. Cenoura observou o modo como as garras do dragão tinham deixado sulcos profundos no metal. Era impossível não notar coisas desse tipo.

– Não é – ofegava –, não é melhor avisarmos as pessoas? Colon se arrastou para a frente até conseguir olhar para a cidade.

– Acho que não precisamos nos dar ao trabalho – disse. – Acho que elas logo descobrirão.

O sumo sacerdote de Io Cego tropeçava nas palavras. Nunca houvera uma cerimônia oficial de coroação em Ankh-Morpork, até onde ele sabia. Os reis antigos haviam se saído muito bem com frases do tipo: “Nós temos a coroa, é certo, e mataremos qualquer descendente de prostituta que tentar tomá-la, em nome de lorde Harry”. Acima de tudo, esse era um pronunciamento bastante curto. O sumo sacerdote, por sua vez, gastou muito mais tempo preparando um

rascunho mais longo e de acordo com o espírito dos tempos, e enfrentava dificuldades para se lembrar de tudo.

Também era atrapalhado pelo bode, que tirava sua concentração ao acompanhar cada palavra com um interesse legítimo.

– Vamos logo com isso! – sussurrou Wonse de seu lugar atrás do trono.

– Tudo tem seu tempo – o sumo sacerdote sussurrou de volta. – Fique sabendo que isto é uma coroação. Você poderia demonstrar um pouco de respeito...

– É claro que eu vou demonstrar respeito. Agora anda logo... Ouvia-se um grito, à direita. Wonse olhou para a multidão, com raiva.

– É aquela tal de Ramkin. O que ela está aprontando? As pessoas ao redor dela começaram a falar cora excitação. Dedos foram apontados todos na mesma direção, parecendo uma pequena floresta derrubada. Houve um ou dois gritos, e depois a multidão se moveu como uma onda. Wonse olhou na direção da ampla rua dos Pequenos Deuses.

Não era um corvo que estava ali. Não daquela vez.

O dragão voava lentamente, apenas alguns metros acima do chão, com as asas remando graciosamente pelo ar.

As bandeirinhas que cobriam a rua eram arrancadas como se tosem teias de aranha, amontoando-se nas lâminas da espinha dorsal da criatura e pendendo ao longo da sua cauda.

Ele voava com a cabeça e o pescoço totalmente estendidos, como se seu grande corpo estivesse sendo rebocado, como uma barca. As pessoas, nas ruas gritavam e disputavam um lugar seguro sob as marquises. Ele as ignorava completamente.

O dragão deveria ter chegado rugindo, mas só se ouviam o ranger de suas asas e o som das bandeirinhas se rasgando.

Ele deveria ter chegado rugindo. Não desse jeito, lento e ponderado, dando tempo para que o terror amadurecesse. Ele deveria ter chegado ameaçador, não promissor.

Ele deveria ter chegado rugindo, não voando suavemente, acompanhando o farfalhar e a agitação das bandeirinhas alegres.

Vimes abriu a outra gaveta de sua escrivaninha e ficou olhando os papéis, que eram inúmeros. Não havia muitos ali que fossem realmente dele. O pedaço de um saco de açúcar lembrou-o de que estava devendo 6 centavos para a vaquinha do chá.

Estranho. Ele ainda não estava bravo. Mais tarde ficaria, é claro. A noite, estaria furioso; bêbado e furioso. Mas ainda não. Ainda não. A ficha ainda não tinha caído, e ele sabia que estava apenas fingindo, como uma prevenção contra o pensamento.

Errol se mexeu preguiçoso na caixa, ergueu a cabeça e choramingou.



– Qual é o problema, garoto? – perguntou Vimes, abaixando-se. – Estômago revirado? A pele do pequeno dragão ondulava como se um trabalho pesado estivesse sendo conduzido dentro dele. Não havia nenhuma menção a isso em Doenças do Dragão. Do estômago inchado vinham ruídos que lembravam uma guerra distante e complexa numa região com terremotos.

Com certeza alguma coisa estava errada. Sybil Ramkin disse que era necessário prestar muita atenção na dieta do dragão, uma vez que até um simples distúrbio estomacal poderia resultar numa decoração que incluiria tristes pedaços de pele escamosa nas paredes e no teto. Mas nos últimos dias... bem, foram pizzas frias, as cinzas das terríveis guimbas de Nobby... No geral, Errol havia comido mais ou menos o que ele quisera, ou seja, quase tudo, a julgar pela sala. Sem mencionar o conteúdo da gaveta de baixo.

– Nós não temos cuidado muito bem de você, temos? Na verdade, tratamos você como se fosse um cachorro.

Enquanto isso, ele se perguntava que efeitos os hipopótamos de borracha com apito teriam na digestão.

Vimes teve uma leve impressão de que a animação distante tinha se transformado em gritaria.

Ficou olhando vagamente para Errol e depois deu um sorriso incrivelmente malvado e se levantou.

Havia sons de pânico e de correria.

O capitão colocou o capacete detonado na cabeça e deu nele um tapinha divertido. Depois, cantarolando uma melodia louca, saiu do prédio rebolando. Errol permaneceu imóvel por algum tempo. Depois, com extrema dificuldade, saiu da caixa arrastando-se, quase rolando. Estranhas mensagens vinham da parte maciça do seu cérebro, responsável pelo sistema digestivo. Exigia certas coisas que Errol não sabia nomear. Felizmente, o cérebro era capaz de descrevê-las em detalhes precisos aos complexos receptores daquelas enormes narinas. Elas se alargavam, sujeitando o ar da sala a um exame detalhado. Sua cabeça virou-se, formando um triângulo.

Ele se arrastou pelo chão e começou a comer, com todos os sinais de satisfação, a lata de graxa que Cenoura usava para lustrar a armadura. As pessoas passavam por Vimes correndo enquanto ele passeava pela rua dos Pequenos Deuses. Uma fumaça pairava no ar, vinda da Praça das Luas Quebradas.

O dragão agachou-se no meio da praça, sobre o que restara do palanque da coroação. Ele tinha uma expressão de auto satisfação.

Não havia sinal do trono ou de seu ocupante, embora fosse possível que um complexo exame forense da pilha de carvão que restara no meio da madeira destruída e queimada oferecesse alguma pista.

Vimes se segurou numa fonte ornamental para se manter fir-me enquanto a

multidão passava pisoteando tudo. Todas as ruas que saíam da praça estavam cheias de corpos se debatendo. Mas que não eram barulhentos, Vimes notou. As pessoas não estavam mais desperdiçando o fôlego com gritos. Havia apenas a determinação unânime e mortal de sair dali.

O dragão abriu as asas e as bateu com magnificência. As pessoas da multidão que estavam para trás viram nisso um sinal de que deveriam subir nas costas das que estavam na frente e pular de cabeça em cabeça para se salvar. Em alguns segundos a praça estava completamente vazia, exceto pelos idiotas e pelos terminantemente desnorreados. Até mesmo os pisoteados em estado grave se arrastavam com determinação até a saída mais próxima. Vimes olhou ao seu redor. Parecia haver muitas bandeiras caídas, algumas das quais eram comidas por um bode velho que não conseguia acreditar na própria sorte. Ele conseguiu ver, ao longe, Cava-a-Própria-Cova de quatro, tentando recuperar o conteúdo da sua bandeja.

Ao lado de Vimes, uma criança pequena balançava sua bandeira hesitante e gritava “Viva”.

Então, tudo ficou silencioso.

Vimes se abaixou.

– Eu acho que você deveria ir para casa.

A criança olhou para ele apertando os olhos.

– Você é um homem da Vigilância? – Não. E sim.

– O que aconteceu com o rei, homem da Vigilância? – Er... acho que ele saiu para descansar.

– Minha tia disse que não era pra eu falar com homens da Vigilância.

– Então que tal ir para casa agora e dizer a ela que você é muito obediente? – Minha tia disse que, se eu me comportasse mal, ela ia me deixar no telhado e chamar o dragão – disse a criança, sociável. – Ela disse que ele come a gente inteirinho, começando pelas pernas, pra gente ver o que está acontecendo.

– Por que você não vai para casa e diz à sua tia que ela está agindo de acordo com as melhores tradições de educação infantil de Ankh-Morpork? Vai, corre! – Ele mastiga todos os nossos ossos – continuou a criança, contente. – E quando ele chega à cabeça...

– Olha, lá está ele! – gritou Vimes. – O grande dragão que come as pessoas! Agora, vá para casa! A criança ergueu a cabeça para olhar aquela coisa empoleirada sobre o palanque destruído.

– Eu ainda não vi ele devorar ninguém – reclamou.

– Vai embora ou você vai sentir o peso da minha mão.

Isso pareceu dar conta do recado. A criança balançou a cabeça, demonstrando ter entendido.

– Tá bom. Posso gritar “Viva” mais uma vez? – Se quiser. -Viva! “Chega de policiamento comunitário”, pensou Vimes. Ele espiou por trás da fonte

novamente.

Uma voz logo acima dele estrondou: – Diga o que quiser, ainda acho que é um exemplar magnífico. O olhar de Vimes foi subindo até alcançar o topo da fonte.

– Você já notou – começou Sybil Ramkin, erguendo-se com a ajuda de uma estátua corroída e caindo na frente dele – que sempre que nos encontramos um dragão aparece? – Ela deu um sorriso travesso. – É meio como ter a própria música ou algo assim.

– Ele só está parado ali – disse Vimes, apressadamente. – Apenas olhando ao redor. Como se estivesse esperando alguma coisa acontecer. O dragão piscou com uma paciência jurássica.

As ruas que saíam da praça estavam lotadas. “Esse é o instinto de Ankh-Morpork”, pensou Vimes. “Saía correndo e depois pare para ver se alguma coisa interessante vai acontecer a outras pessoas.” Houve um movimento nos destroços próximos a uma das garras dianteiras do dragão, e o sumo sacerdote de Io Cego pôs-se de pé, atordoado, com poeira e estilhaços caindo de seu manto. Ainda estava com a coroa sucedânea nas mãos. Vimes acompanhou o olhar do velho em direção ao par de olhos vermelhos cintilantes, a poucos metros de distância.

– Os dragões conseguem ler pensamentos? – sussurrou Vimes.

– Tenho certeza de que os meus entendem tudo o que digo – cochichou lady Ramkin. – Oh, não! O velho idiota está dando a coroa para ele! – Mas não é uma jogada inteligente? – perguntou Vimes. – Os dragões gostam de ouro. É como jogar um graveto para um cachorro, não é? – Minha nossa – respondeu Sybil Ramkin. – Pode não ser, sabe... Os dragões têm a boca muito sensível.

O grande dragão piscou diante do pequenino círculo de ouro. Depois, com extrema delicadeza, estendeu uma garra de um metro de comprimento e roubou o objeto dos dedos trêmulos do sacerdote.

– O que você quer dizer com “sensível”? – perguntou Vimes, olhando a garra em sua viagem rumo ao longo rosto de cavalo.

– Um incrível paladar. Eles são tão, bem, ligados às questões químicas.

– Você quer dizer que ele provavelmente sabe qual é o gosto do ouro? – sussurrou Vimes, vendo a coroa ser cuidadosamente lambida.

– Ah, certamente. E conhecem o cheiro.

Vimes se questionou sobre as chances de a coroa ser feita de ouro. “Não são grandes”, concluiu. “De cobre folheado a ouro, talvez. Suficiente para enganar seres humanos.” Depois se perguntou qual seria a reação de alguém a quem oferecessem açúcar e que descobrisse, depois de adoçar e provar o café, que se tratava de sal.

O dragão tirou a garra da boca com um movimento gracioso e avançou sobre o sumo sacerdote, que estava saindo de fininho, com um golpe que o derrubou. Quando ele estava gritando até não poder mais, a grande boca se

aproximou e...

– Caramba! – exclamou lady Ramkin. Houve um gemido vindo dos espectadores.

– A temperatura da coisa! – observou Vimes. – Quer dizer, não sobrou nada! Só uma nuvenzinha de fumaça! Houve outro movimento nos entulhos. Outro vulto se levantou e se apoiou, confuso, num mastro quebrado.

Era Lupino Wonse, sob uma camada de fuligem.

Vimes acompanhou seu olhar em direção àquele par de narinas do tamanho de tampas de bueiro.

Wonse saiu correndo. Vimes se perguntou qual seria a sensação de fugir daquela criatura, esperando que a qualquer momento sua espinha dorsal atingisse, por pouco tempo, uma temperatura além do ponto de evaporação do ferro. Ele poderia imaginar...

Wonse conseguiu chegar até o meio da praça antes que o dragão se lançasse, com uma agilidade surpreendente para um corpo tão pesado, e o apanhasse. A garra se ergueu até que o vulto esperneante estivesse a poucos metros do rosto do dragão.

Ele pareceu examiná-lo durante algum tempo, virando-o para um lado e para o outro. Depois, locomovendo-se com as pernas livres e batendo as asas de vez em quando – para ajudar no equilíbrio –, correu pela praça e seguiu na direção do que um dia havia sido o palácio do patricio. E que um dia havia sido o palácio do rei também.

Ele ignorou os espectadores assustados e silenciosos, que se espremiavam contra os muros. O portão em forma de arco foi empurrado pelos ombros da criatura com uma facilidade deprimente. As próprias portas de ferro, altas e sólidas, resistiram por impensáveis dez segundos antes de desmoronar, formando um monte de brasa incandescente.

O dragão seguiu em frente.

Lady Ramkin virou o rosto, perplexa. Vimes tinha começado a rir. Havia um tom enlouquecido na sua risada e lágrimas nos seus olhos, mas, ainda assim, era uma risada. Ele riu sem parar até escorregar pouco a pouco pela beira da fonte, com as pernas abertas.

– Viva! Viva! Viva! – gargalhava, quase engasgando.

– O que é que você tem na cabeça? – perguntou lady Ramkin.

– Pendurem mais bandeirinhas! Toquem os pratos, toquem o alarme! Nós o coroamos! Temos um rei, afinal! Salve, salve! – Você andou bebendo? – gritou.

– Ainda não! – ele disse, rindo. – Ainda não! Mas vou beber! Ele continuava rindo, sabendo que, quando parasse, uma depressão profunda o abateria, caindo sobre ele como um uma bigorna. Mas podia ver o futuro se revelando diante deles...

... afinal, a criatura era definitivamente nobre. Não carregava dinheiro, nem

respondia com insolência. E certamente poderia fazer algo pelas regiões decadentes da cidade também. Incendiá-las até o leito de rocha, por exemplo.

“Nós realmente vamos conseguir”, pensou. “As coisas são assim em Ankh-Morpork. Se não se pode derrotar ou corromper algo, basta fingir que isso fazia parte de seu plano desde o início.” Vivat Draco.

Ele percebeu que a criança pequena estava andando por ali novamente. Ela balançou levemente sua bandeira para ele e disse: – Posso gritar “Viva” agora? – Por que não? Todo mundo vai gritar.

De dentro do palácio vieram os sons abafados de uma complexa destruição...

Errol arrastou um cabo de vassoura pelo chão com a boca e, choramingando de tanto esforço, ergueu-o até deixá-lo na posição vertical. Depois de vários gemidos e diversas hesitações, conseguiu enfiar a ponta do cabo entre a parede e o grande pote de querosene.

Ele parou por um momento, respirando como um fole, e empurrou. O pote resistiu um pouco, balançou para a frente e para trás uma ou duas vezes e depois caiu e se partiu sobre o piso de pedras. Um óleo bruto, muito mal refinado, espalhou-se numa poça preta.

As narinas enormes de Errol se contraíram. Em algum lugar do seu cérebro, estranhas sinapses clicavam como sinais telegráficos. Grandes vigas de informação fluíram pela espessa corda neural até o seu nariz, carregando informações inexplicáveis sobre elos triplos, hidrocarbonetos e isomerismo geométrico. Porém, quase nenhuma delas atingiu a parte do cérebro de Errol que era usada para que ele fosse Errol.

Tudo o que ele sabia era que, de repente, estava com muita, muita sede.

– Negociação, não tem? Quer dizer, ou ele assa a pessoa viva, ou não. Corrija-me se eu estiver errado – acrescentou.

– É isso o que eu quero dizer. Por exemplo, digamos que o embaixador de Klatch venha aqui. Você sabe como esse pessoal é arrogante. Digamos que ele fale: nós queremos isso, nós queremos aquilo, nós queremos mais aquilo. Bem – completou, sorrindo para os outros -, o que nós diremos é: fique quieto se não quiser voltar para casa dentro de um pote.

Eles avaliaram a ideia para ver se parecia apropriada.

– Eles têm uma frota grande em Klatch – disse o monarquista, na dúvida. – Poderia ser um pouco arriscado assar diplomatas. Quando as pessoas vêm uma pilha de carvão retornando num barco, a tendência é que fiquem meio desconfiadas.

– Ah, depois nós diríamos: ei, você, Johnny klatchiano, se você não gosta, grande amigo lagarto do céu assa sua cabana de lama muito sem demora.

– Nós realmente poderíamos dizer isso? – Por que não? E depois diríamos: mande lembranças.

– Eu nunca gostei dos klatchianos – disse a mulher, com firmeza. – As coisas

que eles comem! É nojento... E ficam tagarelando o tempo todo no seu dialeto bárbaro.

Na penumbra, um palito de fósforo foi aceso.

Vimes pôs as mãos ao redor da chama, tragou o tabaco sujo, atirou o palito na sarjeta e saiu andando calmamente até o beco úmido e cheio de poças. Se havia algo que o deprimia mais que o seu próprio cinismo, era o fato de frequentemente não conseguir ser tão cínico quanto a própria vida.

“Nós tivemos um bom relacionamento com os outros durante séculos”, pensou. “O bom relacionamento tem sido praticamente toda a nossa política externa. Agora eu acho que declaramos guerra a uma civilização antiga, com a qual sempre tivemos um bom relacionamento, de um modo ou de outro, mesmo com eles falando daquele jeito engraçado. E, depois disso, o mundo. E o que é pior: nós provavelmente ganharemos.” Pensamentos semelhantes, ainda que numa perspectiva diferente, passaram pela cabeça dos líderes cívicos quando, na manhã seguinte, cada um deles recebeu um bilhete ordenando que estivessem no palácio para um almoço de negócios.

O bilhete não dizia por ordem de quem. Ou, eles observaram, quem oferecia o almoço.

Naquele momento, estavam reunidos na antecâmara.

E houvera mudanças. O palácio nunca tinha sido o que se poderia considerar um lugar fino. O patricio sempre achara que, se ficassem à vontade, as pessoas poderiam querer ficar para sempre. A mobília consistia em algumas cadeiras muito velhas e, pelas paredes, retratos dos primeiros soberanos da cidade segurando rolos de pergaminho e coisas assim.

As cadeiras ainda estavam lá. Os retratos, não. Ou melhor, as telas manchadas e rachadas estavam empilhadas num canto, mas as molduras douradas tinham desaparecido.

Os conselheiros tentaram evitar o olhar uns dos outros e ficaram sentados batendo os dedos sobre os joelhos.

Finalmente, dois criados com expressão de muita preocupação abriram as portas do salão principal. Lupino Wonse passou andando de modo esquisito. A maioria dos conselheiros tinha passado a noite em claro tentando formular alguma espécie de política apropriada para dragões, mas Wonse aparentava não dormir havia anos. Seu rosto estava da cor de um pano de prato fermentado. Ele, que sempre fora magro, agora lembrava algo que acabara de sair de uma pirâmide.

– Ah – começou. – Bom, estão todos aqui? Então talvez seja melhor os senhores virem por aqui, cavalheiros.

– Er...-começou o chefe dos ladrões – O bilhete mencionava um almoço? – Sim.

– Com um dragão! – Puxa vida, vocês não pensaram que ele iria comê-los,

pensaram? – perguntou Wonse. – Que ideia! – Nunca me passou pela cabeça – negou o chefe dos ladrões, com o alívio saindo pelas orelhas como um vapor. – Que ideia! – Ha, ha – riu o chefe dos comerciantes.

– Ho, ho. Que ideia! – disse o chefe dos assassinos.

– Não, eu imagino que vocês todos sejam fibrosos demais -confirmou Wonse. – Ha, ha.

– Ha, ha.

– Ah, ha, ha.

– Ho, ho.

A temperatura baixou alguns graus.

– Então, vocês poderiam fazer o favor de vir por aqui? O grande salão estava diferente. Para começar, estava imensamente maior. Diversas paredes haviam sido derrubadas, incorporando as salas adjacentes, e o teto e alguns andares tinham sido totalmente removidos. No chão havia uma confusão de entulhos, exceto no meio do salão, onde estava um monte de ouro... Bem, na verdade dourado. Parecia que alguém havia explorado o palácio em busca de qualquer coisa que brilhasse ou cintilas-se. Estavam lá as molduras, os fios de ouro da tapeçaria, prata e algumas pedras preciosas. Também havia terrinas das cozinhas, castiçais, caçarolas, pedaços de espelhos. Coisas brilhantes. Os conselheiros, porém, não estavam em condições de prestar muita atenção a esse tipo de coisa, por causa do que estava pendurado acima da cabeça deles.

Parecia o maior charuto mal enrolado do universo, se o maior charuto mal enrolado do universo tivesse o costume de ficar pendurado de cabeça para baixo. Duas garras indistintas podiam ser vistas agarradas às vigas escuras. No meio do caminho entre o monte cintilante e a porta, uma pequena mesa tinha sido colocada. Os conselheiros notaram, sem muita surpresa, que a antiga e conhecida prataria não estava lá. Havia pratos de porcelana e facas que pareciam ter sido esculpidas recentemente em pedaços de madeira. Wonse sentou-se num lugar à cabeceira da mesa e acenou para os criados com a cabeça.

– Por favor, sentem-se, cavalheiros. Desculpem-me se as coisas estão um pouco... diferentes, mas o rei espera que tenham paciência até que as coisas possam ser organizadas de forma mais adequada.

– O, er... – disse o chefe dos comerciantes.

– O rei – repetiu Wonse. Sua voz parecia estar a uma gota de saliva da loucura.

– Oh. O rei. Certo – disse o comerciante. Do seu lugar, ele rinha uma boa visão da enorme coisa pendurada. Parecia haver algum movimento ali, algum tremor das grandes dobras que o envolviam. – Vida longa para ele, é o que eu digo – acrescentou rapidamente.

O primeiro prato era sopa com bolinhos mergulhados. Wonse não tomou

nada. O resto deles comeu num silêncio aterrorizado, quebrado apenas pela batida surda da madeira na porcelana.

– Existem algumas questões sobre decretos para as quais o rei sente que o seu consentimento seria bem-vindo – disse Wonse, finalmente. – Pura formalidade, é claro, e eu sinto muito por ter que incomodá-los com um detalhe tão insignificante.

A grande trouxa parecia balançar com a brisa.

– Não é incômodo nenhum – disse o ladrão-chefe, com a voz esganiçada.

– O rei gentilmente gostaria que todos soubessem que seria um prazer para ele receber de toda a população os presentes referentes à coroação. Nada muito complexo, é claro. Qualquer pedra ou metal precioso que tenham com eles e dos quais possam se desfazer sem grandes problemas. Devo enfatizar, aliás, que isso não é, de forma alguma, obrigatório. Tal ato de generosidade, o qual ele espera e está confiante de que irá receber, dever ser totalmente voluntário. O chefe dos assassinos olhou com tristeza para os anéis nos dedos e suspirou. O comerciante-chefe já estava tirando do pescoço, resignado, sua corrente de ofício dourada.

– Ora, cavalheiros! – disse Wonse. – Isto é totalmente inesperado! – Humm – começou o arquichanceler da Universidade Invisível. – Você está... isto é, tenho certeza de que o rei será informado de que, pela tradição, a Universidade está isenta de todas as arrecadações e impostos municipais... Ele abafou um bocejo. Os feiticeiros haviam passado a noite direcionando seus melhores encantos contra o dragão. Era como dar socos na neblina.

– Meu caro, isto não é nenhuma arrecadação – protestou Wonse. – Espero que nada que eu tenha dito os tenha feito imaginar qualquer coisa do tipo. Oh, não! Não. Qualquer homenagem deve ser, como eu disse, inteiramente voluntária. Espero que isso esteja absolutamente claro.

– Como água – concordou o assassino-chefe, olhando fixamente para o velho feiticeiro. – E essas homenagens inteiramente voluntárias que estamos prestes a fazer, elas vão...

– Para a reserva – emendou Wonse. – Ah.

– Tenho certeza de que o povo da cidade será muito generoso, assim que entenderem plenamente a situação – observou o comerciante-chefe. – Mas também estou certo de que o rei entenderá que existe pouco ouro em AnkhMorporck

– Bem colocado. Porém, o rei pretende adotar uma política externa bastante vigorosa e dinâmica, que deve melhorar a situação.

– Ah – disseram os conselheiros em coro, bem mais entusiasmados dessa vez.

– Por exemplo – continuou Wonse -, o rei sente que nossos interesses legítimos em Quirm, Sto Lat, Pseudópolis e Tsort têm sido seriamente comprometidos nos últimos séculos. Isso será corrigido rapidamente e,



cavaleiros, posso garantir-lhes que a riqueza daqueles que estão ansiosos para usufruir da proteção do rei virá para a cidade.

O assassino-chefe olhou para a reserva. Uma ideia muito clara se formou em sua cabeça sobre o destino de todo aquele tesouro. Era de se admirar a maneira como os dragões sabiam tirar vantagem das situações. Era quase humano.

– Oh – ele disse.

– É claro que provavelmente haverá outras aquisições, como terras, propriedades e assim por diante, e o rei deseja que os leais Conselheiros Privados entendam que serão ricamente recompensados.

– E, er... – começou o assassino-chefe, sentindo que tinha entendido claramente a natureza dos processos mentais do rei. -Sem dúvida, os, er...

– Conselheiros privados – disse Wonse.

– Sem dúvida eles responderão com uma generosidade ainda maior em termos de, por exemplo, riquezas? -Tenho certeza de que tais considerações não passaram pela cabeça do rei, mas a questão foi muito bem colocada.

– Eu achei que seria.

O prato seguinte foi porco gordo, feijão e batatas com farinha. Mas, como não poderiam deixar de notar, comida que engordava. Wonse tomou um copo d'água.

– O que nos leva a uma questão adicional um tanto delicada, a qual tenho certeza de que cavaleiros viajados e de mente a-berta como vocês não terão nenhuma dificuldade em aceitar -disse.

A mão que segurava o copo começou a tremer.

– Espero que também seja compreendida por toda a população, especialmente quando informada de que o rei também será capaz de contribuir de diversas maneiras para o bem-estar e a defesa da cidade. Por exemplo, tenho certeza de que as pessoas descansarão mais tranquilas em sua cama sabendo que o Dr. ... o rei as protegerá dos perigos de forma incansável. Pode haver, no entanto, preconceitos... ridículo e antigos... que somente serão erradicados por meio de trabalho interminável... por parte de todos os homens de boa vontade. Ele fez uma pausa e olhou para eles. O assassino-chefe diria, mais tarde, que já havia olhado nos olhos de muitos homens que estavam obviamente à beira da morte, mas nunca havia visto um olhar que visse tão claramente das profundezas do Inferno. Ele esperava nunca, jamais ter que olhar para olhos como aqueles novamente.

– Estou me referindo – começou Wonse, com cada palavra vindo lentamente para a superfície como bolhas de uma areia movediça – à questão da... dieta... do rei.

Houve um silêncio terrível. Os homens ouviram o leve roçar das asas atrás deles, e as sombras nos cantos do salão ficaram mais escuras e pareceram se

aproximar.

– Dieta – repetiu o ladrão-chefe, com uma voz cavernosa.

– Sim – confirmou Wonse. Sua voz era quase um guincho. O suor escorria pelo seu rosto. O assassino-chefe ouvira uma vez a palavra “ricto” e se perguntara quando ela poderia ser usada corretamente para descrever a expressão de alguém. Agora ele sabia. Era assim que o rosto de Wonse estava. Era o ricto assustador de alguém que tentava não ouvir as palavras emitidas pela própria boca.

– Nós, er... nós pensamos – começou o assassino-chefe, com muito cuidado – que o Dr. ... o rei, bem, tinha conseguido resolver essa questão ao longo das semanas.

– Ah, coisas ruins, sabe. Coisas ruins. Animais de rua, e assim por diante – disse Wonse, olhando fixamente para o tampo da mesa. – E óbvio que, como rei, tais paliativos não são mais apropriados.

O silêncio aumentou e adquiriu uma textura. Os conselheiros pensaram bastante, especialmente sobre a refeição que tinham acabado de fazer. A chegada de um enorme trifle cheio de creme serviu apenas para deixá-los ainda mais concentrados.

– Er... – arriscou o comerciante-chefe – com que frequência o rei sente fome? – O tempo todo – respondeu Wonse. – Mas ele come uma vez por mês. E uma ocasião realmente cerimonial.

– É claro – concordou o comerciante-chefe. – Deve ser.

– E, er... – disse o assassino-chefe – quando o rei comeu pela última vez? – Lamento dizer que ele não tem comido de forma apropriada desde que veio para cá.

– Oh.

– Vocês têm que entender – disse Wonse, mexendo, nervoso, os seus talheres de madeira – que simplesmente atocaiar as pessoas como um assassino comum...

– Com licença... – começou o assassino-chefe.

– ... como um homicida comum, quer dizer... não há nenhuma... satisfação nisso. Toda a essência da alimentação do rei é que ela deve ser, bem... um ato de ligação entre o rei e seus súditos. Ele é, talvez, uma alegoria viva. Reforçando os laços íntimos entre a coroa e a comunidade – acrescentou.

– A natureza precisa da refeição... – o ladrão-chefe começou, quase engasgando com as palavras. – Nós estamos falando de jovens donzelas? – Puro preconceito. A idade é algo secundário. O estado civil, obviamente, é importante. E a classe social. Algo a ver com o sabor, acredito. – Ele se inclinou para a frente, e sua voz soou carregada de dor insistente e genuinamente sua, pela primeira vez. – Por favor, pensem nisso! – sussurrou. – Afinal, é apenas uma por mês! Em troca de tanto! As famílias de pessoas que são úteis para o rei,

conselheiros privados, como os senhores, não seriam, é claro, sequer cogitadas. E quando pensamos em todas as alternativas...

Eles não tinham pensado em todas as alternativas. Era suficiente pensar em apenas uma delas.

O silêncio era como um ronronar enquanto Wonse falava. Evitavam olhar uns para os outros, com medo do que poderiam ver. Cada homem pensava: “Alguém vai dizer alguma coisa logo, algum protesto, e então eu vou concordar murmurando alguma coisa, sem chegar a dizer alguma coisa de fato. Eu não sou burro a esse ponto, mas poderia murmurar com firmeza, de modo que os outros não tivessem nenhuma dúvida de que eu desaprovo isso totalmente, porque, num momento como este, cabe a todos os homens decentes quase se levantarem e quase serem ouvidos...”.

Mas ninguém disse nada. “Uns covardes”, cada um deles pensou. E ninguém tocou no pudim, nem nas balas de chocolate com menta, que eram da espessura de um tijolo. Apenas escutaram, num terror ansioso e pessimista, enquanto a voz de Wonse seguia monótona. Quando foram dispensados, tentaram sair o mais afastados possível para não precisar falar uns com os outros.

Quer dizer, com exceção do comerciante-chefe. Quando notou estava saindo do palácio com o chefe dos assassinos, e caminharam lado a lado, com a mente a mil. O comerciante-chefe tentou ver as coisas pelo lado positivo. Ele era uma dessas pessoas que puxam uma cantoria quando as coisas dão drasticamente errado.

– Bem – ele disse. – Então, nós agora somos conselheiros privados. Imagine só! – Humm – disse o assassino.

– Eu queria saber qual é a diferença entre conselheiros comuns e conselheiros privados – o comerciante pensou em voz alta.

O assassino franziu a testa para ele.

– Eu acho que a diferença é que esperam que você coma merda. Ele voltou a olhar para os pés. O que não parava de passar pela sua cabeça eram as últimas palavras de Wonse enquanto apertava a mão frouxa do secretário. Ele se perguntava se mais alguém teria ouvido. Improvável... elas tinham sido mais uma forma do que um som. Wonse simplesmente mexeu os lábios em volta delas enquanto olhava fixamente para o rosto da cor do luar do assassino.

Me... ajude.

O assassino estremeceu. Por quê ele? Pelo que sabia, havia apenas um tipo de ajuda que ele estaria qualificado a dar, e que poucas pessoas pediam para si mesmas. Na verdade, elas geralmente pagavam grandes quantias para que essa ajuda fosse dada a outras pessoas como um presente surpresa. Ele se perguntava o que estaria acontecendo com Wonse para que qualquer alternativa parecesse melhor...

Wonse estava sentado sozinho no salão escuro e destruído. Esperando.

Poderia correr. Mas ele o encontraria novamente. Sempre seria capaz de encontrá-lo. Ele sentia o cheiro de sua mente.

Ou poderia botar fogo nele. Isso seria pior. Assim como aconteceu com os Irmãos. Talvez a morte fosse instantânea, parecia instantânea, mas Wonse ficava deitado à noite imaginando se aqueles últimos microssegundos de alguma forma se estendiam para uma eternidade subjetiva e incandescente, com cada parte minúscula do seu corpo tornando-se uma mera mancha de plasma, e ele ali, vivo, no meio daquilo tudo...

Não você. Eu não botaria fogo em você.

Não era telepatia. Pelo que Wonse sempre entendera, a telepatia era como ouvir uma voz na sua mente.

Isto era como ouvir uma voz no seu corpo. Todo o seu sistema nervoso vibrava, como um arco.

Levante-se.

Wonse ficou de pé de repente, derrubando a cadeira e batendo as pernas na mesa. Quando aquela voz falava, ele tinha tanto controle sobre o seu corpo quanto a água tinha sobre a gravidade.

Venha.

Wonse saiu andando desajeitado.

As asas se abriram vagarosas, soltando alguns rangidos, até preencherem o salão de ponta a ponta. Uma delas quebrou a janela e ficou do lado de fora, ao ar da tarde.

O dragão, lenta e sensivelmente, esticou o pescoço e bocejou. Quando terminou, foi virando a cabeça até que ela ficasse a alguns centímetros do rosto de Wonse.

O que significa voluntário? – Significa, er... fazer algo a partir do seu livre arbítrio.

Mas eles não têm livre arbítrio! Eles aumentarão a minha reserva, ou eu botarei fogo neles! Wonse engoliu seco.

– Sim, mas não se pode...

O estrondo silencioso de fúria o fez rodopiar. Não existe nada que eu não possa.

– Não, não, não! – concordou Wonse, com a voz esganiçada, apertando a cabeça. – Eu não quis dizer isso! Acredite em mim! Desta forma é melhor, só isso! Melhor e mais seguro!

–Ninguém pode me derrotar! – Este certamente é o caso...

Ninguém pode me controlar! Wonse ergueu a mão com os dedos esticados num gesto conciliatório.

– E claro, é claro. Mas existem maneiras e maneiras, sabe. Maneiras e maneiras. Essa coisa de rosnar e botar fogo, entende, você não precisa disso...

Símio idiota! O que mais eu posso fazer para que eles realizem a minha

vontade? Wonse pôs as mãos atrás das costas.

– Eles o farão a partir de seu próprio livre arbítrio. E, com o tempo, acreditarão que a ideia foi deles mesmo. Será uma tradição. Vá por mim. Nós, humanos, somos criaturas adaptáveis.

O dragão lançou-lhe um olhar vazio e demorado.

– Na verdade – continuou Wonse, tentando falar sem que sua voz tremesse –, daqui a pouco tempo, se alguém vier e disser que um dragão como rei é uma má ideia, eles mesmos matarão essa pessoa.

O dragão piscou.

Pela primeira vez, pelo menos até onde Wonse conseguia se lembrar, ele pareceu incerto.

O dragão continuou prendendo-o com o olhar. Se você estiver mentindo... pensou, finalmente.

– Você sabe que eu não consigo. Não para você.

E eles realmente agem assim? – Ah, sim. O tempo todo. É uma característica humana básica. Wonse sabia que o dragão podia ler pelo menos os níveis superficiais de sua mente. Eles ressonavam numa harmonia terrível. E ele podia ver os pensamentos poderosos por trás dos olhos que estavam à sua frente. O dragão estava horrorizado.

– Desculpe-me – disse Wonse, sem forças. – É assim que nós somos mesmo. Tudo tem a ver com a sobrevivência, acho.

Não enviarão nenhum cavaleiro poderoso para me matar?, pensou, quase se queixando.

– Acho que não. –

Nenhum herói? – Não mais. Custam muito caro.

Mas eu vou comer pessoas! Wonse estremeceu.

Teve a sensação de que o dragão estava vasculhando a sua mente, tentando encontrar uma pista para compreender tudo. Ele meio via, meio sentia os flashes de imagens aleatórias, de dragões, de épocas míticas de répteis e – e aqui, senti o espanto genuíno do dragão – de algumas das épocas menos louváveis da história humana, que eram a maior parte dela. E, depois do espanto, veio a raiva perplexa. Não havia quase nada que o dragão pudesse fazer às pessoas que elas já não tivessem tentado fazer umas às outras, geralmente com bastante entusiasmo.

Você são sensíveis às afrontas, ele pensou para o outro. Mas nós éramos dragões. Nós tínhamos que ser cruéis, astutos, sem coração e terríveis. Mas uma coisa eu posso lhe dizer, seu símio – o grande rosto se aproximou ainda mais, de modo que Wonse estava encarando as profundezas impiedosas dos olhos dele –, nós nunca queimamos, torturamos e estraçalhamos uns aos outros e depois chamamos isso de moral.

O dragão abriu as asas novamente, uma ou duas vezes, e depois se jogou

pesadamente sobre o agrupamento espalhafatoso de coisas levemente preciosas. Suas garras remexeram a pilha. Ele fez uma expressão de desdém. Um lagarto de três pernas não juntaria um monte como este, ele pensou.

– Haverá coisas melhores – sussurrou Wonse, temporariamente aliviado pela mudança de direção da conversa.

E melhor que haja.

– Eu posso... -Wonse hesitou. – Posso fazer uma pergunta? Faça.

– Você realmente precisa comer pessoas? Eu acho que é o único problema, do ponto de vista das pessoas, sabe – acrescentou, com a voz acelerando até virar um balbucio. – O tesouro e tudo o mais, isso não será um problema, mas, se for apenas uma questão de, bem, proteínas, então talvez tenha ocorrido a um intelecto tão poderoso como o seu que algo menos controverso, como uma vaca, possa...

O dragão soltou um raio de fogo que calcinou a parede em frente. Precisar? Precisar?, trovejou, depois que o barulho se foi. Você fala comigo sobre necessidade? Não diz a tradição que a mais fina flor entre as mulheres é enviada ao dragão para garantir a paz e a prosperidade?

– Mas, veja, nós sempre fomos moderadamente pacíficos e razoavelmente prósperos...

VOCÉ QUER QUE ESTA SITUAÇÃO CONTINUE? A força do pensamento fez Wonse cair de joelhos.

– É claro.

O dragão esticou as garras com exuberância.

Então a necessidade não é minha, é sua. Agora saia da minha frente. Wonse se enfraqueceu quando o dragão deixou a sua mente.

A criatura serpenteou sobre a reserva barata, pulou sobre o parapeito de uma das grandes janelas do salão e quebrou o vitral com a cabeça. A imagem multicolorida de um padre da cidade desmoronou por cima de outros fragmentos mais abaixo.

O pescoço longo se estendeu para fora, sentiu o ar do início da noite e se virou como uma agulha de bússola. As luzes da cidade chegavam até ali. O som de um milhão de pessoas vivas formava um zumbido silencioso e profundo. O dragão respirou fundo, com alegria.

Depois arrastou o corpo para cima do parapeito, empurrou os restos da esquadria para o lado e pulou em direção ao céu.

– O que é isso? – perguntou Nobby.

Era meio arredondado, com textura próxima à da madeira e, quando batiam nele, fazia um barulho como o de uma régua batendo na beirada de uma mesa.

O sargento Colon bateu nele de novo.

– Eu desisto.

Cenoura ergueu-o, orgulhoso, para fora da embalagem amassada.

– É um bolo – disse, enfiando as duas mãos embaixo da coisa e erguendo-a com certa dificuldade. – Da minha mãe.

Ele conseguiu colocá-lo sobre a mesa sem prender os dedos.

– Dá pra comer? – perguntou Nobby. – Levou meses para chegar aqui. Pode ter estragado.

– Ah, ele é feito com uma receita especial dos anões – observou Cenoura. – Os bolos dos anões não estragam.

O sargento Colon bateu nele de novo com força.

– Acho que não – concordou.

– É incrivelmente nutritivo – continuou Cenoura. – Praticamente mágico. O segredo foi passado de anão para anão durante séculos. Um pedacinho disto e você não vai querer comer mais nada o dia todo.

– Sério? – disse Colon.

– Um anão consegue viajar centenas de quilômetros com um bolo desses na sacola.

– Aposto que sim – confirmou Colon, deprimido. – Aposto que ele ficaria pensando o tempo todo: “Caramba, espero que eu encontre outra coisa para comer logo, senão vai ter que ser o maldito bolo de novo”.

Cenoura, que achava que a palavra ironia tinha algo a ver com metal, pegou sua lança e, após dois ou três ricochetes impressionantes, conseguiu cortar o bolo em aproximadamente quatro fatias.

– Aí está – disse, animado. – Um para cada um de nós, e um para o capitão.

– Ele percebeu o que disse. – Oh, desculpa.

– Sim – consentiu Colon, inexpressivo.

Eles ficaram sentados em silêncio por um momento.

– Eu gostava dele – disse Cenoura. – É uma pena que não esteja mais conosco.

Houve um pouco mais de silêncio, muito semelhante ao silêncio anterior, mas ainda mais denso e profundo.

– Imagino que você será capitão agora. Colon se assustou.

– Eu? Eu não quero ser capitão! Não sou bom para pensar. E não vale a pena pensar tanto por 9 dólares por mês.

Ele tamborilou com os dedos sobre a mesa.

– Ele ganha só isso? – perguntou Nobby. – Eu achava que os oficiais estivessem rolando na grana.

– Nove dólares por mês e 2 dólares em plumas como auxílio mensal. Só que ele nunca exigiu essa parte. Engraçado, mesmo.

– Ele não era chegado em plumas – confirmou Nobby. – Você está certo – disse Colon. – A questão do capitão, sabe, eu li num livro uma vez... Você sabia que todos nós temos álcool no corpo... uma espécie de álcool natural? Mesmo se você nunca tomar uma gota a vida toda, seu corpo meio que o produz de

qualquer jeito... Mas o capitão Vimes, sabe, ele é uma dessas pessoas cujo corpo não o produz naturalmente. Tipo, ele nasceu duas doses abaixo do normal.

– Nossa! – espantou-se Cenoura.

– É... Então, quando ele está sóbrio, fica realmente sóbrio. Eles chamam isso de knurd. Sabe aquele jeito como você se sente quando acorda depois de ter passado a noite inteira enchendo a cara, Nobby? Bom, ele se sente assim o tempo todo.

– Pobre infeliz – disse Nobby. – Eu nunca me dei conta. Não é à toa que estava sempre tão deprimido.

– Então ele está sempre tentando tirar o atraso, sabe? Só que nem sempre acerta na dose. E, é claro... – Colon olhou para Cenoura – ... ele foi passado para trás por uma mulher. Veja bem, quase qualquer coisa consegue passá-lo para trás.

– Então, o que nós vamos fazer agora, sargento? – perguntou Nobby.

– E você acha que ele se importaria se comêssemos o bolo dele? – perguntou Cenoura, ansioso. – Seria uma pena deixá-lo estragar. Colon deu de ombros.

Os homens mais velhos ficaram sentados num silêncio sofrido enquanto Cenoura abria caminho pelo bolo como um triturador de pedras numa mina de calcário. Mesmo se fosse o mais leve dos suflês, não teriam tido nenhum apetite. Estavam imaginando a vida sem o capitão. Ela seria desanimadora, mesmo sem dragões. Poderiam dizer o que quisessem sobre o capitão, mas ele tinha estilo. Era um estilo cínico, selvagem, mas ele tinha e os outros, não. Ele sabia ler palavras longas e fazer contas de somar. Até isso era estilo, de certa forma. Até se embebedava com estilo.

Tentaram prolongar os minutos, tentaram estender o tempo. Mas a noite veio. Não havia esperança para eles.

Teriam que sair às ruas.

Eram 6 horas. E nada estava bem.

– Sinto falta do Errol também – disse Cenoura.

– Ele era do capitão, na verdade – lembrou Nobby. – Bom, de todo modo, lady Ramkin saberá tomar conta dele.

– A gente também não podia deixar nada ao seu alcance – disse Colon. – Puxa, nem o querosene. Ele bebeu até o querosene.

– E as bolas de naftalina? – emendou Nobby. – Uma caixa inteira de naftalina. Por que é que alguém ia querer comer naftalina? E a chaleira? E açúcar. Era alucinado por açúcar.

– Mas era legal – disse Cenoura. – Bonzinho.

– Ah, eu concordo com você – disse Colon. – Mas isso não está certo mesmo, um animal de estimação que faz você pular para trás da mesa toda vez que soluça.

– Eu vou sentir saudades da carinha dele – continuou Cenoura. Nobby assoou



o nariz, alto.

O som foi seguido de uma pancada na porta. Colon ergueu a cabeça de repente. Cenoura se levantou e abriu a porta.

Alguns membros da guarda palaciana estavam esperando com uma impaciência arrogante. Eles recuaram quando viram Cenoura, que precisou se curvar um pouco para enxergar abaixo do lintel. Más notícias como Cenoura chegam rápido.

– Nós viemos trazer um édito para vocês – disse um deles. – Vocês têm que...

– O que é toda essa tinta fresca no peito da sua armadura? – perguntou Cenoura, com educação. Nobby e o sargento espiaram ao lado dele.

– E um dragão – respondeu o guarda mais jovem.

– O dragão – corrigiu seu superior.

– Ei, eu conheço você – interrompeu Nobby. – Você é Skully Maltoon. Morava na rua Mincing. Sua mãe fazia pastilhas para tosse, não fazia? E ela caiu na mistura e morreu. Eu nunca chupo pastilha para tosse, mas penso na sua mãe.

– Olá, Nobby – cumprimentou o guarda, sem entusiasmo.

– Aposto que a sua velha mãe ficaria orgulhosa de você, com um dragão no colete – disse Nobby, puxando assunto. O guarda olhou para ele com um misto de ódio e constrangimento.

– E plumas novas no capacete também – acrescentou Nobby, afetuosamente.

– Isto aqui é um édito o qual você é obrigado a ler – disse o guarda, bem alto.

– E pendurar pelas esquinas também. Por ordem.

– De quem? – perguntou Nobby.

O sargento Colon pegou o rolo de papel.

– Con-si-derando – leu devagar, acompanhando a escrita com um dedo hesitante – que é do Aa-Ga-Ra-Do do Da-Ra-Ga... do dragão, Re-Ei... rei dos reis e Aa-Be-So-Le... – o suor caía em gotas do precipício rosado da sua testa – absoluto, ou seja, Seo-Be-Ra-Neo... soberano de...

Ele caiu num silêncio acadêmico atormentado, com as pontas dos dedos movendo-se aos trancos pelo pergaminho.

– Não – disse, finalmente. – Isso não está certo, está? Ele vai comer alguém?

– Consumir – corrigiu o guarda mais velho.

– É tudo parte do contrato... contrato social – disse o seu assistente, desajeitado. – Um pequeno preço a pagar, tenho certeza de que vocês concordam, pela segurança e proteção da cidade.

– Proteção contra o quê? – perguntou Nobby. – Nunca tivemos um inimigo que não pudesse ser subornado ou corrompido.

– Até agora – observou Colon, abatido.

– Você entende rápido – disse o guarda. – Então você vai divulgar a notícia. Sob pena de muita dor.

Cenoura espiou acima do ombro de Colon.

– O que é uma virgem? – Uma moça que não é casada – respondeu Colon, rapidamente.

– O quê, como a minha amiga Reet? – perguntou Cenoura, horrorizado.

– Bem, não.

– Ela não é casada, sabia? Nenhuma das meninas da senhora Palm é casada.

– Bom, sim.

– Bom, então – começou Cenoura, com um ar de determinação. – Não vamos aceitar nada desse tipo de rei, espero.

– As pessoas não vão apoiar esse tipo de coisa – disse Colon. – Ouça o que estou dizendo.

Os guardas deram um passo para trás, para fora do alcance da ira crescente de Cenoura.

– Podem fazer como acharem melhor – disse o guarda mais velho. – Mas, se vocês não divulgarem isso, podem tentar explicar as coisas para Sua Majestade. Eles saíram com pressa.

Nobby saiu correndo pela rua.

– Dragão no colete! – gritou. – Se a sua velha mãezinha visse isso ia se revirar no barril. Você andando por aí com um dragão no colete! Colon caminhou até a mesa e esticou o pergaminho.

– Más notícias – resmungou.

– Ele já matou pessoas – lembrou Cenoura. – Indo contra dezesseis leis diferentes do Conselho.

– Bem, é. Mas aquilo foi apenas, assim, um tumulto aqui e ali. Não que não tenha sido ruim, quer dizer.. Mas com as pessoas meio que participando, entregando um papelzinho para uma garota e ficando por perto para assistir, como se fosse tudo apropriado e legal, isso é muito pior.

– Eu acho que tudo depende do ponto de vista – começou Nobby, pensativo.

– Como assim? – Bem, do ponto de vista de alguém que está sendo queimado vivo, provavelmente não importa muito – disse Nobby, num tom filosófico.

– As pessoas não vão apoiar isso, eu disse – repetiu Colon, ignorando o argumento. – Vocês vão ver. Elas irão marchar sobre o palácio, e o que o dragão irá fazer, hein? – Queimar todas elas – respondeu Nobby, prontamente. Colon ficou confuso.

– Ele não faria isso, faria? – Não vejo o que poderia impedi-lo, você vê? – questionou Nobby. Ele olhou na direção da porta. – Era um bom garoto, aquele rapaz. Fazia alguns serviços para o meu avô. Quem diria que andaria por aí com um dragão no peito...

– O que você vai fazer, sargento? – perguntou Cenoura.

– Eu não quero ser queimado vivo. Minha esposa iria me infernizar. Então, suponho que a gente tenha que fazer o negócio, divulgar. Mas, não se preocupe, rapaz – disse, dando um tapinha no braço musculoso de Cenoura e repetindo,

como se não tivesse realmente acreditado em si mesmo da primeira vez – Não vai chegar a esse ponto. As pessoas jamais vão apoiar esse tipo de coisa. Lady Ramkin passou as mãos sobre o corpo de Errol.

– Não faço ideia do que está acontecendo aí dentro – disse. O dragãozinho tentou lambe o rosto dela. – O que ele tem comido? – A última coisa, eu acho, foi uma chaleira – respondeu Vimes.

– Uma chaleira de quê? – Não. A chaleira. Uma coisa preta com uma alça e um bico. Ele ficou cheirando um tempão, depois comeu.

Errol deu um sorriso abatido para ele e arrotou. Os dois se abaixaram.

– Ah, e depois nós o encontramos comendo fuligem da chaminé – continuou Vimes, enquanto a cabeça deles se erguia novamente acima das grades. Eles voltaram a se debruçar acima do buraco com grades reforçadas que era uma das enfermarias de lady Ramkin. Elas tinham que ser reforçadas. Geralmente, uma das primeiras coisas que um dragão doente fazia era perder o controle dos seus processos digestivos.

– Ele não parece exatamente doente. Só está gordo.

– Ele geme muito. E meio que dá pra ver as coisas se mexendo sob a pele dele. Sabe o que eu acho? Sabe quando você disse que eles são capazes de reorganizar o próprio sistema digestivo? – Ah, sim. Todos os estômagos e bombas pancreáticas podem ser conectados de diversas maneiras, sim. Para aproveitar...

– O que quer que encontrem para fazer fogo. Sim. Eu acho que ele está tentando produzir alguma espécie de chama muito quente. Quer desafiar o dragão grande. Toda vez que ele aparece no céu, fica sentado choramingando.

– E não explode? – Não que tenhamos notado. Quer dizer, tenho certeza que, se ele explodisse, Teríamos visto.

– Ele só come, de forma indiscriminada? – É difícil saber. Ele cheira tudo e come a maioria das coisas. Dois galões de querosene, por exemplo. De todo modo, eu não posso deixá-lo aí embaixo. Não dá para tomarmos conta dele direito. Agora não precisamos mais encontrar o dragão – acrescentou, com tristeza.

– Eu acho que você está sendo um pouco tolo em relação a tudo isso – ela disse, voltando para a casa.

– Tolo? Eu fui demitido na frente de todas aquelas pessoas! – Sim, mas foi um erro de interpretação, tenho certeza.

– Eu não interpretei nada errado! – Bom, acho que você só está perturbado porque está impotente. Os olhos de Vimes ficaram esbugalhados. -Opa! – Contra o dragão – lady Ramkin prosseguiu, bastante indiferente. – Você não pode fazer nada em relação a ele.

– Eu acho que esta maldita cidade e o dragão simplesmente se merecem.

– As pessoas estão assustadas. Não se pode esperar muito delas quando estão assustadas. – Ela tocou o braço dele devagar. Foi como ver um robô industrial ser

manipulado com habilidade para pegar um ovo com delicadeza. – Nem todo mundo é tão corajoso como você – acrescentou timidamente.

– Eu? – Na semana passada. Quando impediu que matassem os meus dragões.

– Ah, isso. Isso não é coragem. De qualquer modo, eram apenas pessoas. Pessoas são mais fáceis. Vou lhe contar uma coisa, eu não vou mais procurar o focinho desse dragão. Há dias que acordo pensando nisso.

– Oh – eia pareceu murchar. – Bom, se você está decidido... Eu tenho muitos amigos, sabe. Se você precisar de ajuda, é só dizer.-O duque de Sto Helit está procurando um capitão de guarda, tenho certeza. Vou escrever uma carta. Você vai gostar deles, são um jovem casal muito simpático.

– Eu ainda não sei o que vou fazer – observou Vimes, mais rude do que gostaria. – Estou considerando uma ou duas ofertas.

– Bem, é claro. Tenho certeza de que você saberá escolher. Vimes concordou com a cabeça.

Lady Ramkin não parava de revirar seu lenço entre as mãos.

– Bom, então – ela disse.

– Bom.

– Eu, er... imagino que você vai querer ir agora.

– Sim, imagino que seja melhor eu ir embora.

Houve uma pausa. Depois, os dois falaram ao mesmo tempo.

– Foi um grande...

– Eu só gostaria de dizer..

– Desculpa.

– Desculpa.

– Não, você ia falar.

– Não, desculpa, você ia falar? – Oh – Vimes hesitou. – Estou indo, então.

– Ah, sim. – lady Ramkin deu um sorriso abatido. – Não pode deixar todas essas ofertas esperando, não é? Ela estendeu a mão. Vimes a apertou com cuidado.

– Então eu vou indo, então.

– Venha nos visitar de novo – pediu lady Ramkin, mais fria. – Se você passar por aqui algum dia e tal. Tenho certeza de que Errol gostaria de revê-lo.

– Sim. Bom. Tchau, então.

– Tchau, capitão Vimes.

Ele saiu pela porta tropeçando e seguiu apressado pelo caminho escuro e cheio de mato. Podia sentir o olhar dela na sua nuca enquanto andava, ou pelo menos disse a si mesmo que podia. “Ela deve estar parada em frente à porta, bloqueando quase toda a luz. Apenas me observando. Mas eu não vou olhar para trás”, pensou. “Isso seria muito estúpido. Quer dizer, ela é uma pessoa adorável, tem muito bom senso e uma personalidade incrível, mas na verdade...” “Eu não

vou olhar para trás, mesmo se ela ficar ali parada enquanto eu caminho pela rua inteira. Às vezes é preciso ser cruel para ser gentil.” Então ele ouviu a porta se recriar quando FAO tinha sequer chegado até a rua e, de repente, sentiu-se muito, muito irritado, como se tivesse acabado ser roubado.

Ficou parado e juntou e soltou as mãos na escuridão. Ele não era mais o capitão Vimes, era o cidadão Vimes, o que significava que poderia fazer coisas que nunca sonhara fazer. Talvez pudesse quebrar algumas janelas. Não, isso não seria nada bom. Ele queria mais do que isso. Livrar-se daquele maldito dragão, ter o seu emprego de volta, pôr as mãos no que quer que estivesse por trás disso tudo, esquecer quem ele era por um momento e bater em alguém até ficar exausto...

Ficou olhando para o vazio. Lá embaixo, a cidade era uma massa de fumaça e vapor. Mas ele não estava pensando nisso.

Estava pensando num homem correndo. E, mais atrás, nas neblinas inebriadas da sua vida, um menino tentava alcançá-lo.

E, em voz baixa, disse: – Algum deles conseguiu escapar? O sargento Colon terminou a leitura do édito e olhou ao seu redor, para a multidão hostil.

– Não me culpem. Eu só leio as coisas. Não as escrevo.

– Isso é sacrifício humano, isso sim – disse alguém.

– Não há nada de errado com o sacrifício humano – interveio um padre.

– Ah, exatamente – retrucou o primeiro homem, rapidamente. – Por razões religiosas apropriadas. E usando criminosos condenados e coisas assim<sup>26</sup>. Mas isso é diferente de mandar alguém para um dragão só porque ele está com fome. Diversas religiões em Ankh-Morpork ainda praticavam o sacrifício humano, apesar de os religiosos não precisarem mais praticar, porque já tinham ficado muito bons nisso. A lei municipal dizia que apenas criminosos condenados deveriam ser usados, mas isso não era problema porque, na maioria das religiões, recusar-se a ser um voluntário para o sacrifício era um crime cuja punição era a pena de morte.

– É isso mesmo! – vibrou o sargento Colon.

– Imposto e uma coisa, comer gente já é outra.

– Muito bem dito! – Se todos nós dissermos que não toleramos isso, o que o dragão poderá fazer? Nobby abriu a boca. Colon tapou-a com a mão e ergueu um punho triunfante.

– É exatamente o que eu sempre disse. O povo, unido, jamais será comido! Houve gritos desiguais de aplauso.

– Espera um minuto – disse um homem pequeno. – Pelo que sabemos, o dragão só é bom em uma coisa: ele voa pela cidade tocando fogo nas pessoas. Na verdade, não ficou claro para mim o que está sendo proposto para impedir que ele faça isso.

– E, mas se nós todos protestarmos... – começou o primeiro homem, com a

voz modulada pela incerteza.

– Ele não pode queimar todo mundo – protestou Colon. Ele decidiu usar seu novo trunfo mais uma vez e acrescentou, orgulhoso: – O povo, unido, jamais será comido! – Houve menos aplausos desta vez. As pessoas estavam guardando a energia para se preocupar.

– Não estou muito certo se está claro para mim por que não. Por que ele não pode queimar todo mundo e voar para outra cidade? – Porque...

– A reserva – disse Colon. – Ele precisa de pessoas para lhe levar tesouros.

– É! – Bom, talvez, mas quantas, exatamente? – O quê? – Quantas pessoas? Dentre os moradores da cidade, quero dizer. Talvez ele não precise pôr fogo em toda a cidade, apenas em algumas partes. Nós sabemos quais partes? – Olha, isso está virando uma bobagem – disse o primeiro homem. – Se nós andarmos por aí pensando nos problemas o tempo todo, nunca faremos nada.

– É que vale a pena examinar as coisas primeiro, é só isso o que estou dizendo. Por exemplo, o que vai acontecer se nós derrotarmos o dragão? – Ah, por favor! – exclamou o sargento Colon.

– Não, é sério. Qual é a alternativa? – Um ser humano, para começar! – Como quiserem – disse o homem pequeno, com um ar afetado. – Mas eu acho que uma pessoa por mês é muito bom, se compararmos a alguns soberanos que tivemos. Alguém se lembra de Neresh, o Doido? Ou do lorde Smince Sorridente e o seu calabouço Ria-por-Um-Minuto? Houve um certo murmúrio, variações de “acho que ele tem razão”.

– Mas eles foram derrubados! – lembrou Colon.

– Não, não foram. Eles foram assassinados.

– Dá na mesma. Quer dizer, ninguém vai assassinar o dragão. Seria preciso mais do que uma noite sombria e uma faca afiada para resolver a questão, eu sei disso.

“Estou entendendo o que o capitão diz”, ele pensou. “Não é à toa que ele bebe depois de pensar nas coisas. A gente sempre se digladia, antes mesmo de começar. Dê um pedaço de pau para qualquer homem de Ankh-Morpork e ele vai acabar batendo em si mesmo até a morte.” – Olha aqui, seu bobão dissimulado – disse o primeiro homem, puxando o pequeno pela gola e cerrando o punho da mão que estava livre -, acontece que eu tenho três filhas e não quero que nenhuma delas seja comida, muito obrigado.

– Sim, e o povo, unido... jamais... será...

A voz de Colon falhou. Ele percebeu que o resto da multidão estava olhando para cima.

“O danado”, pensou, quando a razão começou a se esgotar. Ele deve ter pés de flanela.

O dragão mudou de posição no cume da casa mais próxima, bateu as asas uma ou duas vezes, bocejou e depois esticou o pescoço na direção da rua. O

homem que tinha sido abençoado com três filhas ficou parado, com o punho erguido, no centro de um círculo vazio que se expandia rapidamente. O homenzinho deslizou para fora do seu aperto e correu para a escuridão. De repente, pareceu que nenhum homem no mundo era tão solitário e sem amigos quanto ele.

– Entendi – disse, imóvel. Ele encarou, com a testa franzida, um réptil que tinha o olhar inquisitivo. Na verdade, não parecia especialmente agressivo. A criatura olhava para ele de um jeito que demonstrava certo interesse. – Eu não me importo!-gritou. Sua voz ecoou de parede a parede no silêncio. – Nós o desafiamos! Se você me matar, pode muito bem matar a todos! Houve uma agitação de desconforto por parte de segmentos da população que não sentiram que aquilo era absolutamente axiomático.

– Nós podemos detê-lo, sabia? – murmurou o homem. – Não podemos, pessoal!? Qual era o slogan que falava sobre estar unido, sargento? – Er... – disse Colon, sentindo a espinha se transformar em gelo.

– Eu estou avisando, dragão, o espírito humano é...

Eles nunca chegaram a saber o que era, ou pelo menos o que ele pensava que fosse, embora, possivelmente, nas horas sombrias de uma noite sem sono, alguns deles talvez tenham se lembrado dos eventos subsequentes e tido uma compreensão muito boa, de revolver as entranhas, a saber: que uma das coisas às vezes esquecidas sobre o espírito humano é que, ainda que ele seja, nas condições certas, nobre, corajoso e maravilhoso, também é, no fim das contas, apenas humano.

A chama do dragão o atingiu em cheio no peito. Por um momento, ele ficou visível como um contorno incandescente, antes que os restos pretos e nítidos caíssem em espiral sobre uma pequena poça de pedras derretidas no chão. A chama desapareceu.

A multidão ficou parada como um monte de estátuas, sem saber se chamaria mais atenção ficando imóvel ou saindo correndo.

O dragão olhou para baixo, curioso para ver o que fariam em seguida. Colon sentiu que, como único funcionário municipal presente, era seu papel tomar o controle da situação. Ele tossiu.

– Certo, então – disse, tentando não desafinar a voz – Vocês poderiam seguir nesta direção, senhoras e senhores. Vão andando, agora. Façam o favor. Ele acenou com o braço, num gesto vago de autoridade, enquanto as pessoas saíam de perto, nervosas. Com o canto do olho, viu chamas vermelhas atrás dos telhados e faíscas espiraladas no céu.

– Vocês não têm uma casa para onde ir? – grasniu.

O bibliotecário saiu da Biblioteca do tempo presente apoiado nas juntas dos dedos. Cada pêlo do seu corpo estava eriçado de raiva. Empurrou a porta e saiu pela cidade, que estava sendo atacada. Alguém iria descobrir que o seu pior

pesadelo era um bibliotecário enlouquecido.

Com um distintivo.

O dragão deslizava distraidamente de um lado para o outro sobre a cidade noturna, quase sem bater as asas. Ele não precisava. As barreiras térmicas davam o impulso necessário.



## HAVIA INCÊNDIOS

por toda parte em Ankh-Morpork. Entre o rio e vários prédios em chamas haviam se formado tantas filas de pessoas passando baldes que os baldes estavam sendo desviados e roubados. Não que fosse necessário um balde para pegar as águas lodosas do rio Ankh – uma rede era suficiente. Ao longo do rio, equipes de pessoas manchadas de fuligem trabalhavam fervorosamente para fechar os enormes portões corroídos sob a Ponte de Latão. Eram a última defesa de Ankh-Morpork contra incêndios, uma vez que, fechados, o rio Ankh não teria passagem e, aos poucos, gotejante, preencheria os espaços entre os muros. Um homem poderia sufocar lá dentro.

Os que trabalhavam na ponte eram aqueles que não podiam ou não queriam correr. Muitos outros se amontoavam entre os portões da cidade para depois seguir pelos prados frios e envoltos pela névoa.

Mas não por muito tempo. O dragão, fazendo acrobacias aéreas e curvas graciosas acima da devastação, saiu deslizando acima dos muros. Alguns segundos depois, os guardas viram um fogo actínico perfurar a névoa. A maré humana fluiu de volta, com o dragão planando acima dela feito um cão pastor. Os incêndios na cidade atacada refletiam uma luz vermelha que cintilava na parte de baixo de suas asas.

– Tem alguma sugestão sobre o que fazer agora, sargento? --perguntou Nobby.

Colon não respondeu. “Queria que o capitão Vimes estivesse aqui”, pensou. “Ele também não saberia o que fazer, mas tem um vocabulário muito melhor para momentos de perplexidade.” Alguns dos focos de incêndio eram apagados à medida que a água subia e o emaranhado confuso de fileiras com baldes fazia seu trabalho. O dragão não parecia inclinado a dar início a mais nenhum. Ele tinha mandado a sua mensagem.

– Eu me pergunto quem será – comentou Nobby.

– O quê? – perguntou Cenoura.

– O sacrifício.

– O sargento disse que as pessoas não aceitariam isso – lembrou Cenoura, impassível.

– É, bem. Veja por este ângulo: se você disser às pessoas o que vai acontecer, a sua casa queimada com você por perto, ou uma garota qualquer que você nunca viu devorada, bem, elas podem parar para pensar um pouco. E a natureza humana, sabe.

– Tenho certeza de que um herói aparecerá a tempo – disse Cenoura. – Com alguma espécie de arma nova ou algo do gênero. E golpeará o dragão na sua área vulnerável.

Houve um silêncio intenso.

– O que é isso? – perguntou Nobby.

– Uma área do corpo. Onde ele é vulnerável. Meu avô contava umas histórias. Acerte o dragão na sua parte vulnerável, dizia, e ele estará morto.

– Como dar um chute nos negócios? – arriscou Nobby, interessado.

– Sei lá. Acho que sim. Porém, Nobby, como eu já disse, não é certo...

– E, tipo, onde é a área? – Ah, é um lugar diferente em cada dragão. Você espera até ele sair voando e depois diz: “Lá está a área vulnerável”, e aí você o mata. Algo assim. O sargento Colon olhava para o vazio.

– Humm – disse Nobby.

Eles observaram o panorama de pânico por alguns instantes. Depois, o sargento Colon disse: – Você tem certeza em relação às áreas vulneráveis? – Sim. Ah, sim.

– Eu preferiria que não tivesse, rapaz.

Eles olharam para a cidade aterrorizada novamente.

– Sabe de uma coisa? – começou Nobby. – Você sempre me disse que ganhava prêmios em competições de arco-e-flecha no exército, sargento. Disse que tinha uma flecha da sorte e sempre a usava, e disse que...

– Está bem! Está bem! Mas isto não é a mesma coisa, é? De todo modo, eu não sou um herói. Por que eu deveria fazer isso? – O capitão Vimes nos paga 30 dólares por mês – observou Cenoura.

– É – concordou Nobby, sorrindo -, e você recebe 5 dólares extras de adicional por responsabilidade.

– Mas o capitão Vimes foi embora – lembrou Colon, num tom infame. Cenoura olhou para ele com uma expressão severa. -Tenho certeza de que, se ele estivesse aqui, seria o primeiro a... Colon fez um sinal para ele parar de falar.

– Está certo. Mas e se eu errar? – Veja pelo lado positivo – disse Nobby. – Você provavelmente nunca ficará sabendo.

A expressão do sargento Colon mudou para um sorriso cruel e desesperado.

– Nós nunca saberemos, você quer dizer.

– O quê? – Se você acha que eu vou ficar num telhado sozinho, está enganado. Eu ordeno que você me acompanhe. De todo modo – acrescentou -, você recebe 1 dólar de adicional por responsabilidade também.

O rosto de Nobby se contorceu de pânico.

– Não, eu não recebo! – grasnou. – O capitão Vimes disse que ia interromper o pagamento por cinco anos, por eu ser uma desgraça para a espécie! – Bom, você pode consegui-lo de volta. Afinal, você sabe tudo sobre as áreas vulneráveis. Já vi você brigando.

Cenoura bateu continência elegantemente.

– Permissão para me apresentar como voluntário, senhor. Eu recebo apenas 20 dólares por mês como estagiário e não me importo nem um pouco, senhor.

O sargento Colon pigarreou. Depois ajeitou o caimento do escudo. Era desses

que têm músculos peitorais impressionantes em relevo. Seu peito e estômago se encaixavam nele do mesmo jeito que a gelatina se encaixa numa fôrma.

“O que o capitão Vimes faria agora? Bom, ele beberia. Mas, se ele não bebesse, o que faria?” – O que nós precisamos – começou, devagar – é de um Plano. A ideia soou bem. Só aquela frase valia o salário. Ter um Plano já representava meio caminho andado.

E ele já imaginava os vivos da multidão. Formavam filas nas ruas, atiravam flores, e ele era carregado de forma triunfal pela cidade agradecida. O problema seria ser carregado num caixão.

Lupino Wonse percorreu os corredores frios até o quarto do patricio. Nunca tinha sido uma suite luxuosa, e continha pouco mais que uma cama estreita e alguns armários velhos. Parecia ainda pior agora, sem uma das paredes. Num caso de sonambulismo, a pessoa poderia cair direto na vasta caverna que era o Grande Salão.

Ainda assim, fechou a porta depois de entrar, para ter uma sensação de privacidade. Depois, com cuidado e muitos olhares nervosos para o grande espaço do outro lado, ele se ajoelhou no meio do quarto e puxou uma tábua. Um longo manto negro pôde ser visto. Wonse colocou a mão mais fundo no vão empoeirado e bateu. Bateu ainda mais fundo. Então ele se deitou, enfiou os dois braços no espaço vazio e agitou-os desesperadamente. Um livro atravessou a sala e atingiu-o na nuca.

– Procurando por isto? – perguntou Vimes. Ele saiu da penumbra. Wonse estava de joelhos, abrindo e fechando a boca.

“O que ele vai dizer?”, pensou Vimes. “Vai ser: Eu sei o que está parecendo, ou então: Como você entrou aqui?. Ou talvez: Olha, eu posso explicar tudo. Eu queria ter um dragão carregado na minha mão neste momento.” Wonse disse: – Ok. Muito inteligente a sua conclusão.

“Claro, essa era uma chance remota”, Vimes concluiu.

– Embaixo das tábuas do piso – disse em voz alta. – O primeiro lugar em que alguém procuraria. Muito tola essa escolha.

– Eu sei. Suponho que ele não achou que alguém iria procurar – concordou Wonse, levantando-se e tirando a poeira da roupa.

– Perdão? – disse Vimes, num tom de voz agradável.

– Vetinari. Você sabe como ele era cheio de máquinas e coisas assim. Estava envolvido na maioria das conspirações contra ele mesmo, era assim que controlava as coisas. Ele gostava. E claro que evocou algo e perdeu o controle. Algo muito mais astuto do que ele.

– Então o que você estava fazendo? – Eu queria saber se era possível reverter o encanto. Ou talvez evocar outro dragão. Eles lutariam.

– Uma espécie de equilíbrio de terrores, você quer dizer? – perguntou Vimes.

– Poderia valer a pena tentar – disse Wonse, determinado. Ele se aproximou

um pouco mais. – Olha, quanto ao seu emprego, eu sei que estávamos os dois um pouco extenuados naquele momento, então é claro que, se você o quiser de volta, não terá nenhum prob...

– Deve ter sido terrível – interrompeu Vimes. – Imagine o que deve ter se passado pela mente dele. Ele o evocou, depois percebeu que não era apenas uma espécie de instrumento, mas uma coisa real com uma mente própria. Uma mente como a dele, mas com todos os freios quebrados. Sabe de uma coisa? Eu apostaria que no começo ele realmente pensou que estava fazendo o melhor para todos. Deve ter ficado louco. Se não antes, depois ficou.

– Sim – concordou Wonse, com a voz rouca. – Deve ter sido terrível.

– Deuses, mas eu gostaria de pôr as minhas mãos nele! Tantos anos que eu conheço o homem, e nunca percebi...

Wonse não disse nada.

– Corra – ordenou Vimes, com calma.

– O quê? – Corra. Eu quero vê-lo correndo.

– Não estou entend...

– Eu vi uma pessoa fugindo na noite em que o dragão incendiou aquela casa. Eu me lembro que na hora achei que ele se mexia de um jeito engraçado, meio que dando pulinhos. E depois, no outro dia, eu vi você fugindo do dragão. Achei que talvez pudesse ser o mesmo homem. Quase saltando. Como alguém correndo para alcançar outra pessoa. Algum deles escapou, Wonse?. Wonse acenou com a mão fazendo o que deve ter considerado um gesto indiferente.

– Isso é ridículo, não é uma prova.

– Eu notei que você passou a dormir aqui dentro agora. Imagine que o rei goste de tê-lo por perto, não é? – Você não tem absolutamente nenhuma prova – murmurou Wonse.

– E claro que não. O jeito de correr de uma pessoa. O tom de voz ávido. Isso é tudo. Mas não importa, não é? Porque não importaria mesmo se eu tivesse uma prova. Não há ninguém a quem levá-la. E você não pode me dar o meu emprego de volta.

– Posso! – exclamou Wonse. – Eu posso, e você não precisa ser apenas o capitão...

– Você não pode me dar o meu emprego de volta – repetiu Vimes. – Ele nunca foi seu para que você tirasse de mim. Nunca fui um oficial da cidade, ou um oficial do rei, ou um oficial do patricio. Eu era um oficial da lei. Ela pode ter sido corrompida e desviada, mas era lei, de certo modo. Agora não existe mais nenhuma lei, a não ser: “Você será queimado vivo se não tomar cuidado”. Onde está o meu lugar nisso tudo? Wonse correu na direção dele e o agarrou pelo braço.

– Mas você pode me ajudar! Pode haver uma maneira de destruir o dragão, entende, ou pelo menos podemos ajudar as pessoas, canalizar as coisas para

evitar o pior, encontrar algum ponto de encontro...

O soco de Vimes atingiu o rosto de Wonse e o fez girar.

– O dragão está aqui – gritou. – Não dá para canalizá-lo, persuadi-lo ou negociar com ele. Não existe trégua para os dragões. Você o trouxe para cá e agora não temos saída, seu desgraçado.

Wonse tirou a mão da marca branca e brilhante do soco.

– O que você vai fazer? Vimes não sabia. Ele havia pensado em uma dúzia de possibilidades para o rumo que as coisas iam tomar, mas a única realmente adequada era matar Wonse. E agora, cara a cara, ele não conseguia fazê-lo.

– Esse é o problema de pessoas como você – disse Wonse, levantando-se. – Vocês são sempre contra qualquer coisa que se tente fazer a favor da melhoria da humanidade, mas nunca têm nenhum plano. Guardas! Guardas! Ele deu um sorriso enlouquecido para Vimes.

– Por essa você não esperava, não é? Nós ainda temos guardas aqui, sabe. Não tantos, é claro. Não tem muita gente querendo velho patricio nunca tripudiava, isso podia ser dito a favor dele. Se ele quisesse a sua morte, você nem ouvia falar nisso.

O melhor a fazer com pessoas que se regozijam com a desgraça alheia é jogar o jogo de acordo com as regras.

– Você não vai sair impune desta.

– Você está certo. Totalmente certo. Mas nunca é um tempo longo demais. Ninguém fica impune por nada por tanto tempo. Você terá tempo para refletir sobre isso – completou, e acenou com a cabeça para os guardas. – Atirem-no no calabouço especial. E depois cuidem daquela outra pequena tarefa.

– Er... – disse o líder dos guardas, hesitante.

– Qual é o problema, homem? – O senhor, er, quer que ataquemos ele? – perguntou o guarda, com tristeza. Por mais estúpidos que fossem os guardas palacianos, tinham tanta consciência quanto qualquer um. E, quando os guardas são chamados para lidar com um homem em circunstâncias acaloradas demais, o momento pode não ser muito bom para eles. “O filho-da-mãe vai querer dar uma de herói”, pensou o guarda. Ele não estava ansioso por um futuro no qual estivesse morto.

– E claro, seu idiota! – Mas, er, ele é só um – disse o capitão dos guardas.

– E está sorrindo – emendou um homem atrás dele.

– Provavelmente vai se pendurar nos lustres a qualquer minuto – continuou um de seus colegas. – E dar pontapés por cima da mesa e tal.

– Ele nem está armado! – gritou Wonse, num tom bastante agudo.

– Esse é o pior tipo – observou um dos guardas, com profundo estoicismo.

– Eles dão saltos, sabe, e pegam uma das espadas ornamentais que ficam atrás do escudo da lareira.

– É – concordou outro, desconfiado. – E depois tacam uma cadeira em você.

– Não tem lareira nenhuma! Nem espada! Só ele! Agora peguem-no! – gritou Wonse.

Alguns guardas tentaram agarrar Vimes pelos ombros.

– Você não vai tentar fazer nada heroico, né? – sussurrou um deles.

– Não saberia por onde começar.

– Ah. Certo.

Enquanto Vimes era arrastado para fora, ele ouvia Wonse cair numa gargalhada insana. Sempre faziam isso, os tripudiantes.

Mas ele estava certo em relação a uma coisa. Vimes não tinha um plano. Não tinha pensado muito sobre o que ia acontecer. “Fui um idiota”, ele disse a si mesmo, “de pensar que apenas uma confrontação resolveria tudo”. Ele também se perguntou qual seria a outra tarefa.

Os guardas palacianos não disseram nada, mas ficaram olhando para a frente e o levaram, atravessando o salão em ruínas, passando pelos restos de outro corredor até uma porta agourenta. Eles a abriram, atiraram-no e saíram marchando.

E ninguém, absolutamente ninguém, notou uma coisa fina que parecia uma folha e que flutuou suavemente a partir das sombras do telhado, revirando-se várias vezes no ar como uma semente de plátano antes de aterrissar no emaranhado de quinquilharias da reserva.

Era uma casca de amendoim.

Foi o silêncio que despertou lady Ramkin. A janela de seu quarto dava para os cercados dos dragões, e ela estava acostumada a dormir ao som do murmúrio do roçar das escamas, de um eventual rugido de um dragão soltando fogo no meio do sono e do lamento das fêmeas prenhas. A falta de qualquer som era como um alarme.

Ela tinha chorado um pouco antes de dormir, mas não muito, porque de nada adiantava ser sentimental e decepcionar os outros. Acendeu a lamparina, vestiu as botas de borracha, pegou o pedaço de pau que poderia ser a única coisa que ficaria entre ela e uma teórica falta de virtude e saiu correndo pela casa escura. Ao atravessar o gramado úmido que ia até os canis, teve a vaga sensação de que algo acontecia na cidade, mas achou que não valia a pena pensar sobre isso naquele momento. Os dragões eram mais importantes.

Ela empurrou a porta.

Bom, eles ainda estavam lá. O fedor típico dos dragões do pântano, misto de lama e explosão química, invadiu a noite.

Cada um dos dragões estava equilibrado em suas patas traseiras no centro de seu cercado, com o pescoço arqueado, olhando com uma intensidade feroz para o telhado.

– Oh – ela disse. – Voando por aí novamente, hein? Querendo se mostrar. Não se preocupem com ele, crianças. A mamãe está aqui.

Ela pôs a lamparina na prateleira mais alta e foi até o cercado onde estava Errol.

– Bom, meu rapaz – ela começou e parou.

Errol estava deitado de lado com o corpo esticado. Uma fina coluna de fumaça cinza saía de sua boca, e seu estômago se expandia e contraía como um fole. A pele, do pescoço para baixo, era de um branco quase puro.

– Eu acho que, se um dia eu reescrever Doenças, você terá um capítulo inteiro só para você – disse calmamente e abriu o portal do cercado. – Vamos ver se essa temperatura indecente já baixou, sim? Ela estendeu o braço para passar a mão na pele dele, ofegante. Tirou a mão rapidamente e ficou olhando para as bolhas que se formavam na ponta dos dedos.

Errol estava tão frio que queimava.

Enquanto olhava fixamente para ele, as pequenas marcas circulares que o calor dela deixou foram encobertas pelo ar congelado.

Lady Ramkin reclinou-se, agachada.

– Que espécie de dragão é você...? Ela ouviu o som distante de uma batida na porta da frente da casa. Hesitou por um momento, depois apagou a lamparina, engatinhou pesadamente entre os canis e empurrou o pedaço de saco sobre a janela.

A primeira luz da manhã revelou a silhueta de um membro do corpo de guarda no degrau da porta da frente, com as plumas do capacete balançando ao vento.

Ela mordeu o lábio em pânico, correu de volta para a porta, atravessou o gramado e pulou para dentro da casa, subindo três degraus da escada de cada vez.

– Burra, burra – murmurou ao lembrar que a lamparina tinha ficado lá embaixo. Mas não havia tempo para isso. Quando fosse buscá-la, Vimes já teria ido embora.

Usando o tato e a memória na escuridão, encontrou sua melhor peruca e enfiou na cabeça. Na penteadeira, em algum lugar entre os unguentos e os remédios para dragões, estava algo chamado Orvalho da Noite – pelo menos até onde ela se lembrava –, ou algum outro nome tão inadequado quanto. Era um presente dado havia muito tempo por algum sobrinho descuidado. Ela tentou diversos frascos até encontrar um que, pelo cheiro, deveria ser o certo. Até mesmo para um nariz que já tinha perdido havia muito tempo a maior parte do seu sistema sensorial diante da opressão dos dragões, ele parecia mais potente do que ela imaginava. Mas aparentemente os homens gostavam daquele tipo de coisa. Era o que ela tinha lido certa vez. Grande absurdo, na verdade. Puxou para baixo a parte de cima da camisola de tal forma que, ela esperava, revelasse sem expor, e desceu as escadas correndo.

Parou diante da porta, respirou fundo, virou a maçaneta e lembrou, quando

ainda estava abrindo a porta, que deveria ter tirado as botas de borracha...

– Ora, capitão – disse, num tom simpático –, mas que quem diabos é você? O chefe da guarda palaciana deu vários passos para trás e, porque era de origem camponesa, fez alguns gestos furtivos para espantar maus espíritos. Claramente não funcionaram. Quando ele abriu os olhos novamente, a coisa ainda estava lá, indignada e nervosa, cheirando a algo enjoativo e fermentado, coroada com uma massa de cachos destorcida, agigantando-se atrás de um decote que estremecia e fazia o céu da boca secar... Ele tinha ouvido falar nesse tipo de coisa. Eram chamadas de harpias. O que elas tinham feito com lady Ramkin? Porém, a visão das botas de borracha deixou-o confuso. As lendas sobre as harpias não faziam referência a botas de borracha.

– Desembucha, rapaz – estrondou lady Ramkin, ajeitando a camisola de um modo que a tornasse mais respeitável.

– Não fique aí parado só abrindo e fechando a boca. O que você quer? Guardas! Guardas!

– Lady Sybil Ramkin? – perguntou o guarda, não do jeito educado de alguém que está apenas buscando uma confirmação, mas no tom incrédulo de alguém que acha muito difícil acreditar que a resposta seja “sim”.

– Você tem olhos para que, meu filho? Quem você acha que eu sou? O guarda se recompôs.

– E que eu tenho uma intimação para lady Sybil Ramkin – disse, incerto. A voz dela era desmoralizadora.

– Como assim, uma intimação? – Para comparecer ao palácio.

– Não consigo imaginar por que isso é necessário a esta hora da madrugada – ela disse, e empurrou a porta com força. Mas não conseguiria fechar de qualquer jeito, por causa da ponta da espada enfiada nela no último momento.

– Se você não vier, eu recebi ordens para tomar as medidas necessárias. A porta voltou e o rosto dela ficou prensado junto ao dele, quase o deixando inconsciente com o odor de pétalas de rosa apodrecidas.

– Se você acha que vai colocar a mão em mim...

O olhar do guarda foi desviado para o lado, apenas por um momento, para os canis de dragões. O rosto de Sybil Ramkin empalideceu.

– Você não faria isso! – sussurrou.

Ele engoliu em seco. Por mais assustadora que fosse, ela era apenas humana. Só arrancava a cabeça fora metaforicamente. “Havia coisas”, ele pensou, “muito piores que lady Ramkin, embora, isso era fato, nenhuma delas estava a cinco centímetros do seu nariz naquele momento”.

– Tomar as medidas necessárias – repetiu, em voz baixa. Ela se ajeitou e avistou a fileira de guardas atrás dele.

– Entendi – ela disse, friamente. – E assim, não é? Seis de vocês para levarem uma frágil mulher. Muito bem. Vocês vão, é claro, permitir que eu leve um



casaco. Está um pouco gelado.

Ela bateu a porta.

Os guardas palacianos se aproximaram e tentaram não olhar uns para os outros. Obviamente não era assim que se saía por aí prendendo as pessoas. Não era permitido que elas os deixassem esperando à porta, não era assim que o mundo deveria funcionar. Por outro lado, a única alternativa era entrar lá e arrastá-la para fora, e isso não era algo que pudesse entusiasmar qualquer um. Além disso, o capitão dos guardas não tinha certeza se havia homens suficientes para arrastar lady Ramkin a algum lugar. Seriam necessárias equipes de mil homens, com toras de madeira.

A porta se abriu rangendo novamente, revelando apenas a escuridão bolorenta da sala.

– Certo, homens... – avisou o capitão, apreensivo.

Lady Ramkin apareceu. Ele teve uma visão rápida e embaçada dela pulando pela porta, gritando, e poderia ter sido a última coisa de que se lembraria se um guarda não tivesse a presença de espírito de fazê-la tropeçar enquanto descia os degraus. Ela deu um mergulho para a frente, xingando, caiu no meio da grama crescida, bateu a cabeça numa estátua de um Ramkin antigo caindo aos pedaços e deslizou até parar.

A espada de folha larga de duas mãos que ela segurava aterrissou ao seu lado, cravada na terra, e vibrou até parar totalmente.

Depois de algum tempo, um dos guardas se aproximou com cuidado e testou a lâmina com o dedo.

– Caramba – disse, com uma voz que misturava terror e respeito. – E o dragão quer comer ela?.

– Faz sentido – observou o capitão. – Ela deve ser a dama mais nobre da cidade. Não sei se é donzela – acrescentou -, e não vou especular neste exato momento. Alguém mande trazer uma carroça.

Ele apalhou a orelha, que tinha sido cortada de leve pela espada. Não era um homem de natureza rude, mas, naquele momento, tinha certeza de que preferiria a grossura do couro de um dragão entre ele e Sybil Ramkin quando ela acordasse.

– Não tínhamos que matar os dragões de estimação dela, senhor? – perguntou outro guarda. – Pensei que o senhor Wonse tivesse dito algo sobre matar todos os dragões.

– Isso era apenas uma ameaça que deveríamos fazer. O guarda franziu a sobrancelha.

– Tem certeza, senhor? Eu pensei...

O capitão estava farto daquilo. Harpias berrando e espadas fazendo barulho de seda cortada ao lado dele tinham arruinado definitivamente sua capacidade de enxergar o ponto de vista dos outros.

– Ah, você pensou, foi? – rosnou. – Você é um pensador? Você pensa que estaria pronto para uma transferência, então? Guarda municipal, talvez? Eles estão cheios de pensadores por lá.

Houve risinhos nervosos vindos do resto dos guardas.

– Se você tivesse pensado – acrescentou o capitão, num tom sarcástico -, teria pensado que o rei não vai querer outros dragões mortos, não é? Eles provavelmente são parentes distantes ou coisa assim. Quer dizer, ele não iria querer que sássemos por aí matando seus iguais, iria? – Bem, senhor, as pessoas fazem isso, senhor – respondeu o guarda, irritado.

– Ah, bem. Isso é diferente. – Ele deu um tapa significativo no capacete. – Isso é porque nós somos seres inteligentes.

Vimes caiu sobre uma palha úmida, no breu total, apesar de depois de algum tempo seus olhos se acostumarem com a escuridão e ele conseguiu identificar as paredes do calabouço.

Não tinha sido construído para um estilo de vida agradável. Era basicamente apenas um espaço contendo todos os pilares e arcos que sustentavam o palácio. No canto oposto, uma pequena grade no alto da parede dava passagem à mera suspeita de uma luz encardida de segunda mão. Havia outro buraco quadrado no chão. Ele também tinha grades. Porém, as barras de ferro estavam bastante enferrujadas. Passou pela cabeça de Vimes que ele poderia afrouxá-las e, depois, tudo o que tinha a fazer era emagrecer o suficiente para passar por um buraco de vinte centímetros de largura. O que o calabouço não continha eram ratos, escorpiões, baratas ou cobras. Um dia ele tivera cobras, era verdade, porque as sandálias de Vimes pisaram ruidosamente em pequenos esqueletos longos e brancos.

Ele engatinhou com cautela ao lado de uma parede úmida, perguntando-se de onde vinha o ruído ritmado de algo sendo arranhado. Circundou um pilar grosso e descobriu.

O patricio estava fazendo a barba, olhando com os olhos apertados um caco de espelho escorado no pilar para apanhar luz. “Não”, Vimes percebeu, “escorado, não. Sustentado, na verdade. Por um rato. Era um rato grande, de olhos vermelhos”.

O patricio acenou para ele sem demonstrar surpresa.

– Oh, Vimes, não é? Eu ouvi que você estava descendo. É melhor avisar o pessoal da cozinha... – e aqui Vimes percebeu que o homem estava falando com o rato – ... que serão dois pro almoço. Você quer uma cerveja, Vimes? – O quê? – Imagino que queira. Mas tem que ter sorte. Infelizmente. O pessoal do Skrp é bastante esperto, mas eles parecem ter um pouco de cegueira quando o assunto é rótulo de garrafa.

Lorde Vetinari deu uma batidinha no rosto com uma toalha e largou-a no chão. Uma sombra cinza saiu correndo da penumbra e levou-a embora. Então

ele disse: – Muito bem, Skrp. Pode ir. – O rato balançou os bigodes para ele, inclinou o espelho contra a parede e saiu saltitando.

– Você é servido por ratos? – Eles ajudam, sabe. Não são muito eficientes, na verdade, infelizmente. São as patas.

– Mas, mas, mas... Quer dizer, como? – Eu imagino que o pessoal do Skrp tenha túneis com acesso para a Universidade – explicou lorde Vetinari. – Embora eu acredite que eles já eram muito inteligentes desde o começo.

Pelo menos Vimes entendeu aquilo um pouco. Era de conhecimento geral que as radiações táumicas afetavam os animais que viviam nas proximidades do campus da Universidade Invisível, às vezes estimulando-os a criar analogias em miniatura da civilização humana e até levando alguns à mutação e à origem de uma espécie totalmente nova e especializada, como rato de biblioteca 0,303 e caramujo. E, como o homem disse, os ratos eram bastante inteligentes.

– Mas eles estão ajudando o senhor? – Mutuamente. É um processo mútuo. Pagamento por serviços prestados, pode-se dizer – disse o patricio, sentando-se no que Vimes não pôde deixar de notar ser uma pequena almofada de veludo. Numa prateleira baixa, ao alcance das mãos, havia um bloco de anotações e uma fileira de livros bem arrumada.

– Como é que se pode ajudar os ratos, senhor? – perguntou, com a voz fraca.

– Conselhos. Eu lhes dou conselhos, sabe. – O patricio se recostou. – Esse é o problema de pessoas como Wonse. Nunca sabem quando parar. Ratos, cobras e escorpiões. Isto aqui era uma confusão total quando eu cheguei. E os ratos estavam levando a pior.

E Vimes pensava que estava começando a entender.

– O senhor quer dizer que deu uma espécie de treinamento a eles? – Aconselhei. Aconselhei. Suponho que seja uma aptidão que eu tenho – disse lorde Vetinari, com modéstia.

Vimes imaginou como aquilo fora feito. Os ratos ficaram do lado dos escorpiões, contra as cobras, e depois, quando as cobras foram derrotadas, convidaram os escorpiões para uma comemoração com uma refeição de primeira e os devoraram? Ou escorpiões foram contratados em troca de grandes porções de, ah, o que quer que os escorpiões comam, para se aproximar silenciosamente de cobras líderes selecionadas à noite e picá-las? Ele se lembrou de ter ouvido uma história, uma vez, sobre um homem que, trancado numa cela durante anos, treinou passarinhos e criou uma espécie de liberdade. E pensou nos marinheiros antigos, longe do mar pela idade e pela fraqueza, que passavam os dias fazendo navios em pequenas garrafas. Depois pensou no patricio, sem a sua cidade, sentado de pernas cruzadas no chão cinza do calabouço escuro e recriando-a ao seu redor, incentivando, em miniatura, todas as rivalidades, lutas pelo poder e facções. Pensou nele como uma estátua sombria e meditativa entre pedras de pavimentação repletas de sombras furtivas e a morte política súbita.

Provavelmente tinha sido mais fácil do que governar Ankh-Morpork, que possuía bichos maiores, que não precisavam usar as duas mãos para carregar uma faca.

Houve um tinido perto do fosso. Meia dúzia de ratos apareceu, arrastando alguma coisa enrolada num pano. Eles fizeram uma manobra para fazê-la passar entre as grades e, com grande esforço, puxaram-na até os pés do patricio. Ele se inclinou e desfez o nó.

– Parece que temos queijo, coxa de frango, aipo, um pedaço de pão bem duro e uma bela garrafa de, oh, uma bela garrafa, aparentemente, do Famosíssimo Molho Madeira de Merckle e Stingbat. Eu disse cerveja, Skrp. – O rato líder mexeu o focinho para ele. – Sinto muito, Vimes. Eles não sabem ler, entende? Parecem não assimilar o conceito de leitura. Mas são ouvintes muito bons. Eles me trazem todas as notícias.

– Estou vendo que o senhor está muito confortável aqui -observou Vimes, com fraqueza.

– Nunca construa um calabouço no qual você mesmo não ficaria feliz em passar a noite – disse o patricio, arranjando a comida sobre o pano. – O mundo seria um lugar mais feliz se mais pessoas se lembrassem disso.

– Todos nós pensamos que o senhor tivesse construído túneis secretos e coisas do tipo.

– Não consigo imaginar por quê. Para isso precisaria armar uma tremenda correria. Tão ineficiente. Aqui estou no centro de tudo. Espero que você entenda isso, Vimes. Jamais confie em um governante que acredita em túneis, abrigos subterrâneos e rotas de fuga. Provavelmente não está inteiramente envolvido com seu trabalho.

– Oh.

“Ele está num calabouço no próprio palácio, com um doido alucinado no comando lá em cima e um dragão pondo fogo na cidade, e acha que tudo está do jeito que ele quer. Deve ter algo a ver com cargos de alto escalão. A altitude enlouquece as pessoas.” – O senhor, er, não se importa se eu der uma olhada no lugar? – Fique à vontade.

Vimes percorreu os espaços do calabouço e verificou a porta. Ela tinha barras pesadas e trancadas, e a fechadura era maciça.

Depois bateu nas paredes, nos lugares que poderiam estar o-cos. Não havia dúvidas de que era um calabouço bem construído. Do tipo que fazia a pessoa se sentir feliz por haver criminosos perigosos ali dentro. É claro que, nessas circunstâncias, seria preferível que não houvesse nenhum alçapão, túnel escondido ou formas secretas de escapar.

Mas não era uma dessas circunstâncias. Era impressionante o que alguns metros de pedra faziam com seu senso de perspectiva.

– Os guardas entram aqui? – perguntou.

– Quase nunca – respondeu o patricio, balançando uma coxa de frango. –

Eles não se preocupam em me alimentar, sabe. A ideia é que a pessoa vá definhando. Na verdade, até pouco tempo atrás eu costumava ir até a porta e gemer um pouco de vez em quando, só para deixá-los felizes.

– Mas eles vêm aqui para checar? – perguntou Vimes, esperançoso.

– Ah, eu acho que não deveríamos tolerar isso.

– E como o senhor vai impedi-los? Lorde Vetinari olhou para ele com uma expressão aflita.

– Meu caro Vimes, eu pensei que você fosse um homem observador. Você olhou para a porta? – É claro que sim – disse Vimes, e acrescentou -, senhor. É toda maciça.

– Talvez seja melhor dar mais uma olhada.

Vimes ficou olhando para ele, depois andou até a porta e a observou. Era uma variação popular do portal terrível, com todas as barras, trancas, pontas de ferro e dobradiças enormes. Por mais que olhasse para ela, não parecia nem um pouco menos sólida. A tranca era do tipo que os anões fazem, e seriam precisos anos para abri-la. No geral, se alguém procurasse um símbolo para algo totalmente imóvel, aquela porta estava ali para isso.

O patricio apareceu ao lado dele num silêncio de parar o coração.

– Veja, existe sempre a possibilidade de que uma cidade seja dominada por uma agitação civil violenta, e o governante seja jogado no calabouço. Para certo tipo de mente, isso é muito mais prazeroso do que a mera execução.

– Bom, tudo bem, mas eu não vejo... – começou Vimes.

– E você olha para esta porta e o que vê é realmente uma porta de cela muito forte, certo? – É claro. É só olhar para as fechaduras e...

– Sabe, eu realmente fico muito contente – disse lorde Vetinari, com calma.

Vimes olhou fixamente para a porta até suas sobrancelhas ficarem doloridas. E então, assim como repentinamente os desenhos aleatórios das nuvens, sem terem sofrido nenhuma modificação, transformam-se na cabeça de um cavalo ou num barco à vela, ele viu aquilo que estivera olhando o tempo todo.

Uma sensação de admiração aterrorizada tomou conta dele.

Ele se perguntou como seria estar dentro da mente do patricio. “Tudo frio e brilhante”, pensou, “cheio de aço e sincelos azulados, e pequenas rodas, fazendo tique-taque, como um enorme relógio”. O tipo de mente que refletiria sobre a própria ruína cuidadosamente e a transformaria em algo vantajoso. Era uma porta de calabouço perfeitamente normal, mas tudo dependia do seu senso de perspectiva.

Neste calabouço, o patricio poderia refrear o mundo.

Tudo o que estava do lado de fora era a fechadura.

Todas as barras e parafusos estavam do lado de dentro.

Os soldados seguiam com muito esforço pelos telhados úmidos enquanto a névoa da manhã era evaporada pelo sol. Não que o dia promettesse ar limpo –

faixas viscosas de fumaça e vapor viciado envolviam a cidade e enchiam o ar de um cheiro deplorável de cinza umedecida.

– Que lugar é este? – perguntou Cenoura, ajudando os outros a passar por uma passagem suja entre dois telhados.

O sargento Colon olhou para a floresta de chaminés ao seu redor.

– Estamos bem acima da destilaria de uísque Jimkin Abraçaurso. Numa linha reta, veja, entre o palácio e a praça. Ele deve voar por aqui. Nobby olhou pensativo pela lateral do prédio.

– Eu estive ali uma vez. Chequei a porta numa noite escura e ela simplesmente se abriu na minha mão.

– Depois de muitas tentativas, imagino – disse Colon, num tom amargo.

– Bom, eu precisava entrar para checar se não tinha nenhuma depreciação acontecendo. Lugar incrível, lá dentro. Cheio de canos e tal. E o cheiro! – “Cada garrafa envelhecida por até sete minutos” – citou Colon. – “Tome uma gota antes de ir”, está escrito no rótulo. E dá certo, viu? Uma vez eu tomei uma gota, fui e não voltei o dia todo.

Ele se ajoelhou e abriu o grande saco de pano que vinha carregando, com extrema dificuldade, durante a subida. Dele saiu um arco de madeira de modelo antigo e uma aljava com setas.

Pegou o arco devagar, com uma atitude de reverência, e passou os dedos atarracados por ele.

– Sabe de uma coisa – disse, com calma -, eu era bom demais com isso quando era mais novo. O capitão devia ter deixado que eu tentasse uma vez naquela noite.

– Você disse isso pra gente várias vezes – observou Nobby, num tom insensível.

– Bem, eu ganhava prêmios. – O sargento desenrolou uma corda nova, deu um laço na ponta do arco, ficou de pé, apertou o laço, resmungou um pouco... – Er... Cenoura? – disse, meio sem fôlego.

– Sim, sargento? – Você sabe alguma coisa de corda de arco? Cenoura pegou o arco, prendeu uma ponta da corda com facilidade e colocou a outra ponta no lugar.

– E um bom começo – disse Nobby.

– Não seja sarcástico comigo, Nobby! Não é a força. A perspicácia do olhar e a firmeza da mão é que contam. Agora, passe-me uma flecha. Não essa! Os dedos de Nobby congelaram no ato de pegar uma haste de flecha.

– Essa é a minha flecha da sorte! – disse Colon, nervoso. – Nenhum de vocês deve tocar a minha flecha da sorte! – Parece uma flecha como qualquer outra pra mim, sargento – comentou Nobby, suavemente.

– É a que eu usarei para o negócio, o coup de grass. Nunca me desapontou, minha flecha da sorte. Acerta no que quer que eu atire. Quase nem preciso

mirar. Se esse dragão tiver alguma área vulnerável, essa flecha vai encontrá-la.

Ele escolheu uma flecha de aparência idêntica, mas que supostamente trazia menos sorte, e a encaixou no arco. Depois olhou para os telhados à sua volta com olhar especulativo.

– Melhor retomar a prática – murmurou. – Se bem que, uma vez que você aprende, não esquece mais, é como andar de... andar de... andar de alguma coisa que você nunca mais esquece como se anda.

Ele puxou a corda até a orelha e resmungou.

– Certo – disse, ofegante, enquanto o braço tremia com a tensão como um galho num temporal. – Estão vendo lá o telhado do Grêmio dos Assassinos? Eles se esforçaram para enxergar através do ar imundo.

– Certo, então. E estão vendo o cata-vento em cima dele? Estão vendo? Cenoura olhou para a ponta da seta. Ela balançava para frente e para trás numa série de números oito.

– Está muito distante, sargento – disse Nobby, num tom desconfiado.

– Nunca se preocupe comigo, fique de olho no cata-vento – resmungou o sargento.

Eles concordaram com a cabeça. O cata-vento tinha o formato de um homem rastejando com uma capa longa. Seu punhal estendido estava sempre pronto para esfaquear o vento. A essa distância, no entanto, era minúsculo.

– Ok – suspirou Colon. – Agora, vocês estão vendo o olho do homem? – Ah, por favor! – exclamou Nobby.

– Calaboca, calaboca, calaboca! – gemeu Colon. – Eu perguntei se vocês estão vendo! – Eu acho que estou vendo, sargento – confirmou Cenoura, fiel.

– Certo, certo – disse o sargento, oscilando para a frente e para trás com o esforço. – Certo. Bom rapaz. Ok Bom, fiquem de olho, certo? Ele resmungou e soltou a flecha.

Tantas coisas aconteceram tão rapidamente que terão que ser recontadas numa prosa “em câmera lenta”. Provavelmente, primeiro a corda bateu na parte interna e macia do pulso de Colon, fazendo com que ele gritasse e largasse o arco. Isso não teve nenhum efeito na trajetória da flecha, que já estava voando reta e constante na direção da carranca de goteira do telhado logo do outro lado da rua. Ela acertou-a na orelha, bateu com força, ricocheteou num muro a dois metros dali e voltou na direção de Colon, aparentemente a uma velocidade um pouco maior, passando por sua orelha com um zunido suave.

E desapareceu na direção dos muros da cidade.

Depois de algum tempo, Nobby tossiu e olhou para Cenoura com um ar de indagação inocente.

– Qual é o tamanho, mais ou menos, da área vulnerável do dragão? – Ah, pode ser um ponto bem pequeno – respondeu Cenoura, prestativo.

– Era isso o que eu temia – disse Nobby. Ele andou até a beira do telhado e

apontou para baixo. – Tem um tanque bem aqui. Eles usam para esfriar a água dos alambiques. Imagino que seja bem fundo. Então, depois que o sargento atirar no dragão, nós podemos pular dentro dele. O que vocês acham? -Ah, mas nós não precisamos fazer isso – retrucou Cenoura. – Porque a flecha da sorte do sargento terá acertado o ponto certo, e o dragão estará morto, então nós não temos com que nos preocupar.

– Concordo, concordo – disse Nobby rapidamente, olhando para o rosto zangado de Colon. – Mas, só por segurança, sabe, é uma chance em um milhão, se acontecer de ele errar... Não estou dizendo que ele vai errar, veja bem, mas temos que pensar em todas as eventualidades... Se, por um azar incrível, ele não conseguir acertar a parte vulnerável, aí o dragão vai perder a cabeça, certo, e provavelmente é uma boa ideia não ficar aqui. E uma chance muito remota, eu sei. Podem me chamar de paranóico se quiserem. Só digo isso. O sargento Colon ajeitou a armadura com orgulho.

– Quando você mais precisa delas, as chances que são uma em um milhão sempre aparecem. Isso é fato notório.

– O sargento está certo, Nobby – concordou Cenoura, candidamente. – Você sabe que, quando existe apenas uma chance de que algo dê certo, bom, dá. Caso contrário não haveria nenhum... – ele baixou o volume da voz. – Quer dizer, faz sentido, se as últimas chances desesperadas não funcionassem, não haveria nenhum... bom, os deuses não deixariam, de qualquer jeito. Não deixariam. Como se fossem um, os três homens se viraram e olharam através do ar escuro em direção ao centro do Disco, a milhares de quilômetros de distância. Nesse momento, o ar estava cinza de fumaça velha e restos de névoa, mas num dia claro era possível ver Cori Celesti, o lar dos deuses. Lugar do lar dos deuses, pelo menos. Eles moravam em Dunmanifestin, a Valhala de estuque, onde os deuses encaravam a eternidade com a disposição de quem não sabia o que fazer para passar uma tarde de chuva. Jogavam com o destino dos homens, diziam. Exatamente que jogo eles pensavam estar jogando naquele momento era o que todos tentavam entender.

Mas é claro que havia regras. Todos sabiam que havia regras. Eles só tinham que torcer com todas as suas forças que os deuses conhecessem as regras também.

– Tem que dar certo – murmurou Colon. – Eu vou usar a minha flecha da sorte e tudo o mais. Vocês estão certos. As últimas chances desesperadas têm que dar certo. Senão nada faria sentido. Vocês poderiam nem estar vivos. Nobby olhou para o tanque lá embaixo novamente. Depois de um momento de hesitação, Colon juntou-se a ele. Eles tinham a expressão especulativa de homens que já viram muitas coisas e sabiam que, se por um lado era possível contar com heróis e reis e, em último caso, deuses, podia-se realmente contar com a gravidade e a água funda.



– Não que a gente vá precisar – disse Colon, num tom honrado.

– Não com a sua flecha da sorte – concordou Nobby.

– Isso mesmo, mas, só por curiosidade, que distância você acha que tem até lá embaixo? – Uns nove metros, eu diria. Mais ou menos.

– Nove metros. – Colon balançou a cabeça devagar. – E o que eu calculo. E é fundo, né? – Muito fundo, ouvi dizer.

– Vou confiar na sua palavra. Parece bem sujo. Eu detestaria ter que pular nele.

Centoura deu um tapinha animador nas costas dele, quase o empurrando para baixo, e disse: – O que há, sargento? O senhor quer viver para sempre? – Sei lá. Pergunte de novo daqui a quinhentos anos.

– É muito bom que você tenha a sua flecha da sorte, então! – Humm? – perguntou Colon, que parecia estar num mundo de devaneios infelizes só seu.

– Eu estou dizendo que é muito bom que você tenha uma última chance desesperada em um milhão, ou estaríamos realmente em apuros! – Ah, sim – concordou Nobby, com tristeza. – Sorte nossa.

O patricio recostou-se. Alguns ratos arrastaram uma almofada para baixo de sua cabeça.

– As coisas estão muito ruins lá fora, imagino.

– Sim – concordou Vimes, num tom amargo. – O senhor está certo. O senhor está no lugar mais seguro da cidade.

Ele enfiou mais uma faca entre as pedras e testou seu peso com cuidado enquanto lorde Vetinari o observava com interesse. Apoiou os pés na faca e ficou a dois metros do chão, na altura da grade.

Depois começou a golpear a argamassa ao redor das barras.

O patricio ficou olhando durante algum tempo, e retirou um livro da pequena prateleira a seu lado. Como os ratos não sabiam ler, a biblioteca que havia conseguido montar era um pouco extravagante, mas ele não era um homem que ignoraria uma oportunidade de adquirir conhecimento. Encontrou seu marcador de páginas no meio de A Arte da Renda Ao Longo dos Tempos e leu algumas páginas.

Depois de algum tempo, achou necessário tirar alguns pedaços de argamassa do meio do livro e olhou para cima.

– Está obtendo algum progresso? – perguntou com educação.

Vimes ranguu os dentes e continuou a bater. Do lado de fora da pequena grade havia um pátio imundo, quase tão mal iluminado quanto a cela. Havia um monte de esterco num canto, mas, naquela situação, ele parecia bastante atraente. Mais atraente do que o calabouço, em todo caso. Um monte de esterco era preferível ao modo como Ankh-Morpork andava ultimamente. Provavelmente era alegórico, ou algo assim.

Ele golpeou, golpeou, golpeou. A lâmina da faca ressoava e vibrava na sua

mão.

O bibliotecário coçou os sovacos, pensativo. Ele enfrentava problemas pessoais. Havia chegado até ali cheio de ira contra ladrões de livros, e essa raiva ainda ardia. Mas lhe ocorrera o pensamento indisciplinado de que, embora o crime contra os livros fosse o pior tipo de crime, a vingança devesse, talvez, ser adiada.

Ocorreu-lhe que, se por um lado o que os humanos decidiam fazer uns com os outros não tinha importância para ele, havia certas atividades que deveriam ser restringidas, caso os criminosos ficassem confiantes demais e começassem a fazer coisas parecidas com os livros também.

O bibliotecário olhou para seu distintivo novamente e deu-lhe uma mordidela na esperança otimista de que houvesse se tornado comestível. Sem dúvida, tinha uma obrigação para com o capitão.

O capitão sempre fora gentil com ele. E o capitão também tinha um distintivo.

Sim.

Havia momentos em que um símio tinha que fazer o que um homem tinha que fazer...

O orangotango bateu uma continência complicada e saiu se dependurando na escuridão.

O sol estava mais alto, rolando pela neblina e pela fumaça velha feito um balão perdido.

Os soldados se sentaram à sombra do cano de uma chaminé, esperando e matando o tempo do seu jeito. Nobby investigava, pensativo, o conteúdo de uma narina, Cenoura escrevia uma carta para casa, e o sargento Colon se preocupava. Depois de algum tempo, ele mudou o peso do corpo, desconfortável, e disse: – Eu pensei num problema.

– Qual é, sargento? – perguntou Cenoura. O sargento Colon parecia triste.

– Bem... e se a chance não for uma em um milhão? Nobby olhou fixamente para ele.

– Como assim? – Bem, está certo, as últimas chances desesperadas de uma em um milhão sempre dão certo, sem problemas, mas... bem, isso é muito aquele negócio, específico. Não é? – Você que sabe – respondeu Nobby.

– E se for apenas uma chance em mil? – disse Colon, aflito.

– O quê? – Alguém já ouviu falar em uma chance em mil dar certo? Cenoura ergueu os olhos.

– Não seja louco, sargento. Ninguém nunca viu uma chance em mil dar certo. As chances de não dar certo são... – seus lábios se mexeram – ... de milhões para uma.

– É. Milhões – concordou Nobby.

– Então só vai dar certo se for realmente a única chance em um milhão –

continuou o sargento.

– Acho que é isso – disse Nobby.

– Então uma chance em 999.943, por exemplo... – começou Colon.

Cenoura balançou a cabeça.

– Sem chance. Ninguém jamais disse: “É uma chance em 999.943, mas pode dar certo”.

Eles ficaram olhando para a cidade no silêncio de um cálculo mental feroz.

– Nós poderíamos ter um problema real aqui – disse Colon, finalmente. Cenoura começou a rabiscar furiosamente. Quando questionado, ele explicou em detalhes como se encontrava a área da superfície de um dragão e, depois, tentou estimar as chances de uma flecha acertar qualquer ponto.

– Intencionalmente, veja bem – disse o sargento Colon. – Eu miro. Nobby tossiu.

– Nesse caso, a chance tem que ser muito maior do que uma em um milhão – disse Cenoura. – Poderia ser uma em cem. Se o dragão estiver voando devagar e o ponto for grande, poderia ser praticamente uma certeza. Os lábios de Colon tomaram a forma de uma frase: É uma certeza, mas pode dar certo. Ele balançou a cabeça. – Não...

– Então o que nós temos que fazer – começou Nobby, devagar – é ajustar as chances.

Agora havia um buraco raso na argamassa perto da barra do meio. Vimes sabia que não era muito, mas era um começo.

– Você não precisa de ajuda, por acaso? – perguntou o patrício. – Não.

– Você que sabe.

A argamassa estava meio apodrecida, mas as barras tinham sido enterradas a fundo nas pedras. Por baixo da sua casca de ferrugem ainda havia muito ferro. Era um trabalho demorado, mas tinha que ser feito, e exigia uma abençoada ausência de pensamentos. Não podiam tirar isso dele. Era um desafio bom e limpo. Você sabia que, se continuasse escavando, venceria as dificuldades no final.

– O “final” é que era o problema. No final, a Grande A'Tuin chegaria ao fim do universo. No final, Nobby poderia tomar um banho, embora isso provavelmente envolvesse uma reestruturação radical na natureza do Tempo. Ele bateu na argamassa assim mesmo, e depois parou, quando alguma coisa pequena e pálida caiu do lado de fora, bem devagar.

– Casca de amendoim? O rosto do bibliotecário, cercado pelas papadas de câmaras de ar de sua cabeça, apareceu de cabeça para baixo na abertura gradeada e deu um sorriso largo que não era nem um pouco menos terrível por estar invertido.

– Ooook? O orangotango deixou-se cair do muro, agarrou duas barras e puxou. Os músculos se mexeram para a frente e para trás em seu peito

enfismático, numa complexa dança de esforços. A boca cheia de dentes amarelos se abriu numa concentração silenciosa.

Apareceram algumas “coisas” grosseiras quando as barras cederam e quebraram. O símio as jogou para o lado e enfiou a mão no buraco aberto. Então o braço mais longo da Lei pegou um Vimes estupefato por baixo dos ombros e o puxou com um único movimento.

Os soldados examinavam seu trabalho manual – Certo – disse Nobby. – Agora, quais são as chances de um homem de pé numa perna só com o chapéu ao contrário e um lenço na boca atingir a parte vulnerável de um dragão? – Humpf – respondeu Colon.

– São bastante razoáveis – observou Cenoura. – E eu acho que o lencinho é um pouco arriscado.

Colon cuspiu o lenço.

– Decidam-se. Minha perna vai ficar dormente.

Vimes se ergueu do chão gorduroso e olhou surpreso para o bibliotecário. Ele estava percebendo algo que tinha sido um choque para muitas pessoas, geralmente em circunstâncias muito mais desagradáveis – como uma briga no Barril Emendado, quando o símio estava querendo um pouco de paz e tranquilidade para saborear uma cerveja e pensar um pouco. A constatação foi: o bibliotecário poderia parecer um saco cheio de borracha, mas na verdade era cheio de músculos.

– Isso foi incrível – foi tudo o que conseguiu encontrar para dizer. Ele olhou para as barras torcidas e sentiu sua mente se tornar obscura. Apanhou o metal dobrado. – Você não sabe, por acaso, onde está Wonse, sabe? – acrescentou.

– Iiick! – O bibliotecário enfiou um pedaço de pergaminho amassado debaixo do seu nariz. – Iiick! Vimes leu as palavras.

Ele se satisfaz... por outro lado... no golpe de ninguém... uma donzela pura, porém bem-nascida... compacto entre governante e governado. ..

– Na minha cidade! – rosnou. – Na minha maldita cidade! Ele agarrou o bibliotecário por dois chumaços de pelo do peito e o ergueu à altura dos olhos.

– Que horas são? – gritou.

– Ooook! Um longo braço com pêlos vermelhos se desdobrou para o alto. O olhar de Vimes seguiu a direção para onde o dedo apontava. O sol definitivamente tinha a aparência de um corpo celestial que estava quase no topo de sua órbita e ansiando por uma longa e preguiçosa navegação rumo às mantas do crepúsculo...

– Eu não vou engolir isso de jeito nenhum, entendeu? Vimes gritou, chacoalhando o símio para a frente e para trás.

– Ooook – observou o bibliotecário, pacientemente.

– O quê? Ah, desculpa. – Vimes baixou o símio, que sabiamente não criou caso porque um homem nervoso o suficiente para levantar cento e cinquenta

quilos de orangotango sem perceber é um homem com coisas demais na cabeça. Agora estava olhando para o pátio ao seu redor.

– Alguma saída daqui? Sem ter que escalar muros, quero dizer. Ele não esperou a resposta. Saiu pulando pelos muros até chegar a uma porta estreita e suja, e deu um chute para abri-la. Ela não estava trancada, mas ele a chutou assim mesmo. O bibliotecário veio rastejando atrás, equilibrando-se sobre os nós dos dedos.

A cozinha do outro lado da porta estava quase abandonada. Os cozinheiros tinham finalmente perdido a paciência e decidido que todo chef prudente se recusaria a trabalhar num estabelecimento onde houvesse uma boca maior do que a dele. Alguns guardas palacianos comiam um almoço frio.

– Agora – disse Vimes, enquanto se levantavam -, eu não quero ter que... Eles não pareciam querer ouvir. Um deles estendeu o braço para pegar uma besta.

– Ah, que se dane. – Vimes pegou uma faca de açougueiro que estava ao lado e atirou-a.

Atirar uma faca é uma arte e, mesmo nesse caso, é preciso usar o tipo certo de faca. Caso contrário, ela só faz o que esta fez, que é errar completamente.

O guarda com a besta inclinou-se para o lado, endireitou-se e descobriu que uma unha roxa estava travando suavemente o mecanismo de tiro. Ele olhou para o lado. O bibliotecário acertou-o bem no topo do capacete. O outro guarda recuou, balançando as mãos num movimento frenético.

– Não, não, não! É um mal-entendido! O que era mesmo que você disse que não queria ter que fazer? Belo macaco! – Oh, não – disse Vimes. – Errado! Ele ignorou o grito aterrorizado e vasculhou os entulhos da cozinha até encontrar um cutelo. Nunca se sentira muito à vontade com espadas, mas um cutelo era outra história. O cutelo tinha peso. Tinha um propósito. A espada podia ter alguma nobreza, a não ser que pertencesse, por exemplo, a Nobby, que contava com a ferrugem para mantê-la inteira, mas o que o cutelo tinha era uma habilidade tremenda para cortar as coisas.

Ele deixou a lição de biologia – que dizia que nenhum macaco era capaz de chacoalhar alguém para cima e para baixo pelos tornozelos -, encontrou uma porta promissora e correu por ela. Isso o levou para o lado de fora novamente, para a grande área com pavimento de pedras que cercava o palácio. Agora ele poderia se orientar, agora poderia...

Houve uma explosão no ar acima dele. Uma rajada de vento soprou para baixo, derrubando-o.

O rei de Ankh-Morpork, asas abertas, deslizou pelo céu e pousou por um momento no portão do palácio, garras cinzelando longas feridas nas pedras enquanto ele buscava equilíbrio. O sol refletia nas suas costas arqueadas à medida que ele esticava o pescoço. Trovejou uma onda preguiçosa de chama e saltou para o ar novamente.

Vimes fez um barulho animal – um animal mamífero – com o fundo da garganta e saiu correndo pelas ruas desertas.

O silêncio preenchia a casa ancestral dos Ramkins. A porta da frente balançava para a frente e para trás nas dobradiças, deixando entrar a comum e detestável brisa de Ankh-Morpork, que passou pelos quartos vazios, espiando e procurando poeira sobre os móveis. Ela rolou pelas escadas e venceu a porta do quarto de lady Ramkin, chacoalhou os frascos da penteadeira e folheou rapidamente as páginas de Doenças do Dragão.

Um leitor muito veloz teria ficado sabendo dos sintomas de todas as enfermidades, desde Tornozelos Abatidos a Garganta Zigue-zague. E, lá embaixo, no barracão simples, aquecido e malcheiroso que abrigava os dragões do pântano, parecia que Errol tinha contraído todas elas. Agora estava sentado no meio do seu cercado, balançando e gemendo suavemente. Uma fumaça branca saía lentamente de seus ouvidos e deslizava na direção do chão. De alguma parte de seu estômago inchado saíam complexos barulhos explosivos e hidráulicos, como se grupos desesperados de gnomo estivessem tentando fazer um aqueduto num desfiladeiro durante uma tempestade.

Suas narinas se alargavam de forma mais ou menos involuntária. Os outros dragões estendiam o pescoço sobre os muros dos cercados, observando-o com atenção.

Houve mais um estrondo gástrico distante. Errol mudava de posição de acordo com a dor.

Os dragões trocaram olhares. Depois, um por um, deitaram-se com cuidado no chão e colocaram as patas sobre os olhos.

Nobby virou a cabeça para o lado.

– Parece promissor – disse, num tom crítico. – A gente pode estar quase lá. Imagino que as chances de um homem com fuligem no rosto, com a língua para fora, numa perna só e cantando “The Hedgehog Song” acertar as partes vulneráveis de um dragão seriam... O que você diz, Cenoura? – Um milhão para uma, eu calculo – respondeu Cenoura, eficiente. Colon olhou para eles com raiva.

– Ouçam, rapazes, vocês não estão dizendo isso só para me animar, né? Cenoura olhou para a praça abaixo deles.

– Oh, minha nossa – exclamou suavemente.

– Que foi? – perguntou Colon, com urgência, olhando para os lados.

– Estão amarrando uma mulher a uma pedra! Os soldados ficaram olhando apoiados no parapeito. A multidão imensa e silenciosa que cercava a praça também olhava para um vulto branco se debatendo entre meia dúzia de guardas palacianos.

– Onde será que pegaram a pedra? – perguntou Colon. – Nós temos usado argila por aqui, sabe.

– Bela mulher, robusta, quem quer que ela seja – observou Nobby, num tom de aprovação, enquanto um dos guardas ficou com as pernas bambas, deu uma volta e desmaiou. – Está aí um sujeito que não saberá o que fazer com as suas noites durante algumas semanas. Ela tem um joelho direito cruel, isso sim.

– É alguém que a gente conheça? – perguntou Colon. Cenoura espremeu os olhos para enxergar.

– É a lady Ramkin! – disse, com o queixo caído.

– Jamais! – Ele está certo. De camisola – confirmou Nobby.

– Desgraçados! – Colon pegou o arco e tentou achar uma flecha. – Eu vou mostrar uns veneráveis para eles! Uma dama educada como ela, isso é uma desgraça! – Er... – começou Cenoura, que havia olhado para trás. – Sargento? – É nisso que dá! – murmurou Colon. – Mulheres decentes não podem andar pelas ruas sem ser devoradas! Certo, seus cretinos, vocês já foram...

– Sargento! – Cenoura repetiu, insistente.

– É já eram, e não já foram – corrigiu Nobby. – É assim que se diz. Eram.

“Vocês já eram!”, as pessoas dizem.

– Bom, tanto faz! – gritou Colon. – Vamos ver como...

– Sargento! Nobby olhou para trás deles também.

– Ai, merda – disse.

– Não posso errar – murmurou Colon, mirando.

– Sargento! – Calem-se, vocês dois, não consigo me concentrar se vocês ficarem grita...

– Sargento, ele está vindo! O dragão acelerou.

Os telhados bêbados de Ankh-Morpork ficavam borrados enquanto ele passava, com as asas zombando do ar. Seu pescoço se esticou todo para a frente, as chamas guiadoras das narinas escorriam para trás, o som do seu voo zunia pelo céu.

As mãos de Colon tremiam. O dragão parecia mirar na sua garganta e estava vindo rápido demais, rápido demais...

– É agora! – exclamou Colon. Ele olhou para o Centro, caso algum deus tivesse esquecido por que estava ali, e acrescentou, falando em alto e bom som – É uma chance em um milhão, mas pode dar certo! – Atire no desgraçado! – gritou Nobby.

– Estou escolhendo o ponto, rapaz, escolhendo o ponto – disse Colon, com a voz trêmula. – Não se preocupem, rapazes, eu disse que esta é a minha flecha da sorte. Flecha de primeira classe, esta aqui, tenho desde que era um garoto, vocês ficariam perplexos se soubessem das coisas que eu acertei com ela, não se preocupem.

Ele parou quando o pesadelo caiu sobre ele com asas de terror.

– Er... Cenoura – chamou, humildemente.

– Sim, sargento? – O seu velho avô alguma vez mencionou como era uma

área vulnerável? E então o dragão não estava mais se aproximando. Ele estava lá, passando a poucos metros acima deles, um mosaico flutuante de escamas e ruídos preenchendo todo o céu.

Colon atirou.

Eles observaram a flecha seguindo reta e constante.

Vimes meio corria, meio cambaleava pelo pavimento úmido, sem fôlego e sem tempo.

“Não pode ser assim”, pensou, furioso. “O herói sempre tem contratemplos, mas chega na hora exata. Só que a hora exata provavelmente foi há cinco minutos.” “E eu não sou um herói. Estou fora de forma e preciso de uma bebida. E recebo um punhado de dólares por mês, sem benefícios. Isso não é salário de herói. Os heróis recebem reinos e princesas, exercitam-se regularmente e, quando sorriem, a luz reflete em seus dentes. Desgraçados.” O suor ardeu em seus olhos. O fluxo de adrenalina que o carregara para fora do palácio havia se esgotado e estava, agora, cobrando seu preço inevitável. Ele cambaleou até parar e se agarrou a uma parede para se manter de pé enquanto tentava recuperar o fôlego. E, assim, viu os vultos sobre o telhado.

“Oh, não!”, pensou. “Eles também não são heróis! Achem que estão brincando com quem?” A chance era uma em um milhão. E quem poderia dizer que, em algum lugar nos milhões de outros universos possíveis, ela poderia não dar certo? Esse era o tipo de coisa de que os deuses realmente gostavam. Mas o Acaso, que às vezes consegue vencer até os deuses, possui 999.999 votos certos. Neste universo, por exemplo, a flecha bateu numa escama e caiu no esquecimento.

Colon olhou fixamente enquanto a cauda pontuda do dragão passou acima da sua cabeça.

– Ela... não acertou... – balbuciou. – Mas ela não podia ter errado! – Ele ficou olhando, com os olhos vermelhos, para os outros dois. – Era uma maldita última chance desesperada de uma em um milhão! O dragão torceu as asas, girou o corpo enorme no ar e desceu na direção do telhado.

Centoura segurou Nobby pela cintura e pôs a mão no ombro de Colon. O sargento chorava de raiva e frustração.

– Uma última chance desesperada em um maldito milhão! – Sarge...

O dragão lançou uma chama.

Era uma linha de plasma lindamente controlada. Ela entrou pelo telhado como se fosse manteiga.

Passou pelo meio de escadas.

Atravessou madeiras antigas e as fez dobrar como se fossem papel. Fatiou a escada em tubos.

Perfurou piso atrás de piso como se fosse o punho de um deus furioso e, por fim, atingiu o grande tonel de cobre que continha milhares de litros de bebida do-



tipo-uisque de sabor maduro e recém-produzida.

Ela queimou isso também.

Felizmente, a chance de qualquer pessoa sobreviver à explosão resultante era exatamente uma em um milhão.

A bola de fogo subiu como um... bem, uma rosa. Uma enorme rosa laranja, com listras amarelas. Levou junto o telhado e envolveu, com ele, o dragão assustado, erguendo-o no ar, numa nuvem fervente de madeira quebrada e partes do encanamento.

A multidão assistia perplexa enquanto o jato superquente o arremessava para o céu e mal notou a presença de Vimes, ofegante e chorando, passando entre os corpos aglomerados.

O capitão passou por uma fileira de guardas palacianos e correu o mais rápido que pôde sobre as pedras do pavimento. Ninguém estava prestando muita atenção nele naquele momento.

Ele parou.

Não era uma pedra, porque Ankh-Morpork só tinha argila. Era apenas algum refugio enorme de alvenaria coberta de argamassa, provavelmente com milhares de anos de existência, de alguma parte dos alicerces da cidade. Ankh-Morpork era tão antiga que aquilo sobre o que fora construída era, de modo geral, Ankh-Morpork.

A coisa tinha sido arrastada até o centro da praça, e lady Ramkin fora acorrentada a ela. Parecia estar de camisola e com enormes botas de borracha. Pela sua aparência, havia participado de uma briga, e Vimes sentiu uma pontada momentânea de compaixão por quem quer que tivesse entrado nessa briga. Ela olhou para ele com uma expressão de pura fúria.

– Você! – Você! Ele balançou discretamente o cutelo.

– Mas por que você...? – começou.

– Capitão Vimes – ela disse com firmeza –, eu ficaria muito agradecida se você parasse de balançar essa coisa por aí e a usasse como se deve! Vimes não estava escutando.

– Trinta dólares por mês! – resmungou. – Foi por isso que eles morreram! Trinta dólares! E eu reduzi um pouco o do Nobby. Eu tinha que fazê-lo, não tinha? Aquele homem conseguia fazer um melão enferrujar! – Capitão Vimes! Ele se concentrou no cutelo.

– Oh. Sim. Certo! Era um bom cutelo de aço, e as correntes eram de ferro antigo bastante enferrujado. Ele começou a golpeá-las, tirando faíscas da alvenaria. A multidão observava em silêncio, mas alguns guardas palacianos correram em sua direção.

– Que diabos você pensa que está fazendo? – perguntou um deles, que não tinha muita imaginação.

– Que diabos você pensa que está fazendo? – rosnou Vimes, erguendo o rosto.

Eles ficaram olhando para ele.

– O quê? Vimes deu outro golpe nas correntes. Várias argolas tilintaram no chão.

– Certo, você pediu... – um dos guardas começou. O cotovelo de Vimes acertou o abaixo de sua caixa torácica. Antes que ele desmaiasse, Vimes chutou brutalmente a rótula do outro guarda, trazendo o seu queixo à altura certa para mais um golpe com o outro cotovelo.

– Certo – disse Vimes, distraído. Ele esfregou o cotovelo. A dor era intensa.

Passou o cutelo para a outra mão e voltou a bater nas correntes, ciente, no fundo da sua mente, de que mais guardas vinham correndo, mas com aquele tipo de corrida especial dos guardas. Ele a conhecia bem. Era o tipo de corrida que dizia: “Somos uma dúzia, deixe que algum outro chegue lá primeiro”. Ela dizia: “Ele parece estar pronto para matar, ninguém está me pagando para ser morto. Talvez, se eu correr devagar o suficiente, ele fuja...”.

“Não faz sentido estragar um bom dia prendendo alguém.” Lady Ramkin se libertou das correntes balançando o corpo. Gritos de viva dissonantes começaram e se tornaram mais altos. Mesmo naquele estado mental, o povo de Ankh-Morpork sempre apreciava uma performance.

Ela apanhou um punhado de correntes e as enrolou num punho gordo.

– Alguns desses guardas não sabem como tratar... – começou.

– Não temos tempo, não temos tempo – disse Vimes, segurando o braço dela. Era como tentar arrastar uma montanha.

Os gritos pararam de forma abrupta.

Ouviu-se um som atrás de Vimes. Não era um som especialmente alto. Tinha apenas a característica de acompanhar alguma coisa desagradável. Era o clique de quatro grupos de garras batendo nas pedras do pavimento ao mesmo tempo.

Vimes olhou ao redor e para cima.

Havia fuligem presa à pele do dragão. Alguns pedaços de madeira chamuscada estavam alojados aqui e ali, ainda em brasa. As magníficas escamas de bronze estavam manchadas de preto.

Ele baixou a cabeça até que Vimes estivesse a meio metro de seus olhos, e tentou focalizá-lo.

“Provavelmente não vale a pena correr”, Vimes pensou consigo mesmo.

“Eu também não teria energia mesmo.” Ele sentiu a mão de lady Ramkin engolir a dele.

– Que maravilha – ela disse. – Quase deu certo.

Destroços queimados e em chamas despencaram ao redor da destilaria. O tanque era um pântano de escombros, coberto por uma camada de cinza. Saindo dele, coberto de lodo, surgiu Colon.

Ele chegou à borda cavando seu caminho com sacrifício e deu um impulso para subir, como uma forma de vida marinha ansiosa para passar por todo o

processo evolutivo de uma só vez.

Nobby já estava lá, estirado como uma perereca, com a água escorrendo de seu corpo.

– É você, Nobby? – perguntou o sargento Colon, ansioso.

– Sou eu, sargento.

– Fico feliz, Nobby – disse Colon, caloroso.

– Eu queria que não fosse eu, sargento.

Colon despejou a água do capacete e depois parou.

– E o Cenoura? Nobby se ergueu pelos cotovelos, grogue.

– Não sei. Num minuto estávamos no telhado; no outro, estávamos pulando.

Os dois olharam para as águas cheias de cinzas do tanque.

– Eu imagino – disse Colon, devagar – que ele saiba nadar.

– Sei lá. Ele nunca disse nada. Não tem muito onde nadar lá nas montanhas.

Se você parar pra pensar.

– Mas talvez houvesse piscinas de águas cristalinas e riachos montanhosos fundos – sugeriu o sargento, esperançoso. – E lagos congelados em vales escondidos e tal. Sem mencionar os lagos subterrâneos. Ele deve ter aprendido.

Entrando e saindo da água o dia inteiro, eu espero.

Eles olharam fixamente para a superfície oleosa e cinzenta.

– Provavelmente foi o Protetor. Deve ter enchido de água e o puxado para o fundo.

Colon concordou com uma expressão sombria.

– Eu seguro seu capacete – disse Nobby, depois de algum tempo.

– Mas eu sou seu superior! – Sim – concordou Nobby, num tom sensato –, mas, se você ficar preso lá dentro, vai querer seu braço direito aqui fora, pronto para salvá-lo, não vai? – Isso é... razoável – observou Colon, por fim. – Bom argumento.

– Certo, então.

– O problema, no entanto, é...

– O quê? – ... que eu não sei nadar.

– Como você conseguiu sair de lá, então? Colon deu de ombros: – Eu sou uma boia natural.

Seus olhos mais uma vez se voltaram para a escuridão do tanque. Então Colon olhou para Nobby. Depois Nobby, muito lentamente, desafivelou o capacete.

– Não tem mais ninguém aí dentro, tem? – perguntou Cenoura, atrás dele. Eles olharam ao redor. Ele tirou um pouco de lama do ouvido. Atrás dele estavam os restos da destilaria queimada.

– Eu achei melhor sair rapidinho, pra ver o que estava acontecendo – disse, animado, apontando para um portão que dava para fora do pátio. Ele estava pendurado por uma dobradiça.

– Oh – disse Nobby, com a voz bem fraca. – Que beleza.

– Tem um beco lá fora – observou Cenoura.

– Não tem nenhum dragão lá, tem? – perguntou Colon, desconfiado.

– Nenhum dragão, nem humanos. Não tem ninguém por aqui – respondeu Cenoura, impaciente. Ele puxou a espada. – Vamos! – Aonde? – perguntou Nobby. Ele tinha tirado uma guimba molhada de trás da orelha e estava olhando para ela com uma expressão de profunda tristeza. Ela obviamente estava estragada. Tentou acender mesmo assim.

– Nós queremos lutar contra o dragão, não queremos? – disse Cenoura. Colon se remexeu, num desconforto.

– Sim, mas não temos licença para passar em casa para trocar de roupa antes? – E tomar uma boa bebida quente? – completou Nobby.

– E fazer uma refeição – emendou Colon. – Um belo prato de...

– Vocês deveriam se envergonhar. Há uma dama em apuros e um dragão a ser combatido, e vocês só conseguem pensar em comida e bebida! – Oh, não estou só pensando em comida e bebida – negou Colon.

– Nós poderíamos ser tudo o que se encontra entre a cidade e a destruição total! – Sim, mas... – começou Nobby.

Cenoura puxou a espada e a balançou sobre a cabeça.

– O capitão Vimes teria ido! Todos por um! Olhou para eles com raiva e saiu correndo do pátio. Colon olhou para Nobby encabulado.

– Esses jovens de hoje...

– Um por todos o quê? – perguntou Nobby. O sargento suspirou.

– Vamos lá, então.

– Ah, tudo bem.

Eles entraram hesitantes no beco. Estava vazio.

– Aonde ele foi? – perguntou Nobby.

Cenoura saiu das sombras com um sorriso do tamanho do rosto.

– Eu sabia que podia contar com vocês. Sigam-me! – Esse garoto tem alguma coisa estranha – observou Colon enquanto mancavam atrás dele. – Ele sempre nos convence a segui-lo, já notou? – Todos por um o quê? – perguntou Nobby.

– É alguma coisa na voz dele, imagino.

– Sim, mas todos por um o quê?

O patricio deu um suspiro e, marcando sua posição com cuidado, deixou o livro num canto. A julgar pelo barulho, parecia estar havendo uma agitação terrível lá fora. Era muito improvável que houvesse algum guarda palaciano por perto, o que era bom. Os guardas eram homens altamente treinados, e seria uma pena desperdiçá-los.

Precisaria deles mais tarde.

Ele caminhou até a parede e empurrou um pequeno bloco que parecia exatamente igual a todos os outros. Nenhum outro pequeno bloco, no entanto,

teria feito com que uma seção de pedras da pavimentação se afastasse pesadamente para o lado.

Havia uma variedade de coisas cuidadosamente selecionadas ali: ração de emergência, mudas de roupa, diversos pequenos baús com jóias e metais preciosos, ferramentas. E havia uma chave. “Jamais construa um calabouço do qual não possa sair.” O patricio pegou a chave e foi até a porta. À medida que as linguetas da fechadura deslizavam para o lado nos seus encaixes bem lubrificadas, ele se perguntava mais uma vez se deveria ter contado a Vimes sobre a chave. Mas o homem parecia ter tanta satisfação em quebrar as grades para sair. Provavelmente teria sido muito ruim para ele se tivesse contado sobre a chave. De todo modo, afetaria negativamente sua visão de mundo. Ele precisava de Vimes e de sua visão de mundo.

Lorde Vetinari abriu a porta e, silenciosamente, pisou, com imponência, nas ruínas do palácio.

Elas estremeceram quando, pela segunda vez em alguns minutos, a cidade balançou.

Os canis dos dragões explodiram. As janelas estouraram. A porta saiu do muro, à frente de uma grande massa de fumaça preta, e voou pelos ares, caindo lentamente e enterrando-se no jardim de rododendros.

Alguna coisa muito quente e energética estava acontecendo naquela casa. Mais fumaça vazava, espessa, oleosa e sólida. Uma das paredes desmoronou e outra tombou, preguiçosa, sobre a grama.

Os dragões do pântano pulavam para fora dos escombros feito rolas de champã, com determinação e asas zunindo freneticamente.

A fumaça continuava a se desenrolar. Mas havia algo lá dentro, algum ponto de luz branca e ardente que subia aos poucos.

Ele desapareceu da visão ao passar por uma janela quebrada e, com um pedaço de telha ainda girando em cima de sua cabeça, Errol escalou sua própria fumaça e ascendeu aos céus de Ankh-Morpork.

O brilho do sol refletia nas escamas enquanto ele planava a cerca de trinta metros do solo, virando lentamente, equilibrando-se com delicadeza em sua própria chama...

Vimes, aguardando a morte na praça, percebeu que sua boca estava aberta. Ele a fechou novamente.

Não havia absolutamente nenhum som na cidade, a não ser o barulho da ascensão de Errol.

“Eles conseguem reorganizar o próprio encanamento”, Vimes disse a si mesmo, perplexo. “Para se adaptar às circunstâncias. Ele o fez funcionar ao contrário. Mas as coisas dele, os genes... com certeza já estavam preparados para isso. Por isso o danadinho tem asas tão atarracadas. Seu corpo devia saber que não ia precisar delas, a não ser para guiá-lo.” “Minha nossa. Eu estou vendo

o primeiro dragão que voa para trás.” Ele arriscou olhar logo acima. O grande dragão estava paralisado, com seus enormes olhos vermelhos concentrados na minúscula criatura. Com um estrondo de chamas desafiador e um murro de ar, o rei de Ankh-Morpork subiu, esquecendo-se de todas as ideias em relação aos meros humanos. Vimes virou-se de repente para lady Ramkin.

– Como eles lutam? – perguntou, com pressa. – Como os dragões lutam? – Eu... Quer dizer, bem, eles só batem as asas uns nos outros e soltam chamas. Isto é, dragões do pântano. Quer dizer, quem é que já viu um dragão nobre lutar? – Ela passou a mão na camisola. – Preciso fazer algumas anotações, estou com o meu caderno em algum lugar...

– Na sua camisola? – É impressionante como as ideias vêm quando a gente está na cama, eu sempre digo.

Chamas estouravam no espaço onde Errol estava. Mas ele não estava mais lá. O rei tentou girar no céu. O pequeno dragão circulava numa série simples de anéis de fumaça, tecendo uma cama de gato com o enorme adversário girando, sem ação, no meio. Mais chamas, mais quentes e longas, dirigiam-se a ele e não o acertavam.

A multidão assistia a tudo prendendo a respiração.

– Olá, capitão – disse uma voz simpática.

Vimes olhou para baixo. Uma poça d’água disfarçada de Nobby sorria constringida para ele.

– Eu achei que você estivesse morto!

– Não estamos.

– Oh. Que bom.

Não parecia haver muito mais o que dizer.

– O que vocês estão achando da luta, então? Vimes voltou a olhar para cima. Trilhas de fumaça formavam espirais pela cidade.

– Tenho receio de que não vá dar cerro – disse lady Ramkin. – Oh. Olá, Nobby.

– Tarde, madame – cumprimentou Nobby, tocando o que ele imaginava ser o seu topete.

– Como assim, não vai dar certo? Olha para ele! Ainda não o acertou! – Sim, mas a chama dele já toucou o dragão grande várias vezes. Não parece ter efeito. Ela não é quente o suficiente, acho. Oh, ele está se esquivando bem. Mas tem que ter muita sorte todas as vezes. O outro tem que ter sorte uma vez.

O significado disso foi absorvido de alguma forma.

– Você quer dizer que tudo isso é só... só exibição? Ele só está fazendo isso para impressionar? – Não é culpa dele – disse Colon, materializando-se atrás deles. – E como um cachorro, né? O danadinho ainda não se deu conta de que está enfrentando um grandão. Ele só está querendo brigar.

Ambos os dragões pareciam perceber que a luta era um conhecido impasse

klatchiano. Com mais um anel de fumaça e uma onda de chama branca, eles se separaram e recuaram algumas centenas de metros.

O rei ficou suspenso no ar, batendo as asas rapidamente. Altitude. Esse era o lance. Quando um dragão lutava contra o outro, a altitude era sempre o que importava...

Errol se equilibrava em sua chama. Parecia estar pensando.

Depois jogou as pernas traseiras casualmente para trás, como se pairar nos próprios gases estomacais fosse algo que os dragões tivessem aprendido a fazer ao longo de milhões de anos, deu uma cambalhota e fugiu. Por um momento, ficou visível como um risco prateado, e depois estava longe, sobre a cidade, e desapareceu.

Ele foi seguido por um gemido. Vindo de dez mil gargantas.

Vimes ergueu as mãos.

– Não se preocupe, chefe – disse Nobby. – Ele... ele provavelmente foi embora para... para beber alguma coisa. Ou algo assim. Talvez seja o fim do primeiro round. Ou algo assim.

– Afinal ele comeu a nossa chaleira e tudo o mais – emendou Colon, incerto.

– Não iria simplesmente fugir correndo depois de ter comido uma chaleira. Faz sentido. Qualquer um que conseguisse comer uma chaleira não fugiria de nada.

– E o meu lustrador de armadura – continuou Cenoura. – Era quase 1 dólar a lata.

– Estão vendo? – disse Colon. – E como eu disse.

– Olhem – começou Vimes, com o máximo de paciência possível. – Ele é um bom dragão, gosto dele tanto quanto vocês, é um sujeitinho muito legal, mas fez apenas o mais sensato, pelos amor dos deuses. Ele não será queimado em pedaços apenas para nos salvar. Vocês poderiam perceber isso. Acima deles, o grande dragão passou voando com um ar pomposo e incendiou uma torre próxima. Ele havia vencido.

– Nunca vi isso antes – disse lady Ramkin. – Os dragões normalmente lutam até a morte.

– Finalmente nasceu um que é sensato – observou Vimes, num tom sombrio.

– Sejam honestos: a chance de um dragão do tamanho de Errol vencer algo tão grande é uma em um milhão.

Houve um daqueles silêncios que ocorrem quando alguém diz a coisa certa e o mundo pára. Os soldados se entreolharam. – Uma em um milhão? – perguntou Cenoura, num tom casual.

– Definitivamente – repetiu Vimes. – Uma em um milhão. Os soldados se entreolharam novamente.

– Uma em um milhão – disse Colon.

– Uma em um milhão – concordou Nobby.

– Certo – disse Cenoura. – Uma em um milhão.

Houve mais um silêncio de tom elevado. Os membros da vigilância se perguntavam quem seria o primeiro a dizer o que estavam pensando. O sargento Colon respirou fundo.

– Mas pode dar certo.

– Do que você está falando? – perguntou Vimes, bruscamente. – Não existe nenhuma...

Nobby cutucou-o com pressa nas costelas e apontou para os campos que ficavam do outro lado da cidade.

Havia uma coluna de fumaça preta daquele lado. Vimes apertou os olhos. Correndo à frente da fumaça, acelerando acima das plantações de repolho e aproximando-se rapidamente, havia um projétil prateado.

O grande dragão também havia visto. Ele lançou chamas desafiadoras e subiu para alcançar uma altitude extra, revolvendo o ar com as suas asas enormes. Agora a asa de Errol estava visível, tão quente a ponto de ficar quase azul. A paisagem rolava abaixo dele a uma velocidade impossível, e ele acelerava. Na sua frente, o rei estendia as garras. Estava quase sorrindo.

“Errol vai bater nele”, pensou Vimes. “Que os deuses nos ajudem, ele vai virar uma bola de fogo.” Alguma coisa estranha estava acontecendo nos campos. Um pouco atrás de Errol, o solo parecia estar sulcando a si mesmo, atirando talos de repolho para o ar. Uma cerca viva estourou numa chuva de serragem...

Errol passou silenciosamente sobre os muros da cidade, com o focinho empinado e asas dobradas em batidas minúsculas. Seu corpo se afiou, formando um cone com uma chama numa das pontas. Seu oponente lançou uma labareda com uma explosão. Vimes observava Errol, cujas asas batendo mal podiam ser notadas. Ele rolou suavemente para fora do caminho da chama. E depois desapareceu, acelerando na direção do mar no mesmo silêncio misterioso.

– Ele não acer... – começou Nobby.

O ar se rompeu. Uma trovoadá interminável arrastou-se pela cidade, quebrando telhas, derrubando chaminés. No meio do ar, o rei foi pego, achatado e girado como um peão pela onda sônica. Vimes, tapando os ouvidos, viu a criatura lançar chamas desesperadamente enquanto girava e se tornava o centro de uma espiral de fogo enlouquecida.

A magia formava fissuras ao longo de suas asas. Ele gritava como uma corneta desesperada. Depois, balançando a cabeça num estado de confusão, começou a deslizar num grande círculo.

Vimes suspirou. O dragão havia sobrevivido a algo que arrebatava concreto. O que seria preciso fazer para derrotá-lo? “Não é possível combatê-lo”, pensou. “Não é possível queimá-lo, não é possível esmagá-lo. Não há nada que se possa fazer contra ele.” O dragão aterrissou. Não foi uma aterrissagem perfeita. Uma aterrissagem perfeita não teria demolido uma fileira de cabanas. Foi algo lento, pareceu continuar por um longo tempo e destruir uma área considerável da



cidade. Com as asas batendo de forma aleatória, o pescoço se agitando e lançando chamas a esmo, ele passou formando uma vala entre escombros de vigas e palha. Vários incêndios começaram ao longo da trilha de destruição. Finalmente repousou no fim do sulco, quase invisível sob um amontoado do que um dia fora arquitetura.

O silêncio que ficou foi quebrado apenas pelos gritos de alguém tentando organizar mais uma fileira de baldes do rio até os incêndios a serem extintos. Então as pessoas começaram a se mexer.

Do alto, Ankh-Morpork deve ter ficado como um formigueiro, com correntes de vultos negros fluindo na direção dos destroços do dragão. A maioria tinha algum tipo de arma.

Muitos deles tinham lanças.

Alguns tinham espadas.

Todos tinham um objetivo em mente.

– Querem saber? – disse Vimes, bem alto. – Este será o primeiro dragão morto democraticamente no mundo. Um golpe por pessoa.

– Então você tem que impedi-los. Você não pode deixar que o matem! – interveio lady Ramkin.

Vimes olhou para ela, surpreso.

– Perdão? – Ele está ferido! – Lady, esta era a intenção, não era? De qualquer modo, ele só está atordoado.

– Estou dizendo que você não pode deixar que eles matem o dragão desse jeito – disse lady Ramkin, com insistência. – Pobre coitado! – O que você quer fazer então? – perguntou Vimes, perdendo a calma. – Dar a ele uma dose reforçada de óleo de alcatrão e uma cesta bem confortável na frente da lareira? – Isto é uma carnificina! – Por mim, está ótimo! – Mas é um dragão! Ele só está fazendo o que os dragões fazem! Nunca viria aqui se as pessoas o tivessem deixado em paz! Vimes pensou: “Ele estava prestes a comê-la, e ela ainda consegue pensar dessa forma”. Ele hesitou. “Talvez isso dê a ela o direito de ter uma opinião...” O sargento Colon se aproximou em silêncio enquanto eles se encaravam, empalidecidos, e pulou desesperadamente de um pé para o outro, desconcertado.

– E melhor o senhor vir imediatamente, capitão. Vai ser um maldito assassinato! Vimes acenou com a mão para ele.

– Pelo que eu saiba – murmurou, evitando o olhar de Sybil Ramkin -, ele pediu por isso.

– Não é isso – explicou Colon. – E o Cenoura. Ele prendeu o dragão. Vimes parou.

– Como assim, prendeu? Você não está querendo dizer o que eu acho que está, está? – Pode ser, senhor – disse Colon, incerto. – Pode ser. Ele subiu nos entulhos feito um raio, senhor, agarrou-o pela asa e disse: “Você está em cana,

meu chapa”, senhor. Não pude acreditar, senhor. Senhor, o negócio é...

– Sim? O sargento pulava de um pé para o outro.

– Lembra que o senhor disse que os presos não devem ser molestados, senhor...

A viga de madeira era bem grande e pesada, e cortou o ar muito lentamente, como uma foice, mas, quando bateu nas pessoas, elas rolaram para trás e ficaram presas.

– Agora ouçam – começou Cenoura, puxando a viga de volta e empurrando o capacete para trás -, eu não quero ter que falar para mais ninguém, certo? Vimes abriu caminho no meio da densa multidão, olhando fixamente para o vulto corpulento no alto do morro de entulhos e dragão. Cenoura virou-se devagar, segurando a viga de madeira como se fosse uma bengala. Seu olhar era como o feixe de luz de um farol. Onde ele caía, a multidão abaixava as armas e parecia apenas emburrada e desconfortável.

– Eu tenho que alertá-los – continuou Cenoura – de que atrapalhar um policial no cumprimento do seu dever é um crime grave. E eu cairei como uma tonelada de tijolos sobre o próximo que atirar uma pedra.

Uma pedra bateu na parte de trás do seu capacete. Houve um bombardeio de protestos.

– Deixe a gente seguir em frente! – É isso aí! – Não queremos guardas nos dando ordens! – Quis custodiet custard? – Ah, é? Certo! Vimes puxou o sargento para perto.

– Arrume cordas. Muitas cordas. A mais grossa que encontrar. Acho que podemos...oh, amarrar as asas dele, talvez, e amordaçar a sua boca, para ele não lançar chamas.

Colon olhou bem para ele.

– O senhor está falando sério? Nós realmente vamos prendê-lo?. – Vá! “Ele já foi preso”, pensou, enquanto se esforçava para seguir em frente.

“Pessoalmente eu teria preferido se tivesse caído no mar, mas ele foi preso e agora temos que lidar com isso ou soltá-lo.” Ele tinha suas próprias razões para não querer que a criatura evaporasse diante da multidão. O que se poderia fazer com ele? “Realizar um julgamento justo”, pensou, “e depois executá-lo. Não matá-lo. Isso é o que os heróis fazem na selva. Não se pode pensar desse jeito nas cidades. Ou melhor, até se pode, mas, pensando assim, pode-se também tocar fogo no local e começar tudo de novo. É preciso fazer as coisas... bem, como manda o figurino”.

“E isso. Já tentamos todas as outras possibilidades. Agora podemos também tentar fazer as coisas conforme o figurino.” “De qualquer forma”, acrescentou mentalmente, “é um guarda municipal que está lá em cima. Temos que nos unir. Quem mais vai querer nos apoiar?” Um vulto robusto na sua frente ergueu o braço com metade de um tijolo na mão.

– Atire esse tijolo e você é um homem morto – disse Vimes, e depois se abaixou e saiu empurrando as pessoas aglomeradas enquanto o pretenso atirador olhou ao redor, confuso.

Cenoura ergueu seu taco num gesto ameaçador enquanto Vimes subia na pilha de entulhos.

– Oh, olá, capitão Vimes – disse, baixando a arma. – Devo informar que prendi este...

– Sim, estou vendo. Você recebeu alguma sugestão sobre o que fazer em seguida? – Ah, sim, senhor. Eu tenho que ler os direitos dele, senhor.

– Fora isso.

– Na verdade, não, senhor.

Vimes olhou para as partes do dragão que ainda estavam visíveis sob os escombros. Como se poderia matar uma coisa dessas? Seria preciso gastar um dia inteiro nisso.

Um pedaço de pedra ricocheteou no peito de sua armadura.

– Quem fez isso? A voz soou como um chicote. A multidão ficou em silêncio.

Sybil Ramkin subiu nos escombros com dificuldade, soltando fogo pelos olhos, e lançou um olhar furioso para a multidão.

– Eu disse quem fez isso? Se a pessoa que fez isso não se entregar, ficarei extremamente irritada! Que vergonha, vocês todos! Todos prestavam atenção total nela. Várias pessoas que seguravam pedras e outras coisas deixaram-nas cair no chão devagar.

A brisa sacudiu os restos de sua camisola enquanto sua senhoria mudou de pose para continuar o discurso.

– Aqui está o bravo capitão Vimes...

– Oh, deuses – disse Vimes baixinho e cobriu os olhos, puxando a ponta do capacete.

– ... e seus destemidos soldados, que se deram ao trabalho de vir aqui hoje para salvar a sua...

Vimes pegou Cenoura pelo braço e levou-o até o outro canto do monte.

– O senhor está bem, capitão? – perguntou o policial lanceiro. – O senhor ficou todo vermelho.

– Não comece – disse Vimes, bruscamente. – Já bastam os olhares maliciosos de Nobby e do sargento.

Para sua surpresa, Cenoura deu um tapinha camarada no ombro.

– Eu sei como é – disse, solidário. – Eu tinha uma garota lá na minha terra, seu nome era Minty, e o pai dela...

– Olha, pela última vez, não existe absolutamente nada entre... – começou Vimes.

Houve um estrondo ao lado deles. Uma pequena avalanche de gesso e palha começou a descer. O monte de entulho subiu e abriu os olhos. Uma grande pupila

preta boiando num brilho vermelho tentou focalizá-los.

– Acho que estamos enlouquecendo – disse Vimes.

– Ah, não, senhor. Há muitos precedentes. Em 1135 um galo foi preso por cantar na Quinta-Feira do Bolo da Alma. E, durante o regime do lorde Psiconeurótico Colérico, uma colônia de morcegos foi executada por violações persistentes do toque de recolher. Isso foi em 1401. Agosto, acho. Bons tempos para a Lei foram esses – disse Cenoura, com um ar sonhador. – Sabe, em 1321, uma pequena nuvem foi processada por cobrir o sol durante o clímax da cerimônia de posse do Conde Desvairado Hargarth.

– Espero que Colon ande rápido com... – Vimes parou. Ele tinha que saber.

– Como? O que se pode fazer com uma nuvem? – O conde a condenou a ser apedrejada até a morte. Parece que trinta e uma pessoas morreram. – Ele pegou o caderno e encarou com raiva o dragão.

– O senhor acha que ele nos ouve? – Imagino que sim.

– Está bom então. – Cenoura limpou a garganta e se virou para o réptil atordoado. – É meu dever alertá-lo que você será apresentado para consideração de ação penal sob uma das ou todas as acusações, a saber: Um, (Um) i, que no dia, ou por volta do dia 18 de grunho último, num local conhecido como Alameda do Namorado, nas Sombras, você soltou chamas ilegalmente, causando danos corporais dolorosos, o que vai de encontro à Cláusula Sete da Lei de Processos Industriais, 1508; E QUE, Um, (Um) ii, que no dia, ou por volta do dia 18 de grunho último, num lugar conhecido como Alameda do Namorado, nas Sombras, você causou ou causou a causa da morte de seis pessoas desconhecidas...

Vimes se perguntou por quanto tempo os entulhos segurariam a criatura lá embaixo. Algumas semanas seriam necessárias, se a duração da ficha de acusação fosse uma referência.

A multidão ficou em silêncio. Até mesmo Sybil Ramkin estava parada e perplexa.

– Qual é o problema? – perguntou Vimes para os rostos voltados para cima. – Vocês nunca viram um dragão ser preso antes? – ... Dezesseis (Três) ii, na noite de 24 de grunho passado, você incendiou ou causou o incêndio dos locais conhecidos como a Velha Sede da Vigilância, em Ankh-Morpork, avaliada em 200 dólares; E QUE, Dezesseis (Três) iii, na noite de 24 de grunho último, ao ser apreendido por um oficial da Vigilância no cumprimento do seu dever...

– Eu acho que devemos nos apressar – observou Vimes. – Ele está ficando bastante inquieto. Isso tudo é mesmo necessário? – Bom, acredito que seja possível resumir. Em circunstâncias excepcionais, de acordo com As Regras de Bregg para...

– Pode ser uma surpresa para você, mas estas circunstâncias são excepcionais, Cenoura. E elas serão mesmo espantosamente excepcionais se Colon não correr com aquela corda.

Mais entulho se movimentou quando o dragão se esforçou para se levantar. Houve um baque quando uma viga pesada foi empurrada para o lado. A multidão começou a correr.

Foi nesse momento que Errol retornou acima dos telhados numa série de pequenas explosões, deixando uma trilha de anéis de fumaça. Mergulhando baixo, ele deu um rasante sobre a multidão e fez a fileira da frente cambalear para trás.

Ele também estava gritando como uma corneta.

Vimes segurou Cenoura e rolou monte abaixo quando o rei começou a lutar desesperadamente para se libertar.

– Ele voltou para matar! – gritou. – Ele provavelmente levou todo esse tempo só para reduzir a velocidade! Agora Errol estava sobrevoando o dragão caído e dando gritos agudos o bastante para estourar garrafas.

O grande dragão pôs a cabeça para fora numa cascata de gesso em pó. Ele abriu a boca, mas, em vez de uma lança de fogo branco, que Vimes esperava com grande tensão, fez apenas um barulho semelhante ao de um gatinho. Sim, um gatinho gritando dentro de uma lata no fundo de uma caverna, mas, ainda assim, um gatinho.

Vigas quebradas caíram para os lados quando a criatura imensa ficou de pé sem muita firmeza. As grandes asas se abriram, fazendo chover poeira e pedaços de palha sobre as ruas ao redor. Parte dessa chuva bateu no capacete do sargento Colon, que voltava correndo com um varal pequeno enrolado no braço.

– Você está deixando que ele se levante! – gritou Vimes, puxando o sargento para um local seguro. – Você não pode deixar que ele se levante, Errol! Não deixe que ele se levante! Lady Ramkin franziu as sobrancelhas.

– Isso não está certo. Normalmente eles nunca lutam assim. O vencedor costuma matar o perdedor.

– É isso aí! – gritou Nobby.

– E, na metade das vezes, ele explode de excitação.

– Olha, sou eu – gritou Vimes, enquanto Errol pairava despreocupadamente sobre a cena. – Eu comprei aquela bola de pelúcia para você! Aquela com o sininho! Você não pode fazer isso com a gente! – Não, espere um pouco – disse lady Ramkin, colocando a mão no braço dele. – Eu acho que estamos redondamente enganados...

O grande dragão deu um salto no ar e baixou as asas com um vuum que destruiu mais alguns prédios. A cabeça enorme balançava para todos os lados, os olhos embaçados avistaram Vimes.

Parecia haver pensamento dentro deles.

Errol formou um arco voltaico no céu e pairou com uma atitude protetora na frente do capitão, encarando a criatura. Por um momento, parecia que ele seria transformado num pequeno biscoito voador de carvão, e então o dragão desviou

o olhar, levemente constrangido, e começou a subir.

Ele ascendeu numa espiral ampla, preparando-se para aumentar a velocidade. Errol foi com ele, orbitando o enorme corpo como um rebocador ao redor de um transatlântico.

– É... é como se ele estivesse apenas se exibindo com ostentação – disse Vimes.

– Desgraçado soma! – gritou Nobby, empolgado. – Total, Nobby – corrigiu Colon. – Você quer dizer “total”. Vimes sentiu o olhar de lady Ramkin na sua nuca. Ele olhou para a expressão dela.

De repente entendeu.

– Oh.

Lady Ramkin concordou com a cabeça.

– Mesmo? – Sim – ela disse. – Eu realmente devia ter pensado nisso antes. A chama era muito quente, é claro. E elas são sempre muito mais territoriais do que os machos.

– Por que você não luta com o desgraçado? – gritou Nobby para os dragões que se retraíam.

– Desgraçada, Nobby – corrigiu Vimes, calmamente. – Não desgraçado. É desgraçada.

– Por que você não lu... quê? – É um membro do sexo feminino – explicou lady Ramkin.

– O quê? – Nós queremos dizer que, se você tentasse o seu chute favorito, Nobby, não ia dar certo.

– E uma menina – traduziu lady Ramkin.

– Mas é uma coisa enorme! – disse Nobby.

Vimes tossiu rápido. Os olhos de roedor de Nobby deslizaram até Sybil Ramkin, que corou como um pôr do sol.

– Um dragão muito bem-apegoado, quer dizer.

– Er... Quadris largos para carregar ovos – disse o sargento Colon, ansioso.

– Majestosa – acrescentou Nobby, veemente.

– Cale-se! – exclamou Vimes. Ele tirou a poeira do que restara de seu uniforme, ajeitou o caimento do peito da armadura e colocou o capacete no lugar certo. Bateu nele com firmeza. Não era assim que as coisas acabariam, ele sabia. Isso era onde tudo começava.

– Vocês, homens, venham comigo. Vamos, rápido! Enquanto todo mundo ainda está olhando para eles – acrescentou.

– Mas e o rei? – perguntou Cenoura. – Ou rainha? Ou o que quer que seja agora? Vimes olhou para as figuras que encolhiam rapidamente.

– Eu realmente não sei. Isso depende de Errol, suponho. Nós temos outras coisas a fazer.

Colon bateu continência, ainda se esforçando para encontrar fôlego.

– Aonde vamos, senhor? – conseguiu dizer.

– Para o palácio. Algum de vocês tem uma espada? – O senhor pode usar a minha, capitão – disse Cenoura. Ele a entregou.

– Certo – respondeu Vimes, sem perder a calma. Ele encarou seus homens.

– Vamos.

Os soldados seguiram lentamente atrás de Vimes pelas ruas devastadas. O capitão começou a andar mais rápido. Eles deram uma corridinha para alcançá-lo.

Vimes deu uma corridinha para se manter à frente.

Os soldados aceleraram ainda mais o passo.

Então, como se ouvissem uma ordem de comando que não fora pronunciada, saíram correndo.

Depois voltaram a diminuir a velocidade.

As pessoas saíam de perto quando eles passavam. As sandálias enormes de Cenoura batiam com força nas pedras. Faíscas saltavam das botas de Nobby. Colon corria de forma silenciosa para um homem tão gordo, como os homens gordos geralmente fazem, com uma carranca de concentração.

Caminharam pela rua dos Artesãos Astutos, entraram no Beco das Costas de Porco, saíram na rua dos Pequenos Deuses e correram fazendo estardalhaço na direção do palácio. Vimes mal conseguia ficar à frente, mantendo a mente vazia de qualquer coisa, exceto da necessidade de correr e correr. De quase qualquer coisa, na verdade. Sua mente zunia e ressonava de forma enlouquecida com a mente dos guardas municipais de toda parte, todos os cabeças-ocas do multiverso que correm pelas ruas e algumas vezes, apenas de vez em quando, tentaram fazer o que era Certo.

Bem adiante, alguns guardas palacianos sacaram a espada, olharam novamente, pensaram melhor, correram para dentro dos muros e começaram a fechar os portões. Eles foram trancados exatamente quando Vimes chegou. O capitão hesitou, ofegante, e olhou para as coisas sólidas e pesadas diante dele. Aqueles que o dragão havia queimado foram substituídos por portões ainda mais proibitivos. Atrás deles, ouviu-se o som de ferrolhos sendo empurrados. Isso não era hora para medidas controladas. Ele era um capitão, pelo amor dos deuses. Um oficial. Coisas como esta não representavam problema para um oficial. Os oficiais tinham uma maneira testada e ensaiada de resolver problemas assim. Ela se chamava sargento.

– Sargento Colon! – gritou, com a mente ainda zunindo, irmanada com os policiais do universo. – Atire na tranca! O sargento hesitou.

– O quê, senhor? Com um arco-e-flecha, senhor? – Estou dizendo... – Vimes hesitou. – Estou dizendo para você abrir esses portões! – Senhor! – Colon bateu continência. Ele olhou bem para os portões. – Certo! – exclamou. – Policial-lanceiro Cenoura, quando quiser! Abra esses portões! – Sim, senhor! Cenoura

deu um passo à frente, bateu continência, fechou a mão enorme num punho e bateu de leve na madeira.

– Abram! Em nome da Lei! Houve alguns sussurros do outro lado dos portões e, por fim, uma fração de um pequeno visor no meio da porta foi aberta e uma voz disse: – Por quê? – Porque se não o fizer estará Impedindo um Oficial da Vigilância de Cumprir seu Dever, cuja punição é uma multa de nada menos que 30 dólares, um mês de prisão ou prisão preventiva sob tutela para a execução de relatórios de investigação social e meia hora com um atiçador em brasa.

Houve mais alguns sussurros abafados, o som de trancas sendo puxadas e então os portões abriram até a metade.

Não havia ninguém visível do outro lado.

Vimes pôs o dedo nos lábios. Ele fez Cenoura andar até um portão e arrastou Nobby e Colon até o outro.

– Empurrem – sussurrou. Eles empurraram, com força. Houve uma explosão repentina de xingamentos aflitos atrás da estrutura de madeira.

– Corram! – gritou Colon.

– Não! – gritou Vimes. Ele correu para o outro lado do portão. Quatro guardas palacianos semiesmagados olharam furiosamente para ele. – Não. Chega de correr. Eu quero esses homens presos.

– Você não ousaria – começou um dos homens. Vimes olhou bem para ele.

– Clarence, não é? Com C. Bem, Clarence com C, observe os meus lábios. Você pode ser acusado de Favorecimento ou... – ele se aproximou e dirigiu um olhar significativo para Cenoura – de resistir a um machado.

– Vai pra cima dele! – acrescentou Nobby, pulando de um pé para o outro numa excitação cruel.

Os olhinhos de porco de Clarence encararam a massa gigantesca que era Cenoura, e depois o rosto de Vimes. Não havia absolutamente nenhuma piedade ali. Ele pareceu chegar a uma decisão relutante.

– Maravilha – aprovou Vimes. – Tranque-os na guarita, sargento. Colon puxou a corda do arco e endireitou os ombros.

– Vocês ouviram o homem – disse, num tom irritado. – Um movimento em falso e vocês já... vocês já... – ele fez uma tentativa desesperada – vocês já seriam! – É isso aí! Joga eles na joça! – gritou Nobby, que tinha ficado extremamente corajoso. – Babacões! – ele zombava com desprezo os guardas.

– Favorecimento do quê, capitão? – perguntou Cenoura enquanto os guardas desarmados se retiravam. – Quem favorece, favorece alguma coisa.

– Acho que neste caso será apenas um favorecimento geral. Favorecimento persistente e negligente.

– E isso aí – concordou Nobby. – Não suporto favorecedores. Canalhas! Colon deu a Vimes a chave da guarita.

– Não é muito seguro lá dentro, capitão. Eles vão conseguir escapar.



– Espero que sim, porque quero que você jogue a chave na primeira vala pela qual passarmos. Todos aqui? Certo. Sigam-me.

Lupino Wonse correu pelos corredores destruídos do palácio, com A Evocação de Dragões debaixo do braço e a reluzente espada real levada de modo incerto na mão.

Ele parou, ofegante, diante de uma porta.

Boa parte da sua mente não estava em condições de ter pensamentos apropriados, mas a pequena parte que ainda estava ativa não parava de insistir que não poderia ter visto o que tinha visto, nem escutado o que tinha escutado. Alguém o estava seguindo.

E ele vira Vetinari andando pelo palácio. Ele sabia que o patricio estava preso com segurança. A fechadura era completamente inviolável. Lembra-se de que o patricio havia insistido para que fosse uma fechadura absolutamente inviolável quando fora instalada.

Havia uma movimentação nas sombras no fim do corredor. Wonse resmungou alguma coisa, mexeu desajeitadamente na maçaneta a seu lado, entrou correndo, bateu a porta e se apoiou sobre ela, esforçando-se para recuperar o fôlego.

Ele abriu os olhos.

Estava na antiga sala de audiências privadas. O patricio esperava na sua velha cadeira, com as pernas cruzadas, observando-o com um interesse compassivo.

– Ah, Wonse! Wonse pulou, agarrou a maçaneta, entrou no corredor e correu o quanto pôde até chegar à escadaria principal. Subiu pelas ruínas do palácio central feito um saca-rolhas desesperado. Escadas – altitude – altura – defesa. Ele correu, subindo os degraus de três em três.

Precisava apenas de alguns minutos de paz. Então daria uma lição neles. Os andares superiores eram mais cheios de sombras. O que lhes faltava era resistência estrutural. Pilares e paredes haviam sido derrubados pelo dragão enquanto construía sua caverna. Os quartos se abriam pateticamente para a beira do abismo. Pedacos de parede pendentes e carpetes batiam ao vento das janelas quebradas. O chão balançava e sacudia como um trampolim enquanto Wonse corria sobre ele. Conseguiu chegar à porta mais próxima.

– Essa foi rápida, meus parabéns – disse o patricio. Wonse bateu a porta na cara dele e correu, dando gritos agudos, pelo corredor.

A sanidade dominou-o por alguns instantes. Ele parou perto de uma estátua. Não havia nenhum som, nem passos desesperados, nem ruídos de portas secretas. Olhou para a estátua com desconfiança e cutucou-a com a espada. Como ela não se mexeu, abriu a porta mais próxima, entrou e bateu. Achou uma cadeira e a enfiou embaixo da maçaneta. Esse era um dos quartos de luxo mais altos, agora sem a maior parte da sua mobília e sem a quarta parede. Onde ela deveria estar havia apenas a garganta de uma caverna. O patricio saiu das

sombras.

– Você realmente se esqueceu de tudo... Wonse deu um giro com a espada na mão.

– Você não existe de verdade. Você é um... um fantasma ou algo do tipo.

– Acredito que não seja esse o caso.

– Você não pode me deter! Eu ainda tenho algumas coisas de magia, eu tenho o livro! – Wonse tirou um saco de couro marrom do bolso. – Eu vou evocar outro! Você vai ver! – Eu insisto para que você não faça isso – disse lorde Vetinari, num tom suave.

– Oh, você acha que é muito esperto, que tem o controle da situação, tão tranquilo, só que eu tenho uma espada e você, não! E eu tenho mais que isso, você verá! – exclamou Wonse, triunfante. – Sim! Eu tenho os guardas do palácio ao meu lado! Eles obedecem a mim, não a você! Ninguém gosta de você, você sabe disso. Ninguém jamais gostou de você. Ele balançou a espada e sua ponta ficou a centímetros do peito magro do patricio.

– Então, você volta para a cela. E desta vez eu me certificarei de que não sairá de lá. Guardas! Guardas! Houve um ruído de pés correndo do lado de fora. A porta chacoalhou, a cadeira tremeu. Fez-se um momento de silêncio, depois a porta e a cadeira explodiram em mil pedaços.

– Levem-no daqui! – gritou Wonse. – Mandem buscar mais escorpiões! Coloquem-no na... você não são os...

– Abaixa a espada – ordenou Vimes enquanto, atrás dele, Cenoura tirava de seu punho lascas da porta.

– É isso aí! – vibrou Nobby, espiando em volta do capitão. – Encosta na parede e abre bem, filho da mãe! – É? É pra ele abrir o quê? – sussurrou o sargento Colon, ansioso. Nobby deu de ombros.

– Sei lá. Tudo, imagino. E mais seguro.

Wonse ficou olhando para os soldados sem acreditar.

– Ah, Vimes – começou o patricio. – Você vai...

– Cale-se – disse Vimes, calmamente. – Policial-lanceiro Cenoura? – Sim, senhor! – Leia para o prisioneiro os seus direitos.

– Sim, senhor. – Cenoura pegou seu caderno, lambeu o dedão, virou as páginas.

– Lupino Wonse, também conhecido como Lupin Tracinho Secret...

– Quê? – perguntou Wonse.

– ... residindo atualmente na residência conhecida como O Palácio, em Ankh-Morpork, é meu dever informá-lo de que você foi preso e será acusado de... – Cenoura lançou um olhar aflito para Vimes – diversos crimes de assassinato por meio de um instrumento direto, a saber, um dragão, e muitos outros crimes de favorecimento generalizado, a serem apurados de forma mais específica depois. Você tem o direito de permanecer calado. Você tem o direito de ser atirado

sumariamente num tanque de piranhas. Você tem o direito de ser julgado mediante apresentação de provas. Você tem o...

– Isso é loucura – disse o patricio, calmamente.

– Eu achei que tivesse dito pra você ficar quieto! – gritou Vimes, dando voltas e balançando o dedo sob o nariz do patricio.

– Diga-me, sargento – sussurrou Nobby -, você acha que nós vamos gostar do poço dos escorpiões? – ... diga qualquer coisa, er... mas qualquer coisa que disser será registrada aqui, er... no meu caderno e, ... poderá ser usada como prova... A voz de Cenoura diminuiu até silenciar.

– Bom, se essa pantomima lhe dá algum prazer, Vimes – interveio o patricio, por fim -, leve-o até a cela. Eu cuido dele amanhã de manhã. Wonse não fez nenhum sinal. Não houve nenhum grito ou choro. Ele apenas correu até o patricio, com a espada erguida.

As opções passaram rapidamente pela cabeça de Vimes. Na frente, veio a sugestão de que chegar para o lado, deixar Wonse ir até o fim, desarmá-lo depois e deixar a cidade se limpar seria um bom plano. Sim. Bom plano. Foi, portanto, um mistério total para ele por que escolheu se atirar para a frente, levantando a espada de Cenoura, numa tentativa inexperiente de bloquear o golpe...

Talvez tivesse algo a ver com fazer as coisas como manda o figurino. Houve um tinido. Não especialmente alto. Ele sentiu uma coisa brilhante e prateada passar zunindo pela sua orelha e bater na parede.

O queixo de Wonse caiu. Ele largou o resto de sua espada e andou para trás, segurando firme A Evocação.

– Você vai se arrepender – sussurrou. – Vocês todos vão se arrepender muito! E começou a resmungar em voz baixa.

Vimes percebeu que estava tremendo. Ele tinha certeza sobre o que havia passado zunindo perto da sua cabeça, e o simples pensamento fazia as suas mãos suarem. Tinha chegado ao palácio pronto para matar e houvera um minuto, apenas um minuto em que o mundo parecia operar de forma apropriada e ele estava no comando, mas agora, agora tudo o que queria era uma bebida. E uma boa semana de sono.

– Oh, desista! – ele disse. – Você virá sem resistências? Os resmungos continuaram. O ar começou a ficar quente e seco. Vimes deu de ombros.

– É isso, então – disse, e virou de costas. – Despeje o livro nele, Cenoura.

– Certo, senhor.

Vimes se lembrou tarde demais.

Os anões têm problemas com metáforas.

E também têm pontaria muito boa.

O exemplar de As Leis e os Decretos de Ankh e Morpork acertou a testa do secretário. Ele piscou, cambaleou e deu um passo para trás. Foi o passo mais longo que já havia dado. Porque durou o resto de sua vida.

Depois de alguns segundos, ouviram-no bater no chão, cinco andares abaixo.

Depois de mais alguns segundos, os rostos apareceram na beirada do chão destruído.

– Que maneira de ir embora – observou o sargento Colon.

– Isso é verdade – concordou Nobby, levando a mão à orelha para pegar uma bituca.

– Morto por aquele negócio. Por uma metáfora.

– Não sei – discordou Nobby. – Pra mim parece que foi o chão. Tem fogo, sargento? – Isso foi certo, não foi, senhor? – perguntou Cenoura, ansioso. – O senhor disse para...

– Sim, sim – respondeu Vimes. – Não se preocupe. – Ele baixou a mão trêmula, pegou o saco que Wonse estava carregando e derramou uma pilha de pedras. Todas tinham um buraco. “Por quê?”, pensou.

Um barulho metálico atrás dele fez com que olhasse ao redor. O patricio estava segurando os restos da espada real. Enquanto o capitão observava, o homem arrancou a outra metade da espada da parede. O rompimento tinha sido perfeito.

– Capitão Vimes.

– Senhor? – A espada, por favor.

Vimes entregou-a. Ele não pôde, naquele exato momento, pensar em outra coisa a fazer. Seu destino provavelmente era um poço de escorpiões só seu, pelo jeito.

Lorde Vetinari examinou a lâmina enferrujada com cuidado.

– Há quanto tempo você tem isto, capitão? – perguntou, num tom de voz suave.

– Não é minha, senhor. Pertence ao Policial-lanceiro Cenoura, senhor.

– Poli...? – Eu, senhor, às ordens – disse Cenoura, batendo continência. – Ah. O patricio foi virando a lâmina, olhando para ela, fascinado. Vimes sentiu o ar ficar carregado, como se a História se aglomerasse ao redor daquele ponto, mas por nada deste mundo ele conseguia entender por quê. Este era um daqueles pontos em que as Calças do Tempo se bifurcam e, se você não tiver cuidado, vai para a perna errada...

Wonse despertou num mundo de sombras, com uma confusão gelada na cabeça. Mas tudo em que conseguia pensar no momento era no vulto alto e encapuzado à sua frente.

– Eu pensei que vocês estivessem todos mortos – murmurou. Um silêncio estranho dominava o ambiente e as cores ao seu redor pareciam desbotadas, suaves. Algo estava muito errado. – É você, Irmão Porteiro? – arriscou. O vulto estendeu a mão.

– Metaforicamente.

... e o patricio entregou a espada a Cenoura.

– Muito bem, meu jovem. Capitão Vimes, eu sugiro que você dê o resto do dia de folga para os seus homens.

– Obrigado, senhor. Ok, rapazes. Vocês ouviram o lorde.

– Mas não você, capitão. Precisamos ter uma conversinha.

– Sim, senhor? – disse Vimes, num tom inocente.

Os soldados saíram correndo, com olhares solidários e pesarosos para Vimes.

O patrício andou até a beira do piso e olhou para baixo.

– Pobre Wonse.

– Sim, senhor.

Vimes olhava para a parede.

– Eu preferiria ele vivo, sabe? – Senhor? – Desencaminhado, é verdade, mas um homem útil. Sua mente ainda poderia ser útil para mim.

– Sim, senhor.

– O resto, é claro, poderíamos jogar fora.

– Sim, senhor.

– Isso foi uma brincadeira, Vimes.

– Sim, senhor.

– O sujeito nunca compreendeu a ideia das passagens secretas, para você ver.

– Não, senhor.

– Aquele jovem rapaz. Cenoura, você o chamou? – Sim, senhor.

– Sujeito sagaz. Ele gosta da Vigilância? – Sim, senhor. Sente-se em casa, senhor.

– Você salvou minha vida.

– Senhor? – Venha comigo.

Ele andou com gravidade pelo local arruinado, com Vimes andando atrás dele, até chegar ao Salão Oblongo. Estava bem arrumado. Havia escapado da devastação com nada mais que uma camada de poeira. O patrício sentou-se e, de repente, era como se nunca tivesse deixado o posto. Vimes se perguntou se isso tinha realmente acontecido.

O patrício pegou um feixe de papéis e afastou a poeira de gesso dele.

– É triste. Lupino era um homem de mente tão elevada.

– Sim, senhor.

O patrício juntou as mãos e olhou para Vimes por cima delas.

– Deixe-me dar-lhe um conselho, capitão.

– Sim, senhor? – Pode ser que ajude você a entender um pouco o mundo.

– Senhor.

– Acredito que você considera a vida um problema porque você pensa que existem as pessoas boas e as pessoas más – começou o homem. – Você está errado, é claro. Existem, sempre e apenas, as pessoas más, mas algumas delas estão em lado opostos.

Ele apontou para a cidade com a mão magra e andou até a janela.

– Um grande mar ondulado do mal – disse, quase como um proprietário. – Mais raso em alguns lugares, é claro, e mais profundo, oh, tão mais profundo em outros. Mas as pessoas como você gostam de fazer pequenas jangadas de regras e boas intenções vagas e dizer: isto é o oposto, isto vai triunfar no fim. Impressionante! – Ele deu um tapa agradável nas costas de Vimes. – Lá embaixo – continuou – há pessoas que seguirão qualquer dragão, adorarão qualquer deus, ignorarão qualquer iniquidade. Tudo por causa de uma espécie de tédio, deficiência cotidiana. Não a verdadeira repugnância criativa dos grandes pecadores, mas uma espécie de escuridão da alma produzida em massa. Um pecado, pode-se dizer, sem nenhum sinal de originalidade. Eles aceitam o mal. Não porque dizem sim, mas porque não dizem não. Desculpe-me se isso o ofende – acrescentou, dando um tapinha no ombro do capitão -, mas vocês realmente precisam de nós.

– Sim, senhor? – disse Vimes, calmamente.

– Ah, sim. Nós somos os únicos que sabem fazer as coisas funcionar. Sabe, a única coisa que as pessoas boas fazem bem é combater as pessoas más. E você é bom nisso, sou obrigado a admitir. Mas o problema é que isso é a única coisa que você faz bem. Um dia tocam-se os sinos e derruba-se um tirano cruel, e no dia seguinte todos estão reclamando porque, desde que o tirano foi derrubado, ninguém mais recolhe o lixo. Porque as pessoas más sabem planejar. Faz parte da definição, pode-se dizer. Todo tirano do mal possui um plano para dominar o mundo. As pessoas boas parecem não levar jeito.

– Talvez. Mas o senhor está errado quanto ao resto! É só porque as pessoas estão com medo, e sozinhas... – Ele parou. Aquilo soava bastante vazio. Ele deu de ombros. – São apenas pessoas. Estão apenas fazendo o que as pessoas fazem, senhor.

Lorde Vetinari abriu um sorriso amigável.

– É claro, é claro. Você tem que acreditar nisso, eu entendo. Caso contrário, ficaria muito bravo. Pensaria que está sobre uma ponte fina como uma pena sobre as galerias do Inferno. A existência seria uma agonia sombria, e a única esperança seria não existir vida após a morte. Eu entendo bem. – Ele olhou para sua mesa e suspirou. – E agora há muito o que fazer. Infelizmente, o pobre Wonse era um bom empregado, mas um mestre ineficiente. Então você pode ir. Tenha uma boa noite de sono. Ah, e traga seus homens aqui amanhã. A cidade tem que demonstrar sua gratidão.

– Ela tem que o quê? – perguntou Vimes.

O patrício olhou para um pergaminho. Sua voz já havia retomado o tom distante daquele que organiza, planeja e controla.

– Gratidão. Depois de toda vitória triunfante deve haver heróis. Isso é fundamental. Assim todos saberão que tudo foi feito de forma apropriada. Ele olhou para Vimes acima da ponta do pergaminho.

– E tudo parte da ordem natural das coisas.

Depois de algum tempo, fez algumas anotações a lápis no papel que estava à sua frente e ergueu a cabeça.

– Eu disse que você pode ir. Vimes parou à porta.

– O senhor acredita em tudo isso? No mal infinito e na escuridão total? – Certamente, certamente – disse o patricio, virando a página. – É a única conclusão lógica.

– Mas o senhor levanta da cama todas as manhãs? – Humm? Sim? Qual é o seu argumento? – Eu só gostaria de saber por quê, senhor.

– Ah, vá embora, Vimes. Seja um bom rapaz.

Na caverna escura e fria, no centro do palácio, o bibliotecário se locomovia apoiando-se nas juntas dos dedos. Ele trepou nos restos da reserva lamentável e olhou para o corpo estatelado de Wonse.

Depois estendeu a mão e com muito cuidado retirou A Evocação de Dragões dos dedos enrijecidos. Ele soprou a poeira e esfregou o livro com carinho, como se fosse uma criança assustada.

Virou-se para descer o monte e parou. Abaixou-se novamente e, com cautela, puxou outro livro que estava no meio dos entulhos reluzentes. Não era um dos seus, a não ser no sentido mais amplo, segundo o qual todos os livros estariam sob o seu domínio. Folheou algumas páginas cuidadosamente.

– Fique com ele – disse Vimes, atrás dele. – Leve-o embora. Coloque-o em algum lugar.

O orangotango acenou com a cabeça para o capitão e desceu do monte. Ele deu um tapinha suave no protetor de joelhos de Vimes, abriu A Evocação de Dragões, virou as suas páginas destruídas até encontrar a que estava procurando e passou o livro para o capitão em silêncio.

Vimes leu as letras confusas apertando os olhos.

Porém os dragões não são como unicórnios, eu entendo. Eles moram em algum Reino dephinado como A Phantasia da Vontade e, portanto, pode ser que aquele que evocá-los e dar-lhes o caminho para este mundo terá chamado o seu Próprio dragão da Mente, Porém, eu alerta, os Puros de Coração ainda podem evocar um Dragão do Poder como uma Phorça de Deus neste mundo, e nesta noite o Grande Trabalho iniciará. O banho tendo sido preparado. Eu elaborei de maneira mais mítica para ser um Instrumento respeitável... Um reino da fantasia”, pensou Vimes. “É para lá que eles foram então. Para a nossa imaginação. E, quando os chamamos de volta, damos-lhes forma, como quem aperta a massa no formato de biscoitos. Só que o resultado não é um bonequinho com carinha, o resultado é o que você é. As suas próprias trevas ganham forma.” Vimes leu o trecho de novo e depois deu uma olhada nas páginas seguintes.

Não havia muitas. O resto do livro era uma massa chamuscada. Devolveu-o ao simio.

– Que espécie de homem era de Malachite? O bibliotecário refletiu sobre a pergunta como alguém que conhecia o Dicionário de Biografias da Cidade de cor. Depois, deu de ombros.

– Especialmente sagrado? O símio balançou a cabeça negativamente.

– Bem, notavelmente mau, então? O símio encolheu os ombros e balançou a cabeça de novo.

– Se eu fosse você, colocaria esse livro num lugar muito seguro. E o Livro da Lei junto. Eles são perigosos demais.

– Ooook

Vimes se espreguiçou.

– E agora vamos beber.

– Ooook

– Mas só um pouco.

– Ooook

– E você paga.

– Iiick

Vimes parou e olhou para o grande rosto meigo.

– Diga-me. Eu sempre quis saber... É melhor ser um símio? O bibliotecário pensou.

– Ooook -Ah, é? Já era outro dia. O salão estava lotado de dignatários municipais. O patricio permanecia sentado em sua cadeira sóbria, cercado pelos membros do Conselho. Todos os presentes exibiam o sorriso amarelo de quem está concentrado em fazer suas boas ações.

Lady Sybil Ramkin foi sentar-se num canto afastado, vestindo alguns quilômetros de veludo preto. As jóias da família Ramkin cintilavam nos dedos, no pescoço e nos cachos negros da peruca do dia. O efeito total era avassalador, como um lustre cintilante.

Vimes marchou com os soldados até o centro do salão e parou batendo os pés, com o capacete debaixo do braço, conforme o regulamento. Ele estava surpreso de ver que até Nobby fizera um esforço – os indícios de brilho de metal podiam ser vistos aqui e ali no peito de sua armadura. E Colon tinha uma expressão de importância quase constipada. A armadura de Cenoura reluzia. Colon fez uma continência de livro didático pela primeira vez na vida.

– Todos presentes e em ordem, sah! – anunciou em voz alta.

– Muito bem, sargento – disse Vimes, friamente. Ele se voltou para o patricio e ergueu uma sobrancelha educadamente.

Lorde Vetinari fez um breve aceno com a mão.

– Fiquem tranquilos ou façam como vocês costumam dizer. Tenho certeza de que não precisamos de cerimônias aqui. O que você me diz, capitão? – Como o senhor quiser.

– Agora, homens – disse o patricio, inclinando-se para a frente -, ficamos



sabendo de relatos extraordinários acerca de seus esforços grandiosos na defesa da cidade...

Vimes deixou sua mente vagar enquanto os chavões dourados passavam fluando. Por um momento conseguiu encontrar algum divertimento observando as expressões dos membros do Conselho. Toda uma sequência de expressões passava por eles enquanto o patricio falava. Era, é claro, de importância vital que houvesse uma cerimônia como aquela. Assim, a coisa toda poderia ficar bem, e resolvida. E esquecida. Apenas mais um capítulo na longa e excitante história de et cetera et cetera. Ankh-Morporkera boa em começar novos capítulos.

A rede de seu olhar caiu sobre lady Ramkin. Ela pestanejou. Os olhos de Vimes apontaram para a frente de novo, e sua expressão ficou dura como uma tábua.

– ... símbolo de nossa gratidão – terminou o patricio, recostando-se na cadeira.

Vimes percebeu que todos olhavam para ele.

– Perdão? – Eu disse que tentamos pensar em alguma recompensa à altura, capitão Vimes. Diversos cidadãos de espírito público... – os olhos do patricio se dirigiram ao Conselho e a lady Ramkin – ... e, é claro, eu mesmo, sentimos que uma recompensa apropriada é necessária.

Vimes ainda parecia pasmo.

– Recompensa? – É um costume diante de tais atos heroicos – explicou o patricio, um pouco impaciente.

Vimes olhou para a frente novamente.

– Realmente não pensei sobre isso, senhor. Não posso falar pelos outros homens, é claro.

Houve uma pausa desconfortável. Com o canto dos olhos, Vimes percebeu que Nobby cutucava as costelas do sargento. Por fim, Colon tropeçou para a frente e fez mais uma continência.

– Permissão para falar, senhor – balbuciou. O patricio acenou com graça. O sargento tossiu. Ele tirou o capacete e pegou um pedaço de papel.

– Er...É o seguinte, salvar a sua honorável pessoa, nós achamos e, pensando bem, a cidade e tudo o mais, ou coisa parecida, ou, o que eu quero dizer é... Nós simplesmente tentamos, sabe, homens atentos e esse tipo de coisa... O importante é que concordamos que estamos no direito. Se é que o senhor me entende.

O grupo ali reunido balançou a cabeça, concordando. Era exatamente assim que deveria ser.

– Prossiga – disse o patricio.

– Então, nós, tipo, paramos para pensar juntos. Um pouco de descaramento, eu sei...

– Por favor, continue, sargento – disse o patricio. – Não é necessário ficar se interrompendo. Estamos todos cientes da magnitude da questão.

– Certo, senhor. Bem, senhor. Primeiro, são os salários.

– Os salários? – espantou-se lorde Vetinari. Ele olhou fixamente para Vimes, que olhava para o nada.

O sargento ergueu a cabeça. Sua expressão era a expressão determinada de um homem que vai até o fim.

– Sim, senhor. Trinta dólares por mês. Isso não está certo. Nós achamos...

– ele lambeu os lábios e olhou para os outros dois atrás dele, que faziam vagos movimentos de incentivo – ... nós achamos que uma média básica de, er... 35 dólares? Por mês? – ele olhou para a expressão inflexível do patrício. – Com acréscimos de acordo com o posto? Pensamos em 5 dólares. – Colon lambeu os lábios novamente, enervado pela expressão do patrício. – Não queremos menos de 4. E isso é definitivo. Desculpe-me, vossa Alteza, mas é isso. O patrício olhou novamente para o rosto impassível de Vimes e voltou a olhar para os soldados.

– É isso? Nobby cochichou no ouvido de Colon e correu de volta para o seu lugar. O sargento suave e segurava seu capacete com força, como se fosse a única coisa verdadeira no mundo.

– Havia mais uma coisa, vossa Reverência.

– Ah – o patrício deu um sorriso irônico.

– Tem a chaleira. Ela não era muito boa mesmo, e o Errol comeu. Custou quase 2 dólares. – Ele engoliu em seco. – Nós precisávamos de uma chaleira nova, se não houver problema, senhor.

O patrício inclinou-se para a frente, segurando firme os braços da cadeira.

– Eu quero ser claro quanto a isso – disse, friamente. – Devemos acreditar que vocês estão pedindo um aumento de salário insignificante e um utensílio doméstico? Cenoura cochichou no outro ouvido de Colon. Colon dirigiu dois olhos inchados e cheios de água para os dignitários. A tira do seu capacete passava pelos dedos como uma roda de moinho.

– Bem, às vezes, nós pensamos, sabe, quando estamos no intervalo do jantar, ou quando as coisas estão calmas, tipo, no final de um turno de vigilância, também, e nós queremos relaxar um pouco, sabe, descansar... – sua voz falhou.

– Sim? Colon respirou fundo.

– Imagino que se jogou de dardos estaria fora de questão...? O silêncio estrondoso que se seguiu foi quebrado por um ronco esquisito de alguém segurando o riso.

O capacete de Vimes caiu de suas mãos trêmulas. Sua armadura balançava enquanto o riso reprimido de anos explodiu de forma incontrollável. Ele se virou para a fileira de conselheiros e riu, riu e riu até chegar às lágrimas. Riu da forma como ele se levantou, com toda a confusão e dignidade violada.

Riu da expressão cuidadosamente imóvel do patrício.

Riu pelo mundo e a salvação das almas.

Riu e riu, e riu até as lágrimas.

Nobby esticou o pescoço para alcançar a orelha de Colon.

– Eu disse – sussurrou. – Eu disse que eles nunca aceitariam isso. Eu sabia que um jogo de dardos seria abusar da sorte. Agora você o deixou aborrecido.

Queridos Mãe e Pai [escreveu Cenoura]. Vocês nunca vão imaginar, eu estou na Vigilância há apenas algumas semanas e já sou um Policial pleno. O capitão Vimes disse que o próprio patrício disse que eu deveria ser um Polícia, e também que ele esperava que tivesse uma longa e bem-sucedida carreira na Vigilância, e que a acompanharia com especial interesse. Além disso, meu salário vai aumentar 10 dólares e nós ganhamos um bônus especial de 20 dólares que o capitão Vimes pagou do bolso dele, segundo o sargento Colon. Por favor, pegue o dinheiro anexado. Eu estou ficando com uma pequena parte, porém, porque eu quero ver Reet, e a senhora Palm disse que todas as garotas têm acompanhado a minha carreira com Grande Interesse também, e que é para eu ir jantar lá na minha noite de folga. O sargento Colon tem me contado sobre como começar a cortejar, o que é muito interessante e nem um pouco complicado como parece. Eu prendi um dragão, mas ele fugiu. Espero que o senhor Varneshi esteja bem. Eu sou a pessoa mais feliz do mundo.

Seu filho, Cenoura.

Vimes bateu à porta.

Um esforço havia sido feito para arrumar a mansão Ramkin, ele notou. Os arbustos que estavam invadindo tudo tinham sido podados de forma impiedosa. Uma senhora no alto de uma escada martelava o estuque das paredes enquanto outra, com uma pá, estava definindo de modo bastante arbitrário a linha na qual acabava a grama e começava o velho canteiro de flores.

Vimes colocou o capacete debaixo do braço, alisou o cabelo para trás e bateu. Ele havia pensado em pedir ao sargento Colon que o acompanhasse, mas eliminou a ideia rapidamente. Não teria suportado os risinhos. De qualquer modo, estava medo do quê? Havia encarado as mandíbulas da morte três vezes. Quatro, se incluísse o momento em que mandou lorde Vetinari calar a boca. Para seu espanto, a porta finalmente foi aberta por um mordomo tão idoso que devia ter sido ressuscitado pelas batidas.

– Simmm? – ele disse.

– Capitão Vimes, Guarda Municipal. O homem olhou-o de cima a baixo.

– Ah, sim. Sua senhoria disse. Acredito que sua senhoria esteja com os dragões. Se o senhor quiser esperar aqui dentro, eu irei...

– Eu conheço o caminho – disse Vimes, e saiu andando pelo jardim com a grama alta.

Os canis estavam destruídos. Um agrupamento de caixas de madeira velhas estava espalhado sob um toldo de lona. Do fundo das caixas, alguns tristes dragões do pântano bafejaram uma saudação para ele.

Algumas mulheres se moviam atarefadas entre as caixas. Ou melhor, ladies.



as mulheres saíam ruidosamente, carregando redes e cordas. Estava escrito: Brenda, lady Rodley. A Casa da Fazenda, Castelo Quirm, Quirm. Isso significava que quem estava correndo animada para resgatar dragões era a Viúva de Quirm, proprietária de mais terras do que se poderia enxergar de uma montanha muito alta num dia muito claro. Nobby não teria gostado. Parecia haver uma espécie de pobreza que apenas os muito, muito ricos podiam usufruir..

E assim que se consegue ter poder”, pensou. “É só não se preocupar com o que os outros pensam e nunca se sente incerteza sobre nada.” Ele voltou para a casa. Uma porta estava aberta. Dava para um corredor escuro e bolorento. No alto, na escuridão, cabeças de animais mortos assombavam as paredes. Parecia que os Ramkin tinham extinguido mais espécies do que a era do gelo.

Vimes andou sem rumo até passar por uma arcada de mogno.

Era uma sala de jantar, com o tipo de mesa em que as pessoas que estão na outra ponta ficam num fuso horário diferente. Uma das pontas tinha sido colonizada por castiçais de prata.

Ela estava posta para dois. Um jogo de talheres ladeava cada prato. Taças de vinho antigas brilhavam à luz de velas.

Uma premonição terrível tomou conta de Vimes no mesmo momento em que uma rajada de Fascinação, o perfume mais caro de Ankh-Morpork, passou por ele.

– Ah, capitão. Foi muito gentil em vir.

Vimes virou-se devagar. Parecia que seus pés não se moviam.

Lady Ramkin estava lá, majestosa.

Vimes tinha uma vaga percepção de um vestido azul brilhante que cintilava à luz de velas, uma massa de cabelos castanhos, um rosto levemente ansioso que sugeria que um batalhão de pintores e decoradores habilidosos tinha acabado de desmontar os seus andaimes e ir embora, e um leve rangido que indicava que por baixo de tudo aquilo um simples espartilho estava sujeito ao tipo de tensão mais comumente encontrado no núcleo das grandes estrelas.

– Eu, er... Se você, er... Se você tivesse dito, er... eu teria, er... me vestido mais de acordo, er... Extremamente, er... Muito. Er..

Ela caiu sobre ele como um exército sitiando um território.

Numa espécie de sonho, Vimes permitiu-se ser conduzido a uma cadeira. Ele deve ter comido, porque empregados apareciam de repente com coisas recheadas com outras coisas e voltavam depois para levar os pratos. O mordomo ressuscitava de vez em quando para encher taça após taça com vinhos exóticos. O calor das velas era suficiente para cozinhar algo. E o tempo todo lady Ramkin falava de um jeito elegante e frágil sobre o tamanho da casa, as responsabilidades de ter muitos bens, o sentimento de que estava na hora de levar Mais a Sério a sua Posição na Sociedade, enquanto o sol poente enchia a sala de vermelho e a cabeça de Vimes começava a girar.

“A sociedade”, conseguiu pensar, “não sabe o que está prestes a encontrar. Os dragões não foram mencionados nenhuma vez, embora, depois de algum tempo, alguma coisa embaixo da mesa tenha colocado a cabeça sobre o joelho de Vimes e babado”.

Vimes achou impossível continuar a conversa. Ele se sentiu cercado, acuado. Fez uma investida na esperança de atingir um porto seguro, de onde pudesse fugir para um local de exílio.

– Para onde você acha que eles foram? – perguntou.

– Onde o quê? – perguntou lady Ramkin, temporariamente imobilizada.

– Os dragões. Lembra? Errol e a fêmea.

– Ah, para algum lugar isolado e rochoso, imagino. O ambiente preferido dos dragões.

– Mas ele... ela é um animal mágico. O que vai acontecer quando a magia acabar? Lady Ramkin deu um sorriso tímido para ele.

– A maioria das pessoas parece conseguir. – Ela estendeu o braço sobre a mesa e tocou a mão dele. – Seus homens acham que você precisa receber cuidados – disse, num tom meigo.

– Ah. Eles acham? – O sargento Colon disse que nós combinaríamos como uma Maison em Flambe.

– Oh. Ele disse? – E disse mais uma coisa. O que era mesmo? Ah, sim: “E uma chance em um milhão”. Acho que ele disse “mas pode dar certo”.

Ela sorriu para ele.

E então Vimes se deu conta, de repente, de que, à sua maneira própria e especial, ela era muito bonita. Essa era a categoria de todas as mulheres, em toda a vida dele, que o consideravam digno de um sorriso. Não conseguiria nada pior, mas também não poderia se dar melhor. Então talvez houvesse um equilíbrio. Não era mais nenhuma menina, mas quem era? E tinha estilo, dinheiro, bom senso, autoconfiança, e todas as coisas que ele não tinha. E havia aberto seu coração e, se deixasse, poderia engoli-lo. A mulher era uma cidade. Por fim, sob cerco, fazia-se o que Ankh-Morpork sempre havia feito – destrancavam-se os portões e deixava-se que os conquistadores entrassem e fizessem parte de si.

Como se começava? Ela parecia esperar algo.

Ele deu de ombros, pegou sua taça de vinho e buscou uma frase. Uma entrou rastejando na sua mente desvairadamente ressonante.

– Estou aqui olhando para você, menina.

Os gongos de diversas meias-noites soaram.

(... e, mais próximo da Centro, onde as Montanhas Ramtop juntavam as espirais ameaçadoras do maciço central, onde estranhas criaturas peludas vagavam pelas neves eternas, onde as nevascas urravam ao redor de picos congelados, as luzes de um convento solitário brilhavam sobre os altos vales. No pátio, alguns monges de manto amarelo empilhavam a última caixa com

pequenas garrafas verdes num trenó, pronto para a primeira etapa de uma viagem incrivelmente difícil nas planícies distantes. A caixa tinha um rótulo, e as letras, pintadas com cuidadosas pinceladas, diziam: Mstr. C.M.O.T. Dibbler, Ankh-Morpork”. “Sabe de uma coisa, Lobsang”, disse um deles, “é difícil não nos perguntarmos o que é que ele faz com essas coisas”). O cabo Nobby e o sargento Colon descansavam às sombras perto do Barril Emendado, mas se endireitaram quando Cenoura se aproximou com uma bandeja na mão. Detritus, o troll, vinha a seu lado, com uma atitude respeitosa.

– Aqui estamos, rapazes – disse Cenoura. Três doses. Por conta da casa.

– Caramba, eu nunca pensei que você conseguisse – disse Colon, pegando uma alça. – O que você disse para ele? – Apenas expliquei que era dever de todos os bons cidadãos ajudar os guardas em todos os momentos – disse Cenoura, inocente –, e agradei a ele pela cooperação.

– Sim, e todo o resto – emendou Nobby.

– Não, foi só isso o que eu disse.

– Então você deve ter um tom de voz muito convincente.

– Ah. Bem, aproveitem bem, rapazes, enquanto dura – disse Colon. Eles beberam pensativos. Era um momento de paz suprema, alguns minutos arrancados da realidade da vida real. Uma breve mordida numa fruta roubada e saboreada como tal. Ninguém em toda a cidade parecia estar lutando, esfaqueando ou criando desordem e, no momento, era possível acreditar que essa situação maravilhosa poderia continuar.

E, mesmo se não continuasse, as lembranças os ajudariam a suportar. De correrias, pessoas saindo do caminho. Dos olhares no rosto da horrível guarda palaciana. De, quando todos os ladrões, heróis e deuses tinham falhado, eles estarem lá. De quase fazer as coisas quase certas.

Nobby empurrou a caneca para cima de um conveniente peitoril de janela, bateu os pés no chão para acordá-los e soprou os dedos. Uma procura rápida nos recônditos sombrios de sua orelha fez surgir um fragmento de cigarro.

– Que momento, hein? – comentou Colon, contente, quando a chama de um fósforo iluminou os três.

Os outros concordaram. O dia anterior parecia uma eternidade, mesmo quando visto em retrospectiva. Não era possível esquecer aquilo, não importava quem mais fizesse algo assim, não importava o que acontecesse dali em diante.

– Se eu nunca mais vir nenhum maldito rei, está bom – disse Nobby.

– Eu não acho que ele era o rei certo mesmo – opinou Cenoura. – Por falar em reis, alguém quer uma batatinha? – Não existe o rei certo – disse Colon, sem muito rancor. Dez dólares a mais por mês faziam uma grande diferença. A senhora Colon estava agindo de outra forma com um homem que trazia 10 dólares a mais para casa. Os seus recados na mesa da cozinha eram muito mais amigáveis.

– Não, mas eu quero dizer que não existe nada de especial em ter uma espada antiga – corrigiu Cenoura. – Ou uma marca de nascimento. Olhe para mim. Eu tenho uma marca de nascença no braço.

– Meu irmão também tem uma – disse Colon. – No formato de um barco.

– A minha parece mais uma coroa – observou Cenoura.

– Ô-ho, isso faz de você um rei, então – brincou Nobby. – Faz sentido.

– Não sei por quê. Meu irmão não é um almirante – disse Colon, num pensamento lógico.

– E eu tenho esta espada – continuou Cenoura.

Ele a puxou. Colon pegou-a de sua mão, virou-a na luz que vinha da porta do Barril. A lâmina era curta e cega, e entalhada como um serrote. Era bem-feita e poderia ter existido em inscrição nela um dia. Mas a inscrição tinha ficado indecifrável havia muito tempo por causa do uso.

– É uma bela espada – disse, pensativo. – Bem equilibrada.

– Mas não para um rei – discordou Cenoura. – As espadas dos reis são grandes, brilhantes, mágicas e têm joias, e, quando você as ergue no ar, elas refletem a luz, ting.

– Ting – repetiu Colon. – E. Eu acho que elas têm que fazer assim mesmo.

– Eu só estou dizendo que você não pode sair por aí dando tronos para as pessoas só por causas de coisas desse tipo – disse Cenoura. – Foi o que o capitão Vimes disse.

– Belo trabalho, hein? – observou Nobby. – Deve ser muito bom reinar.

– Humm? – Colon esteve perdido por um momento num mundo de especulações. Os reis de verdade tinham espadas reluzentes, obviamente. Exceto, exceto, exceto, talvez, um rei de verdade mesmo, de, tipo, dos tempos antigos, ele teria uma espada que não brilhava nem um pouco, mas que era muito eficiente para cortar as coisas. Só um pensamento.

– Eu acho que reinar é um bom trabalho – repetiu Nobby. – Poucas horas semanais.

– É, é. Mas os dias não são longos – lembrou Colon. Ele olhou para Cenoura, pensativo.

– Ah, tem isso, claro.

– De todo modo, meu pai diz que ser rei é muito parecido com qualquer trabalho pesado – disse Cenoura. – Todo o levantamento e as análises, e tudo o mais. – Ele terminou sua dose. – Não é tipo de coisa para pessoas como nós. Nós – ele fez uma expressão de orgulho –, os guardas. Você está bem, sargento?

– Humm? O quê? Ah. Sim. – Colon encolheu os ombros. E daí? Talvez as coisas tivessem acontecido da melhor forma possível. Ele terminou a cerveja.

– Melhor ir andando. Que horas são?

– Quase meia-noite – respondeu Cenoura.

– Mais alguma coisa? Cenoura pensou um pouco.



– E está tudo bem? – Certo. Só estava testando.

– Sabem... – começou Nobby. – Da forma como você diz isso, rapaz, quase dá para acreditar que é verdade.

Deixe o olhar atento recuar..

Este é o Disco, mundo e espelho de todos os mundos, carregado pelo espaço nas costas de quatro elefantes gigantes, que ficam sobre as costas da Grande A'Tuin, a Tartaruga Estelar. Perto da Borda deste mundo, o oceano deságua de forma interminável noite adentro. No seu Centro, ergue-se o espigão de vinte quilômetros de Cori Celeste, em cujo pico brilhante os deuses jogam com os destino dos homens...

... se é que é possível conhecer as regras e saber quem são os jogadores. Na borda extrema do Disco, o sol nascia. A luz da manhã começou a se derramar sobre os retalhos de mares e continentes, mas o fazia muito devagar, porque a luz é lenta e meio pesada na presença de um campo mágico. No lado escuro, onde a velha luz do pôr do sol mal havia saído dos vales mais profundos, duas partículas, uma grande e uma pequena, voaram para fora da escuridão, deslizaram acima das protuberâncias da Beira do oceano e nadaram com determinação pelas profundezas totalmente impenetráveis e cobertas de estrelas do espaço.

Talvez a magia ainda fosse durar muito tempo. Talvez não. Mas, pensando bem, o que dura?

FIM

## Fontes



## Reformatação .ePub

2013